

Luca
VALENTINO

OS MAFIOSOS - LIVRO 3

STEPHÂNIA DE CASTRO



Luca VALENTINO

OS MAFIOSOS - LIVRO 3

STEPHÂNIA DE CASTRO

Copyright © 2020 Stephânia de Castro

Capa e projeto gráfico: Jéssica Santos e Stephânia de Castro

1ª Revisão: Elaine Cardoso e Silmara Izidoro

Revisão final: Gláucia Padiar

Imagens compradas: www.depositphotos.com

Luca VALENTINO — Série Os Mafiosos Livro 3

1. Romance Contemporâneo

2. Literatura Brasileira

Edição Digital.

Criado no Brasil. 1ª edição / 2020

Esta obra segue as Regras do Novo Acordo Ortográfico

REGISTRADO E PATENTEADO NO AVICTORIS

Todos os direitos reservados

Esta é uma obra de ficção. Nomes, personagens, lugares e acontecimentos descritos, são produtos de imaginação do autor. Qualquer semelhança com nomes, datas e acontecimentos reais é mera coincidência. São proibidos o armazenamento e/ou a reprodução de qualquer parte dessa obra, através de quaisquer meios — tangível ou intangível — sem o consentimento escrito da autora. A violação dos direitos autorais é crime estabelecido pela lei nº 9.610./98 e punido pelo artigo 184 do Código Penal.



Este livro possui um selo de rastreamento digital criado pela startup Flocky, essa tag monitorada junto ao aplicativo de mensagens como Telegram, Whatsapp e sites de compartilhamento ilegal. Assim que descoberto, é possível identificar o usuário origem do compartilhamento e todos os demais que possuem a cópia de pirataria, assim como a quantificação de arquivos reproduzidos.

Dedicatória

Dedico este livro a todos os filhos que possuem pais narcisistas. “Ninguém tem o direito de dizer que você não vai ser ninguém.”

Playlist

Clique no ícone e acesse a playlist



Nota da autora

Bom vamos lá mafiosas...

Mais um livro da saga dos Valentino né?

Então...

Nos livros anteriores nunca parei para explicar ou deixar uma notinha comentando meu parecer, porém, diante de umas avaliações vi a necessidade e acho que até uma falha minha.

Então vou pontuar algumas coisas...

O livro é uma série e você precisa ler os anteriores para entender.

Algumas coisas ainda estão em off, como a morte do pai da Bella, lá no primeiro livro, e vai continuar. Estamos falando de uma série com livros interligados um no outro, então perceberá que haverá algumas pontas soltas, mas prometo até o final deles fechar tudo.

Já peço desculpas pelo que vou levantar e não estou aqui para fazer nenhuma crítica e muito menos questionar a opinião de ninguém, porém, preciso expor a minha e acho que é nisso que estou pecando.

Quando fui escrever a série, fiz uma pesquisa minuciosa sobre a Máfia hoje em dia, como funcionavam e como estamos no século XXI, não

mais nos anos 90, então a atitude mafiosa não é mais aquela “olho por olho e dente por dente”, então você não vai ver tiros e torturas, você verá homens poderosos sendo submetidos ao sistema mundial e atual.

Luca, foi o vilão do livro passado. E agora nesse livro é a vez de mostrar o seu lado, deixando de lado o apego ao nosso casal Bella e Giovanni. Tentando compreendê-lo na sua essência.

Nos meus livros procuro trazer o personagem ao mais perto da realidade do ser humano, as falhas, os medos, os traumas então se um personagem meu for pacato, você não vai ver ele armando uma vingança contra alguém. Se a personagem é de uma tradição, você não vai ver ela saindo com um monte de caras por aí. Se ela for mimada vai ser até o fim. Infelizmente tive uma avaliação da qual me deixou muito triste, não foi algo referente ao livro e sim a minha pessoa. Tento ser condizente e fiel ao estereotipo e psiquê dos personagens, não uso neles minha influência política ou religiosa, deixo cada um deles seguir o que querem. E defendo o direito da mulher sim.

Espero muito que gostem de Luca, foi numa fase onde pensei em jogar tudo para o alto, mas consegui fechar ele e estou orgulhosa da forma como ele ficou. Mostrando que o BB não é fácil.

Uma das coisas que gosto muito de retratar é que todos merecem uma segunda chance. “Quem quer, consegue mudar”. Então sou da bandeira da paz, onde sempre a um remendo e um conserto e, uma segunda chance.

Obrigada!

Sumário

Prefácio

Prólogo

Capítulo 1

Capítulo 2

Capítulo 3

Capítulo 4

Capítulo 5

Capítulo 6

Capítulo 7

Capítulo 8

Capítulo 9

Capítulo 10

Capítulo 11

Capítulo 12

Capítulo 13

Capítulo 14

Capítulo 15

Capítulo 16

Capítulo 17

Capítulo 18

Capítulo 19

Capítulo 20

Capítulo 21

Capítulo 22

Capítulo 23

Capítulo 24

Capítulo 25

Capítulo 26

Capítulo 27

Capítulo 28

Capítulo 29

Capítulo 30

Capítulo 31

Capítulo 32

Capítulo 33

Capítulo 34

Capítulo 35

Capítulo 36

Capítulo 37

Capítulo 38

Capítulo 39

Capítulo 40

Epílogo

Spoiler do Marco

Sobre a autora

Outras obras

Prefácio

A queda da Máfia, daquela Máfia, “olho por olho e dente por dente” foi no início da década de 90, "Os Reis", como se diziam, caíram no sistema judiciário do EUA, que depois de anos tentando dismantelar a organização conseguiram. A Polícia americana conseguiu destituir o sistema de máfia que existia, depois disso a Máfia italiana perdeu seu poderio e a forma como lidavam com determinadas questões foi considerado crime. As mortes sem explicações e punições não existem mais, e assim tomaram um outro rumo, uma organização mais comedida e com negócios de fachada, camuflando-se ainda no submundo, escondendo o que pode, nada sombrio como antigamente. Afinal, sabemos como funcionam as leis por lá: matou vai preso, roubou vai preso, fez coisas erradas vai preso. Então não existe mais os capangas mafiosos que matavam quem estivesse na frente ou em qualquer lugar. E assim foi o fim da estrutura do maior crime organizado dos USA. Hoje os chefes de famílias mafiosas se portam como grandes empresários, escondendo quem realmente são.

PRÓLOGO

Mellaine

Reveillon 2009/2010

— 3... 2... 1...! Feliz 2010 gata! — Suas palavras sussurradas, na minha pele me causaram arrepios de desejo, muito tesão, era algo gostoso, como a sensação de ser tocada delicadamente na pele por uma pluma; Luca Valentino, sem dúvidas, era o maior bad boy gostoso de toda Nova Iorque e, *fodia* muito bem por sinal.

Nós dois ali parados olhando para o alto e vendo os fogos de artifício rompendo no céu de Manhattan, pintando-o de várias cores e se misturando com breu daquela noite gelada, a música alta, com as batidas

eletrônicas tocavam no fundo, comemorando a passagem do ano de 2009 para 2010

Nos conhecemos na semana passada, na boate da sua família. Tinha acabado de sair do hospital, depois de um plantão exaustivo, fomos eu e mais duas amigas para a famosa *Le Bordon*, o local onde só os figurões e toda a elite americana frequentavam. Era a casa noturna, com a bebida mais cara de toda a Manhattan, extremamente concorrida. Quem sabe físgariamos um cara legal, não me importei de tomar um banho, no vestiário do hospital e me aprontar por lá mesmo, sei que se fosse passar primeiro em casa desistiria fácil e como queria um pouco de diversão optei por me aprontar por ali mesmo.

Sem pudor ou tipinhos, aconcheguei minhas costas em seu peito e rebolei, esfregando minha bunda em seu abdômen, encaixando na sua pelve, roçando seu pau, já rijo, por cima do tecido fino da calça branca que usava. A minha intenção era deixá-lo excitado e vi que estava conseguindo, foi delicioso quando senti sua mão deslizar, sobre o tecido do meu vestido, a baixo ventre e, com a outra mão firmar em minha cintura, apertando-a.

— Safada gostosa! — Disse no meu ouvido, chupando o lóbulo e depois virando todo o champagne de dentro da taça em sua boca, para novamente tocar meus lábios com seus, gelados da bebida, transmitindo o suave toque esquecido de *Chardonnay** ^[1] com as bolhas ainda borbulhando, encontrando na minha língua, estalando-as. — Vamos passar as primeiras horas de 2010 *fodendo* deliciosamente. — Também terminei de beber o *Dom Perignon* da minha taça e olhei a minha frente, o lindo terraço da cobertura no *Uper East Side*, e ao fundo tocava *Alok - Me & You feat. IRO*. Jamais pensei que experimentaria estar em um lugar desses, meu salário de médica pagava minhas contas e olhe lá. Olhei mais uma vez para o local, observando como a piscina e a borda terminavam, parecendo que

transbordaria do alto do prédio, toda envidraçada, dando a visão da cidade completamente, iluminada e festiva. Haviam vasos com flores em volta, a decoração toda em branco, algo paradisíaco que só vi em revistas de decoração de casa, o verdadeiro significado da luxúria.

Desde aquele sábado que eu o vi na área reservada para sua família eu não consegui desviar meus olhos do caçula Valentino. Luca era exatamente como eu imaginava, com o olhar penetrante e as sobrancelhas espessas e pretas, esbelto e com roupas de bom gosto, fiquei a noite inteira olhando para cima na sua direção, mas estava rodeado de lindas mulheres com amigos e jamais olharia para meu rumo se não fosse no final quando nos esbarramos na saída e ele derrubou toda sua bebida em mim, manchando meu vestido. Como um verdadeiro cavalheiro se prontificou de me levar em casa e eu acabei aceitando. Durante todo o percurso no seu carro esportivo, um *mercedes GT-R Pro* prateado; conversamos e rimos, falei minha ficha completa, poupando os detalhes dos quais não queria que nem ele e ninguém soubessem, assim ele não precisaria me investigar e acabar descobrindo. Sei que homens como ele que tem uma família poderosa, simplesmente investigam até a marca da calcinha de uma mulher e para facilitar e não correr riscos me abri como um livro deixando as entrelinhas de fora.

No primeiro dia me fiz de difícil ao ser deixada em casa. Isso foi o gatilho que eu precisava, pois no outro dia, ele estava no meu trabalho, me esperando, e mesmo tentando conquistar as enfermeiras do andar inteiro onde eu estava dando plantão, resolvi sair com ele, desde então, estamos saindo; hoje ele foi me buscar e viemos para essa luxuosa cobertura para passarmos a virada do ano.

Já sabia quem era os Valentino, nunca consegui chegar perto de nenhum deles, sempre acompanhados de seguranças armados, pareciam os

intocáveis, podres de rico, com dinheiro trasbordando por todo o lado, claro, eram a elite da Máfia Napolitana nos EUA, ninguém sabia desse detalhe, mas eu sabia muito bem; eram implacáveis, ao menos o velho Don Valentino era um carrasco e antes de assumir a cadeira principal já era importante e impiedoso, as más línguas falam que ele mudou assim que tomou a presidência da Camorra após a queda do Capo Dei Capi Andrea Cospalatto, mas eu duvido que o desgraçado daquele velho tenha se arrependido das maldades que fez.

Por muito tempo pensava que algum dia precisaria estar frente a frente com o velho Don Valentino para eu olhar em seus olhos e dizer tudo que eu sempre quis e hoje seu filho mais novo seria minha ponte, tudo veio em um pacote completo: lindo, sexy, gostoso, rico e o principal: Um Valentino, tudo que eu sempre quis.

— Está muito quieta doutora. — Tombei a cabeça para trás e sorri disfarçando meus pensamentos e divagações e, com meu corpo pedindo pelo seu, me virei colocando a taça na mesa, apêndice ao nosso lado e comecei a dançar, colando meu corpo junto ao seu, sincronizando-o nas batidas eletrônica, que alternavam, no display do *soundround* de última geração.

Chegamos há quase meia hora, já estava tudo arrumado e preparado com o champagne caro no gelo, a comida disposta em uma mesa para dois e quinhentos metros quadrados de puro luxo só para nós. Seria hipócrita em dizer que vendo tudo isso diante de mim eu não gostasse, viveria muito bem tendo o mundo aos meus pés, assim como os Valentino tinham.

Quando Luca me convidou por telefone não imaginei que viríamos para cá, pensei que me levaria até sua casa, para junto de sua família e estando aqui o questionei de quem era o lugar, sorrindo, todo perverso me confidenciou: “*O covil de Marco Valentino*”, não disse mais nada e

novamente sorriu diabolicamente arqueando apenas uma sobrancelha inquisitória.

— Não gostou? Mandeí que preparassem tudo em especial para você.

— Claro que gostei, mas pensei que quisesse jantar junto de sua família na virada do ano. — Disfarcei minhas frustração e claro que aqui não seria o pior, afinal, gastei um bom dinheiro nesse vestido e mesmo que *transar* com Luca fosse delicioso eu queria conhecer sua família, ver cada Valentino com meus próprios olhos, infelizmente não seria dessa vez e então era aproveitar a noite enquanto minhas mãos brincavam com a corrente de ouro e o pingente de uma cruz pendendo em seu pescoço.

— Você é linda, sabia!? — Uma de suas mãos estava espalmada na nudez de minhas costas e acariciava sutilmente, me arrepiando, me deixando com mais tesão. — Desde a primeira vez, que *fodi* você, não tenho pensando em outra coisa a não ser na sua *boceta gulosa*. Ela virou um vício do qual não sei como parar.

— Então não pare... — abri as pernas e deixei que a outra mão subisse firme pelo meio delas e chegasse até onde eu queria que fosse e, invadissem de uma vez. E adivinhando meus pensamentos, Luca fez exatamente, de uma forma previsível e tentadora e, com a ponta dos dedos afastou a calcinha, branca de renda, para o lado, introduzindo três dedos de uma só vez dentro de mim, deixando de fora o dedão e o dedo mindinho. Confortavelmente fiquei de lado, junto ao seu corpo, e deslizando a boca em meu ombro carinhosamente, mordeu a tira, que amarrava a sustentação da parte da frente do meu vestido.

— Quente, macia e muito molhada, não terei piedade alguma de você essa noite, a quero por inteira. — O tecido que cobria a frente, caiu enrolado na minha cintura e uma das mãos de Luca juntaram em meu seio,

apertando-o firme, me fazendo perder o ar diante da sensação, que me tomava. Com dificuldade respirei fundo, procurando me centrar no momento, com nós dois ali, presos na sensualidade e no desejo. Era exatamente assim, que Luca me despertava, causando em mim, uma mistura inebriante e louca ao ser tocada por ele. O bad boy era diferente de todos, que já *transei* e não sei o que vi, só sei que tudo era bom com ele, desde uma *rapidinha* até o *papai e mamãe*. Estava convicta de que, tive o melhor sexo do mundo com ele. Contudo, mesmo sendo maravilhoso, podendo desfrutar de todo esse empenho e desenvoltura prazerosa, não esperava estar aqui, nessa noite, na verdade, estava crente que jantaria junto com sua família.

— Luca, não vou conseguir me equilibrar por muito tempo em cima desses saltos. — Os saltos que usava essa noite eram bem mais altos que eu estava acostumada e quase gozando seria impossível parar em cima deles. Para me equilibrar melhor, segurei em seus braços, enquanto seus dedos, deslizavam lambuzados, entrando e saindo de dentro de mim, me enlouquecendo de tanto tesão. Com a outra mão, abusava e apertava meus seios, brincando com o mamilo, ao beliscá-lo e retorcê-lo, tirando de mim gemidos, jogados dentro da sua boca em contato com a minha.

— Confesso que amo vê-la de branco, mas esses saltos, me deixam a imaginar muito mais, que ainda quero fazer com você. — Era possessivo a forma como me segurava, continuando com a pressão de seus dedos, dentro de mim e incontrolavelmente, sentindo o gozo me invadir, contraindo todo meu ventre, me segurei em qualquer parte do seu corpo, para não cair, me mantendo ainda em pé.

Enquanto a onda prazerosa me tragava sua boca castigava meus lábios, tirando o restante da sobriedade, existente em mim.

Estava impassível de conseguir raciocinar qualquer coisa neste momento e sentindo-me uma inválida, acabei deixando ser levada da maneira como ele queria, dando de mãos beijadas tudo que me pedia.

E era só o começo.

Luca ao me olhar sorriu, vendo-me toda amolecida, após gozar deliciosamente, com seus toques e bastante provocativo, retirou os dedos lambuzados de dentro da minha vagina e os levou até meu rosto, mostrando o quanto estava molhada e sem me pedir permissão os passou pelos meus lábios, enfiando-os dentro da minha boca, deixando meu gosto ali e assim que os retirou começou a traçar o mesmo percurso com a ponta da sua língua, provando do meu gosto.

— Bom, muito bom. — Diferente do que estava acostumada, o bad boy, era uma carga anormal de testosterona.

Ele retirou bruscamente os seus dedos, enquanto eu os chupava de olhos fechado, deliciando-me com a forma sexy que me envolvia.

— Mais — pedi choramingando ao sentir meus lábios esfriarem.

— Gulosa! — riu e me pegou no colo atravessando toda a enorme sala em direção a uma escada que nos levava ao segundo andar. — Esfomeada, espero que sua fome seja por mim! — Concordei com a cabeça e o vi alargar um dos cantos dos seus lábios e me preendi em seu olhar escuro e intrigante. Ele tinha algo a mais que me fazia sentir presa, enjaulada, era hipnotizante.

Luca ainda me carregava, como se fosse uma virgem em sua noite de núpcias e antes de me jogar na cama, iniciei um beijo rápido e possessivo. O caçula dos Valentino certamente tinha esse poder de deixar uma mulher desesperada para se entregar a ele. Tudo nele era explicitamente sexual, exalava feromônios por todos seus poros e mesmo

que eu quisesse outras coisas, com esse seu jeito pecaminoso, eu deixava tudo de lado e me abria completamente para ser devorada por ele.

Encerrei o beijo antes que me jogasse na enorme cama, sem medida padrão, por cima de um edredom branco puríssimo com seus montes de travesseiros, exatamente como uma cama de revista. Aliás, tudo ali parecia ser tirado das páginas de como decorar um apartamento luxuoso. O cheiro maravilhoso do ambiente misturava ao perfume caro que senti em sua pele e impregnou em meu nariz quando passei e o cheirei no pescoço. Um delicioso cheiro de homem sofisticado.

Contemplando-o deitei apoiada sobre os cotovelos fiquei observando-o tirar a camisa branca, desabotoando lentamente botão por botão, seu sorriso era sexy e seu olhar preso em mim passeava pelo meu corpo e o meu em seu torso todo plano e com os poucos pelos negros cobrindo seu tórax que desciam até uma linha fina abaixo do umbigo.

— Agora não vai cair mais, podemos começar a nossa festa. — A forma como falava me deixava acesa e doida para vê-lo logo se enterrar em mim e pela sua expressão, sabia muito bem, que me entregaria e faria tudo o que ele quisesse.

Esperei que terminasse de tirar a camisa e sorri, vendo-o caminhar de joelhos sobre o colchão, vindo até mim.

Gemi fechando os olhos, quando parou entre minhas pernas abertas e começou a deslizar as mãos do meu joelho até minha virilha e tornava a descer me deixando ansiosa para que voltasse a me *comer* com seus dedos, mas a encarnação do diabo a minha frente, me torturava e quando reclamei, sorrindo, esfregou meu clitóris por cima do tecido.

— Para que me torturar assim? — perguntei, frustrada com a forma, que brincava com meu tesão, era perceptível que eu queria que ele me *fodesse* logo.

— Por que se eu me enterrar em você não vou sair tão cedo — respondeu com suas mãos deslizando em minhas coxas subindo o vestido.

— E se for isso que eu quero? — Tornei a perguntar.

— Aqui é do jeito que eu quero, Doutora. — Empurrou meu vestido para cima, deixando minha calcinha ensopada, cheirando a gozo, encurvou-se esfregando os lábios pelo interno das minhas pernas, chegando até a minha vagina. Senti a vertigem de arrepios e fechei os olhos, para apreciar a deliciosa sensação, da sua boca e nariz esfregando ali.

Novamente, colocando minha calcinha de lado, senti sua língua subir, me abrindo toda e completamente envolvida, joguei a cabeça para trás, sentindo o calor da sua boca, me devorando, molhada e poderosa, ao me chupar toda para dentro dela.

— Como é bom! — disse com a voz entrecortada, segurava minha respiração a cada puxada de sensações que me prendiam quando mordida chupando os lábios da minha vagina, esfomeado, me comendo primeiro hoje com seus dedos e agora com sua boca.

— Mas é uma safada muito gostosa da porra. — Luca ajoelhou e eu o abracei com as pernas em sua cintura quando sobrepôs seu peso sobre mim subindo não com seu corpo sobre o meu, mas com suas mãos me palpando firme até meus seios, arrancando-os do tecido.

O bad boy expressava-se com sorrisos ao apertar com as pontas dos dedos os meus mamilos. Ele sorria em uma perfeita depravação do que nós dois queríamos: *foder* muito. Ainda nessa troca de estímulos observei-o abrir a calça, retirando já em sua mão seu pau em rijo. Longo, inchado com a cabeça avermelhada toda iluminada e molhada, a visão de vê-lo tão masculino colocar sua ereção sobre meu monte pubiano me deixava cheia de tesão para tê-lo em outro lugar, me alargando ao ir tão fundo dentro de mim. Não precisei pedir quando percebi que retirava do bolso de trás um

envelope, que levou a boca e rasgou a ponta com os dentes, me deixando com mais vontade ao ver esse seu gesto sexy.

Pronto e revestido senti-o em uma estocada única, bruta e deliciosa. Seus olhos estavam fechados e o rosto contraído.

— Boa demais! Tudo, a *boceta*, seu corpo e essa boca. — Após falar sem se mexer encurvou-se sobre meu corpo e me beijou atormentando todas as frações de sensações possíveis em meu corpo.

Preenchida e tendo sua língua na minha, me beijando, me chupando entrei no momento em que eu me anulava como a comportada médica e liberava a devassa que adorava *dar* com todas as letras possíveis.

— Me *fode* e acabe comigo Valentino. — Ri junto com sua risada grossa na minha boca no mesmo momento que Luca ondulou seu quadril investindo para dentro e para fora poderosamente. Eu me contraía querendo mais do seu pênis enterrado em minha vagina.

Oferecia meu corpo como oferta ao prazer que ele produzia em mim, me encurvando, querendo-o mais perto e assim como ele eu o queria sentir mais e deixei que minhas mãos vagueassem por seus braços seguindo por seu rosto e nessa mistura carinhosa Luca tentava alcançar qualquer parte minha, mordiscando e chupando.

Ele me penetrava vigorosamente, quase se retirando todo e arremetendo novamente. Rápido e intenso, como nosso barulho, se misturando aos gemidos, que saíam de nossas bocas antes de estar uma na outra.

Nossas roupas ainda faziam parte da nossa *transa* e de alguma forma já não as queria ali, queria sentir sua pele quente na minha e encurvada, recebendo suas estocadas alcancei com as mãos o cóis da calça aberta e empurrei para baixo, insinuando que retirasse ela. Tentei empurrá-

las o máximo e deixei minha mão deslizar por sua bunda arredondada e musculosa e apertei-a de encontro, forçando-o enfiar mais em mim.

Luca não era um homem que o diga muito musculoso, era magro, definido em tudo, um corpo lindo e o que mais me atraía não era seu físico e sim a intensidade como me olhava, com seus olhos enigmáticos e sedutores.

Primeiro foi ele e depois foi eu a vez de ficar nua só com a calcinha ainda afastada.

— Recuso ter que sair daqui por causa desse pedaço de renda — disse ao não querer se retirar de dentro de mim para retirarmos minha calcinha. E fiquei assim de calcinha arregaçada para o lado e os saltos.

Sem piedade ele me castigava em suas arremetidas e eu gostava da forma rude como me *fodia*, me *devorando*, já estava insustentável conseguir manter a sobriedade diante do movimento poderoso de vai e vem raspando em minhas terminações nevrálgicas. Agarrei em seus cabelos com as mãos puxando seu rosto para o meu e grudei mordendo seus lábios ao sentir todo gozo passear pelo meu corpo me arrebatando aos céus.

Choraminguei enquanto sentia a força intensa e da forma como gozava junto comigo nas suas últimas estocadas. Gozamos e ainda sentia sua respiração pesada em meu rosto e seu pênis ainda contraindo dentro de mim.

— Ainda não estou satisfeito e sei que também não esta safada gostosa — disse Luca e ri me entregando, realmente eu não estava satisfeita poderia passar a noite toda ali, *trepando* com o bad boy Valentino.

CAPÍTULO 7

Luca

Quase 1 ano depois

— Você não precisa deles, você não é uma sombra. — Estava diante do espelho do banheiro vendo meu reflexo com as mãos espalmadas sobre a bancada da pia, o mármore abaixo da minha mão era frio, igual ao meu coração em relação a eles: Meu pai e Giovani.

Fechei os olhos e as imagens do passado, das humilhações, sempre retornavam na forma de flashes, dos quais queria esquecer.

“— Ana, você mima demais esse moleque, vai virar um mariquinha, já é um chorão e fracote...”

— Você quis ter ele, agora aguente, por mim eu já tenho o meu rei, o meu herdeiro. Giovani será grande, o meu menino...

— Deixei-o apanhar na escola, Giovani, só assim vira macho...

— *Você é um bebê chorão, deveria ser igual a seu irmão. Giovanni sim é um Valentino em tudo, você é a sombra dele. Sua mãe te quis, mas eu não...*

— *Nunca vai ser ele, seu irmão será o Capo e você um monte de bosta que só faz merda. Um garoto mimado da mamãe.*

— *Você não deveria ter se amarrado aos Donttino por causa desse inconsequente, ele deveria ter ficado para morrer, não criei ladrão. E espero meu filho que pare de defender e se arriscar por causa desse merdinha...*”

As coisas que ao longo dos anos, que aquele velho desgraçado falou, não poderia fazer de mim o que pensava que eu fosse. Sou bem melhor do que ele pensa, poderia morrer logo, que eu não sentiria sua falta. Não gostava nem de ouvir sua voz, tudo em meu pai me deixava enojado; quando abria a boca só sabia desfazer de mim e me comparar ao brilhante Giovanni Salvatore Valentino, o filho dourado e agora *Capo*. Seu querido filho amado, parece que só existia Giovanni; eu, Marco e Raf erámos nada diante do filho preferido, do primogênito. Que tudo podia fazer e ter, que não tinha regras e nem punições, já eu, só sabia tomar palavras e tapas na cara dele, ainda mais depois que fui o culpado pelo bom rapaz da família ter que se associar a família inimiga.

Praticamente todos os dias o velho, enquanto estava vivo me jogou na cara, que meu irmão estava nessa situação por minha causa e só piorou a forma como gostava de me depreciar depois que a menina Dellatore meteu o pé na bunda do seu *filhinho* e o deixou por aí: *roendo correntes*. Culpavam-me por Bella ter ido embora e agora, por longos quase quatro anos, Giovanni não se envolver com ninguém, vivendo solitário e fechado também era minha culpa.

Que culpa tenho eu, se ele levou uma *chave de boceta* bem dada da menina?

Não me sinto culpado por nada e ainda bem que tenho minha mãe ao meu lado para pensar igual a mim.

Ela é a única que me quer bem aqui.

E penso, que Giovani tem sim que se ferrar, o filho prodígio tem tudo que quer e foi muito bem feito ela ter ido e não querer nada com ele. Confesso que me divirto quando vejo a cara de fracassado que fica quando escuta sobre Bella Dellatore.

Era a única satisfação que sentia quando eu o via se dar mal, como se ele fosse um nada, afinal, sua presença em todos esses anos foi responsável por eu me sentir assim.

E eu nunca seria a sombra de Don Valentino.

Respirei fundo e endireitei, desencostando da pia, alcançando o pós-barba; derrubando um pouco na mão, espalhando pelo rosto, dando leves batidas em mim mesmo.

— É isso aí, Luca Valentino, você é melhor que esse bosta do seu irmão. — Sorri ainda me vendo pelo espelho.

— Falando sozinho doido? — Ainda olhava para frente quando vi a imagem de Marco todo arrumado surgindo no batente da porta. — A *bonequinha* ainda não está pronta, *Barbie*? — Levantei o dedo do meio sem olhar para trás, mandando-o ir se *foder* através do gesto.

— Quem deixou você entrar? — perguntei terminando de arrumar meu cabelo com as mãos, conferindo pela última vez se meu visual estava bom. — E se estivesse com alguém?

— Ficaria vendo você *foder*. — Marco respondeu levando na brincadeira.

— Precisa parar com isso cara, é bizarro. Eu prefiro *trepar* do que ficar vendo. — Marco tinha algumas atitudes estranhas, era o mais centrado aparentemente, mas todos tem seus segredos.

— Vai sair com a médica? — Mudamos de assunto.

— Você está bem desatualizado meu irmão, já tem quase 1 ano que não saio mais com ela, não gosto de cardápio repetido, gosto de *comer* um *Menu* diferente todos os dias. Variedades! Partir para uma *bocetinha* nova. O papai aqui quer novidades, e mais, a doutora está na minha quando eu quiser *foder* com ela eu ligo. — Gesticulei grotescamente como se eu tivesse *fodendo-a de quatro*.

Passei por Marco e fui em direção ao *closet* terminar de me vestir.

— Achei que daria namoro, saiu com ela por meses.

— Sabe, cansei, ela estava se achando minha namorada e na boa, quero *foder* sem compromisso, quatro meses com a mesma mulher foi meu recorde.

— Então tenho passe livre? Ela é bem bonitinha. — Marco era um babaca com essas brincadeiras.

— Claro que não, mulher da minha lista não passa na mão de irmão meu.

— Egoísta, poderíamos então dividi-la o que acha? — Olhei feio para ele enquanto terminava de vestir a camiseta.

— Hoje você está afim de torrar a paciência? Não tem mulher para *foder* não? — Não sei se ele jogava essas só para ver se colava ou se estava de zoação comigo.

— Tenho, vou sair daqui a pouco com ela.

— Então o que está fazendo aqui? — perguntei curioso.

— Vim aqui para avisar que amanhã à noite Giovanni vai apresentar a nova namorada. — Balancei a cabeça negativamente, com desdém.

— Quem se importa? Não vou perder minha noite de sábado com jantarzinho de namoro do Giovani, eu tenho mais o que fazer — respondi e de fato não me preocuparia com isso, eu não estava nem aí para a vida dele.

Depois que o velho morreu comecei a me importar menos ainda, ao menos agora eu era livre e não tinha ninguém para ficar me chamando de “*incapaz*”, “*invejoso*”, de “*bostinha*”. Até no seu leito de morte o velho me ofendia. Nesses últimos meses de sua vida, senti que ele não havia mudado em nada e que nunca gostou de mim. Sei que minha mãe pagou um preço muito alto pelo meu nascimento. O desgraçado, depois que nasci arrumou amantes, mas sempre ficava pagando de pobre e arrependido e dona Ana sempre o perdoava, mas eu não o perdoei nunca, nem mesmo quando me chamou antes de morrer naquela UTI, depois da insuficiência cardíaca que estava tendo.

Ele pediu desculpas por tudo que me fez, mas quando se está morrendo e tem medo do inferno é fácil pedir perdão. Nunca foi complacente comigo e sempre que podia desfazia de mim. Por isso não o perdoei e não sinto culpa alguma, foi anos tendo que aguentar ser depreciado pelo próprio pai. E eu não era nada daquilo que sempre falou e por isso pouco me importo com Giovani e seu trono, que se explodam todos.

— Luca, na boa tente ser mais aberto, Giovani não é esse monstro que você pensa, tanto ele quanto você eram vítimas do pai. — Marco tentou sair em defesa do maldito falecido.

— Giovani nasceu para ser o rei, não era assim que SEU pai dizia?
— Enfatizei no seu com toda minha mágoa reprimida.

Marco balançou a cabeça confirmando.

— Mas eu não sou seus súditos e nem seus subordinados. E outra coisa, não tenho a mínima vontade de participar mais da vida dele. — Dei

de ombros e comecei a recolher minha carteira guardando no bolso traseiro da calça e colocando o relógio.

— Não é por Giovani, mas sim pela *mammá*. ^[ii] Você pode até não sofrer pela morte dele, mas ela sofre muito. Por ela.

— Eu queria muito entender você meu irmão, foi insultado e humilhado também. Por que agir com essa misericórdia toda? Está emotivo hoje? — Enquanto conversava com Marco terminava de me arrumar e fiquei parado na porta, pronto, esperando que o mesmo saísse antes de mim, do meu complexo.

— Só acho desnecessário remoer o passado quando se pode fazer diferente.

— Se acabou, pode sair, por que estou doido para pegar alguma mulher gostosa e *foder* ela a noite toda. Prefiro *tregar* do que ficar pagando algo que nunca vou ser. Giovani é tão o velho quanto você e Raf, são os *baba ovo* dele. Só o respeito pela diretriz da casa, caso o contrário quero mais que SEU irmão se exploda ao meio.

Saí sem me despedir não dando sequer importância alguma mais para o que ele falava.

— Tchau né?! — Marco disse mais alto ficando para trás, próximo à entrada do meu anexo.

Levantei a mão para o alto ainda de costas e balancei dando-lhe tchau.



Mellaine

Quando achei que tinha tirado a sorte grande, não foi nada comparado ao que consegui. Não pensei que poderia ser mais sortuda, quando Luca começou a me dar bolo. O *bastardo* começou a me deixar na geladeira, saímos por 4 meses, achei que logo me assumiria e na tentativa dele fazer isso logo o pressionei e acabei afastando-o, passei o primeiro mês cercando-o nos fins de semana, mas o desgraçado aparecia sempre com outra na minha frente, deixando bem claro que não queria nada comigo, mas eu não poderia desistir e depois de mais um mês a sorte grande caiu no meu colo de paraquedas, literalmente, o todo poderoso Don Valentino me notou.

Confesso que já estava desanimada quando estava sozinha em um canto olhando na direção dele e fui notada. Passamos a noite toda conversando e sem pedir permissão fui assaltada, não da forma maliciosa que o bad boy do Luca fazia, ao me levar em segundos ao limite do desejo. Giovanni foi mais conquistador, acabou rolando uma dança e um beijo.

E se eu posso ter o tubarão por que vou querer o peixinho?

Além de que, o novo Don era interessante e experiente, mostrava querer algo mais que *fodas* no fim da noite, não que eu não me lembrasse de Luca e sentisse a vontade de estar com ele, mas seu irmão me prometia tudo que sempre desejei e que por um tempo deixei na caixinha, à espera do momento certo e eu estava convicta que era agora.

Estamos saindo há 10 meses e ele me convidou para jantar na sua casa, disse querer me apresentar a sua família.

Há um mês, o velho *desgraçado*, do seu pai morreu e foi a única oportunidade que perdi, queria muito cuspir na cara do *demônio*, o quanto

era desprezível, mas diante do que eu estava tendo agora, ter seu filho mais velho era um bônus extra por tudo que essa família me fez passar, o meu único problema seria o caçula, pelo pouco que tivemos juntos poderia me preparar e ter que revelar para Don Valentino, que saí com seu irmão, mas já estava preparada para dizer que jamais imaginaria que Luca e Giovani fossem irmãos e escolheria entre um dos dois; e certamente ficaria com o novo *dono da porra toda*. Escolheria sem dúvidas poder tirar tudo que me foi tirado. E tudo isso foi porque meu pai era o simples dono da cantina no *Brooklyn*, membro do conselho da Camorra e acabou sendo abatido, para o velho *Don Valentino* dar o golpe e sentar no trono como um rei e agora dar ele para o filho querido.

Jamais me esqueceria de como foi aquele fim de tarde; quando penso e revejo as lembranças de olhos fechados, sinto meu estômago revirar e a dor me assola. Foi brutal a maneira, como o corpo do meu pai foi projetado para trás, com a potência dos tiros que perfuraram seu corpo por seguidas vezes. O mataram a queima roupa. Sem chances de se defender. Lembro-me que havia um jovem, junto com o velho desgraçado do Valentino e outro homem de olhos claros. Jamais me esquecerei do que vi pela fresta da madeira gasta do balcão.

Foi tudo tão intenso, no momento em que meu pai olhou pelo vidro da entrada e os viu, descendo do carro, eu estava no balcão ajudando na limpeza antes de abrirmos; tinha apenas 15 anos e há 20 anos ainda escuto seu grito ecoar dentro dos meus ouvidos, pedindo para que eu me escondesse e com medo, me abaixei e me escondi entre as caixas, que ficavam embaixo. Encolhida, ouvi toda a conversa, de como o velho Francesco Salvatore Valentino tomaria o lugar de Andrea Cospalatto, o Capi dei Capi. A discussão girava ao redor de quem subiria ao poder. Meu pai discordava e para apagar uma voz, talvez um empecilho, para sua

ascensão ao poder, o velho Don Valentino o matou friamente a tiros, a única família que tinha. Minha mãe já havia falecido alguns anos atrás, era só eu e meu pai e naquele dia só restou a mim, sobrando na família da minha tia, a única parente viva que poderia me abrigar; sou grata a ela, me deu um teto, uma quase família e ajudou com meus estudos, com o pouco que sobrou da minha herança, por que o ponto aonde funcionava a nossa cantina foi para os Valentino, era assim que funcionava na velha Máfia, a conquista dos imóveis dos membros que morriam. Nunca nem ninguém ousou culpar e questionar o velho Don Valentino sobre a morte de meu pai, mas eu ainda sentia o mesmo ódio do passado.

Em breve eu seria a primeira dama da Camorra e tiraria tudo dos Valentino, seria como a famosa da tal menina Bella Dellatore.

Ainda sou membro não ativo, meu nome consta nos arquivos do Contador.

Tento ficar por dentro dos assuntos que envolve a família Valentino e como ainda minha tia é casada com um membro do clã, acabo que sei de algumas coisas e uma delas é que, a vagabunda de Los Angeles, foi quem fez Giovanni acabar sozinho, nos degraus da escadaria da igreja, abandonado por uma Donttino. Mas ainda tinha minhas dúvidas, talvez ela fosse como eu, buscando justiça pela morte do pai, um *Don* de um dos clãs mais forte dentro da Camorra, às más línguas dizem que ela passou foi a perna no irmão ao assumir a cadeira hereditária.

Agora seria a minha vez.

E nesses meses em que estamos juntos, tive o cuidado de nunca demonstrar saber de algo relacionado a máfia, deixo que ele se solte, mas Giovanni era astuto e só me dizia coisas superficiais; sobre seus negócios lícitos, os proibidos eram todos muito bem guardados a sete chaves.

Em breve eu o faria se abrir comigo. Deixando aparentar toda minha superficial lealdade. Enquanto isso continuo a aproveitar da sua companhia. Gosto dela, o *dono da porra toda* era interessante, charmoso e eu me sentia bem na sua presença, então jamais seria um martírio aguentá-lo, até que chegasse aonde queria. Na verdade, não estaria aguentando, Giovani era experiente na cama e gostava dessa sua faceta, nada muito intenso como era com Luca, mas poderoso e isso era o que mais me atraía nele, essa sua aura de poder.

— Hum... Toda produzida. Aonde vai hoje amiga? — Lisa entrava no quarto, no exato momento em que eu terminava de soltar os cabelos com a mão. Ajeitando-os para parecerem mais natural e impecável. Lisa era minha colega de apartamento, outra médica que dava plantões no mesmo hospital que eu.

— Vou jantar na casa de Giovani, ele quer me apresentar a família. — Estávamos saindo há quase um ano, ao contrário do irmão que fez o que bem queria comigo e depois de quase 4 meses me deu um fora. Parecia mais sério e isso me deixava mais tranquila para seguir o que queria. Precisava de algo palpável e não de boas *fodas*. Já estava com 35 anos e precisava urgente casar e ainda mais agora que tinha o rei da Camorra. Aproveitaria ao máximo para conseguir o que sempre quis.

— Ele parece ser um cara legal. — Ela disse e sorri concordando. Quanto a isso eu tinha certeza que sim, bem diferente da sua fama de que era arrogante e mandão, pelo menos comigo não tinha nada disso. Era reservado, instigante e exalava todo aquele mistério poderoso, tudo que uma mulher sensata iria querer na vida, porém eu sempre tive uma queda para os problemáticos e o passaporte Giovani era ao contrário da minha preferência, contudo, *Don Valentino* me fez acabar gostando dele e de

querer sua presença tanto como uma simples e boa companhia, quanto na cama.

Estava unindo o útil ao agradável tendo-o como namorado, ainda mais agora, que me apresentaria oficialmente como sua namorada. Só estava a um passo de ter tudo que sempre quis nas minhas mãos.

— Ele é sim, incrível — respondi terminando de retocar minha maquiagem, queria estar bem apresentável aos olhos da matriarca dos Valentino.

— E o irmão, o que vai fazer quando vocês se verem? — Lisa se jogou na minha cama, me observando e por minutos fiquei em silêncio, me perguntando, como seria ficar frente-a-frente com o bad boy Valentino. Luca me usou e jogou fora quando não quis mais, corri atrás e me humilhei, cansei de ligar, mas foi bom ele ter me feito de idiota, assim eu não teria conhecido seu irmão mais velho. Agora estava com Giovani e ele teria que se contentar comigo, sendo só sua cunhada.

— Vou fingir que não me lembro dele. Ignorarei — dei de ombros. — Pelo pouco que o conheço ele nem vai estar nesse jantar. Poucas foram as vezes que mencionava sobre sua família, acho que aquele idiota gosta mais da farra do que uma reunião familiar. Acho que não vai fazer nada, creio eu. E mais, quem não quis mais foi ele.

— Acho que vai ser uma boa cena se ele estiver presente, é bom, assim você esfrega na cara dele, que está agora com o irmão, como se ele não fosse nada, que te perdeu para o mais velho.

— Sim, vai ver que me perdeu.

Estava indecisa novamente sobre o que vestir quando o interfone do prédio tocou. Lisa saiu correndo para atender, mas sabia que deveria ser o motorista de Giovani que veio me buscar, ele me ligou mais cedo acertando esses detalhes comigo.

— Como estou? — perguntei sabendo que diria que estava muito bem.

— Lindíssima. Impressiona o ricaço. — Não havia contado a ninguém sobre o que sabia dele e de sua família, afinal, Giovani ainda não me disse que pertencia a elite da máfia, na verdade, aparentava ser um importante CEO, que cuidava dos negócios da família. E se sabia de tudo era porque, assim como ele, pertencia ao mesmo mundo.

E nessa noite eu seria a mulher perfeita, uma verdadeira *lady* para o *lorde* mafioso. Fiz questão de comprar um vestido caríssimo e de marca famosa, precisava passar uma boa impressão, já que Giovani havia dado esse passo. Logo me colocaria um belo brilhante no dedo anelar direito.

Ajeitei o vestido de corte reto, um Chanel; acabei gastando uma pequena e exagerada fortuna, mas foi necessário. E depois de puxá-lo e ajeitá-lo, caminhei pelo saguão do edifício e fui para a calçada, dando de encontro com a limusine preta e seu motorista com a porta de trás aberta me esperando.

— Boa noite, senhorita!

— Boa noite. — O cumprimentei de volta e me ajudando a entrar segurei em sua mão.

— Está belíssima, o patrão a espera ansiosamente em sua casa. — O motorista de Giovani me disse, antes de fechar a porta e ir para seu lugar no carro.

CAPÍTULO 2

Mellaine

— Oi. — Respirei fundo ao sair do carro e dar de encontro com Giovani, por mais que fosse o que sempre quis, estar ali, na entrada do covil dos Valentino, me deixava nervosa, era um misto de ódio, raiva e ansiedade.

Eles tinham tudo a ver, com a morte do meu pai e jamais esqueceria disso, mesmo com Don Valentino, parado na minha frente, de calças jeans, camiseta branca, marcando seus músculos, cheirando a pós barba caro, completamente viril e lindo. Eles sempre seriam os culpados.

— Está linda! — Ele disse ao acariciar meu rosto e em troca sorri.

— Obrigada, mesmo ainda não sabendo o que somos, vim preparada para conhecer sua família. — Fiz tipo e sim. Estávamos saindo e fazia quase um ano, mas nada de concreto e mesmo me trazendo para conhecer sua família nunca mencionou um relacionamento oficial.

— Como não sabe o que somos? — suas mãos fortes seguraram firme em minha cintura. Tomando posse, posando como um legítimo rei. —

É minha namorada, achei que havia deixado claro, ao falar que apresentaria você, para minha mãe essa noite.

— Então sou sua namorada — sorri e me aproximando mais de seu corpo o enlacei, para depositar um breve beijo em sua boca.

Giovani sorriu e passou o dedão sobre os lábios, limpando o pouco do meu batom vermelho, que manchou sua boca.

Trocamos mais algumas carícias, rimos de alguns comentários, relacionado a enfrentar a família Valentino, um momento despojado entre nós dois. Já estávamos alguns minutos na entrada, quando me puxou pela mão para entrar.

A casa em si era uma construção antiga, porém muito bonita bem decorada, nada muito moderno, algo envolvido com personalidade deles. Na porta haviam seguranças, que nos cumprimentou, ao passarmos por eles. Imaginei que esses, fossem alguns dos vários, que deveriam estar espalhados pela propriedade e fingi naturalidade, como se ele não fosse um mafioso, e sim, só mais um empresário milionário, de descendência italiana. Ele ainda não havia se aberto para mim, e me contado, sobre o que realmente fazia da vida; também não perguntaria, continuaria como estávamos.

E de mãos dadas caminhamos para o interior, parando na entrada de um corredor, com várias fotos da família toda. Era um pouco longo, mas foi o suficiente, para poder escutar vozes ali perto, e uma delas era a de Luca. Reconheci no mesmo instante. Jamais esqueceria o tom grosso e o jeito mole de sua fala.

Conforme aproximávamos do final do cômodo, me senti ansiosa e insegura e, temendo, que algo pudesse dar errado, antes mesmo de Giovani me apresentar como sua namorada, comecei a me desesperar. E para não aparentar nada, discretamente, ainda segurando na sua mão, me posicionei

um pouco atrás, me escondendo, tentando não ver o caçula dos Valentino logo de cara.

— Não posso ficar para o jantar romântico de Giovani. Tenho um compromisso importante Raf. — O timbre da sua voz me deixou tensa, talvez não estava tão preparada, para encará-lo e dizer que agora era sua cunhada.

— Depois de tanto tempo, acho que devemos a ele, estarmos reunido nessa noite. — A outra voz, supus, ser de outro de seus irmãos. Pelas informações, dadas a mim, me falaram que eram em 4 filhos e deles só conhecia Luca.

— Não Raf... Esquece. Não vou ficar. — Luca tornou a negar e talvez fosse melhor ele sair antes que me visse. Ainda me escondia atrás da figura corpulenta de Giovani e fiquei agradecida por ser baixa, talvez passaria despercebida por ele.

Já não era mais a Mellaine destemida e audaciosa de mais cedo, agora era simplesmente uma massa mole, tentando se equilibrar em cima dos saltos, literalmente uma frouxa com as pernas bambas, de medo, de estar cara a cara com o bad boy Valentino.

Para me equilibrar melhor, segurei com mais firmeza na mão de Giovani e me deixei ser guiada por ele; me perguntando, por que estava assim com medo, sendo que estava com meu lindo e maravilhoso namorado. Talvez, fosse o fato de pensar, o que Giovani pensaria de mim, se soubesse, que sai várias vezes com seu irmão. Em todo esse tempo, estava movida a um propósito, que não parei para pensar, como reagiria ao saber do meu passado com o caçula. Talvez não aceitasse, ficando constrangido, ao namorar o caso do outro irmão. Nunca parei para analisar o grau de cumplicidade deles. Poderia ele não aceitar, ou mesmo, não

querer um impasse familiar. E com isso, perderia minha única oportunidade de ser uma Valentino.

— Achei que jantaria hoje em casa, Luca. — Chegamos ao fim do corredor e Giovani me mantendo ainda nas suas costas, para minha felicidade, interrompeu a conversa dos dois Valentino.

— Tenho compromissos. — Luca respondeu secamente. Era nítido seu desagrado. Será que Giovani, mencionou quem era a convidada dele, para essa noite?

— Poderia ao menos ficar mais um pouco para conhecer minha namorada. — Don Valentino pediu imperiosamente e senti o clima ficar tenso entre eles.

— Então vamos lá, meu querido irmão. — A forma como Luca respondia para Giovani, soava um tanto debochado. — Pode me apresentar minha nova cunhadinha, ou devo esperar os trompetes romperem anunciando o nome da digníssima. — De fato o clima e a maneira como estavam se tratando não era um tratamento amigável e sim de pessoas que se toleram.

Criando uma atmosfera estranha.

Desatenta não reparei, que Giovani abriu o espaço, me colocando a sua frente, com as mãos na minha cintura. Mostrando quem era sua acompanhante e nova namorada. E sem saber como agir ou falar, fiquei olhando os dois homens na minha frente, demorando em Luca, que me olhava surpreso.

— Mellaine, quero apresentar meus irmãos, Rafaello e Luca. — Giovani disse, apertando meus flancos, numa tentativa de apoio.

Não sei se sorri, mas tentei. A presença de Luca, em carne e osso, ali na minha frente, me deixou completamente desestabilizada. Ainda mais,

da forma como ele me olhava, intenso e com vincos na testa. Como se eu fosse uma aparição, surgindo do fundo do inferno para atormentá-lo.

— Mellaine!? Mellaine namorada de Giovani. — Após ficar me olhando, por longos segundos, o diabo Valentino, repetiu meu nome, balançando a cabeça, analisando-me, quem sabe até criando suposições. — Prazer, seja bem-vinda a família. — Sua mão parou no ar a centímetros de mim e numa recíproca educada estendi a minha e segurei, cumprimentando-o.

O bad boy sorriu com naturalidade e tocou a minha mão, segurando-a forte, sendo intenso, um pouco mais do que esperava, porém tive certeza, que ele agiria como eu: como desconhecidos. Contudo, a forma como me olhava, não tinha nada de descrição, era ameaçador e intimidador, como se me desse um único recado: De que não estava nenhum pouco gostando dessa situação.

— Pare de olhá-la assim Luca. Vai deixar Mellaine constrangida, parece que vai fazer um interrogatório com a moça. — Pelo jeito, não faria um interrogatório, iria me expor ao vexame. Porém, Rafaello conseguiu dar uma quebrada na tensão entre nós dois, ao me estender a sua mão, cruzando a nossa frente e obrigando o caçula a liberar a minha.

— Seja bem-vinda, Mellaine, sou Rafaello, o irmão mais sensato. — Brincou no fim da frase, me deixando um pouco mais relaxada.

Em todas minhas hipóteses, não achei que fosse ser dessa maneira, também não pensei que seria tudo muito fácil, só não imaginei, que o bad boy, exerceria esse poder sobre mim. Que me deixaria acuada, com medo do que fosse fazer e vê-lo, ali, parado a minha frente não ajudou muito; ele simplesmente, bagunçou todos meus sentimentos, fazendo com que já não soubesse mais o que sentia, se era o desprezo, por ter me feito de boba ou se com raiva, por estar arrumado e perfumado, para sair com outra mulher.

Luca havia me rejeitado, da forma mais cretina possível, me deixando de lado, como se fosse um brinquedo, que o menino mimado havia enjoado e não quisesse mais, colocando de volta na caixa. Entretanto, mesmo sabendo da sua fama de mulherengo, seu jeito, me conquistou. Gostava de estar perto dele, sua espontaneidade, era algo vivo e vibrante, sendo único, algo só dele. Ele não precisava do status do irmão, Luca, tinha uma personalidade ímpar e contagiante e no fim, quando me jogou para escanteio, estava começando a gostar dele. Porém agora era diferente, eu estava aqui, em pé, na sua frente como sua nova cunhada e me apeguei a esse título para passar confiança e de que estava muito bem resolvida com seu irmão.

— Prazer Raffaello e Luca. — Tentei mostrar imparcialidade e me recompus, procurando olhar por cima dos ombros, buscando ver a reação de Giovani.

— Agora pode ir Luca, ao menos foi educado conhecendo e dando boas-vindas a Mellaine. — Giovani sorriu e sem olhar para os irmãos, dispensou o caçula do seu compromisso com a família, me deixando mais tranquila ao saber que ao menos, Luca, não me encararia a noite toda.

— Acho que vou ficar, esse jantar vai ser interessante, faz anos que Giovani não traz ninguém, depois que foi rejeitado pela... — Minha paz, durou apenas segundos, ele não se daria por vencido e antes que terminasse de falar algo relacionado a Giovani, Raffaello o interrompeu.

— Giovani já estava na hora de sossegar. Fico feliz irmão. — Era nítido, que novamente o clima pesou, mesmo com a sagacidade de um deles, em mudar o rumo da conversa, tentando disfarçar.

— Vamos, minha linda, quero te apresentar a minha mãe, ao Marco e Alicia. — Giovani passou a minha frente e segurou novamente minha mão, me guiando mais para dentro da casa.

— Estão todos na sala esperando a nova integrante da família — disse Rafaello vindo atrás de nós dois.

Sei que os dois estavam atrás, mas não ousei em nenhum momento olhar na direção de Luca, o que menos queria agora era ficar diante da intensidade do seu olhar, me questionando.

— Luca não se sinta obrigado a ficar para o jantar. — Giovani disse sem olhar para trás.

— Imagina irmão, vai ser um prazer ficar e jantar com vocês. — Lá estava, novamente o tom debochado dele e essa noite estava fora de cogitação de ser uma das mais tranquilas da minha vida. Contudo, tentei não pensar e evitei ao máximo olhar em sua direção.

Fui apresentada a Ana Valentino, Alicia, mulher de Rafaello, que estava grávida de cinco meses e a Marco Valentino, o mais belo e simpático de todos eles.

E mesmo com o péssimo momento da chegada, à noite até que estava indo bem. Fiquei sentada ao lado de Giovani, distante de Luca, mas da onde estava, podia notá-lo várias vezes me encarando com ódio e em resposta, virava a cara e o evitava. Mas não era tão simples, a sua presença, me deixava desestabilizada e apreensiva, com medo de algum momento ele fazer algo e me expor.

Nenhum deles poderia saber de nada do meu envolvimento com o mais novo.

Não via a hora dessa noite acabar, para poder sair dali. A minha sorte, foi a gentileza de Giovani, ao perceber, o quanto estava nervosa, sendo compreensível ao tentar me deixar mais calma. Mas nada se comparou com o momento, que fui sozinha ao banheiro; meu nível de estresse foi no limite, ao ser encurralada por Luca, me jogando dentro do

minúsculo lavabo, nos trancando, me deixando sem saídas, sendo pressionada contra a parede.

— O que pensa que está fazendo aqui, Mellaine? Ainda mais como namorada do meu irmão. Que *porra* você está fazendo? — Seu tom era ameaçador e encurtava o espaço entre nós falando perto do meu rosto, me segurando firme pelos ombros.

A maneira como me abordou, inesperadamente, me deixou sem ação e sem respostas ao senti-lo tão perto de mim, com seu hálito quente no meu rosto, me atordoando. Sei que mais cedo ou mais tarde, ele me questionaria, mas não hoje, estando alguns metros de todos da sua família.

— Responde minha pergunta ou agora vai se fazer de santa? — Nunca o vi assim, irado e desesperado, fazendo com que eu não reagisse, me deixando irracional, com todos meus sentimentos misturados.

Luca não tinha direito de me questionar, ainda mais como estava fazendo: exigindo respostas.

— Mellaine, não estou brincando. Responda o que faz aqui na minha casa. — Sua boca quase na minha, fez com que, quase perdesse o juízo e esquecesse o que realmente estava fazendo ali; ao pensar em seus beijos e da forma como me tomava, sendo mais forte as lembranças do que minha razão. Entretanto, em um esforço sobrenatural, o empurrei, tentando me afastar, deixando-o mais longe de mim.

— Sou a namorada do seu irmão, poderia sair daqui, não será de bom tom se o virem aqui — respondi, extraindo de mim toda determinação para não desabar ali, na sua frente.

— Vai se fazer de santa. — Assustei com o tapa, ao meu lado, na parede. — É muito vagabunda, vem na minha casa e se faz de namorada do meu irmão, enquanto quem *fodeu* você primeiro foi eu. — Respirei fundo,

tentando me controlar e a forma como falava, me fez reagir e ver o quanto se sentiu ressentido.

— Primeiro, não lhe devo satisfações da minha vida. Não esqueça que você sumiu e não quis mais nada. E por favor, esqueça o que aconteceu, não precisamos mais, passou. — Diminuí o tom da voz, em um sussurro, com medo de alguém nos escutar.

— Agora fala mansinho. Você viu que não teria nada de mim e partiu para cima do idiota do meu irmão. O que quer de nós? — Neguei com a cabeça antes de responder.

— Não quero nada de vocês, nunca passou pela minha cabeça que você e Giovani eram irmãos. — Luca estreitava o vão entre nós dois, me deixando mais acuada.

— Mentirosa! Não sei por que, não acredito em você. É uma safada, está interessada em alguma coisa. — Suas desconfianças não faziam sentindo, se ressentir sim, mas achar que algo estava estranho não, nunca deixei transparecer o contrário e vendo sua atitude, me acusando, fiquei pensando se sabia de algo a mais sobre mim.

— Você está equivocado só isso. Não tem nada a ver o que está dizendo. — Precisava disfarçar e tentar sair o mais rápido possível dali. Minha demora não seria um bom sinal e logo Giovani poderia vir atrás de mim. Como pensei, ao escutar as batidas na porta.

— Mell, está tudo bem aí? — Olhei assustada para Luca, ao escutar a voz de Giovani e o bad boy Valentino, sorriu diabolicamente, vendo o medo estampado em meu rosto.

Supliquei com os lábios para não falar nada, pedindo silêncio.

— Está sim, Gio... — precisava de uma desculpa rápida. — Estava resolvendo umas coisas do hospital. Já estou saindo — disse apressadamente, antes que Luca fizesse algo e vendo meu desespero, o

bastardo continuava sorrindo, como se estivesse sentindo prazer no meu nervosismo.

— Está bem, linda. Fique à vontade. — Apreensiva, fui conseguir pensar novamente, quando certifiquei que Giovani já não estava mais por perto.

— Mentirosa. Já pensou se eu conto, que conheço cada parte do corpo da nova *puta* dele? — Apertei a mandíbula sentindo muita raiva. Mesmo que sua presença fosse forte e me deixasse descompensada, não aceitaria suas ofensas. E em minha defesa levantei a mão para acertar seu rosto, mas segurou meu pulso antes que ele chegasse próximo.

— Não vai me ofender, você não é nada meu. É só um moleque despeitado. — Luca riu desdenhosamente.

— Eu despeitado? Não faço questão alguma, que meu irmão *coma* as minhas sobras. — Suas palavras começavam arranhar meu ego feminino e foi nesse exato momento que estive frente a frente com o próprio diabo, filho de Francesco Valentino. Que impiedosamente sorria, ao ver o quanto me afetou com suas palavras chulas.

— Anda bem na linha, doutora, ou vou contar tudo para seu namoradinho e quero ver se ele vai ser compassivo. Linda. — No fim da frase ele imitou Giovani com desdém.

Assim que me ameaçou, saiu do lavabo, me deixando sozinha com meus medos e novamente fiquei tensa, quando ouvi outra voz, questionando-o.

— O que faz aí?

— Estava indo ao banheiro, mas pelo visto está ocupado. — Luca respondeu com naturalidade.

— Aonde estava Luca, que sumiu?

— Não enche Marco, vá *foder* alguém e me deixa em paz. — Fiquei quieta, sem falar nada, só escutando.

Será que Marco escutou algo e por isso o questionava.

— A *mocinha* está nervosa por que?

— Já disse para me deixar. — Esperei até não falarem mais nada e quando retornei à sala, após o jantar, ainda desconcertada, inventei uma desculpa qualquer para Giovani, sobre algum paciente imaginário.

O rebuliço de sentimentos e a confusão em que me meti, me deixou desesperada.

Estava em um beco sem saída. E Luca era uma verdadeira bomba relógio, a qualquer momento poderia explodir, ainda mais, me olhando como estava e para piorar tudo, Marco também me olhava e desviava para Luca, notando algo.

Como pude ser ingênua? Em achar que que poderia simplesmente chegar e encarar o próprio demônio e conseguir me manter de pé, intacta. Ainda mais agora, com Giovani me convidando para o casamento do seu irmão, daqui um mês, em Los Angeles.

Não conseguia pensar e sorri, agradecendo o convite, tentando desesperadamente, manter as aparências na frente de todos, provando que não tinha medo do bad boy e ao mesmo tempo, mostrando para Ana Valentino, que seria uma nora perfeita para seu filho mais velho, mesmo tendo sido *comida*, de todas as formas impensadas e prazerosas, pelo seu caçulinha.

...Um mês depois...

Estar com Giovani, era totalmente diferente, em relação, ao explosivo Luca. Os dois, eram o oposto, um do outro e o mais velho dos

irmãos, era um senhor homem com H maiúsculo, enquanto o mais novo era completamente perigoso.

Não nos vimos mais depois do jantar, mas nos falamos por telefone, quando o bad boy, resolveu que tinha o direito de reclamar. Na última vez que conversamos, deixou bem claro seu descontentamento e disse que não facilitaria em nada para mim na viagem e de fato cumpriu à risca a promessa feita. Começando pelo dia em que viajamos para Los Angeles, era o casamento de Raf e como havia aceitado o convite agora não poderia recusar e teria que enfrentá-lo.

Estava esperando Giovanni chegar, combinamos de nos encontrarmos em seu jato particular e acabou, que seu motorista, me buscou mais cedo que o combinado e parecendo um *carma*; quem menos queria ver, chegou antes de todos. Luca estava alegre, pelo visto, atormentar os outros, era sua principal felicidade e foi o que fez, assim que entrou na aeronave e me viu. O bastardo, veio todo sorridente, passando a mão entre os fios do seu cabelo, deixando-os desorganizados, mas ao mesmo tempo estilosos e como se não quisesse nada, se sentou na poltrona à minha frente.

— Olha só quem já está aqui! Gostei, ao menos é corajosa e não teve medo de mim. — Abaixei a revista, que estava lendo e fechei-a sobre minhas coxas; sem lhe responder. Observando e analisando como lhe daria uma resposta. Confesso que, quase caí na sua e me policiando respondi cautelosamente.

— Olá para você também, Luca — o cumprimentei primeiro, não mostrando, o quanto sua presença me desestabilizava. Segundo, respondi com outra pergunta. — Por que acha que teria medo de você? — Tentei aparentar, confiança e convicção, de que não estava com medo dele, mas de verdade, estava muito insegura.

Sim!

Temia muito. Estava com medo e ódio dele querer estragar tudo, ainda mais, depois das suas ligações, me ameaçando. E o que me dava mais raiva nele, não eram suas ameaças e sim sua presunção, de achar, que tem o direito de me coagir dessa maneira. Queria poder dizer na sua cara, que era para ser ele no lugar do irmão, mas como era um cretino, preferiu pular fora e me fazer de idiota. Por um lado, foi muito bom ele ter sumido, se não fosse por isso, não estaria com Giovani, minha sorte grande.

— Já disse, que não vai ficar com Giovani. Ou esqueceu, o que disse na última ligação? — Contrariado, sentou na ponta da poltrona e tentou alcançar meu queixo para segurar, mas fui mais ágil e consegui tirar meu rosto de sua mão.

— Não me esqueci e não tenho medo. Eu não sabia que eram irmãos e meu passado não tem nada a ver, como o de seu irmão também não me importa. — Tornei a pegar a revista e abri na frente do meu rosto, ignorando-o, mas na verdade, estava me escondendo, evitando seu olhar intenso e relembrar do quanto era bom estar com ele.

Mesmo que Giovani fosse me dar o que sempre quis, Luca me deu muito mais, em quase 4 meses.

— Você não vai conseguir destruir o que eu e seu irmão temos — disse sem olhá-lo.

— Aproveita, Mellaine. — Ele puxou a revista da minha mão e a jogou fechada no meu colo com a capa virada para mim. — Não serei eu a destruir o namorinho de vocês, você tem uma adversária implacável e perderá fácil, minha cara. — Seu olhar se dirigiu a revista e nela estava estampado Bella Dellatore, a empresária da música e, eu sabia quem realmente ela era: A chefe da casa Dellatore.

Mas o que teria ela a ver com tudo isso?

E fui começar a entender o que Luca havia me alertado naquela noite, durante toda a viagem ele ficou elogiando-a e pude ver o quanto Giovani ficou desconcertado, contudo, foi vê-la chegar em sua casa, aonde estávamos hospedados, para notar o quanto o mais velho dos Valentino, meu namorado, ficou literalmente hipnotizado nela, sem contar, na forma como se cumprimentaram e ali tive certeza, que precisaria ser mais astuta, por que nenhuma mulher é cega a ponto de não ver, quando um homem é deslumbrado por outra e tudo indicava que Bella Dellatore era a “minha adversária implacável”.

Tentei a todo custo me manter a mais compassiva e sociável possível, ao notar a forma como Bella e Giovani se comiam com o olhar, desejando um ao outro. E tudo que o narcisista havia me dito mais cedo, agora fazia sentido. Contudo, tentei levar numa boa, fingindo não ver nada, me passando por tola e cega, tentando não aparentar um ciúme bobo.

E se não bastasse todo esse carinho, do meu namorado com a anfitriã, tinha ainda, que aguentar o sorriso, sarcástico e vitorioso do bad boy. Ele não se cansava, de me encarar e mexer os lábios, me dizendo silenciosamente, que perderia Giovani, me desestabilizando completamente.

Tinha que agir. Não perderia por nada Don Valentino, para quem quer que seja, não daria esse gosto ao mais novo e cumpriria a promessa feita ao meu pai.

CAPÍTULO 3

Luca

A vagabunda simplesmente agora *trepava* com meu irmão, por isso havia me dado paz e fazia um bom tempo. Mas não ficaria assim, Giovani já me tomou tudo e não vou perder mulher nenhuma para ele, ainda mais a doutora.

Sei que fui eu a cair fora primeiro, mas nunca disse que não era bom *fodê-la*, era muito bom, e jamais passou pela minha cabeça que se eu não *ficasse* com ela, a safada pegaria um dos meus irmãos, ainda mais Giovani, que em 4 anos não teve ninguém na esperança de ter Bella de volta, outra que poderia ter sido minha e ele foi e pegou primeiro.

Estava cansado de sempre ter que me contentar com as sobras dele e não permitiria que ficasse com Mellaine, mas não sabia como. A ameacei que contaria que ela saía comigo e expô-la, mas não daria certo, ela negaria que não sabia que éramos irmãos e só deixaria o clima ruim, mesmo que não me importasse, eu não queria ficar aguentando Rafello e Marco falando na minha cabeça, tinha que ter outra solução e a vi quando cheguei primeiro que meus irmãos e minha mãe naquele dia no avião e Mellaine já estava

esperando Giovani. A doutora estava vendo uma revista onde o antigo amor de meu irmão estampava a capa. Todos sabiam que ele não havia superado, e que se Bella estalasse os dedos o imbecil voltaria rastejando.

Precisava agora era agir, mas já estava perdendo as esperanças quando joguei sujo mesmo, fiz o que estava em meu alcance e faria muito mais, não aceitaria que Giovani ficasse com Mellaine. Eu a vi primeiro. Foi minha e continuaria sendo.

Usei de todos meus artifícios, inclusive lembrar do passado e escancarar sobre a paixão que Giovani ainda tinha por Bella. Um assunto delicado pelo visto e mesmo irritando a mafiosa eu precisava mostrar que eram feitos um para o outro e fazer com que meu irmão terminasse com Mellaine, mas nada estava dando certo, até o dia seguinte quando a *vadia* me encurralou no Iate e me deu a brecha de que tanto eu precisava.

— Luca precisamos conversar. — Mellaine disse ao sentar ao meu lado no estofado de couro branco do Iate. Sorri sentindo o gosto da vitória na minha boca, pois o tom e a urgência na qual me procurou já deixava bem explícito que estava desesperada.

— Quer conversar comigo, doutora? O que seria? — Ela levantou irritada e ficou em pé com os braços cruzado e na altura que meus olhos estavam fui subindo contemplando seu corpo, sua pele delicada, a curvatura da barriga plana, o quadril bem desenhado por baixo da transparência da saída de praia florida que vestia por cima do minúsculo maiô branco. Deliciosa e impensadamente, joguei o corpo um pouco para frente e repousei minha mão em sua coxa, pelo lado de dentro. Tentei subir deslizando a mão até sua virilha, mas rapidamente ela bateu em minha mão e deu um passo atrás.

— Está louco? — Ela olhou para o lado, creio eu que verificando se vinha alguém. — Sou sua cunhada e não é isso que está imaginando. —

Tornei a recostar no encosto do estofado e cruzei os braços atrás da cabeça. Estávamos no andar de baixo do Iate enquanto os restantes estavam no andar de cima curtindo o passeio, só quem não havia vindo foi Giovani, Alícia e Bella.

— Então o que você quer? Cansou do trouxa do meu irmão e se tocou que perdeu um Valentino melhor e está com remorso? Já digo: não aceito *restos*. — Acomodei melhor escorregando um pouco e abrindo as pernas.

— Quero conversar, mas pelo jeito você está entendendo tudo errado. — Meus olhos não desgrudaram do seu rosto, contemplava sua boca reparando nos detalhes e sentindo saudades do quanto era bom beijá-la.

— Então fale, Mellaine. O que quer conversar comigo? — Notei que se sentia desconfortável.

— Aqui não, não quero que ninguém nos escute.

— Aonde quer?

— Vamos lá para dentro.

— Parece que não. — Ela achou que eu fosse ir fácil assim. Coitada! — Não tem ninguém a não ser que nossa conversa tenha outra razão mais íntima.

— Deixa de ser idiota! — Ri do modo como começava a se irritar. — Quero saber o que rolou entre seu irmão e Bella, porque não acredito que os dois são meramente conhecidos. — Minha hora chegou e prepare-se doutora Mellaine.

— E se eu não quiser te contar? — Pisquei e continuei ainda me esticando todo, como se fosse tudo tão banal.

— Não acredito que vai agir assim: com infantilidade — balancei os ombros, mostrando para Mellaine que eu pouco me preocupava, mas na

verdade, quanto mais ela ficasse desesperada mais ficaria da maneira como eu queria.

— Não tenho nada a ver com a vida de ninguém e muito menos com o passado deles — sorri encarando sua expressão de preocupação e talvez fosse melhor entrarmos mais para o interior do iate.

Levantei ficando bem perto dela, a centímetros e, fiz questão de estar mais próximo deixando meu corpo relando no seu.

— Vai ter um preço por cada vez que quiser saber de algo — disse baixo com a boca colada na pele do seu rosto entre a bochecha e o ouvido.

Irritada, Mellaine me empurrou.

— Idiota, não é à toa que está sozinho.

— Estou sozinho por que quero. Gosto de *foder* uma *boceta* diferente a cada dia e reconheço que a sua foi por mais tempo, não nego que é gostosa e *fode* bem, mas tudo tem um prazo de validade e o seu foi alguns meses na minha vida.

— Luca Valentino, além de um completo idiota você é muito infantil. Não pode se ter uma conversa séria, só quero saber o que rolou entre Bella e Giovani no passado. Não tem nada demais eu querer saber sobre meu namorado.

— Se quer saber dele por que veio perguntar para mim então? Pergunte a ele. Pede para ele lembrar do quanto ficou desesperado quando Bella assumiu namoro com o Harry Smith ano passado, quase um ano atrás. Mas... — aproximei de novo segurando em seu queixo e olhando em seus olhos. Analisei como sua mandíbula contraía firme. — Acho melhor ele te contar se quer saber. — A soltei e como ela queria antes fui para dentro do luxuoso Iate e tive a certeza que me seguiria assim que ouvi sua respiração e sua presença logo atrás de mim.

— Eu preciso saber com quem vou lidar para brigar por seu irmão.
— Ela disse convicta. Porém pobre Mellaine se acha que será páreo para Bella Dellatore.

— Sozinha? — virei encurralando-a com meu tamanho no pequeno espaço do corredor que levava para os quartos e olhando em meus olhos, me respondeu afirmando com a cabeça. — Jamais conseguirá substituir o amor da vida de Giovani.

— Seu irmão não a ama mais. — Minha risada não só era uma afirmativa de que os pensamentos de Mellaine eram todos miseráveis, mas também o quanto sua capacidade limitada de achar que seria capaz de segurar Giovani, se caso Bella quisesse abrir as pernas para ele novamente.

A mulher Dellatore sempre foi um vulcão e Giovani a idolatrava, entretanto, eu ainda preferia a morena baixa, de curvas bem acentuadas e olhos cor de mel à minha frente.

— Como sabe que não? — abaixei a voz e a presei mais, encurralando-a dentro dos meus braços, agora apoiados na parede ao lado da sua cabeça, cercando-a, impedindo-a de sair correndo dali.

— Ele está comigo — continuei a rir da sua inocência. Mellaine não conseguiu enxergar o que estava bem ali na sua frente, ela era um mero enfeite para o perdedor do meu irmão e eu não respeitaria qualquer regra que me deixasse por baixo. Essa pequena abertura em sua insegurança me faria a ter de volta.

— Pode estar por orgulho, mas não percebeu como Giovani é desesperado por Bella, não percebeu como a olha? Você é bem ingênua, doutora. Meu irmão é obcecado por ela e não faz segredo a ninguém, ele só começou a sair com outras mulheres quando uma revista de fofocas publicou o namoro dela com o milionário, dono de cassino em *Vegas*. Puro despeito e desespero, assim como você está aí: desesperada precisando de

mim. Só que vamos deixar bem claro, todo mundo tem um preço e, o meu é bem caro — não esperei sua resposta. Capturei sua boca, mordendo seu lábio e segurei sua cabeça com as mãos impedindo-a de se afastar.

Mellaine tentou me empurrar, mas logo estava deixando ser levada pela busca da minha língua pela sua e, quando cedeu por completo rodeando os braços pela minha nuca, eu a conduzi, sem me soltar dela para o banheiro, apertado, mas essencial para o que eu queria naquele exato momento.

Apertados no minúsculo banheiro intensifiquei o beijo, levando-a a ficar encostada na parede, contra meu corpo. Eu já estava desesperado e a *foderia* ali mesmo quando decidi que não deixaria passar nada por mim. E nós dois ali seria só o começo.

Escorreguei a boca por seu pescoço chupando, saboreando o sabor da sua pele com o sal da água salgada.

— Vou te *foder* aqui — afirmei em um breve sussurro.

— Não. — Mellaine respondeu com a cabeça tombada para trás, me deixando conduzir da forma como eu queria. — Para, por favor. Isto não está certo.

— Pode pedir, safada. Eu não vou parar, sei que é disso que você gosta — juntei minhas mãos, apertando mais seu corpo e tornei a calar sua boca, mordiscando seu lábio inferior, demorando com ele entre a pressão dos meus, comprimindo-os. — Esse será meu pagamento, se ainda quiser se manter como namorada do meu irmão. — Encontrei um jeito onde eu ficaria por cima do ego inflamado do *querido e idolatrado Don Valentino*.

Foderia com sua namorada bem embaixo do seu nariz.

— Eu serei o único que manterá seu status, *putinha* gostosa — tornei a não lhe dar tempo para responder; as coisas seriam da maneira

como eu queria e no momento estava louco de tesão em *tregar* com Mellaine.

E pela forma como seu corpo se esfregava no meu, ela também estava afim.

E no pequeno metro quadrado, em alto mar, no espaço que só cabia nós dois atracados, eu *trepava* com minha cunhada safada. A fiz me chupar e me esbaldei em sua *boceta* deliciosa e ela *gozou* gostoso rebolando no meu pau. Depois de se satisfazer ficou bancando a arrependida para cima de mim, pedindo para eu não contar para Giovani. Claro que não contaria, seria bem melhor ser assim: eu *fodendo* minha “cunhadinha” todas as vezes que eu quisesse.

E eu faria quando eu bem entendesse, esse seria meu prêmio para mantê-la no status de namorada do primogênito dos Valentino.

Assim que nos arrumamos e estávamos ao lado de fora conversando, estava novamente ficando duro de vontade de me enterrar nela. Porém, assim que deixamos o pequeno espaço vimos parado, na entrada da pequena escada, que nos levava ao convés de cima, o namorado estranho de Bella e, a julgar pelo seu olhar, ele sacou o que acontecia ali entre nós dois. Contudo, não me importando o cumprimento, sorrindo e, saí antes de Mellaine, retornando para junto deles.

Depois, quando retornamos para Nova Iorque, Giovani todo alegre me chamou em sua sala e, me deu ordens, de que eu trabalharia junto com Bella em uma fundação, em que os dois estavam criando juntos e foi exatamente nesse ponto que tive certeza, de que o namoro dele com Mellaine estava com os dias contados. Mas enquanto isso não acontecia coloquei meu plano em prática.

Sempre que ficava a par de algo que envolvesse Bella e Giovani eu aparecia no hospital ou no apartamento de Mellaine e antes de contar tudo

que sabia eu a *fodia*, cobrando dela o que queria e só depois lhe contava. E muitas das vezes a informação não era nada importante, mas eu fingia ser, só para ter o deleite de me enterrar na médica.

— Luca, você não vale nada. O que acha de tão importante saber que Bella e Giovani traçaram um plano de estratégias de marketing para essa maldita fundação? — com meu pau todo enterrado dentro dela, sentada sobre mim, com a saia branca de linho toda enrolada na cintura, a calcinha de renda branca afastada para o lado, acabava de lhe dar a informação. Sei que isso não interferia em nada, mas a idiota achava mesmo que com minha ajuda ou não ela se casaria com meu irmão.

Mellaine acabou me revelando em uma dessas noites que dormi em seu apartamento, o quanto desejava se casar com Giovani. Na hora tive um acesso de riso, mas foi momentâneo e me sentindo atizado pela ira *transei* com ela mostrando que eu era bem melhor que ele. Sentia muita raiva quando a ouvia fazer planos, sobre seu futuro e não me incluía. E a forma como mostrava-se convicta, de que conseguiria colocar uma aliança e ser a senhora Valentino, me deixava louco. E claro que não aceitaria e se caso, chegasse a esse nível, contaria a todos que eu *comia* a mulher do meu irmão, bem embaixo do nariz dele e acabaria com essa palhaçada de uma vez.

Se Mellaine não fosse minha, não seria de mais ninguém.

Sei que isso acabaria com ela, mesmo *trepando* comigo percebi que sentia algo pelo idiota do meu irmão. E ainda ontem quando ficou sabendo, que em breve Bella passaria uns dias aqui em Nova Iorque, a vi chorar, bêbada, dizendo que se sentia inútil e acabei ficando com pena.

Não me senti bem do jeito como Giovani estava usando-a. Sei que também o que eu fazia não era nada digno, mas eu a vi primeiro e não era

justo eu ter que ceder sempre para que tudo fosse em prol do “*querido Don Valentino*”.

Eu era bem melhor que ele. E será que Mellaine não percebia que estava sendo usada?

CAPÍTULO 4

Mellaine

Luca Valentino era um verdadeiro cretino.

Gostava da forma como o sexo entre nós dois era bom e prazeroso, mas o que queria mesmo era seu irmão mais velho e nada atrapalharia meus objetivos, nem mesmo uma *foda* com o delicioso bad boy. Tinha planos que tracei há quase um ano, quando ele saiu da minha vida, sumindo e me deixando de lado.

Agora tinha a faca e o queijo nas mãos. Era a minha fatia do bolo de chocolate. E Luca não me atrapalharia.

Estava ciente de que eu era um lado bem frágil nessa história, contudo, precisava mostrar o quanto era superior a Bella Dellatore e por isso passei a ser uma moeda de troca cada vez mais frequente para Luca Valentino, que me dava informações sobre a vida deles e de quebra uma coleção de lembranças recheadas das traições de Giovanni. Fiquei a par de tudo e da forma como foi e, ainda como bônus ganhava um sexo

maravilhoso. *Foder* com os dois irmãos era precioso; um era seguro e mantinha um lado meu sob controle, me fazendo sentir uma mulher poderosa, já o outro, era totalmente explosivo, perigoso e me fazia de pagamento para suas informações. Atiçando-me a entrar em uma teia de mentiras, colocando tudo a perder.

Além de estar me envolvendo com o caçula dos Valentino, também tinha o outro problema de nome Dellatore, um fantasma do passado de Giovani, que resolveu retornar. E, pelo pouco que fiquei sabendo, tinha certeza de que meu namorado não deixaria passar a oportunidade de ter Bella novamente, precisava ser mais esperta do que eles e evitar que nada disso chegasse a acontecer.

Se não fosse por isso estaria tranquila.

Don Valentino estava na idade de querer um namoro mais estável e assumi perfeitamente esse papel: o de namorada calma, emocionalmente equilibrada, uma amiga e amante. Essas eram as vantagens que Bella nunca proporcionou a ele. Porém, desde o casamento de Raffaello, a presença de Bella, mesmo que de longe, tem sido preocupante, a vadia Dellatore tem se mostrado mais presente do que é necessário. E por isso, quando senti o perigo rondando, firmei o pacto com o verdadeiro capeta: Luca Valentino. *Transo* com ele em troca de informações, às vezes, sei que são inúteis, entretanto, aproveito o bom sexo que temos.

Sei que em muitas vezes ele acha que está se aproveitando de mim, na verdade, quem aproveita muito mais nessa situação sou eu e, vê-lo deitado adormecido na minha cama, totalmente nu, somente com o lençol branco cobrindo o volume da sua ereção era uma perdição completa. Tudo em Luca era sexy e másculo, desde seus traços angulares, sua boca bem desenhada, seus braços, seu abdome plano e definido, até a forma como dormia, tudo naquele cretino era simplesmente atraente. E como encontrava

esporadicamente com Giovani durante a semana, passei a desfrutar da companhia do irmão mais novo.

— Bom dia, doutora! — Encostei no batente da porta, entre meu quarto e o banheiro, observando-o a se esticar e se sentando um pouco, levando os braços para trás da sua cabeça. Era delicioso ver como o lençol moldava em seu corpo. Diferente de Giovani, Luca era mais magro e bem definido, com a musculatura toda desenhada, já seu irmão era mais musculoso. Uma diferença interessante e o físico do caçula certamente era o que mais me agradava, não gostava de homens muito atléticos e grandes.

Acompanhei olhando o fino trecho de pelos negros que desciam do meio do abdome até seu pau, outra particularidade que eu gostava bastante era a maneira da curvatura quando estava ereto, não grande, nem pequeno, normal e grosso, a medida exata.

— Bom dia. Está na hora de você ir embora — disse secamente, relembrando da forma como foi intensa nossa noite e isso tudo pela simples troca de informação, de que Giovani estava falando por telefone quase todas as noites com a desgraçada da Dellatore, que procurava todos os dias ter um motivo para tal. Mesmo frustrada tive minha dose de calmante com o diabo Valentino. Uma *trepada* fantástica.

— Tenho ainda tempo e gostaria muito que terminasse meu pagamento por hoje. — Remexendo lentamente, me tragando com seu olhar firme e sua mandíbula toda contraída, reparei o quanto estava excitado quando tirou o lençol, descobrindo-se e, vê-lo assim, sensual e perigoso, me deixava excitada na mesma proporção que ele ou até mais.

— Tudo bem, doutora. — Sentou-se na beirada do colchão e levantou em seguida, não olhando para mim, mas em vez de se vestir veio na minha direção e ficou parado a centímetros, me olhando e fazendo com que seu pau em rijo encostasse na minha barriga. — Só acho que sua sexta-

feira vai ser melhor se eu te *comer* antes de encarar seus plantões, afinal, não vai ser *fodida* pelo trouxa do meu irmão até domingo mesmo e sei que é uma safada que gosta de *tregar*. — Ergui um pouco a cabeça para olhá-lo e isso só o motivou a me beijar e sugar meus lábios, tragando-os. Suas mãos já me juntavam, apertando para colar seu corpo no meu.

Sentindo o calor da sua pele tive a camiseta arrancada pela cabeça com tudo, não o impedi, simplesmente me deixei ser levada pelo automático. Luca Valentino era hipnotizante, manipulador e me fazia ceder com seu toque possessivo e imperativo.

Gemi em sua boca enquanto me mordida na curvatura do pescoço e me virava, empurrando e conduzindo meu corpo de volta para a cama.

— De quatro, Mell. — Ordenou. Sem chances de travarmos um embate, me virei e engatinhei para o centro do colchão. Meu corpo era submisso a qualquer som da sua voz ordenando para me dar o que ele queria com maestria. — Quero me afundar nesse *rabo* gostoso.

— Agora não. *Coma* a minha *boceta* antes. — Falávamos como igual, era sujo e depravado e isso tornava muito melhor a forma como nossa troca procedia. Falar assim já me deixava a escorrer *litros*, pronta para recebê-lo e, olhando por cima do ombro, procurando ver o que estava fazendo, o vi deslizar o látex sobre seu pênis inchado e todo babado.

Foi intenso como sempre, em uma arremetida firme, com suas mãos em minha cintura segurando minha bunda em sua pelve, entalada por ele até a base.

— Ainda é capaz de dizer que não quer. — Sua risada foi suave e sexy. — Vagabunda safada. — Tentava não mostrar o quanto gostava desse tipo de prazer com ele, contudo, sempre gostei do sexo e com Luca era muito bom, não tinha como negar que o Valentino menor era o fogo do

inferno e levava qualquer mulher a pecar quantas vezes fosse necessário por causa do seu pau gostoso.

Contraí e o senti movimentar-se, retirando lentamente e voltando com força, chocando nosso corpo. O barulho produzido ao chocar sua pelve na minha bunda me molhava mais, sentia seu pau deslizar molhado e quente. Nossos gemidos abafavam o som de nossos corpos me levando a loucura, sua mão possessivamente apertava mais minha cintura e com a outra senti molhar meu ânus, após cuspir nos dedos e, com movimentos circulares estimulou-o, me levando a ficar pronta para gozar. Deitei a cabeça na superfície da cama dando-lhe mais acesso e com o ritmo de suas estocadas aumentando naquele momento. Todo meu corpo começou a reverberar e senti meu ventre se contrair. Me desfiz com as sensações de prazer, gemendo alto quando enfiou em mim o dedo, *fodendo* meu ânus e *moendo* minha vagina com seu pau.

— Luca! — chamei por seu nome e pude sentir seu sorriso ampliando, cantando sua vitória, o desgraçado já conhecia meu corpo como ninguém e sabia que estava gozando e para me castigar mais retirou o dedo e tornou a me segurar pela cintura, encurtando as investidas em mim, chocando-se brutalmente.

— Quietinha, doutora. Vou gozar *metendo* fundo em você, vagabunda gostosa. — Investida e mais investidas, fui castigada prazerosamente e logo escutei seu urro, me alargando mais com seu pênis inchando dentro de mim pulsando. Ergueu-me com uma mão em minha barriga, trazendo minhas costas, colando-a em seu peito e com a outra moldou meu seio todo dentro dela; amassando-o pude sentir suas últimas contraídas de gozo quando me mordeu na nuca. — Caralho, Mell. Mesmo que seja só um pagamento sua *boceta* continua sendo muito boa.

— Isso por que para você ela teve um prazo de validade. — No meio dos seus braços senti como ficou tenso e me soltou, me jogando de volta na cama, saindo de dentro de mim sem dizer nada, emburrado e me dando as costas.

— Vá se *ferrar*, Mellaine. — Não sei o porquê desse comentário, mas ainda me ressentia com ele da forma como fui tratada.

— Você mesmo que disse e agora vai ficar bancando o santo. Só repeti suas palavras.

— Deu a minha hora, mesmo que sua *boceta* seja como queijo francês vencido, bom de se comer, ainda que fora do prazo de validade, mas o meu prazo por aqui já deu. — Sem me olhar atravessou o quarto até suas roupas jogadas sobre a cômoda no canto e vestiu a calça primeiramente, com pressa jogou a camiseta no ombro e sentou na beirada do colchão para calçar os sapatos, me deixando ali, nua, jogada na cama, como seu eu fosse uma prostituta. Então saiu sem me olhar e dizer mais nada. Não era sempre assim, mas ultimamente comecei a dar mais importância na forma como cafajestemente ele me tratava, me incomodava que seu tratamento comigo era como moeda de troca. Sei que era responsável por isso, mesmo assim, ainda não me sentia confortável com essa situação.

Deixei de lado qualquer coisa que pudesse me afetar em relação a Luca Valentino e fui me trocar para trabalhar, teria um fim de semana de plantão e não estava afim de ficar remoendo a forma como ainda estava ressentida e como havia sido deixada por ele, era sexta-feira e com certeza o pronto atendimento daquele hospital seria aquele caos.



Tinha acabado de almoçar e estava lendo, matando um pouco de tempo até voltar para os atendimentos, foi quando meu celular sinalizou sonoramente uma mensagem de texto de Luca e antes de lê-la imaginei o que seria: Claro que nenhum tipo de desculpas, perdão ou rendição por parte dele jamais viria assim tão fácil. De uma coisa sabia, é que o bad boy ali era um completo egocêntrico, mesmo que isso não importasse para mim; então nunca me preocupei ter dele alguma misericórdia, ao contrário, poderia esperar dele um silêncio com vários dias de orgulho ferido, era esse seu comportamento e agia friamente comigo, mas agora fui surpreendida com menos de 12h por uma mensagem sua.

Bastante curiosa, alcancei o celular sobre a mesa e desbloqueie a tela.

“— Doutora, se prepare, pois Bella Dellatore está chegando em algumas horas, o bebê de Alicia e Raf está nascendo. Não deveria te informar, mas melhor do que te ignorar hoje vai ser essa sua cara de desesperada por causa dela e Giovani sozinhos. Kkkk... Tenha um ótimo fim de semana de plantão. Obs: Não estarei disponível hoje, tenho um encontro com uma modelo. Quem sabe amanhã estarei livre se a bocetinha dela não me conquistar e vencer a sua. kkkkk Bjs.”

Desgraçado, a forma como escreveu a mensagem me deixou com mais raiva dele, se tivesse me ligado e não mencionado seu encontro talvez eu não me importasse tanto com a presença da *vadia* Dellatore. Mas era muito cara de pau dizer para mim que passaria a noite *comendo* uma modelo. Não que isso fosse importante, mas saber que ele não estaria disponível para mim me deixava frustrada.

Aborrecida digitei a mensagem rapidamente.

“ — Sensacional sua capacidade de nunca arrumar algo que preste para foder. Não preciso de você, vou me virar sozinha, vá trepar com suas

vadias, assim é bom que não preciso vê-lo.”

As duas novidades de hoje me incomodaram mais do que o normal. E para solucionar ao menos uma, tentei convencer vários colegas a fazer uma troca de plantão comigo e consegui com um novato a minha substituição para hoje à noite. Ao menos com isso estava tranquila, se Giovani estava achando mesmo que ficaria solto por aí estava enganado, não permitiria que ele ficasse sozinho com Bella. Agora Luca, infelizmente, esse eu não poderia fazer nada, mas ao menos eu teria uma folga e estragaria qualquer plano que meu namorado tivesse armado.

E por falar em Giovani, o mesmo sumiu, não me deu nenhuma notícia a não ser pela breve mensagem de bom dia e ótimo plantão, só, mais nada durante o dia todo, nem para me avisar que seu sobrinho estava nascendo e, assim que fosse o meu horário de café mandaria uma mensagem contando a novidade, que estaria livre para ele essa noite. Agora o que me deixou mais irritada foi Luca me ignorar e agir debochadamente. Ele sempre fazia assim quando o clima entre nós ficava tenso. A capacidade que tinha de me desestabilizar era imensa, ainda mais, quando estaria na companhia de outra mulher e mesmo que não fôssemos nada me senti péssima, não gostava de saber sobre suas saídas, só de pensar ele *fodendo* qualquer vadia por aí já era um bom motivo para querer esganá-lo.

— Doutora! — Estava pensando que logo quem precisaria de uma correção seria ele e não percebi uma cabeça surgindo entre o vão da porta entreaberta. — Já podemos recomeçar o atendimento? — A assistente de meia idade me perguntou. E lá se tinha ido todo meu horário de almoço e para me ajudar não liguei para Giovani hoje. O mesmo também não me avisou sobre o nascimento do sobrinho. Infelizmente, precisava retornar ao atendimento e na hora do meu café tentaria falar primeiro com ele, quem

sabe até lá eu receberia uma mensagem ou poderia mandar uma, com a desculpa de avisá-lo sobre hoje à noite.



Foi tudo muito corrido que não percebi como as horas passaram rapidamente e quando tive a oportunidade, saí para tomar café e, ao voltar, me esperando, tinha uma visita inusitada no consultório em que estava atendendo.

— O que faz aqui? — Fechando a porta um tanto irritada fui até Luca, que estava sentado com as pernas cruzadas em cima da mesa. Sem pensar juntei as duas e as tirei de cima, jogando-as de volta para o chão e forçando-o a se sentar direito.

— Tenho novidades quentes para você, doutora. — Luca se endireitou na cadeira com meu carimbo na mão, apertando-o contra o papel sobre a mesa sem ainda olhar para mim.

— Aqui eu já disse que não! — Cruzei os braços na altura do peito ficando ao seu lado, em pé.

— Fica muito gostosa de branco. Acho que estou morrendo e preciso de um *boca a boca*. Uma ressuscitação respiratória imediatamente. — Incrédula com a tamanha falta de discrição, bati em sua mão quando ela começou a subir pelas minhas pernas. Maldita hora em que coloquei essa saia lápis para vir trabalhar.

— Deixa de ser idiota — Tentei afastar, mas suas mãos foram mais rápidas e me agarraram pelas pernas e, como se fosse mágica, o diabo Valentino me trouxe para seu colo. Debati na esperança que me deixasse levantar, mas foi em vão, já estava aprisionada, sentada sobre suas coxas

firmes embaixo do jeans escuro. Confusa e com raiva, espalmei minhas mãos em seu peito e tentei mais uma vez me afastar, por mais que eu colocasse força eu não conseguia me mover, seus braços travaram meus movimentos na mesma intensidade que sua mão, agora no meu pescoço, forçando-o na direção do seu rosto.

Notando aonde chegaríamos, virei o rosto para o lado.

— Não! Já disse que aqui não. — Depois da minha negativa senti seus braços perderem as forças e me senti mais livre, porém, ainda continuava sentada em seu colo.

— Tudo bem, Mellaine. Já entendi. — Até aquele momento Luca sorria e mesmo gostando da forma como seus lábios se desenhavam em seu rosto, eu não poderia permitir que alguém nos flagrasse ali. — Uma pena por que tenho certeza de que vai gostar de saber o que me trouxe aqui. — Ele tornou a insistir, entretanto com uma abordagem diferente ao tentar invadir com as mãos por debaixo da minha saia, subindo o tecido um pouco pelas minhas coxas.

Bati em sua mão, tentando agora com mais desespero sair dali.

— Você não tem noção das coisas Luca? Você não tem direito de vir aqui e achar que vou abrir as pernas quando quiser. Namoro seu irmão. — Com dificuldade consegui me desvencilhar e me colocar de pé. — Se alguém entrar pode complicar as coisas.

— Esqueci você é a doutora certinha do andar. Será que ficariam chocados por saber que a médica exemplar *trep*a com o irmão mais novo do seu namorado? Para mim não estou nem aí para vocês dois se quer saber.

— Cala a boca, para de ficar falando essas coisas por aqui. Eu amo o seu irmão e não quero perdê-lo por sua causa — repreendi-o diminuindo meu tom de voz e com isso novamente eu o vi mudar sua postura despojada para seu lado sombrio. O pouco que estivemos juntos observei que algumas

atitudes suas eram extremamente maliciosas, inclusive quando era para ofender alguém.

— Pagando de santa, Mellaine? Qual é? *Fode* comigo por uma troca de informações e agora quer se fazer de recatada. Nos poupe dessa sua mediocridade, não passa de uma vagabunda desesperada para dar o golpe do baú no trouxa do meu irmão. Nesse momento, seu querido namorado está com a mulher da vida dele tomando café na cafeteria desse hospital. Está lá babando em cima dela.

Respirei fundo digerindo a informação que acabava de me dar no mesmo momento que sorria ao focar seus olhos no meu, como se sentisse prazer no meu desconforto.

— Ver sua cara de fracassada é a melhor, Mellaine. E a partir de agora as coisas serão do meu jeito ou contarei para meu irmão que *fodo* e faço a namorada dele gozar gostoso já fazem três meses.

— Você não teria coragem. — Acho que me denunciei quando disse que não teria coragem de contar sobre nós dois para seu irmão. — Giovani acabaria com você.

Engoli em seco sentindo que não falava da boca para fora.

— Acha mesmo que tenho medo dele? — Na mesma hora que era ameaçador, Luca debochava da minha reação amedrontada e sorriu se divertindo. — Hoje à noite não vai estar livre para ele, venho te buscar. Já sei que deu um jeito de alguém substituir você, o outro doutorzinho esteve aqui para confirmar se realmente queria fazer a troca. Não vai me usar sem que eu te use, Mellaine. Se prepare, hoje vai *foder* a noite inteira e é comigo. — Antes que falasse algo e me colocasse contra sua imposição fui calada pela boca do bad boy e, assim, tive a certeza de que perdi esse embate. Não poderia correr o risco de perder minhas chances com Giovani por causa de um capricho do seu irmão.

O que seria só uma noite dele com Bella, não teria nada demais.
Giovani não bancaria o babaca comigo assim.

CAPÍTULO 5

Luca

Mellaine não vai me fazer de idiota como tem feito Giovani, independente da motivação dela, a minha não é a mesma, eu a quero muito e não vou deixar passar batido. Que se foda Giovani, mais uma vez ele não vai ter nada do que é meu.

Deixei o hospital depois de passar um tempo ao redor da minha família e do recém-nascido de Raf, a sensação de vê-lo alegre com sua família me deixou certo que algum dia serei eu, por enquanto ainda não vejo motivos para me amarrar a um filho, mas que a sensação de ser tio foi ótima, isso foi.

Minha família estava crescendo e ainda bem que aquele velho maldito não estava mais vivo para estragar o moleque e, mesmo com seu pedido de perdão ao *bater as botas*, quando me chamou na beirada do seu leito, ainda não me causava nenhum afeto pelas lembranças que ainda eram tão vivas em mim. Quantas vezes me chamava para perto só para me chamar de frouxo, ou de derrotado, foram inúmeras vezes que me segurei

para não cuspir todo meu ódio contra ele. Passei anos me questionando o porquê dele ser assim comigo.

O que fiz?

Por que não fui uma menina?

Passei minha vida o escutando engrandecer Giovani, enquanto eu era um *zero à esquerda* nas suas vistas. A única que queria meu bem era minha mãe, a minha rainha. Não teve um dia sequer que eu a ouvisse me dizer que seria um grande homem e hoje não é nenhum deles que vão decidir o que serei e quem terei. Não darei Mellaine de mão beijada para Giovani, sei que o desgraçado não está nem aí para ninguém, ainda mais depois que a sua querida Bella voltou, ele não tem mais olhos para nada e sei que isso deve estar mexendo com Mellaine. Ela não merece ser enganada assim, só que a trouxa não enxerga o que todos nós estamos vendo; logo vai ser descartada como lixo, ainda mais por não pertencer ao nosso meio.

Será mesmo que ela acha que vai casar com um *Don*?

Mellaine está se iludindo. Nesses três meses, passando tudo que meu irmão fazia para ela, tentei mostrar que ele não estava nem aí para ela, mas essa noite eu provarei que sou o melhor Valentino.

Pensei em tudo quando pedi a Marco que me emprestasse sua cobertura, mandei que decorassem com algo romântico, rosas e muita champagne. Ali mostraria que sua melhor opção era eu e não o ferrado do meu irmão.

— Boa noite, doutora. Sem atrasos, boa menina! — Mellaine estava saindo pela porta lateral do hospital.

Por sua expressão ao me ver parado ali, encostado na lataria do carro, tranquilamente, poderia se dizer que, a morena a minha frente se pudesse me mataria só com seus olhos; olhos das cores dos meus, um

castanho simples, mas que vibravam de paixão em todas as vezes que a via chegar ao limite do seu prazer.

Gostava da forma como era, não me importava que era cinco anos mais velha que eu, o que me importava era essa química explosiva que tínhamos, sem contar, que tudo em Mellaine me atraía de uma forma enigmática, inexplicável, pois não era nenhuma modelo, mas era bonita, com os cabelos castanhos claros, longos até a metade de suas costas, o corpo delicado e sua estatura não era muito baixa e nem alta, era a medida certa para estar entre os meus braços e sua boca no alcance da minha .

Mell caminhava em minha direção carregando a bolsa embaixo do braço, em uma mão o jaleco branco dobrado e na outra uma sacola de papel.

— Não se cansa, Luca? Para que fazer isso comigo? Concordei em vir, só para te falar que não quero mais, faça o que você bem entender. — Antes que pudesse me manifestasse aproximou e despejou toda sua frustração em cima de mim. Sei que deveria estar furiosa comigo, mas a forma como disse me afetou, despertando em mim um sentimento horrível de perda.

— Está falando da boca para fora — respondi desencostando do carro deixando o pequeno espaço entre nós menor ainda.

— Não estou. Estou de saco cheio de me submeter ao que você quer, estou traindo seu irmão e não vê o quanto isso está me afetando. Eu não quero mais, gosto do Giovani, vou lutar por ele com o pouco que tenho. Sei que jamais estarei à altura da Dellatore, mas se ele quisesse já estaria com ela. E não! Está comigo e vou fazer disso o elo forte a meu favor. Estou cansada de tentar me coagir dessa maneira.

Mellaine estava dizendo da boca para fora, sua feição a denunciava e diante da sua seriedade vi que não poderia forçá-la a fazer minhas

vontades, seria o mesmo que virar as costas e deixar o caminho livre para outro, e isso, era algo que não faria em hipótese alguma.

— Tudo bem! — Disse ao me virar, dando as costas para ela, evitando realmente que visse qualquer sinal de fraqueza em mim. Não poderia sequer mostrar o quanto me abalou ao me rejeitar dessa forma e, mais uma vez por causa de Giovani. Mais uma pessoa que me deixava por causa dele. E era por isso que decidi, que Mellaine seria minha.

— Sêrio? — Vi a dúvida estampada quando me virei e a vi com os olhos amendoados, assustados e arregalados, incrédulos, olhando para mim com a boca entreaberta. Um delicioso convite para eu beijá-la, contudo agora era ser cauteloso como uma cobra e dar o bote na hora certa.

— Sim — pisquei e tentei oferecer meu melhor sorriso ao apertar carinhosamente sua bochecha.

— Não está falando da boca para fora?

— Não, a não ser que você disse.

— Não! Falo a verdade, porém não quero ser sua inimiga. — Tentei expressar que não estava nem aí.

— Já que não quer, ao menos jante comigo essa noite e deixo você ir, sem ameaças e coações. — Levantei a mão, mostrando rendição. Na verdade, eu estaria colocando-a onde exatamente queria.

— Está vendo, você acha que sou idiota.

— Claro que não, Mell, um jantar, uma despedida e te deixo em paz.

Enquanto ela se decidia, me encarando e analisando, não esperei e saquei o telefone do bolso da calça e apertei a discagem rápida para um dos meus irmãos.

— *E aí!*

— **Fala anormal!** — Era Marco na ligação, mas a faria pensar que estava marcando um encontro com outra pessoa para mais tarde.

— *Aonde estão?*

— **Indo buscar Bella, precisa de ver a cara do babaca do Giovanni.**

— *Vou jantar com uma garota e mais tarde encontro você.* — Encerrei a ligação e voltei toda minha atenção para Mellaine. Claro que não iria e dar brecha para ela ir atrás do babaca do meu irmão.

— Não precisa fazer isso.

— Fazer o que?

— Combinar de sair com outra na minha frente.

— Está com ciúmes, doutora? — ri, dando as costas novamente para ir até o carro e abrir a porta do passageiro. — Não se preocupe é só para provar que estará livre em poucas horas. Já tenho compromisso para mais tarde e não vou te prender a noite inteira na minha presença. — Tentei mostrar-me um pouco ressentindo, como se estivesse sendo rejeitado. O que de fato eu estava mesmo.

— Não tenho ciúmes, você sabe muito bem disso. E é só um jantar. — Mellaine disse sentindo como se estivesse no controle da situação. Deixaria que pensasse assim, mas tudo estava saindo da forma como eu queria.

Esperiei que entrasse no carro e fechei a porta para depois contornar e sentar ao seu lado.

— Aonde vamos? Estou com fome!

— Vamos a um lugar especial. — Sem dar detalhes para onde a levaria, conduzi o carro atravessando todo o centro de Nova Iorque enquanto Mellaine, na hora, percebeu onde estávamos chegando.

— Por que me trouxe aqui?

— Porque eu já tinha mandado preparar tudo. Já que vamos jantar qual vai ser o problema de ser aqui? — Entrava no subsolo do prédio com o

carro, indo para a vaga principal da cobertura quando tornou a falar.

— Você acha que sou idiota? Como fui cair nessa sua conversinha, Luca?

— Está louca, Mellaine. É só um jantar. — Desci do carro e fiquei esperando que descesse e assim que resolveu sair, vendo que não tinha outra opção, a segurei e a trouxe para meus braços; sem permissão deixei meus lábios pressionarem os seus e os movimenteí, beijando-a da forma como quis fazer durante o dia todo. Mellaine acabou cedendo e me devolveu sua língua na minha com a mesma intensidade, sendo possessiva.

— Essa é a nossa despedida, vamos voltar a ser cunhados, mas não agora. — Com o corpo a empurrei e a prenei na parede, não dando a oportunidade de falar nada. A beijava com a necessidade absurda de provar o quanto eu era melhor e suficiente para ela.

A forma como sua boca se encaixava dentro da minha era como se fosse a combinação perfeita de chave e fechadura. Era complexo a forma como Mellaine despertava sentimentos e sensações em mim, era diferente do natural, algo mais carnal, como uma combinação de gostos e sabores.

— Eu sabia que não poderia confiar em você, Valentino — sussurrou com seus lábios apertados pelos meus.

Era completamente incoerente a forma como não me queria e ao mesmo tempo traía sua própria convicção.

— Aproveita, doutora, vai ser a última vez. — Obediente, suas mãos agarraram meu cabelo quando deslizei minha boca para o pequeno espaço de pele, entre o ouvido e o ombro. Mordisquei e chupei levemente, traçando uma linha de volta para sua boca.

Fomos interrompidos pela luz, ascendendo automaticamente com a entrada de outro carro.

— Vamos subir e jantar — ordenei. E saiu a minha frente em direção ao elevador.

— Você sabe que essa vai ser a última vez — disse Mellaine ao entrarmos no pequeno espaço da caixa do elevador. Sem lhe responder, sorri. Era inocente em pensar que seria a última vez. Eu a teria completamente para mim, sem Giovanni no meio. A mulher estava sem saber que seu querido namorado poderoso estava nesse exato momento pegando sua ex para saírem a noite e, pelo visto, o mesmo nem sequer estava preocupado com o compromisso dos dois, mas jamais eu lhe daria essa informação.

— Sem problemas, Mell. — Assenti, concordando. Era melhor deixá-la pensar que assim seria, de modo algum eu daria munição e força para a mesma querer um embate agora.

Daria a melhor noite da sua vida e depois daria minha sacada final. Não foi à toa que passei boa parte da tarde preparando como seria hoje.

Pedi que arrumassem uma mesa próximo a piscina e jantaríamos tranquilamente, deixaria tudo mais íntimo, mesmo que eu estivesse doido para *fodê-la* faria tudo no tempo certo.

Estávamos um ao lado do outro em silêncio. Observava sua inquietação ao digitar uma mensagem com o celular nas mãos.

— Algum paciente? — Arranquei o celular da sua mão desligando a tela. — Eles podem esperar, não está mais de plantão. — Coloquei o aparelho no bolso sentindo-o vibrar ao desligar o sistema.

— Você é louco? — Mellaine avançou para cima de mim, primeiramente, tentando arrancar o celular das minhas mãos e depois tentando tirá-lo do meu bolso. — Me devolve, Luca.

— Não! Essa noite é a minha última e quero exclusividade.

— Estava tentando falar com seu irmão. Sou exclusiva dele. — Ao me dizer que era exclusiva olhei-a rindo da situação.

— Menos, Mellaine. Eu *fodo* mais você do que ele, não se esqueça. E todas as vezes que estou dentro de você, sequer lembra que é namorada do meu irmão. Então menos hipocrisia da sua parte.

— Sou sim, você me forçou a essa situação.

— Forcei? — Me aproximei, acuando-a contra a parede de metal e espelhada. Presei meu corpo contra o dela e segurei em seu queixo quando quis desviar os olhos do meu. — Responda doutora? — A encarei enquanto deslizei uma das minhas mãos por sua coxa sedosa, subindo toda a saia, até encontrar o “v” entre suas pernas. Facilmente consegui ultrapassar o elástico da calcinha e senti o risco de pelos desenhado em sua vagina. Escorreguei o dedo passando por cima do clitóris e abrindo os lábios da *boceta* já úmida. — Mentirosa!

Incitei, movimentando e esfregando a terminação nervosa toda molhada.

— Acha que engana quem, Mellaine? — Retirei bruscamente o dedo lambuzado e levei até sua boca e enfiei com tudo dentro da cavidade. — Chupa! — Mellaine era uma massa manipulável quando eu estimulava o prazer e naquele momento fazia dela o que queria, mesmo que me rejeitava. Sua convicção era completamente traída por suas ações. Seu corpo me dava o que pedia sem hesitar. — Você é uma puta safada.

Era como uma escrava, não contrariava, me dava o que pedia. E agora deslizava meu dedo para dentro da sua boca como se fosse meu pau.

— Idiota! — Ri assim que retirei meu dedo bruscamente ao sentir o elevador parar no 24º andar, na cobertura de Marco. — Por isso é um *merdinha* que gosta de *ferrar* o irmão.

— Não ligo, pode xingar e falar o que quiser, contanto que rebole esse rabo bem gostoso no meu *cacete*. — Inclinei a cabeça, mandando-a ir na frente assim que as portas revelaram a enorme sala a nossa frente.

Mellaine poderia falar o que quisesse em relação a Giovani e fazer suas malditas comparações, já o fizeram muito no passado e, queria mais que meu irmão mais velho se *ferrasse*, pouco me importava o que ele falava.

CAPÍTULO 6

Mellaine

Possessa e com tesão.

Essas eram as palavras que definiam como estava.

Luca não tinha o direito de fazer e me coagir dessa maneira, por isso dei um ultimato a ele.

Foi da boca pra fora?

Sim. Não tinha certeza nenhuma que daria certo, falei que seria a última vez e pronto acabou. Não deixaria mais que me manipulasse da forma como estava fazendo. Se quiser contar tudo a Giovani, que contasse, mas sei que não faria isso, por mais que ele tivesse esse jeito: de que se *fodam* todos. Luca jamais assumiria uma traição contra o chefe da sua casa. Em uma família normal isso causaria uma situação ruim, contudo, dentro da Máfia, significaria uma grande afronta e traição. E Luca não sabia que tinha conhecimento de quem eram os Valentino e do que representavam na divisão da Máfia nos EUA. E em posse dessa informação deixei bem claro

minha posição ao entrar em seu carro, porém sentir seu perfume, tão de perto, fez com que eu cedesse somente mais uma noite.

Sei que não deveria estar com o filho do diabo, pois essa noite poderia custar meu relacionamento com seu irmão mais velho.

O bad boy me fazia agir por impulso a cada vez que aparecia na minha frente.

Quando ficamos pela primeira vez confesso que estava caidinha e fiquei muito chateada quando me trocou, como se fosse uma roupa usada, mas ele era assim: um completo babaca, mimado, infantil, com o ego maior que seu pau e, nada do que falava e jogava na sua cara o abalava. O caçula dos Valentino mostrava ser o pior dos narcisistas que já conheci e, mesmo assim, despertava em mim algo mais profundo que Giovanni havia conseguido.

Não conseguia definir o que era, mas me sentia diferente; de maneira como se eu tivesse mais vidas, era perigoso e excitante, nada simples, como era estar ao lado do mais velho. Negava a todo momento que estava sentindo algo a mais por Luca. Tentava definir essa mistura de sentimentos como um louco tesão, uma atração perigosa e proibida, por isso eu cedi todas as vezes, mesmo que eu quisesse cortar sua garganta.

— Deveria ir embora e dar um *foda-se* na sua cara — disse assim que entrei na enorme sala do apartamento.

Já estive ali uma única vez, foi no réveillon de 2009/2010 e toda essa pompa me deslumbrou, porém hoje estava diferente, um ambiente mais aconchegante com velas acesas por todos os pontos, uma iluminação agradável, misturada ao cheiro das fumaças perfumadas, um perfume de canela com maçã. Havia ao lado esquerdo no canto um homem, vestido de terno preto, que provavelmente nos aguardava. Percebi que de fato o filho

do diabo estava realmente com boas intenções, provavelmente querendo me impressionar.

E, voltando para encará-lo, me virei, ficando encostada em seu corpo. Particularmente próximo demais para ser racional e mandá-lo ir aos quintos dos infernos. Essa aproximação era absurdamente perigosa e sem que eu percebesse já estava completamente tragada e atraída a puxar sua boca e beijá-lo da forma como queria.

Não poderia e teria que me manter firme.

Deixar-me ser levada por um sentimento ilusório, não me garantiria ser a senhora Valentino e vingar meu pai. Era necessário que meu coração entendesse e falasse a mesma linguagem racional que meu cérebro estava falando.

Nada de sentimentalismo ou achar que o passado pode ser apagado por um sorriso atraente. Luca sorria com um dos cantos da boca e com uma das grossas sobrancelhas arqueadas, afirmando que já sabia o quanto estava atraída por ele.

— Mas você não vai. Não é louca o bastante, Giovani não vai te perdoar. — Ele tinha razão. Giovani jamais me perdoaria se eu o traísse, ainda mais, sendo com seu irmão mais novo. Porém Luca não tinha a posse do verdadeiro conhecimento e das minhas motivações para querer ficar com seu irmão.

Queria tirar tudo que os Valentino conquistaram e a melhor forma seria estar dentro e não inalcançável como estava antes de estar com Giovani. Tentei ir através de Luca, mas o mesmo não me quis e, agora estamos aqui; eu sendo refém de suas ameaças, em troca de informações, colocando tudo em risco.

Não sabia o que fazer. Tentei usar do contrário, mas o bad boy estava irredutível e como em todas outras vezes cedi, tentando achar uma

melhor saída.

— Está vendo, é uma medrosa. — Nos encarávamos e, em vez de se afastar, comecei a me trair com pensamentos de que minutos atrás Luca estava com seu dedo dentro de mim, me deixando com tesão e pronta para tê-lo. Seu toque em mim era minha amnésia e me deixava a mercê de sua vontade.

Eu precisava resisti-lo de todas as formas. Mas como? Se ao me tocar já me deixava ser levada descaradamente. Ele sabia que era minha fraqueza; e por isso sempre permiti que ficasse durante as semanas e mentia para mim, que era só um “pagamento”. A verdade é que eu não poderia permitir mais isso. Precisava lembrar do quanto um ano foi maravilhoso estar na presença do seu irmão. De como era me sentir uma mulher segura e de como era estável.

Luca era só uma aventura, quem eu queria era seu irmão. Meu propósito era Giovanni e não estar envolvida emocionalmente com um playboy que só se preocupava consigo mesmo.

— O que você quer? Por que faz isso comigo? Qual seu propósito?
— Resolvi que estava na hora de saber o que Luca queria, se antes foi ele mesmo que me colocou para escanteio.

Aguardei-o responder, não desgrudando meus olhos dos seus. De cara fechada, tentando me tirar do rumo novamente, contemplei-o sorrir. Seu sorriso malandro se transformou numa verdadeira gargalhada me deixando irritada.

— Gosto de *tregar* com você, doutora. E não costumo dividir nada do que é meu com ninguém. — O que me dizia? Eu não era sua. — Vamos jantar. — Luca não levava nada a sério, ou seria uma máscara para esconder o que realmente queria gritar para o mundo inteiro saber?

Não tinha muito o que encaixar quando tentava entender os porquês. Da minha parte, eu tinha meus motivos muito as claras, primeiramente era minha ambição de ver todos eles caírem e segundo era a atração que sentia.

— Tento te entender, mas não consigo.

— Não tente, nunca vai chegar a alguma conclusão. Quero comer, estou com fome e não é de você, querida. — Sua mão foi parar na base das minhas costas e forçando-a, senti empurrando, me conduzido mais para dentro do apartamento.

Por isso, Luca nunca seria minha escolha. Estar com ele era caminhar por um labirinto escuro e sem saídas. Agora mais que nunca estava certa que queria estar com seu irmão.

— Desculpa, mas preciso encontrar Giovanni, não quero ficar — Desvencilhei da sua mão e me coloquei em direção de volta ao elevador.

Agora seria tudo ou nada.

Luca se colocou a minha frente e não permitiu que apertasse o botão para chamar o elevador.

Foi tão rápido.

— O que pensa que está fazendo? — olhei para sua mão segurando meu pulso e em seguida para seu rosto.

— Não vou ficar com você, vou ir atrás de Giovanni. Não consigo mais. Não entendo por que quer tanto trair seu irmão assim.

— Minhas razões não cabem em seu julgamento. — Sua mão começava a apertar meu pulso e seus olhos ainda se mantinham no meu. Haviam mudado de extrovertidos para algo frio. Como se escondesse algo.

— Não consigo mais, não vou negar que sinto tesão em você, mas quero ficar com Giovanni. Eu amo seu irmão e traí-lo está me matando e não consigo compreender por que faz isso com ele. Olha como estou ficando.

Não sei como me sentia após falar, na verdade, gostava de Luca, mas aprendi na dor que nenhum deles valiam algo. Eram todos iguais ao desgraçado do pai e o bad boy era o mais parecido do que sabia do velho Don.

— Sai daqui vagabunda. — Luca soltou meu braço e ficou parado ao lado e cruzou os braços. — É uma puta mesmo, se vendeu como uma prostituta barata e agora está com remorso.

Senti minha saliva escorregar pesadamente na garganta, deixando toda minha boca amarga, quando percebi minha mão estava no rosto dele; não pesei a força com que dei o tapa, só senti o peso das suas palavras me machucando.

— Vai embora daqui. Você é uma idiota que não vê o que está na sua frente, tentei te mostrar que você nunca vai ficar com Giovanni, mas é uma iludida. Agora mesmo seu querido namorado está com a mulher da vida dele na boate. E você? Aí com a consciência pesada. São todos uns *ferrados* que se merecem.

— Você está dizendo isso por que eu não quero mais. — Em vez de retrucar Luca retirou o celular e tornou a tocar os números de alguém no visor. E ficou me olhando enquanto aguardava o seu telefonema ser atendido.

— *O que você quer Luca?* — Era a voz de um dos seus irmãos. E o desgraçado colocou no viva-voz, certamente para me atacar.

— **Está perto de Giovanni e Bella?**

— *Sim e não. Por que?*

— **Estava querendo ir, mas não estou afim de ficar vendo os dois se comerem com os olhos, é chato. Deveriam se pegar de uma vez.**

— *Eu que o diga, até deixei os dois sozinhos um pouco. Creio que hoje Giovanni não se segure e consiga o que sempre quis.*

— **E o que ele sempre quis?**

— *Que pergunta idiota, Luca. Por que quer saber?*

— **Por nada, curiosidade.**

— *Você mais que ninguém sabe que nosso irmão não vai sossegar enquanto não ficar com Bella de novo e dessa vez pelo jeito vai conseguir.*

— **Falou... Tchau!** — Encerrou a chamada e como se crescesse para cima de mim, seu corpo sobrepôs minha altura e me encurralou contra o botão que acionava o elevador.

— Você vale menos que eu pensava, Luca. — De certo imaginou que eu fraquejaria ao ouvir Marco alegando que Giovani estava determinado a ficar novamente com a Dellatore, porém o sentimento de posse que tive ao ouvir foi maior que o medo e o empurrei dando espaço para eu apertar o botão e chamar o elevador.

Luca só me fez ver que não permitiria que Giovani brincasse com minha cara, era para eu estar fazendo isso.

— Vai lá, que nem uma cachorrinha, para ver seu querido namorado rastejando por causa de outra mulher, ele vai te trocar na primeira oportunidade que tiver e eu não vou estar aqui. — Quando terminou de falar deu as costas para mim e com a sensação de que estava deixando algo para trás entrei para dentro da caixa metálica assim que as portas abriram.

Senti algo sufocante, como se alguém estivesse apertando minha garganta, me asfixiando e o espaço se tornava menor, na verdade, não era o sentimento de claustrofobia e sim a sensação de que algo foi arrancado de dentro de mim, como se começasse a faltar alguma coisa, nada representativo, mas necessário. Talvez fosse a maneira como consegui me libertar de Luca. Não esperei que fosse ser dessa maneira, contudo era o que queria e tinha que ser assim.

Eu queria Giovani e não Luca Valentino. Para isso eu brigaria de unhas e dentes e sei que o bad boy não colocaria a perder nada que pudesse colocá-lo em uma situação comprometedor com a Máfia.

Esperei e ainda pensando em tudo não lembrei que havia deixado algumas coisas minhas no carro dele e só me dei conta quando estava dentro do táxi, indo para casa. Quem sabe amanhã eu peça para alguém buscar para mim, ou possa ser que traga para mim; conhecendo o Valentino bad boy, poderia apostar minha alma que viria trazer com a desculpa de me atormentar mais. Porém, agora eu não tinha mais tempo para pensar, era correr para casa e me trocar. E assim que o carro estacionou na porta de casa, pedi ao motorista que deixasse o taxímetro ligado.

Subi ao terceiro andar do prédio em que morava para trocar de roupa rapidamente. Não prestei atenção em qual vestido coloquei, foi o primeiro que vi a minha frente, tinha uma certa urgência em chegar na *Le Bordon* antes que perdesse Giovani. Faria uma surpresa e sei que com Bella ele não passaria a noite.

Foi tudo muito rápido entre me trocar e descer. Maquiei e escovei os cabelos dentro do carro. O problema agora era minha ansiedade e o tempo, dois inimigos. Se passavam das 23h quando paguei o taxista na porta da boate. Um verdadeiro assalto o que me cobrou, mas não me importei, me dirigi ao segurança, o qual sabia sobre meu namoro com o dono e, assim que me reconheceu liberou a corda e passei na frente de todos na enorme fila que se amontoava.

Entrei olhando por todos os lados, não fui direto ao andar superior e, próximo ao bar, vi Marco conversando com uma morena de cabelos curtos e me senti aliviada por ver que Giovani não estava com Bella, mas ao me aproximar notei que de costas poderia ser minha rival, mas não era.

— Mellaine! — Marco me chamou com as mãos assim que me viu.

Aproximei e sorri cumprimentando a acompanhante de meu cunhado.

— Giovani me disse que estaria de plantão essa noite. — Notei que seu comentário foi um tanto alarmante.

— Troquei meu plantão, queria fazer uma surpresa a ele. Por falar, onde está Giovani? Agora mais que nunca acreditava em Luca e em tudo que me disse mais cedo, de que o irmão não pensaria duas vezes ao me trocar por seu antigo amor.

— Ele e Bella estão na área reservada. — Agradei-o e fui em direção as escadas sendo barrada por um dos seguranças que me reconheceu na mesma hora e saiu da frente da entrada.

Vasculhei todo local com os olhos, mas não vi nada, nem sinal de Giovani ou da outra. Já estava desistindo quando os vi.

Fiquei congelada, jamais pensei que sentiria ânsia de vômito ao vê-lo aos beijos com outra sentada sobre suas coxas. Meu estômago embrulhava na medida que a boca dos dois se contorciam sedutoramente. Tive vontade de ir até lá e tirar a mulher pelos cabelos. Precisava sair rapidamente dali, porém seus olhos pousaram nos meus e aquele sorriso cretino, que tanto me atraía, estava ali.

Vitorioso.

CAPÍTULO 7

Luca

Já havia se passado 20 minutos desde que Mellaine saiu e, por azar, estava aqui sentindo-me frustrado, sentado com o cigarro apagado no canto da boca e com o celular ligado, com o editor de mensagens aberto, em cima o destinatário: Mellaine. Rascunhei diversas vezes a mensagem e apaguei e as letras escritas que refletiam o que realmente sentia por ela.

“Gosto de você, preciso só de uma oportunidade para mostrar que serei melhor que Giovanni”.

Mais uma vez ele ganhava o que era meu, sempre foi assim, tirava tudo que eu poderia ter, e agora ela também.

Fiz de tudo e tentei que ficasse aqui hoje, passaríamos a noite toda juntos e falaria o quanto estava apaixonado por ela. Nunca me senti tão atraído por nenhuma mulher, exceto no colegial e na faculdade, mas nenhuma exerceu o fascínio que Mellaine teve sobre mim. Era difícil descrever a sensação que sentia quando a tinha por completo; a maneira como seu corpo correspondia com destreza e gostávamos da mesma forma

de amar, com prazeres, depravado e sujo, completamente envolvente, porém ela se foi e ainda por cima por causa de Giovanni.

O filho da puta do meu irmão vai *ferrar* com tudo como sempre.

Será que Mellaine era cega e não percebia que ele parecia um cachorro, com a língua para fora, correndo atrás de Bella?

Mas ela escolheu assim e não me humilharia por causa de nenhuma mulher, nem mesmo uma, com uma *boceta* boa.

— Obrigado, mas pode desfazer tudo, não haverá jantar — disse, me sentindo humilhado ao informar o garçom.

Era hora de dar a volta por cima, afinal, sou Luca Valentino e não preciso de nenhum deles. Que se explodam todos eles. Estarei rindo e brindando quando todos se *ferrarem*. O que importa é só o que penso e quero.

Tentando não pensar mais em Mellaine, deixei o apartamento, o covil de Marco, mas foi por breves minutos, já que ao entrar no carro vi suas coisas sobre o banco. A imagem dela retomou meus pensamentos e por mais que quisesse não sentir atração por ela era impossível, seu cheiro doce estava impregnado no automóvel, não gostava de perfumes doces, mas o da vagabunda era delicioso e me deixava louco de tesão, algo de pele, gostava do cheiro que tinha e ter essa fraqueza por ela, me deixava com ódio de mim mesmo.

Nenhuma mulher poderia ser capaz de me afetar, não seria um fraco, não seria Mellaine que teria esse poder sobre mim. E decidi que mandaria alguém levar para ela amanhã no hospital, a evitaria, a desgraçada quis assim.

Não precisava dela para nada. Uma boa *trepada* consigo com qualquer uma.

Conectei o dispositivo no painel *touch* do som e falei em voz alta para o comando automático.

— Katherine! — Em segundos escutei o som da chamada ativa, ligando para uma loirinha gostosinha, que estava pensando em chamar para sair desde a semana passada, quando a conheci. Era outra *vadiazinha*, namorava um corretor da bolsa e pelo jeito *malcomida*. A danada veio até mim disfarçadamente e me entregou um papel com o número do seu telefone. No meio da semana liguei e conversamos e ela deixou bem explícito que gostaria de sair comigo

— *Alô!* — a voz era de sono.

— **Está ocupada, delícia?** — perguntei sem enrolações, precisava ser objetivo e tirar a doutora do meu pensamento o mais rápido.

— *Quem fala?* — Bancando a desentendida, ou disfarçando porque estaria com o carinha do lado.

— **Já se esqueceu de mim! Assim parte meu coração, loirinha.** — Escutei ao fundo a voz masculina e pouco me importei que estava com o namorado. — **Vejo que está ocupada, uma pena, estava pensando em você, em como poderíamos colocar em práticas nossos gostos.** — Já estava quase desligando, quando ela disse em som abafado, que era uma amiga. Dando a desculpa que a amiga estava triste.

— *Jud, não fique assim, já estou indo. Estou na 365 W 127th St.* — Que safada, disfarçando e já me passando o endereço de onde estava.

— **Chego aí em meia hora, gostosa.**

— *Fica calma, não chora, em meia hora nos vemos.* — Encerrei a chamada e falei o endereço para registrar o comando de voz, no gps a localização dela.

Meia hora depois estava indo devagar quando a vi de vestido preto colado, muito gostosa, com os cabelos soltos, cobrindo a nudez das suas

costas. Não estacionei na vaga, parei na fila dupla e rapidamente fui visto por ela; que sem hesitar entrou no carro.

— Oi, linda. — A olhei, reparando no decote ousado e o top levantando os seios redondos.

— Oi, Luca.

— Então sou a Jud, espero que me console muito bem essa noite — disse e a puxei para mim sem rodeios, ainda com carro parado e com o motor ligado. A travei com a mão enrolada nos cabelos loiros e brutalmente mordi sua boca, chupando seu lábio inferior.

A vadia da doutora, não me afetaria, ainda mais agora, ao lado da loira deliciosa e muito gostosa, entretanto eu mostraria a Mellaine que perdeu sua vez e faria isso ainda hoje.

Tinha certeza que estaria indo atrás do meu irmão na boate e era para lá que íamos.

— Vamos beber algo e depois vou te *foder* muito, em prol da tristeza de Jud. — Rimos quando a soltei e após selar seus lábios, me ajeitei no banco e saí com o carro.

Quando cheguei na *Le Bordon*, a primeira coisa que fiz foi perguntar aonde estava Giovani, e os seguranças da área restrita informou que o mesmo havia saído a pouco, acompanhando Bella. Ouvir isso, só aumentou em mim a vontade de esfregar na cara de Mellaine o quanto era patética.

Também perguntei se haviam visto a namorada de meu irmão por aí e que se vissem era para me avisarem. Depois de ordenar aos seguranças, levei Katherine para um dos sofás no canto e a coloquei no meu colo e, comecei a aproveitar da situação. Sei que mais cedo ou mais tarde Mellaine

apareceria. Era previsível que faria assim e não demorou para que eu recebesse o recado, de que estava subindo e para enfeitar mais a cena de derrota dela, comecei a beijar avidamente Katherine e insinuar o quanto estava aproveitando.

Mellaine precisava ver que perdeu tudo e que eu não seria seu consolo.



Mellaine

Luca se exibia ao deslizar o dedo do meio por toda fenda do vestido, acariciando as costas pelada da loira em seu colo. A cena me deixava com mais ódio dele e naquele momento queria que se ferrasse e não deixaria por menos, ele teria a prova de que poderia sair com quem quisesse, que pouco me importava com suas vadias.

— Ei, doutora! — Estava me virando para sair quando escutei sua voz, mais alta e um pouco abafada por causa do som alto.

Ele tirava a loira do colo e selava os lábios da mesma, era linda, jovem e parecia que havia saído de uma capa de revista, dessas de adolescentes, porém, um tanto com cara de não valer nada.

Mas o que me importava isso agora?

Luca poderia *trepar* com qualquer uma que não seria da minha conta.

E deixando a garota de lado, levantou e veio na minha direção, que nem um animal pronto para atacar sua presa.

— Já vai embora? — Seu sorriso era lindo, mas nesse momento, significava que se sentia como campeão e isso me irritava muito. Por muitas vezes eu até achava sexy, mas não agora. — Imaginei que viria para cá, mas sinto lhe informar, que seu querido namorado saiu de mãos dadas com a querida, linda e perfeita Bella Dellatore. — Respirei fundo, olhando ao redor tentando confirmar que mentia, que fazia isso só para me punir.

— Está mentindo, quer me atacar porque dispensei você. — Voltei a encará-lo e notei que seu olhar era de quem estava tripudiando e esfregando a verdade na minha cara.

— Perdeu! Não sei se Bella vai facilitar, mas o que fiquei sabendo, é que Giovanni saiu mais ou menos a meia hora e que estava de mãos dada com sua ex. — Era muito arrogante da maneira como me informava, sem se importar como me sentiria. — Cheguei a pouco e minha garota me espera ali no sofá, linda e uma verdadeira delícia na cama. — Respirei fundo para eu não estapear sua cara novamente e, antes de se afastar mais, Luca, virou e voltou para perto. — Eu te avisei, Mellaine, que você se daria mal. Queria ser um espelho e mostrar o quanto *ferrada* você é.

— Vá se *foder*, Luca. — A ideia de não lhe revidar com um tapa foi por água baixo e antes que minha mão atingisse seu rosto a sua fechou no meu pulso impedindo.

— Não, quem se *fodeu* sozinha foi você. Olha só para você, olha sua cara, não quis me ouvir, poderíamos estar numa boa, mas você preferiu escolher ele, agora está sozinha.

Suas palavras me tocaram, me machucando e aquela sensação de sufoco voltou. Atordoada, sai dali, vendo-o pela última vez buscar a boca da loira, enquanto olhava por cima dos ombros dela na minha direção.

A cena ficou incrustada em mim, o bastardo era mais sacana que pensava. Foi maldoso a forma como *comia* com a boca a loira em seu colo, se exibindo para mim. Minha vontade era de arrancar a vagabunda de cima dele, mas de forma alguma confessaria, até porquê, precisava era lutar por seu irmão e saber que Luca agia com vingança só me motivava a esquecê-lo e com a certeza de que havia feito a coisa certa ao encerrar nosso caso.

Deixei a boate com o celular na mão, ligando para Giovani, porém seu celular já caía na caixa postal direto e isso não me parecia um bom sinal, sei que deveria ter levado embora a desgraçada da Dellatore. Se o bad boy não fosse um verdadeiro cafajeste, perguntaria onde Bella estava hospedada, mas não daria esse gosto a ele.

Morreria sem pedir sua ajuda.

Que ficasse longe de mim e fizesse bom proveito da vadia loira.



Mal dormi na noite passada.

Remexi o tempo todo na cama, perdendo a noção da quantidade de vezes que tentei falar com Giovani. Passei a manhã toda da mesma maneira, mal me concentrando nos atendimentos e já estava na hora do almoço e, ainda nada de conseguir falar com ele, era nessas horas que me arrependia de nunca ter o telefone de Marco ou Raf, só tinha o de Luca, mas nem morta ligaria para o outro, não me rebaixaria. Precisava arrumar uma desculpa e lembrei que mais cedo Luca havia enviado minhas coisas que haviam ficado em seu carro e talvez seria uma boa eu ligar com o intuito de agradecê-lo ou quem sabe mandar uma mensagem. Mas pensando bem,

mostraria minha fraqueza e com toda certeza ele ia rir de mim e faria seus comentários ofensivos.

Estava indecisa no que fazer e a falta de notícias de Don Valentino estava acabando comigo, mesmo dividida no que sentia pelos irmãos, tinha uma promessa a cumprir. Precisava chegar a ser mais que a namorada de Giovanni Valentino para que eu conseguisse destruí-los.

A maldita família me tirou tudo e não haveria sentimento algum que me fizesse mudar os meus propósitos. Tinha que ser a mulher ideal para o poderoso chefão e pensar em seu irmão só atrapalhou. Não desistiria fácil e continuei na tentativa de localizar Giovanni, mas seu telefone continuava a ir direto para a caixa postal e por mais que estivesse desesperada, não daria o gosto de correr atrás de Luca. Continuei a insistir nas ligações e mensagens, uma hora ele teria que ligar o celular. E já estava de noite, quando descii até a lanchonete do hospital, para comer algo e notei que as mensagens haviam sido entregues para ele. Rapidamente liguei, mas novamente nada dele atender, o sinal tocou até cair.

Giovanni estava brincando comigo, não era possível. E sem pensar em mais nada mandei mais uma mensagem, pedindo o endereço para eu ir ao seu encontro. Não demorou muito meu celular começou a tocar e quando vi, era ele.

Sua voz estava diferente e notei que algo de estranho estava acontecendo, na verdade, nada de estranho; seria uma completa idiota se não soubesse o real motivo, e quando o questionei, fiquei sem reação, paralisada, foi como se tivessem me jogando um balde de água fria. Giovanni havia se casado na madrugada com a desgraçada da Dellatore.

Neste momento nada e ninguém poderiam resumir a ira que senti ao escutar, que havia me trocado por sua ex, e casado com ela, sem se importar

como me sentiria. Como se eu não existisse, me tratando como um nada. Não tendo consideração alguma.

Amargo era o gosto que sentia na minha boca e sentindo-me como algo sem valor, não segurei as lágrimas que escorreram pelo meu rosto. Ainda falava com ele pelo telefone e já não tinha vontade alguma de escutar sua voz. Sentia muito ódio dele e agora mais do que nunca, o faria se arrepender de ter feito isso comigo, me trocando pela sua *puttana*.

Mais uma vez, um membro da família Valentino arrancava tudo de mim. Primeiro foi meu pai, depois quase tudo que sobrou da minha herança e agora Giovani vem e tira a minha dignidade, me tratando como um nada.

Desgraçado, ele e sua querida esposa pagariam muito caro por isso. E sem pensar no que estava fazendo, atordoada, abandonei o plantão, justificando ao meu coordenador que havia perdido um ente querido e não tinha condições de continuar a atender.

A dor da rejeição, das lembranças, das mágoas do passado só faziam meu ódio aumentar por eles. Não restava mais nada em mim e tudo foi tirado por aquela família. Precisavam sentir e passar pelo que passei, aí sim me sentiria melhor, eles precisavam perder tudo assim como perdi. Mesmo que não tivesse de volta o que foi tirado, veria os pagar. E isso já era o suficiente para mim: assistir toda dor e o mau que eles merecem.

Giovani seria meu principal alvo. Um a um caíria, não restaria nenhum depois que eu arruinasse a família Valentino. Agora era colocar a cabeça no lugar e pensar em como voltar a estar entre eles e para isso seria necessário meu único elo, o caçula me desculpar.

Não seria fácil, ainda mais depois do seu irmão ter me deixado, mas precisava tentar, além de que, uniria o útil ao agradável.

Uma boa *foda* com propósitos.

Precisava estar dentro.

Agora era tudo ou nada.

Fui embora para casa, ainda me sentindo péssima e confusa, sem saber definir exatamente o sentimento: se era pelo desprezo e a falta de consideração de Giovani ou se gostava dele mesmo. Entretanto, aquele misto de excitação, em pensar que tinha outra oportunidade com o caçula me deixava mais alegre.

Ninguém me desprezaria dessa maneira e isso foi a resposta que procurava: nunca gostei de Giovani, queria só me vingar e me vingaria muito bem.



Ainda acordada, não conseguia dormir. Era um misto de sentimentos bons e ruins dentro de mim. Alguns de desprezo que deixavam a minha autoestima baixa me fazendo sentir o gosto amargo de ser descartada como lixo. Giovani não se importou se realmente gostava dele. Ficamos por um ano juntos e agora mais do que nunca, não sinto nenhum resquício de remorso por ter mantido durante três meses uma relação com seu irmão.

A dor que sentia era diferente, nada relacionado a amor e mesmo que não estivesse nessa relação por amar, queria muito ser a senhora Valentino.

Seria triunfar sobre tudo que fizeram com meu pai.

Ninguém me entenderia se soubesse como eu os odeio. Foi um ano para nada, mas não poderia ser vencida assim. Seria uma Valentino, custe o que custar.

Começaria pela humilhação de Giovani e Bella, me vendo entrar pela porta da frente, tendo que me suportar e Luca me proporcionaria isso. O dilema era ele agora me aceitar de volta, para isso, seria necessário fingir que não sabia de nada.

Determinada a tê-lo de volta, para usá-lo, assim como fez comigo nesses meses, alcancei meu telefone na mesa de cabeceira e deixando meu orgulho de lado procurei pelo seu contato na agenda, mas antes de apertar para chamar, resolvi que seria melhor chamá-lo em uma chamada pelo *facetime*. Rapidamente, ajeitei o cabelo com os dedos, penteando-os, melhorando a aparência. Só me senti melhor quando a chamada conectou, porém não me conformei com o que vi.

CAPÍTULO

Mellaine

Luca Valentino era um verdadeiro bastardo, cafajeste.

O filha da mãe, teve a audácia de abrir a vídeo-chamada com a loira, da noite passada, engolindo seu pau e permaneceu assim por minutos, dando a mim o verdadeiro pornô de suas aventuras. A vagabunda mantinha a ereção dentro da boca quando parava e olhava para mim, sorria e tornava a babar em toda extensão; os gemidos de Luca eram exagerados, querendo mostrar que não estava nem aí e fazia isso em forma de deboche, me provocando.

— *Vou desligar!* — Tentei mostrar que não estava nem aí, mas quanto mais assistia seu exibicionismo, mais me deixava irada. Diferente do que estava sentindo, comecei a sentir raiva da imitação de *Barbie*.

— **Calma, doutora. Não se intimide, você já deve ter visto “muitos paus” na sua profissão. É uma pequena aula de fisiologia ao vivo.** — Sua risada rouca e irônica foi o fim para minha paciência.

— *Não dá, ligo para ter uma conversa séria e pedir desculpas e você fica aí, me proporcionando pornô barato. Já falou para ela o que pensa sobre bocetas? Conta para a loirinha que você não come a mesma mulher por muitas vezes.* — Pelo visto, ele não caíria na minha e incentivando a vadia sua mão foi para a cabeça dela e a forçou engoli-lo todo até engasgar.

— **Está vendo que boca perfeita ela tem, doutora. Talvez essa fique mais tempo que você.**

— *Ainda bem que mostrou o quanto está bem, assim não cometo a loucura de fazer o que faria agora. Até mais Luca. Aproveita a trepada com a vadiazinha aí.* — Encerrei a chamada. Já bastava ter que ficar vendo-o se fartar na boca do projeto de miss.

Não seria fácil, já estava achando que tinha perdido a oportunidade quando o celular vibrou, iluminado o nome dele na tela.

Atendi e o rosto de Luca apareceu na tela, seus cabelos despenteados, todo jogado e desleixado como gostava de ver.

— *Luca, não quero ver suas fodas, então me deixa.*

— **Calma, Mell.** — Quando simplificava meu nome, era sinal que queria uma trégua comigo. — **Por que ligou?**

— *Só queria conversar com você.*

— **Giovani já te deu o fora?** — Luca conseguia ser irritante. Não tinha uma vez sequer, que não me espezinhava.

— *Não! Estamos bem* — menti, diria que estávamos numa boa, ele não precisava saber que o desgraçado do irmão me chutou da pior maneira.

— **Então por que está me ligando? Já não deixei claro que não serei consolo e não darei mais nenhuma informação para você.** — Sua voz alterou o grave e foi nítido que estava irritado.

— *Sinto sua falta.* — Não adiantaria bater de frente, por isso, tentei passar que estava com saudades, falando baixo e encarando-o através da tela. — *Queria que estivesse aqui.*

Ficamos em silêncio, até a vagabunda loira surgir atrás dele e começar a lamber seu pescoço, tentando tirá-lo dali.

— *Vai lá. Está tudo bem.*

— **Katherine, agora não, por favor. Sai daqui.** — Luca afastou, empurrando-a com a mão na sua cabeça, que saiu emburrada.

— *Depois conversamos.* — Era difícil decifrar sua feição, estava sério, contraindo os músculos do rosto.

— **É sério?**

— *O que?*

— **Que sentiu minha falta...** — Notei o canto da boca se erguer, segurando o sorriso.

— *Que diferença isso faz? Deixa para lá. Volta lá para sua loirinha* — disse com desdenho, desejando que não voltasse.

— **Está brincando com a minha cara. O que você quer?** — Ele não era burro, sabe que não ligaria assim se não fosse me beneficiar. Sexta-feira só faltei mandá-lo ir para os quintos dos infernos e uma noite depois estava aqui, pedindo por sua atenção.

Precisava me humilhar mais.

— *Quero você!* — falei, tentando ser mais convincente. Não seria fácil, agora, depois de tudo que falei, mostrar o contrário.

— **Não brinca com o que você não vai conseguir lidar depois, Mell.** — Mantinha-se sério, nada comparado com o desbocado e debochado que é. Luca transmitia algo intenso em seu olhar e mesmo que tivesse outros propósitos, realmente o queria.

— *Não estou brincando.* — E de fato não estava mesmo. Vê-lo sério, me passando ser mais seguro de si e de que não levaria na brincadeira, me deixava ansiosa para estar perto.

— **E Giovanni?**

— *Não quero ficar com ele. Está decidido. Liguei por que sinto sua falta e mesmo que não me queira, eu quero ficar com você. E não por consolo. Preciso que me entenda, que sinto remorso, não gosto de traição e trair seu irmão estava me matando, não posso brincar com ele dessa forma. Não seria o correto, mas também não seria justo com meu coração. Gosto de você desde antes, sei que não vai me querer, mas preciso ter a certeza que se largar dele, você vai ficar comigo.*

— **Você está de palhaçada, Mellaine. Na noite passada você deixou bem claro que gostava dele e agora está aí arrependida? O que aconteceu? Acha que caio nessa sua ladainha?** — Desde o início eu sabia que não seria fácil.

— *Deixa pra lá, só queria saber para ter certeza do que vou fazer e você já me respondeu. Esquece tudo que disse. Somos ainda cunhados. É melhor assim!* — respirei fundo, precisava pensar rápido. Logo Luca saberia do casamento, se já não soubesse e seria ainda mais difícil. — *Se você dissesse sim, largaria ainda hoje seu irmão, mas esqueça o que eu disse. Vou desligar. Depois nos falamos.*

— **Não! Espere. Aonde você está?**

— *Na minha casa.* — Quase fiz a menção de ser irônica com ele, mas colocaria tudo a perder.

— **Em uma hora chego aí e vamos conversar sério.** — Luca não me deu tempo para responder e encerrou a chamada. E ainda sem acreditar que havia conseguido, que acreditasse em mim, fiquei sentada olhando para a tela escura do celular por longos minutos, refletindo o que acabou de

acontecer. Havia contado uma mentira, que logo poderia descobrir e aí sim, tudo estaria ferrado de uma vez por todas e alcançar meu objetivo só dependeria de mostrar que eu estava apaixonada por ele.

Troquei a camiseta grande e velha por um baby-doll justo, preto e de seda. Não me preocupei em vestir nada por baixo, estava sem calcinha e mesmo sabendo que estava *fodendo* outra, não poderia deixar de provocá-lo. Já estava ansiosa e olhava toda hora para a rua, buscando ver o *McLaren* novo prata estacionar em frente ao prédio que morava.

Luca demorou uma hora para chegar e não dando muito na cara, que estava ansiosa o esperando, demorei para abrir a porta. Quando o vi de cabelos molhados e penteados na minha porta senti minhas pernas fraquejarem. Seu olhar era intenso e estava sério, me encarando. Nunca o via dessa forma, enigmático, para mim era novidade vê-lo se posicionar com mais firmeza e a forma como estava parado na minha porta. Sem falar que já me deixou abalada por tê-lo ali. Seu tamanho sobrepunha a minha altura e sem pedir licença, o bad boy foi entrando, me forçando a dar passadas de costas e, dentro da pequena sala fechou as portas nas suas costas, ainda me prendendo com seu olhar.

— Disse para não brincar. Eu vim.

— Não estava brincando — respondi convicta de que era isso o que realmente queria dele.

Fiquei parada e deixei que colasse seu corpo junto ao meu, com a mão espalmada no meio da minha coluna. Sem dizer nada se encurvou, deixando sua boca próxima da minha; estava me tomando, me querendo, agora não teria mais volta e nem poderia, precisava dele para fazer seu irmão pagar pelo que me fez, entretanto, não poderia esquecer que há menos de algumas horas ele estava com seu pau enterrado dentro da boca da *Barbie* falsificada.

— Espera aí, você estava com outra ainda há pouco. — Empurrei seu rosto, afastando um pouco do meu.

— E o que importa? Meu irmão *comia* você e isso não me importou. O importante agora é que você é minha e não vou dividi-la com ninguém. — A intensidade possessiva como disse foi a mesma que me segurou e me travou, me abraçando. — Não tem mais ninguém, só você, doutora. Vou *fodê-la* de tal maneira que nunca mais falará comigo como falou na sexta-feira à noite. Você foi atrás, agora terá que ser do meu jeito. — Fui objetar, mas ele foi mais rápido e deixou seus lábios roçarem os meus, sugando-os sensualmente para dentro da sua boca. Envolvente e gostoso, me excitando conforme sua língua dançava, rodopiando a minha. Retribuí e deixei minhas mãos deslizarem pela sua nuca e subirem para o seu cabelo, puxando e apertando os fios. Gemi em sua boca e deixei que uma de suas pernas entrasse entre as minhas, raspando sobre minha pelve, estimulando o nervo a ficar mais inchado e excitado.

— Mell, não tem ideia do quanto estou louco para entrar em você. Seu cheiro, sua pele, o calor dela me dá muito tesão, nunca vai entender o quanto é alucinante, quando sinto o perfume em você. — Luca conseguia mexer muito mais comigo do que era capaz de imaginar. O toque das suas mãos era vigorante, um tônico milagroso e entedia o que sentia, pois, eu também tinha essa mesma tara quando o tocava, ou mesmo ao sentir o perfume caro de pós barba em seu rosto.

Seu nariz e boca brincavam ao redor do meu pescoço, molhando, e levada pelos arrepios que as carícias me causavam, tombei a cabeça para trás e ofereci meus seios sedentos para que ele os colocasse dentro da sua boca logo.

Luca mamava, mordiscando meus mamilos sob o tecido.

Nossas mãos deslizavam um pelo corpo do outro, palpando violentamente em tortura, até tomarem o controle e tirarem nossas roupas.

— Já estava me esperando, safada. — Não poderia perder a oportunidade de fazer o comentário, elevando seu narcisismo. — Vire para a parede e encoste o rosto nela. — Ordenando e me empurrando contra a parede mais próxima, fiquei procurando entender o que faria comigo e já com as mãos espalmadas, esperando-o, senti suas mãos deslizarem por minha bunda e separando minhas nádegas, depois de espalmar nelas, apertou me causando dor. Usando os dedos deslizou da fenda até a minha vagina molhada, inquieta.

— O que vai fazer? — A dúvida e a antecipação eram excitantes e não me contive ao questioná-lo.

— Quieta, você vai gostar... — Luca já estava nu, exibindo seu corpo torneado, deliciosamente esculpido, nada exagerado, na medida exata. — Prometo! — Terminou de dizer em meu ouvido no mesmo tempo em que sua língua deslizou contornando cada centímetro da cartilagem. Contorci todo o corpo, arrepiando com as carícias e a quentura da sua boca.

Luca não só me beijava, me chupava também, parte a parte do meu corpo. Minhas costas virou um curto caminho para sua língua deslizar desde minha nuca até meu cóccix.

— Mell, quietinha... — Tentei me manter imóvel, porém, era difícil a imobilidade que me pedia, diante da aspereza molhada de suas lambidas nos meus pontos erógenos.

— Está dificultando, sabia? Quero poder te tocar também — disse entre gemidos quando suas mãos arreganharam minhas nádegas, abrindo e enfiando sua língua no risco até o ânus. Ele o chupou.

Precisava de algo para me segurar. E com as minhas mãos espalmadas na parede, encostei a lateral do rosto, na tentativa de manter em

pé, me proporcionando o famoso “*Beijo Grego*”, me desestabilizando racionalmente.

— Não se mova e curta. — Assim que ordenou, tornou a enfiar o rosto no vão da minha bunda, aprofundando sua língua ao circular toda minha região anal. Suas mãos apertava o músculo, me dando tanto dor quanto prazer.

A sensação do beijo me incitava a querer mais dele. Já estava alucinada, querendo-o, firme e grosso dentro de mim, que esqueci de tudo que eu tinha em mente, de toda manipulação, na verdade, quem me manipulava era ele. Luca conseguia me desestabilizar da forma como conduzia o momento.

— Eu não aguento, Luca. — Com a voz rouca de desejo, tentei olhar por cima dos ombros e o encontrei com seus olhos, fixos nos meus.

Mantendo sua boca, sem desgrudar da minha pele, Luca foi subindo novamente pela minha coluna até minha nuca e carinhosamente afastou meus cabelos para o lado e pôs se a espalhar beijos.

— Tenho muito tesão por você, não faz ideia do quanto. E estou muito apaixonado, Mell. — Sua confissão foi surpreendente, não estava esperando e acabou me pegando desprevenida. E agindo impensadamente, me virei, ficando entre o estreito espaço do seu corpo e a parede. Encarei-o e deixei que minhas mãos abrigassem seu belo rosto entre elas, carinhosamente.

Tudo estava diferente naquele momento. O intenso dos olhos, a boca entreaberta, cada centímetro dos seus detalhes, a expressão relaxada e a respiração ansiosa presa, me mostravam a sinceridade com que se abria, da maneira mais pura e honesta e, movida pelo retrato de nós dois ali, parados, exalando paixão, não me contive e me entreguei, dando-lhe meus lábios e sendo dele.

Agora eu era de Luca Valentino e seria para sempre. Luca seria o único imune a tudo que os Valentino teriam como remédio.

Tomada pela força viril e sexy do bad boy, com sua boca esfomeada na minha, me pegou no colo. Ainda nos beijando me levou até minha cama e gentilmente me desceu até o colchão, apoiando umas das mãos e a outra ainda no meio das minhas costas. Seu corpo veio junto, ficando por cima sem interromper o beijo.

Naturalmente, deixei que se acomodasse entre minhas pernas, abertas e flexionadas, permitindo sentir a contração da sua ereção contra minha pelve. Luca era habilidoso e sem que eu percebesse a glândula grande e rosada já se preparava para me invadir, roçando a entrada molhada.

Deixando minha boca um pouco, a sua escorregou para o vão do meu pescoço, enquanto jogava seu quadril um pouco para trás para poder entrar em mim primitivamente, deliciosamente, sem qualquer barreira, me dando parte por parte e mostrando o quanto também era prazeroso para ele.

Seu gemido rouco se misturava com as demais sensações, que meu corpo produzia involuntariamente, permitindo desfrutar do delicioso efeito produzido por suas estocadas curtas e lenta. Colocando e retirando seu pênis em mim, sincronizando com a boca em alternados beijos.

— Mell, eu amo sua *bocetinha*. Você inteirinha é deliciosa.

— Como não gostar de você? Me ensina, por que estou com medo. Você vai enjoar de mim em breve. — Com os braços apoiados na lateral do meu corpo e ainda dentro, porém parado, sem se mexer, Luca me encarou.

— Não vamos pensar nisso, eu disse que estou muito afim de você e nunca disse isso a mulher nenhuma, então não vamos iniciar algo agora, porque meu saco está doendo com vontade de *foder* você muito duro, mas quero ser romântico e te dar o melhor de mim. — Impressionada com suas

declarações e a maneira firme como disse, foram o suficiente para me deixar confusa, sem saber como agir e pensar.

Estava perdida entre meus sentimentos de mágoas, de desejo e agora de carinho, mas sua família tinha que pagar e vê-lo ali, diferente do que eu conhecia me deixava em dúvidas e muito confusa. Ao mesmo tempo que eu o desejava, me sentia ferida por causa da traição de seu irmão e, ainda tinha a história do meu passado.

Balancei a cabeça e puxei-o para bem próximo de mim e respondi com ações, beijando-o e incitando-o voltar a se mexer.

— Boa menina.

Luca voltou a bombear mais forte, intensamente, assim como era de sua personalidade. A cada investida gemíamos em uníssono. Foi assim até sentir que meu corpo começava a ficar leve e ondas de arrepio se espalhavam. Percebendo que estava gozando, Luca retirou-se de dentro de mim e com a mão, masturbando-se, acabou esporrando sobre minha barriga. Uma cena excitante de se ver, com o narcisista, lindo e viril a minha frente, mostrando o quanto de prazer eu pude lhe proporcionar.

Ficou me encarando e sorrindo, ainda movimentando lentamente a pele da dura haste peniana, até espremer as últimas gotas de seu sêmen.

— Vamos nos limpar. — Ele disse me estendendo a mão para nos levantarmos da cama. E colados, ainda envolto ao clima sedutor, caminhamos para o minúsculo banheiro que havia em meu quarto. Já havíamos transado ali uma ou duas vezes, entretanto, hoje eu queria mais dele. No meio do banho, me ensaboando, Luca me incitou quando pediu para abrir as pernas e maliciosamente começou a massagear meu clitóris com a esponja, me preparando de novo para me *foder* a moda Bad Boy Valentino de ser, rápido, abusado e deliciosamente selvagem.

Após o banho, voltamos para cama e, depois de trocas de carícias deixei que Luca me *comesse* por trás, nada muito normal, era dolorido, mas com as habilidades dele de fazer o sexo anal não ser traumático, tive mais um orgasmo, sendo penetrada por seu pau, enterrado na minha bunda e seus dedos em minha vagina. E fomos incansavelmente, até o dia amanhecer, quando Luca me disse que precisava ir. Tentei dissuadi-lo, porém em vão. Era domingo e dia do famoso almoço em família dos Valentino. Ainda argumentei e fui vencida pelas suas desculpas de que em breve eu estaria sentada ao seu lado, na casa de sua mãe, logo que eu terminasse meu relacionamento. Pensando rápido, respondi que hoje mesmo terminaria, porque também não era justo com Giovani. Afinal, ele não tinha culpa de termos nos apaixonados.

CAPÍTULO 9

Luca

O que estava acontecendo comigo? A resposta exata eu não tinha, o que estava tendo era um desejo enorme por Mellaine. A Médica conseguiu me fisgar como se eu fosse um prisioneiro. Confesso que quando me ligou de madrugada, ainda estava muito irritado com ela, mas toda irritação foi embora quando me disse que estaria largando Giovani porque queria ficar comigo. E não importei com a Katherine, muito menos que estávamos no meio de um delicioso *boquete*. Eu queria mesmo era a doutora. E, em uma hora, já estava em sua porta, doido para *fodê-la*, beijar sua boca linda e tê-la só para mim.

Tudo muito confuso e ao mesmo tempo tão claro. Era ela, a mulher com que eu queria estar a todo momento. E não só pelo sexo, mas pela forma como sua presença me deixava vivo. Ela conseguia preencher todo o meu vazio e estava sendo bom. Tínhamos uma química boa em tudo, e o que estava nos impedindo de ficarmos juntos, agora não seria mais um

problema. Logo ela não seria mais a namorada do meu irmão, deixaria de ser minha cunhada para ser a garota de Luca Valentino.

— Poderia ficar comigo o dia todo. — Mellaine disse quando me levou até a porta do apartamento.

— Não posso. Dona Ana Valentino colocaria Nova Iorque inteira atrás de mim. Hoje é almoço da família. Você sabe que domingo ela gosta de almoçar com os filhos e, como ainda não posso te levar oficialmente, vai ficar para próxima, doutora. — Segurei seu queixo com a pinça dos dedos e selei seus lábios, chupando-os. Não querendo me deixar ir, Mel circundou meu pescoço com os braços, travando nossas bocas.

— Queria que ficasse. — Sorri, adorando o momento carinhoso e esse novo lado meigo dela.

— Não dá, gata. — Tirei os seus braços do meu pescoço e sorri ao ver a sua expressão de desolação — A noite nos vemos.

— Preciso falar com seu irmão. Quem sabe depois da conversa você vem para cá e dorme comigo. — Concordei, não gostando muito da ideia de Mellaine tornar a ficar a sós com Giovani, mas sei que seria necessário. Após isso, nenhum homem ficaria próximo da minha mulher. — Não faz essa cara, Luca. Sabe que não é certo e escolhi você, então vou falar com ele.

— Tudo bem, mas fale por telefone, aí venho enquanto conversam e te chupo toda, faço você gozar dispensando-o.

— Não, melhor falar sozinha, não me sentiria à vontade.

— Fazer o que, mas saiba que já estou cheio de tesão em te *foder*. — Segurei-a pelo quadril e apertei contra meu pau ereto. Na verdade, passei o tempo todo, com o maior tesão e excitado. Mellaine era gostosa demais. Era o que mais me encantava nela, a forma como não se inibia e topava tudo na

cama, me deixando fazer o que eu queria com seu corpo, agora só meu, e eu cuidaria muito bem dele, de uma forma que nenhum homem fez.

Quase retornei para dentro do apartamento, porém fui embora com dificuldades e com o pau duro. Infelizmente, hoje era domingo e tinha o bendito almoço em família e, pelas horas que eram, já estava quase atrasado. Mas quando cheguei em casa vi que não, Giovanni ainda não havia chegado. Todos estavam na sala quando entrei, inclusive meu sobrinho e minha cunhada que havia acabado de sair do hospital.

— Nossa, a casa está cheia! Los Angeles em peso também. — Referi aos convidados presentes, Nina e Tony também estavam ali, certamente para almoçar conosco, o que significava que provavelmente Bella estaria presente e, ao ver que nem ela e nem meu irmão não estavam ali, tive a dedução de que algo estava errado. De fato, estava, os dois chegaram juntos, um mais estranho que o outro, se entreolhando. Logo Bella e sua família deixaram todos na sala. Acho que foi a única vez que permaneci quieto, somente observando-os.

Giovanni pelo jeito aprontou algo e fui surpreendido quando pediu silêncio, sentando na cabeceira da mesa, ao lado de Bella, apertando sua mão quando a mesma retornou com sua família.

O desgraçado conseguiu o que queria. A cena de cumplicidade dos dois só me fez sentir asco. Pior do que imaginei, foi ouvir Giovanni falar em alto e bom som que os dois haviam se casado em Las Vegas. Como se isso fosse importante, porém meu julgamento de toda essa situação foi de encontro a Mellaine, que por muitas vezes se sentia culpada pelo que estava fazendo com ele, mas o filho da puta não estava nem aí e na primeira oportunidade foi lá e a traiu, chutando-a como se não fosse nada. Ela não merecia essa falta de consideração, independente do meu sentimento por ela. Giovanni se casar de fato foi excelente, mas o que fez não estava certo e

isso me cegou. Quando percebi já estava ofendendo e cuspiendo toda a sacanagem e traiçagem que fizeram com Mellaine.

Nada justificava e a minha namorada não merecia, ainda mais quando questionei meu irmão se ela já estava sabendo e o babaca disse que isso era problema dele e não meu. A situação só complicou e minha raiva se voltou contra Bella, que sempre foi a fraqueza dele e quando se tratava de sua rainha, Giovani nunca pensava em ninguém, nem mesmo se machucaria pessoas boas como a Mell.

A Minha Mell.

Após meu acesso de fúria não foi só Giovani que partiu para cima de mim, mas Tony Dellatore fez acusações. Com todo esse alvoroço, minha mãe acabou desmaiando. Tentei vê-la, mas fui proibido de estar reunido com a família só porque não me rebaixaria pedindo perdão a sua idolatrada *puttana*.

Mais uma vez ele não pensava em ninguém, só em Bella.

Inconformado com a atitude egoísta de Giovani fui para o meu apêndice.

Não estava feliz, mesmo que isso facilitasse mais para meu relacionamento com Mellaine. Ela não merecia essa falta de consideração e isso por que, antes de me ligar, os dois haviam se falado. Giovani deveria ter contado, ao menos que estava casado e pela maneira como disse: que “era problema dele”, tive a certeza de que Mell ainda não estava sabendo de nada.

— Cara o que foi aquilo lá dentro. — Estava retirando a roupa quando Marco entrou sem bater e foi logo questionando minhas atitudes.

— Vá se *foder*, Marco. É uma palhaçada o que estão fazendo com a Mellaine. Ela é uma boa pessoa, não merecia que aqueles dois *fodidos* fizessem isso com ela.

— Não cabe a você. Só não entendi o porquê dessa sua veemência em prol dela.

— Não é da sua conta. E pelo visto você apoiou isso tudo. O desgraçado do seu irmão, fica dois dias fora, casa e a namorada que há um ano está com ele não sabe de nada.

— O maior cretino agora quer bancar o puritano e o justo. — Quando Marco resolveu me atacar avancei para cima e ficamos centímetros nos encarando. — Qual é a sua, Luca?

— Dá o fora daqui. Você, como todos dessa casa são uns *ferrados* que só pensam em si. — Dramaticamente fui até a porta e esperei que saísse e sem falar mais nada, Marco saiu e bati a porta com força e voltei a terminar de tirar minha roupa.

Queria poder ligar para Mellaine, mas não sei se deveria. Talvez, não fosse uma boa contar tudo, contudo, ninguém teve consideração por ela, mas eu deveria ter, até porque havia me escolhido na noite passada.

Abaixei pegando a calça jogada no chão e retirei o celular do bolso abrindo o editor de mensagens.

“Já estou com saudades de você, tudo. E creio que precisamos conversar. Quero te ver hoje ainda, preciso te contar uma coisa. A noite te pego para irmos jantar. Giovani com certeza estará ocupado e te dará o bolo.”

Não tive tempo de fechar a mensagem e logo a resposta dela apareceu, notificando.

“Como assim vou tomar um bolo?”

Resolvi ligar e contar, ao menos ela saberia por mim e não por outra pessoa.

— Mell, não sei, mas acho que você deve saber por mim, até porque, você largaria do Giovani ainda hoje. — Não dei tempo e assim que

atendeu a ligação com voz de sono, disparei.

— **Não estou entendendo, Luca. O que está acontecendo?**

— *Bella e Giovani se casaram na madrugada de sexta para sábado em Las Vegas. Meu irmão te traiu.* — Fui direto e fiquei alguns minutos esperando para ouvi-la, não poderia cobrar nada dela, mesmo depois do seu chamado de ontem à noite, dizendo que havia me escolhido. Ela e o filho da puta do meu irmão, querendo ou não, namoraram por um ano e tentei entender seu lado.

Imagino que não é bom escutar que foi trocada pela ex.

— *Mell, ainda está aí?*

— **Sim. Só estou tentando digerir tudo que me disse.**

— *Os dois anunciaram no almoço e foi a maior confusão. Não admiti o fato do que fizeram com você, mesmo que hoje largaria dele, não foi justo, até porque ele teve dois dias para falar que havia se casado e não disse nada. Ele nunca te mereceu. Não jante com ele, ligue e tire a limpo, não quero você mais perto dele.*

— **Não vou dizer que estou das mais feliz nesse momento, mas foi melhor assim, agora não teremos problema algum. Ou você vai pular fora, já que não sou mais proibida para você?** — Mellaine havia enlouquecido ao meu perguntar isso?

— *Está louca? O que eu disse não vale nada? Já disse que você é minha agora.*

— **Então não quero mais saber de nada de Giovani, que ele e Bella se fodam.**

— *Quero te ver, estou indo aí.*

— **Não. Mais tarde nos vemos, preciso descansar um pouco.** — Não foi o que queria escutar, mas entendia que deveria estar chateada, além de que nossa noite foi intensa e precisava descansar.

— *Te pego mais tarde para jantar. E depois vou comer você inteirinha.* — Mellaine riu e desligamos em seguida.

Entendia que não foi fácil, mas tentei ser o mais prático possível, e confesso que ela não esperava, por isso tentei deixá-la um pouco e não forcei ir até ela. Mesmo que minha vontade fosse de estar ao seu lado a todo momento. Estava realmente gostando de alguém de verdade.

Descansei por umas quatro horas seguidas, mesmo que não fosse o que queria, precisava dormir. Passei a noite em claro e com certeza essa não seria diferente. Levaria Mellaine para jantar e depois, se não fôssemos para sua casa, a levaria para um hotel.

Tomei um banho e quando sai do banheiro, enrolado com a toalha na cintura, dei de cara com minha mãe, me assustando, com sua presença sentada na minha cama.

— O que faz aqui mãe?

— Estava preocupada.

— A senhora não deveria estar aqui, deveria estar repousando. — Entrei no closet rapidamente e vesti uma calça de moletom, deixando a toalha molhada caída no chão, voltando rapidamente para o quarto. Ajoelhando a sua frente segurei em suas mãos pousadas no colo.

— Meu filho o que aconteceu hoje? Nunca o vi ir contra seu irmão assim. — Sua voz era baixa e triste. Ver minha mãe, com o olhar caído, mostrando o quanto tudo a abateu me fazia sentir-me péssimo.

— *Mammá*, eu só cansei de ver Giovani fazendo as pessoas sofrerem. Não acho que eles fizeram certo.

— Ele te baniu do convívio, meu amor. — Senti o carinho pesaroso, ao segurar meu rosto entre suas mãos, direcionando para que a olhasse nos olhos.

— Não me importo com ele, se quer saber, não quero conviver com eles. Só a senhora me importa, é a única que me ama. — Virei o rosto para beijar a palma de uma de suas mãos.

— Mas eu me importo, não quero ver minha família dividida. Aguentei tanto para que ficassemos sempre unidos. — Ao ver as lágrimas descendo do seu rosto, fiquei de pé e a puxei pelas mãos, trazendo-a para dentro dos meus braços. Abracei-a com firmeza, como se quisesse protegê-la. Minha mãe era tudo para mim, sempre foi a minha melhor amiga e a única que sempre esteve ao meu lado. Vê-la dessa maneira, de certa forma, me atingia. Não era isso que queria e tudo porque Giovani e sua idolatrada esposa não podem ouvir algumas verdades.

— Vai ficar tudo bem, Dona Ana. — Enxuguei as lágrimas com as pontas dos dedos e sorri tentando passar segurança.

— Vou ter uma conversa séria com Giovani, ele não pode te banir. Vou acabar morrendo de tristeza.

— Não faça dramas Ana Valentino, sabe que não vou deixar. Eu te amo mãe, é a minha rainha. E deixa Giovani para lá, logo ele vai aprontar outra e vamos ver se Bella vai aguentar.

— Meu menino, quero muito sua felicidade, mas também quero ver seu irmão bem. Peça desculpas, por mim. — Estava demorando. Sabia que por trás dessa tristeza ela me pediria algo.

— Não vou! Não fiz nada demais, só falei a verdade, que não acho justo o que estão fazendo com a Mellaine. Você não deveria estar do lado dele.

— Luca, meu filho, seu irmão está feliz. A moça, a Mellaine né?! Ela é boazinha, mas sabemos o quanto Giovani é apaixonado pela menina Dellatore, ele só seguiu o coração.

— Traíndo outra pessoa. Não acredito que compactua com tudo isso. — Soltei-a, me afastando. Tudo que dizia, a defesa que fazia em prol de Giovanni, já estava me irritando.

E isso me fazia sentir muita raiva quando todos davam razão e apoiavam as coisas erradas de Giovanni.

— Calma, meu amor. — Dei as costas indo para o closet trocar de roupa.

— Mãe, não vou ser cúmplice dessa merda toda. Se ele queria tanto casar com a Bella, deveria ao menos ser decente e ter dispensando a Mell... Mellaine. — Quase só chamei Mellaine por apelido, transparecendo uma intimidade maior.

— Como posso fazer você ir se desculpar com seu irmão.

— Já disse que não vou e pronto.

— Mas...

— Sem mas... — a interrompi, cortando suas desculpas. — Já disse que não vou e pronto. Agora mãe vou sair e preciso me arrumar.

— Não quero que ele te mande embora daqui.

— Essa é a única coisa que ele não vai fazer. Não esqueça que aqui também é meu — disse me irritando mais ainda.

Odiava quando achavam que só Giovanni podia fazer as coisas e ter tudo. Aqui era meu também e não poderia ser expulso, era a casa do velho e por mais que não me quisesse eu era seu herdeiro.

— Meu filho. — Minha mãe tentou novamente aproximar, mas me despi na sua frente e comecei a trocar de roupa, sem me importar em mais lamentações.

— Vou sair. E por favor, se me ama mesmo, mãe... não me peça para eu me humilhar, indo até Giovanni.

Ela concordou e sem mais argumentos me deixou sozinho.

CAPÍTULO 10

Luca

Estacionei o carro em frente ao prédio, sem portaria. Era um prédio simples, com pintura gasta, precisando de uma boa reforma. Esperei por dez minutos Mellaine descer, sentindo o frio incomodar, isso porque ainda não era outono, faltavam poucos dias para a mudança da estação. Eu a levaria para jantar e depois voltaríamos para o apartamento dela, ou talvez, fôssemos a outro lugar. Estava na dependência dela, e faria como quisesse.

Encostei no carro com as mãos no bolso e de cabeça baixa. Mellaine saiu de dentro do edifício, tão linda, de casaco vermelho, cabelos soltos e com uma presilha que prendia sua franja. Usava saltos pretos e meia calça. Por um momento não consegui parar de olhá-la. Encantado, completamente caído de *quatro* por ela.

Mesmo sendo cinco anos mais velha que eu, Mellaine era linda e delicada, seus olhos amendoados, o nariz pequeno e uma boca deliciosa. Tudo nela me agradava, bem diferente das beldades que saía. Mell não tinha uma beleza estonteante, era bonita, entretanto uma beleza simples, mas que chamou tanto minha atenção.

— Está me esperando faz tempo? — perguntou quando se aproximou de mim, parando a minha frente.

— Não, só uns dez minutos. — Sorri ao vê-la sorrir, ruborizada, não parecendo em nada com a mulher quente e fogosa que era. Nesse momento, mais parecia com uma adolescente acanhada.

— Seu irmão acabou de me ligar. — Não permiti que tivesse espaço entre nós e desencostei do carro puxando-a para mim.

— O que ele disse? Te contou a verdade? — ela balançou a cabeça confirmando minha pergunta aparentando tristeza. Tentei entender.

— Está triste? — respondeu gesticulando a cabeça, agora de forma negativa.

— Não estou triste, mas um pouco chateada. Afinal, queria ficar com você e saber que ele me traiu me tira toda a culpa de tê-lo traído.

Espalmei uma das mãos em suas costas e a outra deslizei por seu rosto, acariciando sua pele macia. Passei a mão em seus cabelos, deixando os fios deslizar entre meus dedos. Segurei seu rosto e me curvei para alcançar seus lábios melados de brilho.

Não queria mais falar sobre Giovani nesse momento, o *ferrado* pelo menos uma vez na vida fez algo que prestasse, deixando-a para mim, ou melhor, devolvendo-a.

Esse seria o primeiro beijo que daria em Mellaine como minha namorada. E tomado pelo desejo que a médica despertava em mim, a apertei contra meu peito e chubei seu lábio inferior, levando-o todo para dentro da minha boca. A beijei por longos minutos e, se não estivesse um pouco frio, ficaria por um bom tempo ali, abraçando-a e beijando-a, porém, a temperatura não permitiu que desfrutasse mais do momento, simples e apaixonante, era assim como me sentia em relação a nós dois. Foi simples o sentimento, contudo me sentia arrebatado por ela, por sua presença e pelos momentos que compartilhamos.

O conjunto todo me fascinava e não cansei de olhá-la e dizer o quanto estava bonita, enquanto segurei sua mão durante todo jantar.

Jantamos em um local aconchegante próximo ao apartamento onde morava e quando fui levá-la embora perguntei se queria ir para sua casa ou passar a noite

comigo em outro lugar e, um pouco sem graça, respondeu que fôssemos para outro lugar.

Confesso que estava ansioso e com medo de que não aceitasse dormir comigo, pois já havia preparado tudo. Nunca tinha experimentado uma relação assim. Sempre que jantava com outras mulheres era para depois *fodê-las* e despachá-las para suas casas, sem me comprometer com nenhuma delas. Mas, com Mell seria totalmente diferente. Teríamos uma das muitas noites como namorados.

Estava disposto a tentar e levar a sério, ficando só com ela.

Aproveitei quando tive a oportunidade e, sem que visse, reservei uma suíte presidencial para nós e deixei-a surpresa quando chegamos no hotel mais luxuoso de Manhattan, ficando ainda mais, quando chegamos ao andar só nosso.

Quis que tudo fosse do mais alto nível de requinte. Provaria a Mellaine que poderia tanto quanto meu irmão, lhe proporcionar tudo do melhor.

— Te achei muito quieta esta noite. — Fechei a porta atrás de nós e fiquei contemplando-a, andando um pouco a minha frente.

Mellaine certamente era a mulher que despertou mais tesão e cobiça em mim e, tê-la agora, sendo só minha, me fazia sentir vitorioso.

— Se disser que estou nervosa, vai rir? — Estava sorrindo quando girou e ficou de frente a mim, despindo-se do casaco vermelho.

Ao vê-la desinibida seria difícil acreditar que estava nervosa.

— Nenhum um pouco, só não vou acreditar. Ao contrário, estou achando que está bem confortável. — Parada a menos de um metro de mim a alcancei com apenas um passo e segurando-a pela cintura comecei a empurrá-la, incentivando-a andar de costas.

— Pode acreditar, eu sei o que quer, Luca Valentino. — Ri, deixando meus lábios roçarem os seus. Esquecendo do romantismo, segurei-a pela nuca, trazendo sua boca para dentro da minha e possessivamente capturei sua língua com a minha.

— Não sabe... — disse ao soltá-la da pressão que minha mão exercia em sua nuca.

— Já que não sei, então me diga.

— Prefiro mostrar. — A virei e a segurei, deixando suas costas baterem firmes no meu tórax e encurvei a cabeça.

Afastando o seu cabelo, jogando-o para lado, deixei a curvatura do pescoço exposta e com a ponta da língua subi lambendo-o até chegar em seu ouvido, quando o circudei e segurei mais firme em sua cintura, travando-a.

— Não serei nada romântico, quero te *foder* desde quando a deixei hoje de manhã. Estou muito excitado — sussurrei em seu ouvido e ousadamente suas mãos ficaram entre nós dois e procurou pelo zíper da minha calça. Até a ajudaria, mas suas mãos foram tão hábeis que não precisei. Segundos depois de abrir o cós, Mell segurava meu pau excitado em sua mão, apertando-o.

— Não seja tão *bad boy*. — A danada sabia como eu gostava quando me masturbava e passava a ponta da unha no orifício da glândula.

— Não serei. Vire e me chupe. Quero sentir sua boca nele agora. — Obedecendo, Mellaine virou e se ajoelhou diante de mim. Olhando nos meus olhos, salivou na cabeça, beijando e lambuzando toda a ponta antes de abrir a boca e colocá-lo dentro, deslizando seus lábios em toda a extensão. — Caralho! Que boca gostosa. — Ela repetia com mais velocidade e o pressionava, apertando-o, para aumentar a fricção e me deixar louco para esporrar dentro da sua boca.

Mellaine me encarava enquanto engolia tudo até engasgar-se, a sensação de profundidade estava me deixando mais sensível e não aguentei, quando novamente, levou meu pau até a entrada da sua garganta e o apertou com a boca.

Segurei sua cabeça e ditei o ritmo, enquanto soltava os jatos dentro, me deixando louco de tesão, ao vê-la engolir tudo.

— Linda. Agora é a sua vez. — Terminei de tirar a calça e a despi, deixando nossas roupas jogadas pelo chão.

A deitei no *recamier* e pedi que abrisse as pernas. Ajoelhado no chão, alcancei sua *boceta*, bem molhada, e primeiro passei o rosto todo por ela, cheirando e incitando-a com a ponta da língua ao rodear a entrada da vagina, provando do seu gosto cítrico. Seu clitóris virou uma deliciosa brincadeira, mordida e pressionava entre os dentes, tirando gemidos de sua boca perfeita.

Sempre gostei de tudo quanto é tipo de *boceta*, mas de Mellaine era diferente, toda fechadinha, rosadinha e muito molhada. Tinha apenas uma faixa mínima de pelo no monte e mesmo com o gosto normal, cheirava a morango com champagne, creio que usava um perfume íntimo para deixá-la tão cheirosa.

— Está gostando, doutora? Se não, posso parar. — A resposta veio imediatamente, ao sentir meu cabelo sendo puxado e meu rosto mais enterrado no meio de suas pernas.

Abri as dobras da *bocetinha* e deixei-a arreganhada para mim e com a língua lambi de baixo para cima, vindo desde o orifício encharcado até a ponta do clitóris. Repeti até vê-la erguer o quadril do estofado e encurvar seu abdome, gozando e gemendo alto. E antes que os espasmos de prazer terminassem, levantei e a ajeitei, deixando espaço para eu ajoelhar entre suas pernas. Segurando seu quadril, trazendo-o para mim, a penetrei de uma vez e gemi com a sensação plena de estar dentro.

Tão sensível e quente, com sua vagina me apertando.

Sentindo pele com pele, me deitei sobre seu corpo e até chegar em sua boca, a beijei toda, dedicando maior parte do tempo em seus seios redondos e empinados; eu os chupava, brincando com os mamilos eriçados entre meus dentes, enquanto ela gemia e cravava suas unhas na minha pele.

Essa mistura de dor e prazer me satisfazia e me incitava a afundar mais dentro dela.

Dobrado sobre seu corpo, beijando-a e mordendo seus lábios, comecei a estocar duramente, com menos espaços, encurtando a saída do meu pênis de dentro dela, estava pronto para gozar quando Mellaine contraiu.

— Porra, Mell, não faz isso, senão vou acabar gozando dentro.

— Então goze, goze onde você quiser. Sou sua Valentino. — Tão diferente na hora do sexo, Mellaine, se mostrava entregue, rendida. E quase agindo por impulso, me retirei já gozando, respingando em sua pelve e vendo seus olhos brilhando ao contemplar a cena do meu gozo. Brinquei e enchendo seu umbigo de porra ao terminar de manipulá-lo, espremendo até a última gota, mas a cena a seguir foi minha perdição. Mellaine ousadamente, passou a mão por cima do

sêmen, sobre seu abdome e levou até os seios, envolvendo os mamilos com o líquido branco e massageou-os.

Ao contrário pós *foda*, incitado pelo gesto, ainda continuei excitado. À medida que torcia seus mamilos, entre os dedos e gemia, aumentava em mim a vontade de continuar fodendo-a sem cessar.

— Mas é muito safada — disse mantendo o contato visual com ela quando fez a menção de lamber os dedos sujos. — Não brinca, doutora.

Segurei sua mão antes que chupasse o indicador e a puxei, saindo de cima do divã e a pegando no colo, levando-a para o sofá ao lado me sentei e mandei que descesse. Ajudando-a, com as mãos em sua cintura, apertei quando a senti escorregar, me tragando. Mellaine, me surpreendia a cada *trepada*. Era vulgar a forma como me *fodia*, cavalgando e rebolando sobre meu pau, mantendo o ritmo até gozar e cair sobre mim sem forças.

Desde essa noite, praticamente quase todas as noites tem sido intensas, umas três vezes a levei escondida no complexo, sem minha mãe ou Marco ver. Em uma dessas noites, achamos que não teria ninguém e dei de cara com Giovani na garagem, quando estava chegando, porém como ainda estávamos mal nos falando, sendo o estritamente necessário, ele entrou rapidamente.

Foi a última vez que Mellaine esteve em casa e dormiu lá antes de *mammá* descobrir e, agora, estava na mesa do café tendo que aguentar seus questionamentos.

— Meu filho, como assim a ex namorada do seu irmão? — Era a terceirava vez que repetia a pergunta. — Você acha que não a veria pelas câmeras de segurança.

— Mãe, se quer saber, conheci Mellaine bem antes que Giovani. Não tem nada demais. Estamos namorando. — Soltei de uma vez, para evitar mais perguntas.

— Mas por que ela? — Não seria possível Dona Ana ficar me questionando tanto assim.

— Porque eu gosto dela, e Giovani está casado com Bella há quatro meses e até agora a senhora não falou com ele.

— Não tente desviar o assunto. Não quero que meus filhos briguem mais. Ainda mais porque você está namorando a médica.

— Estou até pensando em casar. — Não era uma verdade inteira. Já cogitei esse pensamento, quando fui a New Orleans resolver uns problemas e acabei confessando o que éramos. Que pertencíamos a uma organização da máfia italiana. De momento achei que Mellaine fugiria e quando me provou que era destemida, fiquei encantado. Foi quando pensei em pedi-la em casamento, mas pensei melhor e achei que seria muito cedo.

— Vai me matar, Luca Valentino. — Dramaticamente, minha mãe encenou, com as mãos sobre o peito.

— Sem dramas, Dona Ana. Mellaine é uma mulher ótima para mim. Eu gosto dela e estamos apaixonados.

— Luca, você vai matar sua mãe. — Terminei de comer os ovos no prato, peguei a fatia de bacon e deixei a cozinha.

— Vamos jantar essa noite, levarei minhas meninas e assim poderá conversar à vontade com ela.

— Não. Prefiro aqui em casa. Marco já avisou que dormirá naquele apartamento de orgias. Hoje ele fará mais uma de suas festinhas bacanais. — Ri da expressão aterrorizante dela.

— Para *mammá*, até parece que não *transava* com o velho. Teve quatro filhos feito como? Tenho certeza de que era bem safadinha. — Tomei um tapa no ombro na frente da empregada de muitos anos da casa.

— Me respeite menino.

— Te amo, Ana Valentino, você é a melhor mãe do mundo. — A apertei, abraçando-a firme enquanto beijava com força sua bochecha. — Prepare para conhecer sua nora essa noite.

— Eu já conheço e não me agrada muito. — A soltei sobre protestos.

— Por mim, ela me faz bem.

— Sempre, meu filho amado. — Despedi e não voltei mais ao complexo.

Hoje tinha algumas pendências para serem resolvidas, precisava criar a nova campanha e algumas referências de divulgação para *Le Bordon*. E isso

significava que teria uma reunião com Giovani, a minha sorte foi ele ter desmarcado. Ainda estava um clima pesado, entretanto, deixei tudo preparado e mais cedo avisei Mellaine sobre o jantar e da minha conversa com minha mãe no café, deixando combinado que a pegaria no hospital quando saísse.

No horário marcado, a peguei e fomos para minha casa, sem nos escondermos.

O jantar foi muito bom, Mellaine passou pela segunda vez com êxito, pelo interrogatório da matriarca. Agradando-a um pouco mais e depois de conversarmos, levei Mellaine para o meu apêndice e quando retornei na casa para pegar mais um pouco de sobremesa para Mell, encontrei *mammá* e Giovani conversando.

— Boa noite, Luca.

— Boa noite. — Devolvi o cumprimento dentro da formalidade em que estávamos nos tratando.

— *Mammá* disse que estava namorando sério. — Giovani comentou tentando puxar algum diálogo comigo.

— Sim. — Ainda me mantinha formal e tentando analisar a situação e do quanto minha mãe havia dito a ele.

— Fico feliz que esteja com alguém seriamente.

— Já vai vir com o sermão de que passou da hora de ter alguém sério. — O cortei antes que começasse a lição de moral.

— Não, Luca. Giovani, ficou feliz. — *Mammá* interveio, tentando amenizar a situação como sempre.

— Fica tranquilo, irmão. Só quero que as coisas entre nós melhorem. — Dei de ombro, pouco me importando. Depois da forma como agiu, ainda quis que eu pedisse perdão e agora me vem com essa.

— Beleza, vou voltar para o apêndice — tentei encerrar.

— Poderia levar sua namorada para *Nápoles*, depois de amanhã com toda a família. — Eu sabia o que ela estava fazendo: estava tentando unir a família e fiquei com pena, minha mãe sempre querendo que permanecêssemos unidos.

— Uma ótima ideia, *mammá*. — Giovani falou para agradá-la.

— Será que quando ele souber quem é minha namorada vai querer mesmo? — perguntei a minha mãe.

Não esperava por Giovani aqui hoje e ainda mais minha mãe intrometendo, querendo apaziguar tudo, contando sobre minha vida.

— Por quê? O que teria de tão grave com sua namorada que eu não vou gostar?

Fiquei parado, olhando por cima do ombro de Giovani, imaginando e vendo a melhor maneira de revelar tudo.

CAPÍTULO 11

Mellaine

Queria ter visto a cara de Giovani e sua reação quando ficou sabendo que eu era sua mais nova cunhada. O vi pelas costas, quando fui atrás de Luca. Ele estava demorando e imaginei que algo estivesse acontecendo e, como não havia sido notada, fiquei parada no batente da porta, indecisa se entraria ou não e decidi que seria melhor esperar para ver o que Luca iria querer.

— Independente de quem for, Luca, fico feliz. Não desejo seu mal — Giovani disse, sentado sobre uma das banquetas de madeira maciça, que ficavam ao redor de uma grande ilha na cozinha.

Olhei para Luca quando me viu e esperei seu sinal, mas pelo visto não seria uma boa e, para evitar uma discussão, preferi deixá-los se acertarem. Ficar e me revelar ali não seria sábio da minha parte. Já tinha um Valentino, agora era questão de tempo, não colocaria tudo a perder batendo

de frente com o chefão e perder o que já estava garantido, entretanto, ainda não tinha esquecido a traição de Giovani, ele teria em breve o que merecia.

Deixando-os, voltei para o apêndice de Luca e fiquei deitada na cama. Ele demorou um bom tempo, até que retornasse e estava quase dormindo quando escutei trancar a porta e sua presença sentando-se na cama, bem próximo a mim. Como estava de olhos fechados, me mantive assim e carinhosamente senti seu toque, acariciando meu rosto, um gesto terno para o debochado Valentino.

Quando Luca tinha esses momentos, era carinhoso e despojado, nada comparado com o cínico que era. Em muitas vezes, esse seu jeito mandão e mimado, me irritava muito e, era nessas horas inesperadas, que me pegava de surpresa e me fazia sentir algo a mais.

— Mell! — sussurrou. — Delícia, acorde, preciso conversar com você. — Bocejei e abri os olhos, diretamente fitando-o, na minha frente.

— Acho que peguei no sono, você demorou um pouco. — Continuei com minha atuação de quem estava acabando de acordar.

— Desculpa, mas acabou que a conversa na cozinha se estendeu um pouco.

— Vi que Giovani estava lá. Peguei um pouco da conversa — deitei-me sobre o braço, de lado, olhando para ele.

— Sim, contei que estávamos saindo desde o término de vocês dois, só não sei se ele ficou feliz mesmo. E *mammá* o convenceu de que deveríamos ir esse fim de semana para *Nápoles*. Ele vai ter uma reunião e seria um fim de semana em família. Ela disse que fazia questão que nós dois estivéssemos juntos com eles, então, acabou que ele concordou como uma trégua. — Encurvou e selou meus lábios, após falar que sua mãe queria que fôssemos juntos e tomada pela surpresa, não consegui responder. — Quer conhecer Nápoles comigo?

Fui surpreendida, não esperava por isso.

— Mas Luca, como assim, do nada? Giovani aceitou numa boa?

— Sim, gata. Também achei estranho. — Deu de ombros e, sorrindo, escorregou ficando na mesma posição que a minha, de frente e com uma das mãos passou pela minha cintura e me puxou para ele. — O que acha? *Trepar* gostoso, vendo o mar italiano. — O pique do Valentino era intenso e com a voz sedutora, tentava me convencer ao seu modo provocativo, encaixando seu joelho entre minhas pernas, apertando minha vagina com o osso, entretanto, algo me deixou apreensiva, misturando meus sentimentos de que Giovani não se importou em relação a mim e seu irmão.

— Não sei!

— Por quê? Posso saber?

— Como esse fim de semana não tenho plantão, tinha combinado de ir ver minha tia.

— Não pode ir em outro momento? Pensa bem. Fim de semana na Itália, gostosa. — Luca, não me dava tempo para pensar. Enquanto buscava argumentos, ele deslizava seus lábios úmidos pelo meu rosto.

— Não sei se seria uma boa. Ainda não me sinto confortável... — não terminei a frase, ao sentir, a ponta da sua língua, entrando dentro da minha orelha, me excitando.

— Confortável com o que, safada deliciosa? — gemi com suas mãos buscando meus seios.

— Com seu irmão e sua cunhada. — Parou e ergueu a cabeça, olhando sério para mim.

— Ainda sente algo pelo meu irmão, Mellaine? — Seu tom provocativo agora se tornou, frio e sério.

— Claro que não — respondi o mais rápido e firme que pude, aparentando ser o mais convincente possível. Mas claro que não da forma

como ele pensava. — Só acho estranho, afinal, namorei com Giovani por um ano, não foram meses.

— Não tem nada a ver, Mell. Estamos juntos agora e ele casado. Cada um com sua vida e você é minha, doutora. — Mesmo me olhando resabiado, sorriu e voltou a esfregar sua boca na minha pele.

— E eu quero você, bad boy — sussurrei, agarrando no seu cabelo, quando abocanhou um dos meus mamilos por cima da roupa.

— Isso, Mell. Vamos depois de amanhã, *foder* muito a moda realista da Camorra. — Não respondi que viajaria com ele e sua família, mas da forma como me excitou não fui capaz de negar.

Brincando enquanto me *fodia*, Luca parava bem no momento que gozaria, trocando meu gozo por um sim.



Dois dias depois estava em solo europeu ao lado de Luca Valentino.

Viajamos em aviões separados ao do seu irmão, junto com Marco. Giovani e Bella viajaram juntos, com a família Dellatore e a matriarca dos Valentino. Foi melhor assim, não sei qual seria minha reação ao vê-los juntos, sabendo que fui feita de otária pelos dois. De uma coisa sabia; que não ficaria por isso, mesmo que Luca em certos momentos me tirava do foco, ainda estava ressentida por ter sido trocada da maneira que fui.

— Está cansada? — Luca me perguntou enquanto estávamos andando pelo Castelo.

— Não, estou achando tudo lindo. — Sorri, desfazendo dos seus braços na minha cintura, para continuarmos a caminhar.

Duas horas depois, os outros chegaram. Estávamos de mãos dadas quando avistamos Giovani e Bella entrando no Castelo. Os dois, ao longe, exalavam paixão e, vê-los felizes me fez sentir muita raiva, pois estavam vivendo assim, nas custas da traição comigo, mas não daria esse gosto, mostraria que superei, Bella teria do próprio veneno. Ela experimentaria o que é uma mulher ficar em cima, pagando de super amiga do seu namorado.

— Vamos subir. Quero tomar um banho com você — pedi e sensualmente raspei minha unha na palma de sua mão, convidando-o com segundas intenções; mas no caso não como ele pensaria e sim para darmos de cara com o casazinho bem na entrada.

— Mas é safada demais. — Sua risada rouca fez exatamente o que queria: chamando atenção de Bella e Giovani e, me mostrando apaixonada pelo caçula, me agarrei mais ao seu braço, deixando meu rosto colado ao seu ombro quando chegamos perto deles. Porém, a idolatrada, Bella Dellatore, demonstrou-se insatisfeita e irritada com nossa presença, tendo a reação que queria.

Ela questionou sobre minha presença e Giovani pediu para se acalmar, deixando-a, aparentemente mais irritada, levando-os a discutir em vozes alta. Sem nos cumprimentarem, subiram.

— Bella é mimada demais. Já imaginava que ela ficaria irritada. — Luca disse, demonstrando pouco se importar, porém, me fiz de vítima.

— Esse era um dos motivos que não queria vir, não quero atrapalhar em nada.

— Mell, você não fez nada. Bella que acha que todos tem que estar aos seus pés. — Em consolo, fui parar no meio de seus braços. — Se Giovani permitiu, ela vai ter que aceitar.

— Quem vai ter que aceitar? — Estava de costas no momento em que Ana Valentino entrava, acompanhada da mãe de Bella e nos

questionava. De certo havia escutado o que estávamos falando.

— Bella, *mammá*. Chegaram e não nos cumprimentaram. Bella surtou ao ver Mell. — Luca respondeu me soltando e indo de encontro para abraçá-la.

— Mas por quê? Não tem nada a ver, Mellaine é sua namorada.

— Exatamente. — Luca concordava com o pensamento da matriarca enquanto cumprimentava a mãe de Bella, que me olhava dos pés à cabeça, ao contrário da filha, Nina Dellatore, que foi educada aproximou-se para me cumprimentar com um beijo no rosto.

— Desculpe, mas não quero causar nenhum desconforto entre os dois — tentei esboçar um sorriso.

— Imagina, querida. Bella está numa fase complicada e amanhã terão uma reunião muito importante. — Nina, educadamente, respondeu em defesa da filha dando uma desculpa esfarrapada.

— Sim, Mellaine. Você agora é da família, namorada do meu caçulinha. E estou muito feliz que as coisas estejam se ajeitando. Já estava me sentindo péssima com a briga deles.

Demonstrei não estar ofendida. Quando Luca e eu ficamos sozinhos, tentei de algum modo não demonstrar minha alegria por ter atingido o meu objetivo. Não estava me importando se Bella e Giovanni fizessem as pazes, o que valeu foi ver o quanto se sentiu ameaçada.

Antes do jantar, tomamos banho juntos. A companhia de Luca era incrível e muitas vezes me fazia esquecer do propósito que tinha contra sua família, ainda mais agora, depois de ter sido feita de idiota por seu irmão. Meu plano era provocar Bella e levá-la ao limite. Faria com que todos testemunhassem meu carinho por Luca para que não desconfiassem de nada quando eu bancasse a ex-namorada compreensiva e boazinha.

Giovani se isolou ao descer. Quando resolveu se aproximar, ainda com cara de poucos amigos, chamou Luca para fora da sala. Minutos depois, o caçula voltou meio apreensivo e com uma expressão nada agradável. Imagino o teor da conversa. Bella possivelmente fez a cabeça de Don Valentino e, ele estava agora fazendo os caprichos da “esposinha”.

— Aconteceu algo? — Cochichei no ouvido de Luca, quando retornou para meu lado, após a breve conversa com o *todo poderoso*.

— Não! Está tudo bem. — Não acreditei na sua resposta, pois, sua expressão o denunciava e para evitar qualquer impasse entre nós dois, me mantive quieta, como se nada tivesse acontecido.

Depois que voltamos para o quarto, transamos loucamente na sacada, olhando para o mar. E, mesmo com o ar gélido, me deixei ser levada pelo momento. O sacana ergueu meu vestido, tirou minha calcinha e me deu ordens para segurar na sacada enquanto se posicionou atrás de mim. Pediu para que eu não gemesse e fingisse que estávamos somente abraçados, olhando a lua brilhar no reflexo da água enquanto me fodia silenciosamente.

Luca, era tentador ao extremo. Tinha uma fome insaciável pelo sexo, me levando a loucura e a cada dia ficava melhor; os atos nunca eram iguais, até o famoso, papai e mamãe, ele sabia fazer ficar diferente e muito prazeroso, sendo bem melhor do que Giovani, na cama.

Depois da silenciosa *trepada* na sacada, fomos para cama e adormecemos nus, suados e abraçados. E quando achei que dormiria em paz, acordo com Luca me chupando, maravilhosamente, esfregando meu clitóris entre seus dentes, colocando-o todo dentro da cavidade oral.

Ao menos uma certeza eu tinha: estava sendo fácil levar esse namoro.

Tinha um sexo maravilhoso, um homem lindo ao meu lado que sentia muito tesão por mim e vice-e-versa, também sentia uma forte atração pelo narcisista do Valentino menor e nos momentos em que estávamos juntos não eram em nada nostálgicos.

Incansável, resumiria a disposição dele e depois do maravilhoso sexo de madrugada, o bad boy acordou cedo não me deixando dormir.

— Mell, vamos tomar café e conhecer tudo, quero te levar a alguns lugares maravilhosos aqui. — Ele me acordou com beijos no rosto.

— Não, vamos dormir mais um pouco. — Ainda de olhos fechados puxei o lençol para cima da minha cabeça, me cobrindo completamente.

— Não, vamos acordar cedo, tomar café e vou te levar para conhecer o restante da propriedade, nada de moleza. — Luca agarrou o lençol e o retirou sem gentileza alguma me forçando a acordar completamente.

— Luca, por favor, preciso de pelo menos algumas horas a mais de sono. — Quando me virei eu o vi, de banho tomado, com os cabelos molhados e despenteados, sorrindo pecaminosamente ali na minha frente, em pé e parado ao meu lado, somente de cueca, mostrando todo seu corpo e em detalhe o “V” perfeito de seu quadril.

Luca, não era como os homens de academia, todo forte. Era bem definido, claro, com braços e pernas trabalhadas e o abdômen todo entalhado por músculos, nada exagerado, e era isso que o fazia ser peculiar, rosto e corpo bonito, sem contar no conjunto sexual, físico e fisiológico.

— Mellaine, sai dessa cama ou te tiro dela agora. — Não duvidaria que cumprisse o que dizia. Era bem capaz de aprontar e antes que fizesse algo, preferi levantar e ajoelhei sobre o colchão me espreguiçando.

— Não faz ideia de como preciso dormir mais.

— Mas não vai. — Luca ajoelhou com um dos joelhos sobre a cama, me alcançando ao me puxar pela cintura somente com uma mão, envolvendo-a, deixando meu corpo quente em contato com o seu.

— O que quer de mim, Valentino?

— Quero tudo de você, doutora — sussurrou e me apertou contra seu corpo, enquanto a outra mão segurou a lateral do meu rosto. — Não faz ideia do quanto te quero.

— Não se cansa? Já não perdi o prazo de validade? — Ele riu e antes de me soltar, mordeu minha boca.

— Com você não. Descobri que gosto de *bocetas* com prazos estendidos. — Não lhe respondi, apenas mexi em seu cabelo molhado tentando ajeitar o topete extravagante.

Não conseguia responder na mesma intensidade. Luca me pegou de surpresa ao se mostrar diferente do que era. Nada comparado ao que foi no início, quando bancava um verdadeiro cretino.

CAPÍTULO 2

Mellaine

Já estávamos à mesa tomando nosso café quando o casalzinho chegou. Pelo visto, estavam muito bem. A cena dos dois me enojava.

Como conseguiam serem felizes as custas de uma traição?

Olhei para Bella e tentei esboçar meu melhor sorriso, mostrando que não me ressentia nenhum pouco e agi como se jamais tivesse namorado com seu marido. Ela estava linda dentro de um vestido verde, com os cabelos escovados, parecendo que havia saído de dentro de uma revista. Giovani a olhava embasbacado. E não posso dizer que nesse momento não senti raiva de vê-los juntos, era para ser eu em seu lugar, mas ela teve que ressurgir do inferno para tomar o que era meu. Ainda mais quando Giovani anunciou a gravidez dela como se fosse o maior troféu, sendo carinhoso e todo amoros com ela, o que despertou ainda mais o meu ódio. Mas isso não ficaria assim, faria da sua vida um inferno e Bella sentiria na pele o que é ter outra mulher sendo gentil com seu companheiro. E claro tomei o máximo de cuidado em ser sutil e não causar um problema comigo e Luca.

Gentilmente, toquei no braço de Giovani e passei a ser amigável, doce. Consegui o que queria, irritá-la. E com isso ela causou um grande constrangimento a todos ao ser grossa, saindo da mesa com sua atitude imatura, porém, pouco me importei. Por dentro eu estava gloriosa por desestabilizá-la.

E não foi só no café que Bella deu seus *pitis*. Mais tarde, ela foi ainda mais grosseira ao deixar explícito que não queria minha presença e a de Luca para o almoço, deixando Giovani sem saber o que fazer. E, como um *cachorrinho*, não parecendo um Don, foi atrás dela dizendo para seu irmão e eu irmos sem eles. E mesmo frustrada por eles não terem ido conosco, aproveitei ao máximo o passeio conhecendo um pouco mais de Nápoles. Ao retornarmos, vimos os dois arrastando suas malas, de volta, sem nos olhar.

Desde então, a cada oportunidade que tenho faço questão de estar na casa de Ana Valentino. E Bella já estava de seis meses, quando Giovani me chamou para conversarmos. Achei estranho e, um pouco esperançosa, fui ver o que o poderoso chefão queria, na verdade, ele me pediu para parar de provocar Bella, mas fui enfática ao afirmar que eles que aprontaram comigo. Giovani passou a me evitar e ir menos a casa de sua mãe, colocando um fim nos nossos encontros repentinos.

Não contei para Luca sobre a conversa e no aniversário da sua mãe, vi uma oportunidade perfeita quando Giovani disse que viajaria para a Itália sem a idolatrada esposa. Luca pediu para ir junto. Ali seria a minha chance de acabar com esse caszinho. Mais que depressa, dei um jeito de avisar que não trabalharia naqueles dias e pedi a Luca se poderia ir também. Ele não desconfiou nem por um segundo das minhas segundas intenções.

Viajamos no mesmo avião e fui informada que haveria uma festa, promovendo a posse de Tony Dellatore, o irmão de Bella. Como não sabia

de nada, aproveitei o dia onde estariam em reunião e fui comprar um vestido no centro de Nápoles. Acompanhada por Luca, acabei ganhando dele de presente.

O vestido era lindo. Um azul escuro de tecido brilhante que se ajustava perfeitamente em meu corpo. Alças finas e uma grande abertura nas costas. Acho que nunca havia vestido nada tão bonito e elegante que me fizesse sentir uma mulher poderosa e sensual.

— Não imaginei que fosse ficar bonito em você, na verdade, doutora, ele ficou perfeito. Não vejo a hora de tirá-lo e beijar cada parte de seu corpo. — Luca entrava no banheiro, onde eu terminava de me arrumar e veio me abraçando por trás, deixando seu queixo no meu ombro. Ele também estava lindo dentro do smoking preto, com os cabelos todo penteado para trás, junto com o famoso topete, um dos detalhes que o deixava mais atraente. Adorava quando ficava irritado e bagunçava toda a franja, que sempre estava organizada e para cima. O bad boy exibia o semblante tranquilo e carinhosamente depositou um beijo na minha clavícula.

— Espero não ser trocada por nenhuma italianinha. — Brinquei ao me virar ficando de frente, ainda dentro dos seus braços.

— Fica quieta, Mellaine, não fala besteira. Você é minha namorada e no momento, Luca Valentino, o *gostosão* aqui, não está em comercialização. — Dei um tapa de brincadeira, em seu ombro no exato momento em que me apertava mais contra seu corpo. — Mas não se iluda que vou usar uma coleira, é você que é minha cachorra... — Me encolhi com sua carícia, esfregando e respirando pesadamente em meu ouvido. — Gostosa e deliciosa. Poderíamos ficar aqui do que ir jantar com aquele bando de velhos. Sei como animar uma festa.

Afastando-se de mim, Luca dançava sem som, abrindo o blazer do smoking, gingando o quadril, mostrando que já estava excitado.

— Claro que não, quero usar meu vestido novo.

— E como vamos ficar, Mell, vai nos deixar assim?

— Assim como? — Seu sorriso era malicioso e tentador. Sei que Luca tinha outras ideias, mas não perderia a oportunidade de estar entre todos que me tiraram tudo.

— Não se faça de inocente, eu e meu companheiro queremos uma festa particular, ou melhor, doutora, estamos doentes e precisamos de cuidados médicos. — Eu o observava, achando graça na sua brincadeira, contudo o clima irreverente ficou sedutor, com ele vindo na minha direção, me encurralando contra a pia do banheiro. — Vai negar atendimento, doutora?

Já estava perto e tentando barrá-lo, espalmei a mão em seu peito, por cima da camisa.

— Como médica, não vejo nada de doente em vocês dois, principalmente nele.

— Se não viu é porque não o examinou ainda. — Seu olhar era intenso e me tragava para dentro daquela coloração amadeirada.

— E nem vou, vamos ir à festa, não me deu esse vestido caro só para poder tirar.

— Quem disse que não? Quero tirá-lo agora.

— Luca, agora é sério. Vamos para a festa, estou com fome. Depois podemos voltar e aí te examino todo.

— Só se for um exame completo com a boca. — Não consegui segurar o riso, o bad boy era desbocado e como estava relaxado, exibia essa sua faceta divertida.

— Como você quiser, Valentino. Agora quero comer, podemos?

— Você não é nem um pouco divertida, estragando a nossa festa. —
Dizia da boca para fora enquanto segurava em minha mão e me guiava para fora do banheiro.

Descemos e em toda minha vida não imaginei estar pisando em um Castelo, ainda mais estar entre os traidores que se venderam. Quis isso por muitos anos, tinha ainda dúvidas de que conseguiria um dia me vingar dos culpados e só tive certeza de que era possível, quando me envolvi primeiro com Luca e depois com Giovani, porém estar com Luca não me dava privilégios, mas era minha ponte segura e o que precisava agora era só de tempo, primeiro começaria com Giovani e Bella, por terem agido nas minhas costas, se casando.

Ainda não tinha digerido bem essa traição.

Teria meus minutos de glória e queria muito ver Bella sentir o que senti.

Como será que a primeira dama dos Valentino se sentiria? Quando souber, que seu querido marido estava traindo-a com a ex?

Não foi nada armado, mas as provocações que fiz me levaria a tentar algo, já sabia o suficiente que no passado, Giovani foi um conquistador nato e que usava Bella como sua amante, enquanto era noivo da filha de um outro Don, de uma outra divisão. Usaria dessa mancha do passado deles, para começar minha vingança contra os dois.

Giovani perderia primeiro a esposa grávida e depois perderia tudo, daria um jeito de entrar na sua família por bem ou por mal e os destruiria de dentro para fora, como uma ferida que precisa ser cicatrizada. Os Valentino por muitos anos foram minha ferida aberta e estava mais perto do que nunca de fechá-la.

— O que está pensando? — Luca retornava para meu lado, me trazendo outra taça de champagne.

— Estava te esperando — respondi, tentando disfarçar no que pensava e para onde olhava nesse momento.

Giovani tinha acabado de chegar, sendo rodeado por alguns homens mais velhos, que Luca havia me apresentado minutos atrás. Ele os cumprimentava como um rei e o que me passou pela cabeça, ao vê-lo com seu charme, foi muito mais que acabar com seu casamento.

Precisava novamente estar em sua cama, só que dessa vez eu engravidaria, já não estava tomando as pílulas há mais de um mês, e se não conseguisse ser do *Alfa*, seria de seu irmão mesmo, assim eu teria um passe livre não só dentro da sua casa, mas em tudo. Com um dos dois teria que dar certo, minha preferência agora seria dele e duvido, que depois disso seu casamento sobreviveria. Caso não desse certo daria um filho a Luca e me tornaria esposa do caçula mesmo.

Não tinha mais dúvidas que de um dos Valentino eu engravidaria.

A noite toda com esses pensamentos permeando minha cabeça, tive que disfarçar e um pouco mais tarde, quando vi Giovani aproximando e se despedindo percebi que ali seria minha deixa e pedi a Luca que pegasse uma garrafa de champagne para nós. Aproveitei que estava sozinha, fui atrás, na direção em que seu irmão ia.

— Giovani. — O chamei quando estávamos sozinhos, próximo a escada que levava para o segundo andar na ala em que nos hospedamos.

Parei alguns metros quando ele parou e olhou por cima dos ombros, me vendo ali parada, na fraca iluminação.

— Mellaine?! Aconteceu algo? — Giovani mudou o rumo e voltou até onde eu estava parada.

— Sim! Preciso falar com você. — Não esperei sua resposta ou uma ação, aproveitei do momento e avancei para cima dele, o abraçando e rodeando seu pescoço o beijei. Travei meus braços em torno da sua nuca,

enquanto com as suas mãos em meus ombros tentava me afastar, entretanto, consegui manter minha boca na dele por alguns segundos e, na disputa de força, fui vencida ao ser segurada pelos braços e empurrada.

— O que pensa que está fazendo? — Numa tentativa frustrada tentei mais uma vez beijá-lo, mas Giovani me empurrou para longe.

— Quero você. Eu mereço por tudo que fez comigo.

— Você está bêbada? Você é a namorada do meu irmão.

— Agora vai dar um de moralista, Giovani? Não pensou em princípios quando me traiu com sua “*Bella*”. — Fui debochada ao me referir a Bella Dellatore e me senti um pouco irritada, por reviver a maneira como fui traída pelos dois.

— Você sabe que não foi bem assim. — Ele começava a se irritar e novamente me joguei, quando senti a pressão dos seus dedos afrouxarem em meus braços. E dessa vez segurei em seu rosto, deixando minha boca na sua por mais tempo.

Antes de me empurrar, coleí meu corpo no seu e tentei enfiar minha língua dentro da sua boca, mas de novo Don Valentino me empurrou e segurou firme em um dos meus braços.

— Não sei por qual motivo você está fazendo isso, mas se controle. Nós não temos mais nada e nunca mais teremos, pretendo morrer ao lado da minha esposa e se comporte como minha cunhada, porque é isso que você é, ou farei você sumir da vida do meu irmão. Não sabe do que sou capaz de fazer para proteger os que amo e não vai brincar com ele, se não gosta mais dele, largue-o. — Nunca vi Giovani agir assim, sempre foi educado e sedutor comigo e, ao vê-lo falar firme e me olhar ameaçadoramente vi que acabava de cometer uma grande loucura.

Aonde estava com a cabeça? Sem falar nada retirei meu braço do aperto de seus dedos e concordei com a cabeça.

— Agora sai da minha frente antes que eu mande chamar Luca aqui e conte sobre a namorada dele. Jamais esperei que fosse dissimulada assim, Mellaine. E vou te dar outro aviso, não provoque Bella como fez no domingo. — Abaixei a cabeça e não o vi sair dali, mas estava arrependida do que tinha acabado de fazer.

Será que ele falaria para o irmão o que aconteceu?

Se falar, Luca não vai querer mais nada comigo, o conheço bem para saber que ele não aceitará muito bem que fui atrás do seu irmão e o beijei. Poderia descartar de uma vez por todas, me aproximar de Giovani foi um terrível erro e, em um misto de sentimentos não retornei no local, andei um pouco pelos corredores do castelo e depois de alguns minutos fui para o quarto onde estava dormindo.

— Aonde estava, doutora? — Fiquei assustada quando entrei no quarto e Luca fechou a porta nas minhas costas, me pegando desprevenida.

Não passou pela minha cabeça que ele poderia ter voltado para cá e para não chamar atenção, virei e sorri, como se tudo estivesse normal.

— Fiquei perdida e resolvi vir para o quarto — falei a primeira desculpa que veio à mente.

— Que bom, porque é bem aqui que te quero, Mell. — Luca se aproximou sorrateiro, e as sombras do seu olhar me deixaram estagnada no lugar. A maneira como me puxou para si, levando uma das mãos ao segurar em garra meu pescoço, foram os estalos para me prender, tendo seu rosto próximo do meu. — Você é só minha, Mellaine, não vou aceitar outro homem próximo a você. — Engoli em seco. Será que ele viu algo ou ficou sabendo que me joguei em seu irmão? Pois a forma como disse, foi imperiosa e possessiva, diferente do debochado e cínico que estava acostumada a lidar.

— Luca... — Não permitiu que eu terminasse a frase e me beijou, forte e duro, me segurando firme junto do seu corpo, não me permitindo nem mover a cabeça. — Luca... por favor. — Tentei afastá-lo e ver o que estava acontecendo, mas quando tentei forçá-lo a me soltar a mão que estava em minha nuca fechou na minha garganta, me assustando com sua atitude.

— Não brinca comigo, Mell, não sabe do que sou capaz. — Comecei a ficar apreensiva. Luca jamais foi duro e ínvio assim. — Eu estou muito apaixonado por você, chega a faltar o ar só de pensar em te perder e que outro homem encoste em você. Se me trair eu mato os dois. — Sua confissão me deixava mais ressabiada ainda, o narcisista nunca foi de se abrir sobre os seus sentimentos e agora estava aqui, me segurando e ameaçando, como se eu fosse sua propriedade.

— Por favor, me solta. — Com medo pedi para me soltar, mas ao invés de me soltar Luca se apossou de mim com sua boca, me beijando por segundos e quando me soltou afrouxou suas mãos e segurou meu rosto, agora ternamente.

— Quero que case comigo. — Congelei e sem reação fiquei olhando pasmada, encarando-o e esperando o momento que soltaria uma risada debochada e diria que havia acabado de brincar. — Mell, quero casar com você. Aceita casar comigo? — perguntou mais sério ainda.

Quando mais precisei pensar para responder nada me veio à cabeça, principalmente agora, que tentei agarrar seu irmão minutos atrás.

O que fui fazer?

Eu seria uma Valentino de qualquer jeito e agi precipitadamente de novo. Não era o que queria, mas seria minha única solução, mas se Giovani o alertasse sobre mim eu o perderia. Precisava pensar em uma solução, no

caso de Don Valentino falar algo sobre essa noite, porque mesmo noiva de Luca isso não me isentava de ser expulsa da vida do caçula.

Apreensiva e desajeitadamente sorri, balançando a cabeça, afirmando que eu aceitava e vi toda aquela aura pesada se dissipar, vendo-o sorri maravilhosamente.

— Te amo, Mell! — Não pude nem pensar na sua declaração e respondi no automático.

— Eu também te amo! — Com pressa, fui novamente para o meio dos seus braços e nos beijamos.

Com toda essa bagunça que criei, ainda assim, consegui me perder nas sensações prazerosas que Luca conseguia me proporcionar quando me beijava, como se fosse seu último fôlego de vida e impulsionada por suas mãos firmes, me virou e jogou meu cabelo por cima dos meus ombros e foi até o zíper do vestido e, o abriu, empurrando o tecido azul todo para baixo, formando um amontoado de pano nos meus pés.

— Vamos comemorar, sra. Luca Valentino. — Abracei meu corpo nu e não olhei para trás, só escutei o barulho e estouro da rolha saindo da garrafa. Ele voltava para perto com a garrafa nas mãos e me ofereceu o gargalo da bebida cara.

Luca sabia brincar sexualmente, ainda mais quando já estávamos bêbados e pelados, sobre a cama. Ele derramava a bebida sobre meu corpo e me lambia, enxugando o líquido sobre minha pele, em uma mistura sensacional e libertadora que não me deixava pensar em mais nada, somente nele, enterrado dentro de mim, movimentando lentamente, centímetro a centímetro, sentindo a carne gorda do seu pênis me penetrar.

— Mell, você é a mulher da minha vida. — Após derramar todo o champagne no meu corpo e bebê-lo em mim, colocou a garrafa de lado, esfregando com as mãos os resquícios da bebida na minha pele. — Te amo

— sussurrou enquanto arremetia, lentamente e gostosamente, como se estivesse aproveitando nos mínimos detalhes.

E em todas as vezes respondi que o amava também e notei que realmente gostava de Luca de uma forma diferente, mesmo com todo ressentimento do passado e com toda a idiotice que cometi essa noite.

Assim foi nossa madrugada adentro, com ele se declarando a todo momento e principalmente no momento que gozávamos, unidos e no mesmo tempo.



Foi uma das noites mais intensas que passei com ele.

Luca era vigoroso e voraz, me *fodeu* de todas as formas que pudemos e em todas eu o deixei fazer o que queria, foi tão cúmplice, como se fôssemos feitos um para o outro e agora estávamos indo embora, com o clima tenso. Giovanni mal respondeu um bom dia e no avião preferiu se isolar em uma das poltronas avulsas por toda viagem, nada que eu não soubesse o porquê, porém, sua expressão me deixava com medo, era como se ela falasse que meus dias estavam contados.

Desembarcamos e dois carros nos esperavam.

— Luca, vou para casa, estou com saudades e preocupado com Bella, não consegui falar com ela ainda hoje. — Sem se despedir de mim, evitando me olhar e ignorando-me, Giovanni foi embora, nos deixando para ir em outro SUV preto. E dentro do carro, aconchegada em Luca senti que havia colocado tudo a perder. Não poderia confiar que seu irmão não o alertasse.

— Está muito quieta, futura senhora Luca Valentino. — Olhei para cima após receber um beijo seu, no topo da minha cabeça e sorri com tanto

medo, destemida da coragem de ontem, quando simplesmente me joguei em Giovanni.

— Impressão sua, estou cansada, queria ter a mesma disposição que você tem. — Deixei meus lábios entreabertos, oferecendo-os para ele.

— Te amo Mell. — A versão carinhosa de Luca era completamente apaixonante e a cada gesto e demonstração sua, me deixava com o coração apertado.

Respondi que o amava também.

E ao me deixar em casa, nos despedindo na porta, após colocar minhas malas para dentro do pequeno apartamento e me abraçar.

— Hoje à noite quero levá-la para jantar. Precisamos acertar algumas coisas para nosso noivado, pois quero conhecer sua família e pedir sua mão. — Por um momento e desesperada concordei com a cabeça, sem saber o que fazer e agora, mais do que nunca, me questionando os porquês...

As coisas estavam tomando uma proporção da qual não esperava e não tinha consciência que se fechariam rapidamente assim.

Havia alguns fatos dos quais agora complicaria tudo; como apresentar minha família.

— Luca, você sabe que sou órfã — respondi objetiva.

— Mas e sua tia? — Em um dia desses quando pediu para conhecer meus pais, contém minha triste história, omitindo alguns fatos e disse que só tinha uma tia, mas esse seria um grande problema, quando dissesse quem era, o sobrenome italiano chamaria atenção e talvez pudesse levá-lo a descobrir tudo sobre mim.

O que podia eu contei, evitando que me investigassem, tanto para ele quanto para Giovanni.

— Não estamos nos falando. — Acabei mentindo de novo. — Se não se importa, gostaria que fosse só eu e você.

— Mell, você acha que minha mãe deixará passar batido meu noivado com você?

— Você está muito romântico, bad boy. — Antes de selar meus lábios, Luca sorriu me apertando mais entre seus braços.

— Porque encontrei o amor da minha vida. Quero que acredite em mim. — E eu acreditava que era verdade, porém, o misto de sentimentos que me envolvia era o que me deixava perdida, sem saber o que fazer e de uma coisa eu tinha certeza: depois dessa noite tudo havia mudado, quando disse que me amava. Eu já não estava tão certa quanto o que queria realmente. Um lado de mim o queria e uma pequena parcela queria vingar a morte de meu pai.

CAPÍTULO 3

Luca

Deixei Mellaine em sua casa e estava dentro do carro, com a cabeça tombada para trás, contemplando o teto do SUV preto, não sei se estava sorrindo, mas era notável minha felicidade.

— A senhorita Tordarelli lhe está fazendo muito bem. — A voz grossa vindo do banco da frente me tirou do transe.

— Mellaine? — Endireitei-me no banco e olhei curioso para o segurança. Afinal, quem seria Tordarelli? Se estava se referindo a Mellaine era algo desconhecido para mim, pois, esse não era o sobrenome dela. No bordado em seu jaleco sempre esteve “Dra. Jackson” — Sim. Ela é sobrinha de Maria e Franco Tordarelli, lembro-me de quando foi morar com eles, após a morte do pai e eles acabaram adotando-a como filha. Eles fazem parte da antiga Camorra. — Não sabia sobre isso. Para mim Mellaine perdeu os pais quando ainda era um bebê, ao menos foi o que me disse. — Fui pego de surpresa com este fato. Mellaine não havia mencionado que era de família italiana. — Não, senhor. Franco é o escudeiro do bairro para seu irmão, ele que ajuda no controle. Você o

conhece. — Claro que conhecia Franco Tordarelli, mas nunca me passou pela cabeça que Mellaine fosse sobrinha dele e não sei por que, mas estar sabendo disso, por outra pessoa, não me agradava nem um pouco e isso significava que havia mentido para mim.— Fabrizio, você tem certeza? — Claro, senhor, fui vizinho deles a minha vida toda. Muito estranho. E algo me dizia que tinha mais coisas que não sabia ao certo e quando fui questioná-lo mais, o bip do celular tocou e quando desbloqueie a tela fui surpreendido, por uma mensagem de Bella e a foto que veio junto com os dizeres:

“Olha sua namoradinha onde estive... Nos braços de seu irmão ontem...”

Sentindo-me um completo idiota, fiquei quieto, observando a imagem. E ampliando o zoom com os dedos, observei a forma como as mãos de Mellaine estavam segurando o rosto de Giovanni, enquanto sua boca estava colada na dele.

— DESGRAÇADOS! — Um poderoso sentimento de ódio, misturado com desespero me tomou e acabei socando o banco da frente, onde Fabrizio estava sentado.

— Senhor, o que foi? — O segurança olhou para trás, após sofrer o solavanco do banco.

— Me leva para a casa de Giovanni. — Não respondi e ordenei sem dar mais explicações. Pois a explicação quem me daria primeiro era o desgraçado do meu irmão e depois a vagabunda da Mellaine.

Não conseguia acreditar naquela imagem e mantive aberta a foto, o que me deixava com mais raiva, me sentindo um verdadeiro otário por acreditar neles. Também por me deixar levar por uma *boceta* e acabar me envolvendo mais do que deveria. E nesse momento, de olhos abertos, imaginei os dois rindo da minha cara, pelas minhas costas. Debochando do meu pedido de casamento e sendo amantes.

Giovanni ferrou mais uma vez com minha vida sendo o egoísta que era.

Mal deixei o carro parar na entrada da casa e saí, entrando aos berros, chamando por ele e quando o vi, não esperei falar mais nada e parti para cima,

descarregando todo meu ódio. E incontrolavelmente eu o acertava, sentindo o desejo desesperador de matá-lo.

Eu amava Mellaine e não conseguia separar a dor do ódio que me tomou, me levando a cegueira. Parecia que meu peito estouraria, desejando a morte de Giovani pelas minhas mãos.

Após o embate, acabei com Giovani me imobilizando e assim que me soltei, não quis ouvir suas mentiras e o deixei, prometendo a mim que jamais o perdoaria. E de novo dentro do SUV, com os dois homens, juntos, se entreolhando curiosos, sem saber o porquê de tudo.

E pouco me importava se estava com supercílio aberto e sangrando eu só precisava tirar o desespero sufocante de mim e por isso pedi que me levassem a *Le Bordon*.

— Aconteceu algo, senhor? — Frabrizio insistiu em querer saber, mas eu o ignorei novamente.

Não sabia dizer e definir a dor que sentia. Era desesperadora e não dei explicações quando os deixei no carro, na entrada dos fundos. Rapidamente, acessei o interior da boate indo direto para o bar, chamando atenção do pessoal que trabalhava na limpeza, mandando-os sair dali e me deixar sozinho. Sem falar mais com ninguém, fui para trás do balcão e peguei a garrafa do *Bourbon*, o mais caro que tinha nas prateleiras de espelhos. Abri, rasgando o lacre e a virei na boca, bebendo no gargalo em grandes goles.

— Saíam todos daqui, já mandei darem o fora! — Olhei para as mulheres que limpavam e aponteí a saída após falar novamente, ordenando. — Agora!

Sozinho, peguei mais uma garrafa do famoso *Macallan*, o *Bourbon* mais caro só queria tirar essa dor que corroía por dentro. Sentei atrás do balcão, escorando nos espelhos e fiquei ali, escondendo-me de todos.

Nada mais importava e nada se comparava a dor que sentia, nem mesmo os hematomas em meu rosto e o pequeno corte que ainda sangrava. Era algo que me sufocava, retorcia meu estômago, deixando-me a beira da loucura.

Eu só queria que tudo e todos sumissem.



— Aquela desgraçada me paga. — Enrolando a língua após a primeira garrafa, já falava sozinho ao começar entornar o líquido da segunda. — Eu te odeio Mellaine — gritava a plenos pulmões, escutando minha voz ecoar.

Junto com a raiva, por ser traído, também vinha o choro e mesmo que tentasse me manter firme, não aguentei e senti as lágrimas escorrendo, fazendo meus olhos arderem e ficarem embaçados.

Por causa de uma mulher tornei a chorar, algo que prometi a mim mesmo jamais fazer. Não ser um fraco. — *Bebê chorão da mamãe. Vira homem, você é um merdinha, que só sabe pensar em boceta e por isso está aí. Bem feito!* — A risada grossa e nojenta do velho reverberava, ecoando. Eu o via na minha frente, tão real e, mal me aguentando, levantei e mirei, desferindo um soco em seu rumo, mas ao invés de acertar o homem que mais me humilhou, acertei a prateleira de bebidas, estourando o espelho na minha mão, derrubando a fileira de garrafas no chão.

— Some daqui seu desgraçado, vai atrás do seu filho querido e ferrado — gritava, procurando ver onde meu pai estava encostado, rindo de mim.

— Luca! — Não era a voz do velho e senti me segurarem quando tentei me virar e acertar quem estava ali, porém acabei escorregando e caindo entre os cacos do espelho e das garrafas quebradas, em meio a mistura de líquidos, com odores fortes de bebida.

— Vou te matar, Giovani — esbravejava, tentando achar um ponto de equilíbrio para me levantar, mal conseguindo ver quem estava a minha frente. Acabei imobilizado ao ser levantado do chão, não aguentando e sem coordenação nas pernas.

— O que aconteceu? — Consegui ver que era Marco, ao ser escorado por mais de um homem e ele segurar meu rosto, dando tapas, antes que eu fechasse meus olhos, pesados.

— Marco. — De olhos fechados, forcei e me joguei para frente, agarrando-me ao meu irmão. — A vagabunda me traiu. Vou matar os dois.



Acordei, com dores em vários locais do meu corpo, mas a que mais doía, era uma que me sufocava e espremia todo meu interior. E ao abrir meus olhos lembrei-me de tudo e vi que não era um sonho.

Mellaine e Giovanni eram amantes.

Os dois haviam traído a mim e logo depois que a pedi em casamento e declarei tudo que sentia por ela. Como fui idiota a ponto de ser levado por um sentimento que me deixou vulnerável. Agora estava aqui sofrendo por ter sido engando, da forma mais cruel.

— Acordou, princesa? — A voz de Marco se aproximando parecia estar mais alta que o costume e não o respondi. Não estava nenhum pouco apto para brincadeiras. Queria ficar em silêncio e fazer tudo isso sumir.

Sei que bebi muito, pois minha cabeça e a boca amarga me confirmavam isso.

— Luca. — Marco tornou a me chamar.

— Vá se ferrar, quero ficar sozinho. — Sentei na cama e o vi, ao lado da cama, e notei que estava em um dos quartos de sua cobertura.

— O que aconteceu? Fiquei preocupado quando Fabrizio me ligou e disse que estava todo machucado e bêbado na boate. — Marco era o mais próximo de mim. E mesmo com suas brincadeiras ainda éramos mais amigos.

— Giovani e Mellaine eram amantes. — O homem se sentou na cama, cruzando os braços, me encarando.

— Como? Tem certeza?

— Tenho. Bella me mandou uma foto assim que chegamos e fui até Giovani e o bastardo negou. Disse que Mellaine o agarrou. Os dois são uns ferrados, poderiam morrer.

— Não acredito que Giovani estaria traindo Bella.

— Você não o conhece como eu, Giovani é um falso, desgraçado que sempre tomou o que era meu.

— Luca, você não está pensando direito, pode ser uma foto antiga dos dois.

— Estou pensando melhor que todos, eu vi a foto, ela estava com o vestido que dei de presente para ela. A vagabunda vale menos que uma nota de um dólar.

— Bella sumiu, Giovani está desesperado. — Fui informado do que aconteceu, enquanto eu enchia a cara, bebendo, mas pouco me importava, ao menos foi inteligente e deu o fora do ferrado Giovani.

— Bem feito para ele, Giovani não merece ter ninguém e só teve um pequeno corretivo do que terá. — Eu mesmo me encarregaria de fazê-lo se ferrar cada vez mais.

— Não fale assim, Luca. Você não está vendo as coisas com mais clareza.

— Vá se ferrar Marco, pare de ficar defendendo Giovani. Ele sempre foi um egocêntrico que só pensa em si. — Procurei pelo meu celular e o encontrei em uma das mesas de cabeceira e joguei para Marco após abrir e mostrar a foto.

Ele ficou olhando a foto por alguns segundos e fez o mesmo que eu, ampliando o zoom, observando os detalhes.

— É! Não parece que ninguém estava agarrando ninguém a força. — Marco concluiu, com a voz vencida pela razão.

O quarto estava na penumbra, mas sei que era dia. A luz solar entrava através de uma fresta da grossa cortina. E, ao me movimentar para sair da cama, senti meu corpo todo doer, olhei mais atentamente para minhas mãos e notei alguns cortes.

— O encontrei muito bêbado em meio aos cacos de vidro e espelho. Você se drogou de novo? — O encarei e neguei com a cabeça. — Luca, me fala a verdade.

— Já disse que não! — As drogas eram uma parte do meu passado que sempre voltavam como fantasmas.

Aos 16 anos, me viciiei em heroína de uma forma intensa. Ela foi minha companheira por um longo período e, quando descobriram que eu era um dos grandes clientes dos Donttino, tentaram me internar a qualquer custo. Fui espancado e jurado de morte por várias vezes, contudo, Giovani sempre bancando o herói, foi contra meu pai. Quando meu irmão me tirou daquele porão fedido, prometi que nunca mais me drogaria e me mantive sóbrio até hoje.

— Eles vão me pagar.

— Deixa eles para lá. — Levantei da cama e fui atrás de uma bebida no andar de baixo e pouco me importei se estava pelado e com o corpo doendo. Queria mesmo era fazer meu dia passar sem que lembrasse da traição.

— Não vai beber. — Marco veio atrás.

— Vá se *foder* e me deixa. — Alcancei o aparador, com as bandejas de bebidas e escolhi qualquer uma aleatoriamente, enchendo o copo.

Bebi todo o líquido incolor, em pequenas goladas, mas nem o ardor do álcool, escorrendo em minha garganta, foi o suficiente para tirar o amargo do meu coração.

— Mellaine vai me pagar caro, nenhuma mulher brinca comigo assim. — De frente ao espelho, que ficava na lateral da enorme sala, sobre um móvel, fiquei vislumbrando pela primeira vez, o corte no supercílio direito e o hematoma abaixo do olho direito. Meus lábios tinham um pequeno corte preto, de sangue coagulado no canto, e em minhas mãos vários pequenos cortes. — Eu

vi o velho, estava rindo de mim. — Virei em direção onde Marco se sentou, com as pernas abertas e os cotovelos apoiados nos joelhos, segurando a cabeça ao ficar me olhando.

— Esqueça-o, ele está morto e nunca mais vai nos perturbar.

— Deixa de ser o certinho. Você é um hipócrita, igual a todos os Valentino. Sofreu como eu e fica aí querendo apagar o passado.

— Não Luca, só sou diferente e não quero ficar remoendo algo que não vai ter conserto. Não tem como voltar um minuto atrás e mudar as coisas. — Marco sempre fora o mais passional e sensato de todos e às vezes esse seu jeito me irritava.

— Não esqueço o que fazem de mal para mim. Ambos irão pagar caro. Aquela vagabunda não perde por esperar. — Irritado e do nada, ao lembrar do quanto me abri e declarei meus sentimentos por ela, arremessei o copo na parede, vendo-o espatifar ao encontrar com a dureza.

Nada fazia com que a imagem da maldita foto se dissipasse da minha mente e agoniado virei-me, apoiando na parede atrás de mim e dei leves batidas com a cabeça, me arrependendo de ter me aberto para alguém que não merecia.

— Eu a pedi em casamento e disse que a amava — disse abafado, tentando apagar as palavras que falei para ela.

— Senhor! — Uma mulher surgiu do meu lado, entregando-me um roupão branco. Sem responder, o peguei de sua mão e me vesti.

A funcionária tornou a nos deixar a sós e Marco apenas observava enquanto eu enchia novamente meu copo com *Bourbon*.

— Não acha que já bebeu muito?

— Não enche. Não estou bem. — Abri os braços sentindo-me rendido por tantos sentimentos ruins. — Sou um completo otário. Falo que amo a mulher. E o que ela faz? Me trai com meu irmão bem embaixo do meu nariz. — Senti minha voz falhar, misturando ao embargo do meu choro retido na garganta.

— Faça o que quiser, sou seu irmão, se precisar estarei aqui. — Marco se levantou e me deu um abraço de consolo, afagando minha cabeça e deitando-a

em seu ombro.

— Quero que sintam essa dor. — Era algo tão novo, que não conseguia externar como queria e o empurrei, saindo de seu consolo.

— Só não faça coisas que se arrependa depois.

Jamais me arrependeria de novo. A única vez que me arrependi foi ao me abrir para ela. E Mellaine pagaria. A faria sentir tudo que senti: humilhação, dor e a deixaria ferrada.

CAPÍTULO 4

Mellaine

As horas passavam e nada dele aparecer. Já estava entrando em paranoia, cogitando a possibilidade de Giovani ter contado tudo, ferrando com meu namoro. Luca até poderia estar carinhoso, mas jamais aceitaria uma traição.

Aprendi a conhecê-lo um pouco e tinha certeza de que algo aconteceu, pois desde ontem à noite ficou de aparecer e sumiu sem me dar notícias. Liguei e mandei diversas mensagens, em nenhuma tive retorno, estava bem estranho e não sabia mais o que fazer, pois já se passaram dois dias.

Todo esse sumiço silencioso estava me atrapalhando.

Hoje não consegui me concentrar e acabei fazendo uma sutura mal feita, na mão de um paciente e quando dei por mim, havia terminado e ainda fui grosseira com o mesmo. Não havia sido intencional, mas estar preocupada com Luca e o que aconteceu, me fez ser desatenta no trabalho e

para piorar, troquei as prescrições de um dos pacientes, dando para outro, quando estava fazendo a visita pelo ambulatório.

E a cada minuto que podia olhava no celular e nem sinal dele.

“Luca, cadê você? Estou preocupada!”

Essa já era a décima mensagem que havia mandando hoje e não conseguia achar explicação para esse silêncio. Há dois dias estava tudo bem e a cada hora que se passava eu tinha certeza de que Giovanni contara tudo.

Não imaginei quando agi por impulso, que isso colocaria tudo a perder. Estava arrependida de minha atitude, ainda mais agora, quando sentia que meu coração se partiria em vários pedaços. Um sentimento terrível de perda e arrependimento me deixava ansiosa e inquieta.

— Mellaine, o que está acontecendo? — Minha colega de profissão e apartamento me perguntou quando saímos para tomar café.

— Luca sumiu por dois dias. Fiz uma loucura. Fui atrás de Giovanni, encurralei-o e o beijei. Agora desde que chegamos não consigo falar com ele, não responde minhas mensagens, acho que Giovanni contou tudo para ele. Estou ferrada — contei, resumindo minha loucura e não percebi quando minha voz embargou e comecei a sentir meu olho lacrimejar. — Ele não vai me querer mais. — Não estava sentindo pela perda dos meus planos e sim porque sentia sua falta e de estar perto, sentindo seu perfume caro e escutando sua risada debochada.

— Mell, por que fez isso? — Fui questionada e não sei se deveria contar tudo, ninguém sabia a real história do meu passado. Nem mesmo os mais próximos. Era o segredo de toda uma vida, os que conheciam jamais me associariam ou lembraria de meu pai e como fui criada como filha dos meus tios, não teriam como descobrir, até porque eu usava o sobrenome de solteira da minha mãe, que não era nada italiano.

— Não sei, acho que Giovani exerce o fascínio em qualquer mulher com seu jeito de empresário poderoso. — Bebi mais um pouco do café com creme em minha xícara, segurando-a firme. — Mas hoje não quero Giovani, quero Luca. — Nunca foi tão real o que queria. Tinha certeza de que o queria e seu sumiço estava acabando comigo.

— O que vai fazer se ele não aparecer e o irmão tiver contado tudo?

— Não sei. — Balancei a cabeça negativamente, não tendo soluções em mente.

Terminamos o café, conversamos e criamos diversas possibilidades para responder o desaparecimento repentino de Luca. Logo retornei ao atendimento, ainda aérea, com os pensamentos longe e desconcentrada. Para meu alívio, quando estava saindo vi o segurança dele parado, encostado no SUV preto de dois dias atrás, pelo visto me esperando. E, ansiosa, achando que Luca poderia estar dentro, me despedi do grupo que saiu do plantão comigo e fui em direção aonde estava.

— Boa noite, Mellaine Tordarelli — cumprimentou-me sorrindo ao me ver bem próxima dele.

O sorriso de Frabrizio sempre me fora familiar, só nunca consegui me lembrar se havia o conhecido antes. E quando disse meu sobrenome, o adotado por meus tios para mim, me deixou assustada e em alerta.

— Boa noite — respondi, respirando pesadamente, ansiosa e com medo.

— Luca mandou vir te buscar.

— Aonde ele está? — Tentei olhar antes de entrar, quando abriu a porta de trás do carro.

— Ele está lhe esperando para jantar e mandou dizer que está com saudades.

Como se entrasse um ar, diferente, me curando, senti aquela ansiedade abrandar um pouco, ainda assim, um pouco receosa com a maneira com que Frabrizio usou o sobrenome dos meus tios. Pelo visto, algo aconteceu e sem saber o que me esperaria, entrei no carro.

E se caso tivesse acontecido, ao menos o veria e explicaria o que aconteceu, contudo, não queria ser pessimista, ou criar teorias conspiratórias, precisava vê-lo e dizer o quanto estava preocupada e que sentia sua falta e, pedir para ficarmos bem, era só o que queria nesse momento.

— Como vai Maria e Franco? — Frabrizio não esperou o carro ganhar as ruas de *Manhattan* e veio me perguntando sobre meus tios, o que me deixou em pânico. — Não se lembra de mim, né? — Ele abaixou o quebra-sol e me olhou pelo espelho que havia, sorrindo friamente e tive certeza de que algo estava errado, mas se eu agisse com naturalidade talvez não tivesse que temer nada.

Negando, sem falar nada balancei a cabeça.

— Era vizinho de seus tios, lembro de quando foi morar com eles. — Por um momento achei que pudesse ter algo a mais, porém, poderia ser só a coincidência de um fato do passado, não sendo nada demais.

— Desculpa, mas não lembro. — Olhei para o lado, disfarçando e desviando do olhar penetrante que me encarava, através do pequeno espelho.

O restante do trajeto até a cobertura do irmão de Luca fomos em silêncio e tornamos a nos falar quando estacionaram na frente do edifício luxuoso do *Uper East Side*.

— Faz tempo que não falo com eles — respondi à pergunta de minutos atrás e terminei de descer do carro, segurando minhas coisas firmes ao meu peito.

— Uma pena, faz tempo que não os vejo também. — Fabrizio comentou e estendeu a mão pedindo para eu entregar minhas coisas e educadamente entreguei e fomos em direção a grande entrada de vidro, ao estilo vintage da fachada do edifício.

Ao meu encalço, o segurança me seguiu, entrando junto comigo no elevador apertando o número do andar e digitando a senha no painel.

Algo estava errado. Os olhares e os sorrisos dele me diziam que alguma coisa aconteceria e meu sexto sentido estava certo. Quando o elevador abriu as portas e sai, vislumbrando a enorme sala pouco iluminada por velas e no meio dela o sofá, de couro branco, estando nele, Luca e uma loira nua, sentada em seu colo, quicando e gemendo alto. Ele segurava o rosto dela entre as mãos e mexia o quadril, erguendo, indo de encontro com o rebolado da mulher.

A cena era impiedosa e entendi exatamente o que estava acontecendo, como se o ato sexual ali fosse a resposta para todas minhas perguntas, nesses dois dias. E sem reação, com os braços largados ao lado do corpo, fiquei vendo-os, gemendo, sussurrando o quanto estavam gostando e quando criei forças para me virar, Fabrizio me segurou, me mantendo ali.

— Kath, você é perfeita e como eu amo *foder* você. — Luca disse em voz alta, para que eu escutasse como ele estava gostando, tendo certeza de que estava ali, assistindo-o com outra mulher. E presa, fechei meus olhos, sentindo as lágrimas descenderem.

E mesmo com os olhos fechados a imagem ficou presa e me doeu, vendo-o com outra pessoa. Não parecia ser a mesma pessoa de dois dias atrás, quando me pediu em casamento, dizendo que me amava e ainda de olhos fechados, apertados entre as lágrimas, escutei os urros e os dois gozando, terminando não só a *foda*, mas também comigo, me destruindo.

— Desculpa boneca, mas vai para o banho, daqui a pouco te encontro lá. — Recusava-me a olhá-lo e senti quando aproximou, ficando muito próximo. Quem sabe estava sonhando e nada daquilo era real, talvez fosse a projeção do medo, de ser descoberta e acabar com tudo, mas era tão real quanto a sua respiração pesada próxima ao meu rosto.

— Boa noite, doutora. Que bom que chegou, estava te esperando. — O tom da voz, a forma como estava se comportando, se comparava com o Luca de antigamente quando era o arrogante e debochado.

A maneira como agiu, me intimidou e com medo de encará-lo mantive meus olhos fechados, antes de sentir sua mão segurar meu queixo rudemente e erguê-lo em direção ao seu rosto. Então não tive escolha e abri, vendo-o, com o maxilar todo tensionado e seu olhar intenso me devorando, acusador e sentenciador.

— Não vai me perguntar nada? — Sua mão desceu do meu queixo e escorregou para a base do meu pescoço, fechando-a em torno dele. — Mandou mensagens e ligou tantas vezes. Não está curiosa, se perguntando o que houve? — neguei com a cabeça, sentindo medo.

Nunca o vi agir friamente, ainda mais quando sua mão começava a se fechar, apertando um pouco minha glote.

— Mesmo sabendo que é uma mentirosa e vagabunda não quer saber o que sei sobre você? Ou melhor, o que descobri. — Engoli com dificuldade, sem conseguir desviar o olhar do seu.

— Por favor! — sussurrei.

Por mais evidente que estava a situação, eu ainda tinha esperança de que pudesse me ouvir e escutar minha explicação, não queria perdê-lo, ainda mais agora.

— Luca, por favor... — A minha voz saiu abafada após apertar um pouco mais minha garganta. Ao me soltar, empurrou-me e bati as costas em

seu segurança. — Posso explicar tudo.

— Acha mesmo que caio de novo na sua conversinha? — Luca me deu as costas e pude ver seu torso desenhado, viril e másculo voltando para perto do sofá pegando a calça e vestindo-a sem cueca.

— Só peço para me escutar. — Desesperada, sentindo que o perdi, me soltei do segurança e fui até ele, mas como se repudiasse meu toque, Luca se esquivou, afastando-se de mim.

— Você não vale nada, é uma *puta* que achou que daria o golpe em um dos Valentino, mas descobri quem você é. Mellaine Tordarelli! Você sempre soube quem éramos, mas isso não é nada, você é baixa e vagabunda demais. Já sei que você estava me traindo com Giovanni. Parece uma cadela no cio que deixa qualquer macho te *comer*. Para mim, você não serve nem para uma *trepada* no banco de trás do carro mais.

O que dizer e o que fazer?

Ele despejou que sabia sobre meu sobrenome e o pior foi sobre seu irmão, mas em desespero, me joguei, me agarrando nele.

— Por favor, Luca. Eu posso explicar. Giovanni que me agarrou. — Tentei inverter e dizer que foi ao contrário do que fiz. — Eu escolhi você, quem terminou com ele foi eu. Por que eu iria querê-lo se estava com o homem da minha vida? Eu te amo, bad boy. — Parado, sem expressão alguma, Luca só escutava.

— Tira mão de mim, você é muito suja. — Como não soltei, Luca usou da força e me empurrou. Por pouco não caí, conseguindo me equilibrar ao dar alguns passos para trás. — Mellaine, não se dê ao luxo de achar que vou cair de novo nessa. — Ele criou o espaço entre nós ao me empurrar e o encurtou, quando veio até mim e novamente apertou meu queixo entre seus dedos.

— Eu te amo. — Eu disse quando nossos olhos pararam um no do outro.

— Eu tenho nojo de você, para mim não passa de uma mulher barata. Uma mentirosa. Não quero te ver nunca mais na minha frente — Desesperada, me agarrei nele e tentei beijá-lo. Mas fui rejeitada ao ser mais uma vez empurrada para longe dele. — Tirem-na daqui, não quero vê-la na minha frente mais.

— Luca, por favor. Acredite em mim. — Joguei-me aos seus pés, ajoelhando ao ver que precisaria fazer muito mais que falar para convencê-lo. Aflita, me agarrei a ele abraçando suas pernas olhando para cima, encontrando o desprezo estampado em sua expressão.

— Nos poupe dessa cena degradante e patética. Levanta daí. — Ele falava mais alto que o habitual. E, me puxando, Luca me colocou de frente com ele, me segurando e apertando meus braços. — Você é lixo. Some da minha frente. Estou com ódio de você. É melhor ir embora antes que eu faça algo, mas se preferir pode assistir minha comemoração com a minha nova noiva, ela sim, é uma mulher que vale a pena casar. Ainda bem que você se mostrou antes de *ferrar* com minha vida.

— Luca eu entendo que esteja com raiva, mas não está vendo direito, eu não traí você. — Mesmo que fosse meu castigo por ter feito o que fiz, jamais assumiria, queria muito ficar com ele e poder voltar no tempo e não ter feito o que fiz.

Luca mostrou algo, que jamais esperei dele e nesses dois dias. Meus motivos já não eram mais meu foco e sim, o que estávamos vivendo, o que estava sentindo por ele.

— Vai embora. — A forma como me mandava sair, doía muito, me rasgando. Era uma dor da qual jamais imaginei sentir.

— Não vou, amanhã estará mais calmo e poderemos conversar. Eu também te amo, *bad boy*.

— Muito hipócrita. Há dois dias que minha raiva e meu desprezo por você só aumentaram.

— Então por que me trouxe hoje aqui, se não me ama mais?

— Por que gosto de olhar para você se dando mal. Achou mesmo que eu te amava? Avisei para não brincar com o que depois não fosse aguentar. Agora dê o fora daqui. — Sem chances de tentar convencê-lo fui arrancada, ao ser suspensa pelos braços fortes de Fabrizio.

— Por favor, Luca! — Comecei a desesperar e me debater ao tentar me soltar.

— Jogue o lixo fora. — Luca deu as costas e subiu as escadas do duplex, me deixando presa com seu segurança, que me arrastava a força para o elevador.

— Vamos, Mellaine. — Fabrizio segurando minhas coisas, me jogou para dentro da caixa prateada e apertou para voltarmos ao térreo. — Sua sorte, Mellaine, é que ele não sabe ainda sobre e porque queria entrar para a família dele. O que fez com você foi pouco, mas se quiser, posso te consolar. — Antes das portas abrirem no saguão, o segurança me encurralou e deslizou dois dedos sobre meu rosto. — Gosto de uma vagabunda, que já foi *comida* por um dos chefes. Sinal de bom gosto. — Afastei meu rosto e humilhada, sendo tratada como mercadoria, me abracei e deixei as lágrimas livremente descerem. E assim que chegamos, fui tirada do elevador como se fosse um bandido, sendo arrastada pelo braço por todo o hall de entrada e jogada na calçada. Escorraçada como se fosse um cachorro de rua e quando me equilibrei o homem jogou minhas coisas em mim, deixando-as cair aos meus pés.

Em meio a vergonha, catei meus pertences, esparramados no chão. E evitando olhar os moradores que chegavam por ali, abaixei a cabeça e caminhei sem rumo, querendo sair o mais depressa daquele lugar.

Luca literalmente me jogou fora como um lixo.



Luca

Assim que escutei as portas do elevador se fecharem, voltei para a sala e comecei a beber novamente, tragando, compulsivamente o líquido do copo, como se fosse a água matando minha sede. A ardência produzida pelo teor alcóolico, já não era o bastante para abafar o amargo que me corroía por dentro, revê-la, mostrou o quanto o amor pode machucar. Provando a mim que as falas do velho eram verdades, quando dizia que eu era um fraco e de fato eu era; me deixei levar por uma mulher que só queria de mim um sobrenome e que nunca me amou.

Ela, Giovani e o velho eram iguais, só queriam me destruir.

E mais uma noite bebi até ficar bêbado, caído pelo sofá, estirado, sem saber as horas; se era dia ou noite, ou mês que estávamos. O tempo passava e eu já não sabia ao certo quando era...

Só sei que foram meses assim e a vida havia perdido o completo sentido. Saber que Mellaine me traía com Giovani, foi como me enterrar vivo, me matando aos poucos.

Nesses meses foram noites e dias seguidos. Não dei trégua e me deixei levar, não resistindo, procurando amenizar a dor que cada dia aumentava mais. Precisava desesperadamente aliviar a falta que Mellaine estava fazendo, mesmo que não valesse nada, meu corpo sentia sua ausência e as lembranças boas insistiam em permanecer não dando trégua.

Minha mãe vinha constantemente me ver, pedindo para voltar para casa, porém, quando fiquei sabendo que Giovani também estava lá, recusei. O desgraçado em boa parte, foi responsável por estar acontecendo tudo isso, tirando de mim a oportunidade de ser feliz com alguém. Raf achou melhor que ficasse aqui e Marco me dando um tempo não veio mais ao próprio apartamento.

Agora era eu e ela.

O único consolo, os preciosos minutos que sentia meu corpo flutuar e não sentir mais a dor do meu coração.



— Da maneira como está consumindo, Luca, em breve vou ter, o prestigiado Don Valentino, batendo na minha porta.

— Giovani poderia queimar no fogo do inferno, que eu ajudaria pessoalmente o diabo espetá-lo o dia inteiro. Ainda mais agora que achou a esposa e a filha. — Tirava da mão de Rico Donttino a cura para meus males, dessa vez permiti que viesse até mim, mas estava ficando difícil, Marco havia aparecido na noite retrasada no meio de uma festinha e bancou o irmão mais velho, como se eu ainda tivesse 16 anos e acabou com a orgia.

— Marco está aí?

— Não... mas prefiro ficar sozinho. — Rico deu uma risada, me entregando o pacote e acompanhado por Fabrizio deixou o apartamento,

dizendo que em dois dias voltava com mais, me deixando sozinho, com meus próprios demônios, dos quais voltaram para atormentar minha vida.

Pensativo, estirado no sofá com a droga na mão, fiquei olhando fixo o pacote com o pó branco e antes que o segurança retornasse, guardei no bolso da calça, levantando e me dirigindo para o elevador, deixando meu refúgio pela primeira vez depois da noite que Mellaine esteve aqui.

— Preciso que me levem até ela. — Encontrei com Fabrizio, ainda no Hall de entrada do edifício.

Haviam passado cinco meses, desde que a vi pela última vez e já não sabia mais nada dela: de como e aonde estava. Quem sabia eram os seguranças, mas não me falavam e preferi assim até hoje. Quando a saudade bateu mais forte, me deixando desesperado e com vontade de vê-la, pedi. Mesmo que tenha me feito de idiota, eu a amava e tudo em mim estava definhando com sua ausência, queria algo que pudesse arrancá-la de mim de uma vez por todas.

CAPÍTULO 15

Mellaine

Há três meses minha vida se transformou em um inferno, com Ana Valentino me perseguindo de todas as formas. A desgraçada da velha simplesmente tem feito de tudo para me prejudicar, não só ela, mas Don Valentino também.

Eles resolveram que se vingariam de mim.

Começando pela minha profissão, não sei como, mas conseguiram cassar meu direito de exercer a medicina. A direção do hospital em que eu trabalhava simplesmente me chamou e disse que estava me suspendendo por causa de uma denúncia e que haviam recebido a intimação de um processo, onde me acusavam de negligência médica. E, assim que o juiz definiu a multa e a indenização, o Hospital pagou e me mandaram embora por justa causa, além de autuada a entregar minha licença profissional para não ser presa.

Sem entender o porquê, fui acabar achando a resposta assim que a vi, estava deixando a sala da diretoria, quando Ana Valentino estava saindo da porta ao lado, junto com o presidente da Instituição social do Hospital. Ela me olhou de cima a baixo, dos pés à cabeça e sorriu, friamente ao me encarar. A megera

exibiu o contentamento por me ver ali e tive certeza, que tinha os dedos podres dela na minha demissão. Sem me cumprimentar a matriarca dos Valentino agradeceu aos diretores, dizendo que não se arrependeriam e que, ela e sua família, dariam uma boa contribuição para o projeto social deles.

Podem negar, mas tenho certeza e nada tira da minha cabeça que foi ela.

E já não bastava estar desempregada, no mesmo dia descobri que estava grávida de Luca, após realizar um exame de farmácia, me deixando desesperada e ao mesmo tempo impactada com a notícia, afinal, tinha uma pequena vida crescendo em mim, bem no meio à confusão que me meti, fruto do bad boy. E, ao mesmo tempo que me deixava feliz, me entristecia por não o ter mais. Sei que fui culpada por tudo que aconteceu e depois daquela noite em que Luca me chutou, da cobertura do seu irmão, fiquei remoendo, arrependida, pois descobri que o narcisista me fazia muita falta.

Nos meses em que ficamos juntos, tudo foi intenso e a cegueira não permitiu que eu o enxergasse como deveria. E hoje vejo como fui tola, poderia ter me vingado da sua família de outra forma e tê-lo ainda comigo, mas preferi ficar com meu sentimento de vingança do que com o que Luca me oferecia.

Jamais vai me perdoar e por isso resolvi não o procurar mais, mas por desespero ao me ver sozinha sem ajuda dos meus tios. Inexplicavelmente, os dois deixaram claro que não me ajudariam, preferiram ficar em uma posição neutra e não ir contra os Valentino. Eles achavam que ao me ajudar de novo, colocariam-se em uma posição de traição contra Giovani. E mesmo argumentando, se negaram, simplesmente me deram um dinheiro, no valor de uns três meses de um aluguel barato e pediram para eu não os mencionar como parentes meus e ir embora para bem longe. Porém, mais tarde descobri que Giovani os proibiu de me estenderem a mão.

Desesperada, agi por impulso mais uma vez.

Fui procurar Luca para dizer que estava grávida, mas fui barrada na porta da sede da Camorra, no prédio de fachada que mantinham como a empresa da família. O segurança da entrada, ao me ver, não deixou que eu chegasse no

balcão da recepção e me retirou de lá, segurando em meu braço, me tratando como se eu fosse um bandido. E humilhada, com todas minhas emoções a flor-da-pele, me encostei na parede da entrada e comecei a chorar, desolada sem saber o que faria.

Não queria o dinheiro deles, queria ver Luca e contar. Ele precisava saber que teríamos um bebê e mesmo que não me perdoasse, não teria problema, eu só precisava ter certeza de que não me amava mais. Talvez fosse o fato de não ter dado valor nele, que me deixava assim: arrependida e angustiada. Queria ter o poder de voltar no tempo e consertar, fazendo tudo diferente.

Fiquei por alguns momentos parada na calçada, com as lágrimas descendo pelo meu rosto, quando um dos seguranças chegou nas minhas costas e outro na minha frente, me encurralando.

— Don Valentino quer falar com você. — Não acreditando, fiquei olhando para o rosto, inexpressível do homem de terno preto e óculos escuro. — Anda logo, o chefe não gosta de ficar esperando. — Não tive escolhas e surpresa por Giovanni ao menos querer falar comigo.

Já era um sinal, de que nem tudo estava perdido e não me objetei ao acompanhá-los, indo em direção aos portões da garagem. Os dois não disseram nada e ficaram nas minhas costas. Quando o portão foi aberto, não vi nada na minha frente, somente a escuridão do ponto mais baixo do prédio e me conduziram para o interior. Ao avançar mais para dentro, com muito medo, vi os faróis de um carro ligado e mais homens em volta dele.

Algo estava errado, e sem pensar em nada, agindo por medo, me virei e me coloquei a correr para sair dali, mas fui interceptada rapidamente, me segurando e erguendo-me no ar por um dos seguranças impedindo que eu fugisse dali.

— Por favor me solta. — Clamei com a voz embargada.

Estava com medo, sentia meu pulso acelerar irregularmente, como se pudesse sentir o gosto da adrenalina na boca; minha respiração acelerou e não consegui conter o choro amedrontado. Seria uma louca se não temesse que algo

pudesse acontecer comigo, mesmo que achasse improvável Giovani ser um maníaco, igual aos mafiosos do passado, mas nunca vi seu lado ruim e com certeza todos tinham um.

— Soltem-na. — Ouvi sua voz próxima e assim como ordenou, fui colocada no chão e caí rendida, ficando ajoelhada, em submissão de cabeça baixa. — O que faz aqui? E se levanta do chão, não faça tipo, todos sabem quem é você agora. — Respirei fundo. Chorando, olhei para o alto e encontrei um Giovani que nunca vi. Ele estava com os braços cruzados na altura do peito e com a expressão endurecida.

Nunca me senti acuada em sua presença como estava me sentindo ali.

— Responda minha pergunta, Mellaine. Não tenho tempo.

— Preciso ver seu irmão. — Solucei e abaixei a cabeça, chorando copiosamente.

— Para que? Já não basta o que fez e o porquê? Ninguém quer vê-la e estou me perguntando por que te trouxe aqui. Você ferrou com a vida dele e quase com a minha, mas cometi um grande erro do qual não mais voltarei a cometer e eu sei quem você é — tornei a olhar para o alto. — Você é a filha daquele traidor. Achou que poderia se esconder? Falhei uma vez em não desconfiar da doutora Mellaine Jackson, mas agora sei que é Mellaine Ferrari, filha do filho da puta que quase traiu toda a Camorra. — Fui descoberta e quando se referiu ao meu pai como um traidor, não me contive.

— Sou sim, Mellaine Ferrari e por causa da sua família meu pai morreu. Por causa da ganância daquele velho desgraçado do seu pai — cuspi toda mágoa, criando coragem para enfrentar tudo que eu sempre quis e que por outro motivo, me colocou cara-a-cara com a verdade. Mesmo que, meus motivos não tenham sido por esses ao vir aqui hoje, eu não poderia perder a oportunidade de questioná-lo e acusá-los. — Vocês mataram um inocente por poder. — Me mantive ajoelhada, porém de cabeça erguida e encontrando forças, esquecendo que estava grávida do seu irmão, buscando confrontá-lo. Luca e o bebê ficariam para outro momento, já que estava tendo essa oportunidade de esfregar o que

fizeram comigo e com minha família. Porém, sem se intimidar, Giovani foi brutal ao segurar meu braço apertando-o para me colocar de pé.

— Não sabe o que fala. Seu pai nunca foi inocente, era um traidor.

— Mentiroso. Meu pai sempre foi um homem honesto e que seu pai o matou para subir na cadeira e deixar para o filho querido.

— Como você é patética. Quis se vingar da minha família por algo que não sabe nenhum terço da metade. É uma iludida que acha que o pai é inocente. Seu pai era um *ferrado*, que traiu os amigos por poder, ele sim era ganancioso, mas pelo visto não sabe realmente da história. — Do que ele estava falando? Minha vontade era de estapeá-lo, mas por prudência puxei meu braço, me soltando.

— Está querendo acusar um inocente só para esconder o que seu pai fez.

— Não. Seu pai traiu todos, se vendendo para Andrea Cospalatto. Acordou em se vender, para ser um Don, e meu pai só cumpriu o que todos fariam. Só eliminou um verme que contaminaria a Camorra. Ele entregou dois membros, dois homens morreram por causa da sede de poder. — Não conseguia acreditar no que Giovani me falava, era demais para mim. Jamais meu pai seria tão baixo a ponto de entregar e a voz dura e austera de Don Valentino, me fazia ver a verdade, por mais que não acreditasse, ou, era meu desespero, que não me deixava enxergar, o quanto fui enganada por anos e agora ferrava com minha vida por uma mentira.

— Quero sair daqui — gritei, tampando os ouvidos e abaixando a cabeça.

— Não vai sair daqui, ainda vai ouvir o que tenho para dizer. — Giovani era um desconhecido. Nunca o vi agir assim: sendo rude e agressivo. Mas não me importava, só queria sair dali correndo. A dor da verdade me doeu mais que a lembrança, do som dos tiros perfurando meu pai.

Não queria acreditar no que me dizia.

— Falhei uma vez quando não a investiguei, achei que o jogo de vingança dentro da minha casa não existisse, mas você, Mellaine, me mostrou

que não devo subestimar um estranho. Você é tão filha do seu pai, quase acabou com meu casamento e agora quer ferrar mais ainda com meu irmão. Já basta, não quero vê-la perto de nenhum da minha família, ou dessa vez não a pouparei. Estou te dando uma oportunidade de sumir.

— Não quis magoar Luca, eu o amo. — Giovani riu, olhando para os seus homens e junto com eles debocharam de mim.

Não sabia da verdade e se soubesse, jamais teria magoado Luca.

— Você é muito vagabunda. Ama Luca? Tentou me agarrar para tentar *foder* meu casamento e diz amar meu irmão... É muito falsa, muito filha do seu pai. — Giovani se aproximou e um dos seus homens me agarrou, travando meu corpo enquanto o Capo segurava meu queixo firme, me fazendo olhar para dentro dos seus olhos. — Já avisei, não quero saber que está por perto. Se eu souber ou me avisarem que está rondando de novo qualquer um da minha família, eu mando sumir com você.

— Eu amo seu irmão sim e estou grávida dele. — O enfrentei, revelando minha gravidez mesmo envergonhada, mas precisava deixá-lo a par.

— Está mentindo, é mais um de seus joguinhos. E mesmo que estiver grávida esse filho pode não ser do meu irmão. É só mais uma de suas mentiras. — Ele apertou mais meu queixo e me debati, tentando me soltar. — Você não vale nada mesmo.

— Eu juro. Não estou mentindo. — Em meio a tantas descobertas, com minha cabeça doendo o enfrentei, olhando-o.

— Levem-na daqui. E já sabe não quero vê-la, a não ser que queira ter o mesmo fim que seu pai. — Soltou após me ameaçar e dando as costas voltou para o carro, já preparado para sair, enquanto seu segurança me tirava dali, levando-me até a saída.



Desde o confronto com Giovani, não parei de pensar em como fui enganada por anos, e se eu soubesse da verdade, talvez nada disso estaria acontecendo. Poderia até ter me envolvido com um deles, mas não teria sido assim, não buscaria uma vingança e hoje estaria feliz, vivendo com meu bad boy, esperando por nosso bebê, felizes.

Mas nada disso agora seria possível e preferi me afastar e tentar me virar da melhor forma possível e mesmo com a dificuldade que passava, tentei erguer a cabeça e prosseguir sozinha. Esqueci dos meus tios, assim como me pediram e também por terem me deixado alimentar um ódio pelos Valentino que não existia, poderia me ressentir e não gostar deles, afinal, era meu pai, independente da traição que cometeu, mas não era nada como me deixaram pensar que foi.

Resolvi enterrar esse assunto e quem sabe um dia poder ver Luca de novo.

Há três meses vivia na periferia de *Nova Iorque*, morando em um apartamento de dois cômodos, minúsculo e precário; mas era o que dava para pagar, com meu novo salário.

Antes da barriga crescer, consegui arrumar um emprego de garçone. Todos os dias saía após às 23h, porém, não antes de recolher o lixo e lavar os banheiros nojentos.

— Espero que não faça corpo mole amanhã, Mellaine. Gravidez não é doença. — Olhei-o com desdém. O homem forte, de touca na cabeça e avental encardido, tinha a pele do rosto com aspecto gorduroso. Fazia questão de ficar me alfinetando. E, em pé na porta dos fundos, gritou, enquanto eu terminava de jogar o último saco de lixo para ir embora. Queria mandá-lo para o inferno, mas precisava do pouco que ganhava e para não ter que voltar para dentro e ganhar

mais serviço, já saía com o lixo nas mãos, vestida com o uniforme por baixo de uma grossa blusa de lã e um casaco aberto por cima.

Ignorei-o e após jogar o lixo dentro do *dampister**^[iii] ajeitei as roupas, esticando-as, já estavam um pouco apertadas. Impossibilitada de fechar o casaco por causa da barriga evidente de cinco meses, não tinha quase nada mais, a maioria, quando fiquei sozinha vendi, inclusive o vestido que Luca havia me dado. Precisei juntar um dinheiro para quando o bebê nascesse. Ficaria parada por uns meses e todo dinheiro que tivesse seria o essencial.

Cansada, ajeitei a bolsa no ombro, me encolhendo por causa do frio. Comecei a caminhar me lamentando muito por tudo que fiz. Tinha dias que batia o desespero, me fazendo ter pensamentos absurdos, como; arrumar uma família para meu bebê, mas a ideia passou e já o amava tanto, que não queria ficar longe e nem pensava mais sobre dá-lo para adoção, o filho de Luca era a única coisa boa de toda essa minha loucura. A lembrança de que ele foi real.

Por todos esses meses, não houve um só dia que não tivesse pedido perdão em voz alta. Imaginando que um dia eu o veria de novo e pediria pessoalmente, mesmo que não me perdoasse, precisava dizer que eu o amava e que errei, mas que precisava do perdão dele.

Luca tinha aquele jeito, mas tinha seu lado bom e hoje, era tão fácil de compreendê-lo. Ele não teve culpa de nada, eu joguei com ele e estava pagando um preço caríssimo.

— Olha só que fim teve, doutora. — Estava de cabeça baixa, me encolhendo do vento gelado e parei, achando que estava ouvindo vozes. — Chegou ao fundo do poço. — Sua risada, debochada encheu meus ouvidos e tive a certeza, que estava logo atrás de mim. Quando me virei e o vi, parado, de barba, magro e com os olhos fundos.

Luca não só estava ali, como veio para perto. Olhei para o lado, vendo que Frabrizio o acompanhava também. A sua figura alta na minha frente era a projeção dos meus sonhos.

Levei a mão na boca, sentindo vontade de chorar e feliz por vê-lo.

— Luca... — Minha voz quase falhou e ficamos nos olhando. Ainda tinha um pouco de nós ali, tinha certeza e acabei me aproximando mais. E sem nos falar, reagindo pela emoção, levantei a mão para alcançar seu rosto. Arredio, Luca se desvencilhou do meu toque e por impulso segurei em sua mão, levando-a, até minha barriga, mas o momento mágico acabou em seguida, quando Luca olhou mais atentamente para a protuberância e repelindo e recuando.

— Fica quieta, não quero saber de ouvir sua voz. — Gesticulou e desviou o olhar do meu abdome redondo, para meu rosto. — Sem essa — riu desdenhosamente. — Tenho certeza de que vai falar que o filho é meu, mentirosa. — Antes que pudesse falar tudo que queria, ele tirou suas conclusões. — Vá se *ferrar*, Mellaine. Vim aqui só para ver você tendo o que merece. — Sei que merecia sua desconfiança, mas tive esperanças que acreditaria em mim assim que o vi.

— Luca por favor... — Dei um passo para frente, indo de encontro mais uma vez, mas Luca deu um passo atrás, se afastando novamente, mostrando todo seu rancor e mágoa. — Precisamos conversar. Por favor. Só me escuta dessa vez, eu prometo que não estou mentindo. — Clamei esperançosa.

— Não temos não. É muito cara de pau sua. Agora vai falar que sou o pai e *blábláblá*. Você não vale nada. — Ele gesticulava, impacientemente enquanto falava, não me dando crédito. — Quer saber, não acredito em nada do que me falar e só fico se falar a verdade... que está grávida de outro. Seja honesta uma vez ao menos na vida. — Parado, passando a mão pelos cabelos bagunçando o topete, seu olhar ia para minha barriga e voltava para meu rosto.

— Não vou mentir algo que é verdade. É seu filho — disse baixo. — Você é o pai.

Menti muito, mas agora eu falava a verdade.

— Mas é muito cretina. Mentiu para mim por meses. E agora acha mesmo que vou acreditar em você, depois de tudo? — Luca, se controlando, veio tão próximo deixando seu rosto encostar no meu, quase colando nossos

lábios. — É filho de Giovani e agora vai falar que é meu, só para ver se caio de novo na sua. Uma vez vagabunda, sempre vagabunda.

— Não estou mentindo, juro. Não mentiria com uma coisa tão séria. — Respirei fundo, impossibilitada de controlar as lágrimas e disse, chorosa:

— Para de ser dissimulada, seu choro não vai fazer com que eu acredite. Não sou nada dessa criança que espera, não sou o pai e nem serei o tio. — Luca se segurava, era notável o quanto seu maxilar estava contraído, controlando seus sentimentos.

— Acredita em mim, por favor. — Implorei. — Menti sim, mas eu te amo e juro que estou falando a verdade. — Luca jogou a cabeça para trás e gargalhou.

— Cala a boca, é muito ardilosa. Não me venha com sentimentalismo. Quero que... ainda mais agora, que você e essa criança se lasquem. Não quero saber de mais nada, ainda estou aqui pensando por que vim. Só queria saber se estava *ferrada* e valeu a pena. — Tentei segurar em seu braço, mas o retirou bruscamente e saiu, indo para o carro, me deixando sozinha em meio ao frio e a fina neve que começava a cair.

Em segundos, não havia mais sinal de que Luca esteve ali. A única coisa que me fazia acreditar que foi real, eram os sentimentos de insegurança, medo e dor que estava sentindo. E levando a mão na barriga ao sentir pela primeira vez o chute do meu bebê, em meio a tristeza tentei sorrir e ser forte por ele. A única coisa boa que restou de tudo... de Luca.

Deixei minha mão escorregar, aonde sentia os tremores e esfreguei, como se o tocasse diretamente, olhando para onde o SUV preto esteve estacionado.

— É amorzinho, seu pai não acreditou. Acredito que lá o fundo ele sabe que você é tão meu quanto dele. — E como se entendesse o que falava e sentisse, tentando me agradar, o bebê movimentava dentro da minha barriga, mostrando que sempre estaria ao meu lado. Ao menos teria alguém para me

amar e eu o amar, já que não seria fácil e talvez impossível de que seu pai me perdoasse um dia.

Queria apenas uma oportunidade de provar para o bad boy que estava arrependida e que o amava, ainda mais depois de saber de toda a verdade.

Hoje, meus desejos não eram mais os mesmos que nutri por anos, e vê-lo hoje, fez com que eu odiasse a mim mais do que o amava.

CAPÍTULO 16

Giovani

— *Alô!* — Estranhei o número não identificado, piscando no visor. Não costumava atender, porém, após deixar Bella e Any em *Little Falls*, sozinhas, comecei a atender qualquer ligação.

— **Don Valentino?** — A voz grave perguntou, sendo objetivo em saber se de fato estava ligando para mim.

— *Quem fala e como conseguiu meu número?* — Não respondi, antes de saber quem estava do outro lado da linha, querendo falar comigo.

— **Sou um informante e peguei seu contato no celular do seu irmão. Temo que o senhor ainda não esteja sabendo.** — Era tarde da noite e estava no antigo escritório de meu pai na casa da minha mãe, resolvendo algumas coisas com Raf e mais dois chefes de família. E como achei que poderia ser algo com Bella e Any em *Little Falls* atendi a chamada, pedindo licença aos homens presentes.

Mas não imaginei que fosse ser um informante e ainda mais um que ligasse diretamente para mim. E percebi o quanto poderia ser importante, já

que não se reportou a um dos meus seguranças pessoais.

— *O que não estou sabendo e o que aconteceu com um dos meus irmãos?* — perguntei, procurando entender o porquê desse mistério e ficando desconfiado, de que não seria nada de bom.

— **Seu irmão, Luca, está dentro de uma das casas de Ricco Donttino e creio que não esteja são. Os vi entrar a um bom tempo e subirem para a área reservada aos clientes vip's, da casa.** — Ou seja, Luca estava na companhia do primo de Júlia e boa coisa não estava acontecendo, mas depois de tudo que aconteceu não daria tanta importância, com toda certeza estaria aprontando mais uma das suas.

Há dias Luca não se comunicava e preferi não me intrometer dessa vez, mesmo que minha mãe advogasse em prol do seu caçula, deixei dessa vez que ele se lascasse e pelo visto acertei. Tinha certeza de que aprontaria logo. Ainda mais por saber que estava andando de novo com um dos responsáveis por levá-lo a se viciar em *heroína*. Sempre tentei entendê-lo, mas ultimamente estava difícil, até porque não era mais um menino e suas atitudes cada vez estavam piores, passando dos limites.

— *O deixem lá. Não posso fazer nada.* — Tentei mostrar imparcialidade.

— **Senhor, eu não estou brincando. Ele corre riscos.** — Olhei para Raf e gesticulei para que continuasse a reunião, enquanto eu saía da sala, indo para o cômodo ao lado.

— *E eu também não estou. Problema dele, ele não foi parar aí coagido, a não ser que me diga, que ele foi forçado e viu eles o forçarem.*

— **Não, estava bêbado e com várias mulheres, mas Don Donttino, me pediu para subir mais *Miss Ema** ^[iv] e já é a terceira vez que levo e talvez a dose seja um pouco forte.** — Fiquei em silêncio

pensando no que fazer, minha vontade era de deixá-lo lá e ele se ferrar sozinho.

Luca, sempre foi humilhado por meu pai. O velho vivia desfazendo do garoto e muitas vezes o vi chorar, ele era apenas uma criança, imagino que não era fácil ver seu pai sempre o xingar e nunca fazer um carinho, ou ter sido o amigo presente. E me sentia péssimo por isso, ainda mais quando ficou mais velho e nosso pai o desdenhava mais ainda para me engrandecer. O velho fazia o mesmo com os outros, mas com Luca era pior e por isso sempre deixei e peguei leve, às vezes entrando no meio para defendê-lo de ser surrado. E ao longo dos anos, o vi se afastar de mim e sempre se colocar contra e mesmo que não tivesse culpa, deixei que descontasse em mim toda sua frustração.

Quando tinha dezesseis anos o vi entrar no caminho das drogas, convivendo com todo sofrimento da minha mãe, que estava desesperada por ver seu filho caçula se perder. De início tentei abordá-lo e acabei sendo pior que o velho, ao bater muito nele, descontando toda a dor de vê-la sofrendo por causa dele e das afrontas que fazia. Bati muito nele, acusando-o do mal que estava fazendo para nossa família e para buscar minha remissão com ele, vendo o desespero da minha mãe e tirá-lo desse meio, troquei seu lugar por mim ao me vender para os Donttino. Apesar que não adiantou muita coisa e Luca se distanciou mais.

Ricco era aquele tipo de amigo que só te *fodia*. E, mesmo com nossa rivalidade, o endemoniado usou da carência de Luca e agiu como se fosse um irmão, colocando-o em risco ao roubarem o velho Donttino. E, claro que Ricco foi perdoado, porém Luca estava com sua cabeça a prêmio quando troquei a minha vida pela dele.

Desde então, Luca prometeu não usar mais nada ilícito. E, depois que ficou meses internado para tratar a abstinência, mostrou-se disposto a

melhorar. Porém, depois de Mellaine e do que a desgraçada fez, nós temos visto ele beber e acabei proibindo-o de entrar no prédio bêbado. Na verdade, agi achando que o faria acordar para vida, mas estava enganado, ele estava pior que na juventude. Bebia, enchia a cara dia e noite segundo seus seguranças e estava novamente se drogando.

— *Luca é de maior, não precisa de uma babá* — disse, tentando demonstrar indiferença.

— **Meu Deus!** — Escutei a expressão do informante e o telefone ficar mudo, após uma agitação de vozes ao fundo e, em seguida, a chamada ser encerrada.

Agitado e preocupado, esqueci de todo o impasse e, mal entrei na sala aonde estávamos a pouco discutindo, peguei a carteira e a *Cal. 40 S&W**, [\[v\]](#) colocando-a no cós de trás da calça.

— Giovani, o que está acontecendo? — Raf me perguntou. Ajeitando, pegando minhas coisas não lhe respondi, pensando no que faria e como conduziria.

Após me preparar, respondi à pergunta de minutos atrás.

— Luca está em apuros — disse como se ainda fosse um menino e não homem de 30 anos. — Ache Fabrizio e descubra aonde estão e me encontrem no caminho.

Quando Raf conseguiu a localização, já estava dentro do carro, enfurecido e preocupado. Mesmo que Luca fosse um inconsequente, ainda assim, era meu irmão e eu tinha o dever de zelar por minha família, protegendo-a, mesmo que um deles errasse.

Segundo as informações, estavam em uma das casas de prostituição dos Donttino, digamos que um bordel sofisticado, onde mantinha mulheres de vários países. E, ao chegar na entrada dei de cara com os seguranças que mandei vigiar Luca, mas pelo visto, não haviam feito nada que mandei.

— Que porra está acontecendo aí atrás? — Cheguei falando, em alto e bom som ao aproximar dos dois, parados na entrada.

— Senhor, não nos deixaram entrar. — Fabrizio tentava se explicar e sem ficar esperando, fui para a entrada. Assim que tentei passar pela porta, fui barrado. Impulsivo, saquei a arma alocada no cós e apontei para o segurança de Donttino.

— Sai agora da minha frente, ou vou fazer um estrago na sua cara. — Odiava ter que agir assim, mas quando era necessário e não via outra saída, mostrava não ter medo de ninguém. E, ao verem, meus homens preparando-se para agir junto comigo, eles se entreolharam e sabia que não estava brincando, se fosse necessário, atiraria sim em um deles. Em silêncio me deram passagem e entrei acompanhado de alguns seguranças meus e da casa.

Não conhecia o local, mas caminhei na direção dos bares e em meio a luxúria das mulheres dançando e esfregando-se nos clientes ali, levantei a mão para o alto e mirei o teto, atirando na acústica, assustando todos. Na verdade, estava atraindo a atenção de quem eu queria e, pude vê-lo no alto, aparecendo na grade de vidro e olhando na minha direção.

Ricco Donttino estava no segundo andar, exibindo-se e nos encontramos na escada, ele no topo dela e eu no primeiro degrau e ao me ver novamente, ordenou que me dessem passagem quando um de seus seguranças bloqueou minha passagem. Irado desferi uma cotovelada no rosto do que estava ao meu lado, ao vê-lo debochar da minha presença, o mesmo pensou em revidar.

— Sai da frente — ordenei para o que estava na minha frente, que não saía e sem esperar por uma atitude fechei o punho e soquei na direção do nariz, fazendo com que cambaleasse e quase caísse.

Empurrei o *capacho* dos Donttino para o lado e terminei de subir as escadas. — Vamos manter a calma, Don Valentino. — Ricco, debochado e ironizando uma animosidade entre nós, abriu os braços, como se fôssemos nos abraçar ao vir de encontro comigo, porém, cego de raiva, fechei o punho acertando-o no rosto também.

— Eu te avisei há 14 anos, que nunca mais desse nada para meu irmão. — Com a mão no rosto, limpando o sangue no canto da boca, o jovem Don me devolveu o olhar de ódio e quando fui para cima, meus seguranças me contiveram, me direcionando a olhar para o lado e vi a cena mais degradante desse mundo.

Lá estava Luca, jogado, literalmente apagado no sofá, com o elástico afrouxado nos braços, estendidos e a seringa pendurada, ainda com a agulha enfiada na sua veia. Seu rosto estava voltado para o lado, e da boca escorria uma espuma branca no canto do lábio. E antes que chegasse até ele, vi seu corpo cair para o lado, no grande sofá de veludo vermelho e estremecer, convulsionando ao se debater.

Desesperado me soltei e fui até ele, me encurvando sobre seu corpo, segurando sua cabeça e tentando imobilizá-lo para não cair do sofá e acabar se machucando, enquanto um dos meus seguranças ligava para a emergência.

Dessa vez, Luca passou dos limites e tudo por culpa de uma mulher, que por minha causa entrou na sua vida e o *ferrou*, levando-o a se drogar de novo. E, segurando-o, jurei acabar com a vida de Mellaine se caso acontecesse algo com meu irmão. Eu a encontraria onde quer que fosse e a faria pagar, primeiro ela afastou da minha vida, o meu grande amor e agora destruiu a vida dele. Outro que pagaria seria Ricco, em breve ele teria sua dose do que é mexer com um Valentino.

Quando o resgate chegou, me aproximei de Ricco, deixando meu dedo encostar em seu rosto.

— Torça para que nada de pior aconteça com Luca e pode esperar, o que aconteceu hoje não vai passar batido. — Estava pouco me importando sobre o código de manter a paz, ao ver Luca quase tendo uma overdose. Uma vez tentei por bem, mas dessa vez Ricco Donttino não sairia impune.

Estavam acostumados a ver o melhor de mim e muito pouco do pior, agora veriam que Giovani Valentino nunca foi bonzinho.

— Não tenho medo de você, Don Valentino. — Aprofundei mais a ponta do dedo na bochecha de Ricco. — Vou rebater da maneira que vier.

— É só um aviso. — Não me deixei intimidar e o empurrei, acompanhando os paramédicos, levando Luca sobre a maca para fora da boate.



Após quatro dias dormindo, com um quadro de quase overdose, Luca acordou atordoado, porém sonolento voltou a dormir. E quando acordou novamente estava contido numa cama. sabíamos como funcionaria, quando tivesse a crise de abstinência se tornaria agressivo e era melhor precavermos, porém, sua atitude nos pegou de surpresa ao fechar os olhos e chorar, sendo testemunha degradante e humilhante do estado em que se encontrava. Fiquei com pena de vê-lo tão vulnerável.

— Por favor, vai embora daqui Giovani. — Luca pediu, ao me ver do lado de minha mãe, a beira leito.

— Por favor, Luca. — Minha mãe tocou no rosto molhado dele.

— Não quero vê-lo e muito menos ela.

— Ela quem? — Ainda ali, a pedido do olhar de Raf, me mantive enquanto Dona Ana Valentino o questionava.

— Mellaine — respondi por ele. Tomaria uma decisão que deveria ter feito há muitos anos. — Saíam todos por favor — ordenei. — Está na hora de termos uma conversa.

— Giovani, espere, ele não está bem.

— Mãe, sai. — Raf já estava na porta esperando para se retirar, não me questionando.

Aguardei todos deixarem o quarto e me sentei nos pés da cama, cruzando os braços no meio do peito.

— Não quero conversar com você. Não entendeu? — Mesmo negando, Luca não se mostrava agressivo ou debochado.

— Luca, acho que temos que conversar. As coisas não são como pensam. — O chamei e esperei que olhasse para mim. — Eu não estava traindo Bella e nem você com Mellaine, não tenho por que mentir. Você não sabe o que é amar uma mulher e saber que seu mundo só depende da presença dela. Eu amo Bella como se fosse a mim mesmo, ainda mais agora com minha filha. As duas são tudo para mim. — Luca riu, desdenhoso.

— O pior de tudo não é ouvir você sendo patético, é saber que acredito, que não beijou aquela vagabunda. Eu a amo e sei que foi ela a responsável. — A forma como suas palavras saíram, pesando o sentimento, me deu pena.

Já vi muitos homens perderem a cabeça por causa de uma mulher e pelo visto Mellaine fez isso com Luca, deixando-o desesperado e o conhecendo, sei que seu orgulho estava ferido tanto quanto seu coração.

Agora seria ideal ir com calma, sei que não me queria ali, mas talvez seja a hora certa de abrimos e falar de tudo, inclusive do passado.

— Não precisava você se drogar de novo. Você não viu como *mammá* ficou. Durante esses quatro dias, ela não dorme e nem come por sua causa. Não pode continuar sendo egoísta.

— Olha só quem fala! O *poderoso chefão* bancando o moralista. Qual é Giovani? Você realmente acha que pode tudo, só porque o velho te criou como um rei. Todos sofremos pelas mãos dele para que você se tornasse o que ele queria. — Nunca foi omitido que Luca sentia raiva pela indiferença que nosso pai fazia.

— Eu não tenho culpa dele ter sido assim, fiz o que podia para sempre poupar você dele.

— Poupar tanto que quase me matou de tanto bater. O que adiantou, me defendia, mas era abusador como ele. Você é o espelho em tudo daquele bastardo. Por sua causa aguentei ser humilhado e agredido, porque nenhum de nós era igual ao primogênito e eu não era uma menina. Você tirou tudo de mim, Rafaello e de Marco. Inclusive Mellaine. Nunca vai saber como foi humilhante viver tendo que ser a sombra do grande e querido Giovani.

— Você acha que eu queria ser o primeiro? Não tive escolhas e assim como você, não tive culpa, sempre pensei em pegar o fardo e proteger vocês, aliviando o que nosso pai fazia e se um dia bati em você, foi por que não queria vê-lo se afundar e mostrar que estava errado. Agora Mellaine; aquela mulher não merece que você acabe com sua vida do jeito que está fazendo. — Levantei, me irritando com a lembrança de vê-lo estendido, jogado e drogado no sofá de Ricco Donttino, tendo início de uma overdose e mesmo querendo deixá-lo para aprender, tive sorte de chegar na hora e resgatá-lo antes que morresse de tanto que se drogou.

De costas, escutando-o fungar, segurando o choro, vi o quanto estava vulnerável e eu me senti responsável em partes por ter levado aquela desgraçada da Mellaine para casa. O pior de tudo era a vagabunda estar

grávida, com grandes chances de ser dele, contudo, não me sentia seguro ainda para contar. Luca já estava devastado e isso poderia enterrá-lo de vez, desestruturando de novo nossa família.

— Luca! Sei que não foi fácil para vocês e nunca me senti bem com isso, mas eu te amo meu irmão. — Tornei a me aproximar da cama, encarando-o, vendo seu choro em lágrimas, escorrer por seu rosto. — Pode não acreditar, mas te amo como se fosse a minha filha. Você sofreu e eu sei disso, não imagino passar pelo que vocês três passaram na mão do pai e por isso te acho um homem forte. E pela vida de Any, eu juro que não beijei Mellaine naquela noite. Quando casei com Bella, a larguei antes de contar para vocês. — Luca fechou os olhos e riu, amargamente.

— A desgraçada me enganou direitinho. Como fui um idiota.

— Não se culpe, fui enganado por ela também, deveria ter a investigado, antes de levar para dentro da nossa família. Jamais imaginei que ela só queria se vingar.

— Do que você está falando? — Luca franziu o cenho, pedindo por respostas mais concretas.

— Mellaine é filha de um traidor, que traiu nosso pai e a todo conselho e estava em busca de vingar a morte do pai dela, quando entrou em nossa casa.

— Que história absurda é essa? — Luca me interrompeu perguntando e mantendo-se contido, tentou se ajeitar com dificuldades. — Tira isso de mim, por favor. Não vou fazer nada. — Acreditei e acabei soltando as cintas que estavam em seus punhos.

— Mellaine só queria vingança contra nós, por isso, ela não se conteve e depois que terminamos foi para cima de você, só queria um de nós — disse ao tornar a me sentar nos pés da cama, onde Luca estava.

— Que filha da puta! — Luca agiu agressivamente ao fechar os punhos e socar o colchão.

— Acabei descobrindo depois do que aconteceu, pedi para vasculharem tudo da vida dela e jamais passou pela minha cabeça que ela tivesse com esses propósitos contra nós. Os tios dela são informantes meus.

— Disso eu sei, descobri quando voltamos de Nápoles, quando aconteceu tudo, mas não esperava por essa. Ela me enganou direitinho e sempre pensei que estava tirando proveito da situação. Conheci Mellaine antes de você e já saímos por alguns meses, quando a levou em casa, a questionei, mas não imaginava que ela estava tramando algo.

— Por que não me contou? — O que parecia ser uma coisa, estava tomando uma proporção maior do que imaginei.

— Desde quando preciso contar o que faço e com quem saio? Não é minha babá, Giovanni.

— Mas devia ter me contado. Eu teria desconfiado e a investigado antes. Nada disso poderia ter acontecido. — O questionei, mesmo que não tivesse nada a ver, mas era algo que deveriam ter me falado.

— O que mais que deveria ter contado? Que eu a *fodia* também enquanto estavam juntos... Que eu dava informações sobre você e Bella, em troca da *boceta* dela? — Já não sabia mais no que pensar, tudo agora se embolava e ao mesmo tempo se encaixava. — Mellaine me procurou, no dia do casamento do Raf, me pedindo ajuda, para não deixá-lo ir atrás da Bella e eu a pedi em pagamento, mas claro que nunca fiz nada, eu só contava sobre o contato e aproximação dos dois, porém, tudo mudou, quando eu tentei forçá-la a te largar e ela recusou, bem no dia em que se casou. Fiquei puto com você, porque não achei certo com ela. Mellaine sempre me fez pensar que sentia remorso por te trair. — Ri, aturdido e surpreso com que estava sabendo.

— Tudo isso embaixo do meu nariz — comentei com desgosto, vendo que eu tinha sido traído e não havia percebido o que estava acontecendo.

— Claro que não veria, estava desesperado para ter Bella de volta, que poderíamos roubar sua cadeira que não ficaria sabendo de nada. — Novamente fui disperso e deixei que coisas acontecessem nas minhas costas. Na verdade, essa conversa com Luca estava sendo uma grande lição.

Primeiro foi Mellaine e agora meu próprio irmão revelava que me traía com a minha namorada nas minhas costas.

— Como pode?

— Vá se *ferrar*, Giovanni. Não banque o santo agora.

— Independente de como vivemos, jamais esperei que me traísse. O que posso esperar mais de você, Luca? Se vendeu para Ricco, vai trair sua família?

— Claro que não. Deixa de ser idiota. Queria só arrancar a dor e sem essa de ter que ser o salvador e se vender.

— Não me venderia em sua troca de novo, estava disposto a deixá-lo lá para se *foder* ao menos uma vez na vida e crescer, mas pensei em nós como família.

— Não preciso do seu heroísmo e sentimentalismo.

— Sabe de uma coisa... você não muda, Luca. Precisa crescer, deixar de ser um moleque inconsequente. Quando falo que te amo, é porque sou sincero e não quero o seu mal, mas não vou me culpar mais por causa de uma coisa que nunca tive culpa. Só exijo que daqui para frente, você pense mais na sua mãe, não precisa pensar na família, pensa em Dona Ana, ela sim merece que você seja um homem de verdade. — Dei leves batidinhas na sua perna antes de levantar. — Eu não te odeio, se cair e

quiser levantar terá em mim um amigo e irmão, mas se quiser continuar se fazendo de vítima para o resto da vida, vai estar sozinho.

— Não vou pedir desculpas e muito menos me arrepender, fiz porque queria.

— Então está sozinho. — Dei as costas e senti um objeto passando ao lado do meu rosto e não me intimidei quando voltei, me jogando sobre o corpo dele, segurando em seu pescoço.

— Se pisar fora, eu mesmo o mato, nunca matei alguém, mas jurei proteger a família e se for preciso matar para acabar com o perigo eu o farei, então não seja esse perigo, nossa mãe não tem que passar por isso. Torne-se um homem, aquela vadia não te merece, *mammá* não merece ver o filho amado dela por aí drogado, por causa de uma mulher que não vale nada. — Novamente fui tomado pela surpresa, Luca fechou os olhos e tornou a chorar, concordando com a cabeça. — Não precisa pedir perdão. — A situação era confusa e me comovi, tirando as mãos do seu pescoço e o trouxe, abraçando-o, compreendendo-o. Luca jamais abaixaria a cabeça para ninguém, nem para mim e talvez isso fosse nosso maior impasse, e um dos lados teria que ser mais inteligente e não bater de frente. — Eu te amo, meu irmão.

— Mellaine está grávida. — Luca confessou, com a voz abafada o que eu já sabia.

— Ela foi atrás de nós, mas falei para ela sumir. — Luca tentou se afastar, mas travei meus braços e não o deixaria começar de novo o embate. — Pode não ser seu.

— Sei disso, não é meu filho. — Ele negou, mas sei que fazia isso tentando acreditar, para não se machucar mais.

Luca me empurrou para afastar-se um pouco, tornando a encostar nos travesseiros e fiquei ainda mais triste, quando vi as marcas do uso em

seu braço.

— Mesmo que for, mandei que sumisse e mandarei sumirem de vez com ela, para que nunca mais você a veja. Olha o que ela te fez. — Apontei com o rosto as marcas das picadas de agulhas.

— Não vou usar mais, eu juro, mas não faça nada com ela. — Entendi nesse momento e vi o quanto Luca estava apaixonado.

— Já jurou uma vez. Como posso acreditar? Como vou saber que não vai usar mais nada mesmo? Não quero perder meu irmão mais novo.

— Porque eu a amo, assim como você ama Bella. E sei que preciso arrancá-la da minha vida, mas não quero que a matem.

CAPÍTULO 7

Luca

— Luca, preciso que não falte nas sessões. — Já estava sem paciência alguma para ficar ouvindo Michelle me dar sermões por minhas faltas nas últimas duas terapias.

— Já me expliquei, foi por bons motivos. — Sorri, controlando meu temperamento, que nos últimos meses não estava dos melhores. — Fui conhecer minha sobrinha. A garota é linda, estou encantado. — Fui tomado pela surpresa, quando Giovani me convidou para conhecer sua filha.

Estava de volta em casa, depois de dias internado, resolvi mudar meu comportamento e todos começaram a me apoiar, estando sempre presente e fazendo questão de me incluir em tudo. Inclusive Giovani, depois da conversa no hospital, procurei entender e por isso hoje estou aqui, sentado, diante da loira, de óculos de grau, vestida com um vestido preto e casaco da mesma cor.

— E como foi? — Ela me perguntou e fiquei mais à vontade ao se deitar no sofá de couro marrom, cruzando as pernas no braço do móvel. Antes de respondê-la, cruzei as mãos sobre a barriga e comecei a dar leves batidinhas, deixando o momento mais monótono ainda.

— Foi tranquilo, Giovani me convidou, de início fiquei receoso, pois, já te contei Michelle, minha cunhada não é muito minha fã, mas conversei e me desculpei pelas *merdas* que fiz e falei no passado.

— E ela? — Fechei os olhos entediado.

— Conversamos sozinhos, ela preferiu assim e meu irmão respeitou... ela me disse que conseguia compreender e que acreditava que foi uma armação e que fui uma vítima. E que sempre serei bem-vindo e que tudo que aconteceu era melhor ficar no passado por causa de Any.

— Então essa conversa foi boa para você.

— Acho que sim. — Mexi com os ombros não dando tanta importância. Mas foi ótimo, Bella entendeu e afirmou que me justificava no amor que sentia por Mellaine. E que percebeu isso após Any nascer e ela ter consciência de tudo.

— Está vendo Luca, nem tudo é uma tragédia grega. Não pode lidar como tudo que acontece em sua vida seja negativo. Você precisa entender que nem todo pai é legal, que foi vítima do narcisismo dele. — Quando comecei a terapia após sair do hospital, prometi a minha mãe e a todos que procuraria ajuda, só não faço grupo de apoio, mas toda semana tenho que vir na sessão com a psicóloga.

— E como está seu relacionamento com Giovani? — Não foi fácil aceitar tudo que aconteceu, contudo, estou me permitindo ver as coisas de uma maneira mais aberta e no fundo sei que Mellaine seria capaz. Tudo começou com uma traição, eu e ela, mas fui cego, quando a quis por birra para mim e só não contava que eu fosse amá-la no fim. Talvez, por

conseguir ver o pior e o melhor de mim hoje, tenho certeza da inocência de Giovani e de que tudo foi uma armação. As sessões de fato estavam me ajudando muito; conseguia entender minha infância, já não via meu irmão mais velho como culpado e nem sentia raiva pelos abusos do *pai dele* e tudo começava a se encaixar e ser mais claro para mim.

Estava vendo minha família de um ângulo melhor e confesso que passar o fim de semana em *Little Falls* foi ótimo, descobri amar crianças e Any é uma boneca. Agora entendo o porquê Giovani está lutando por Bella e a filha. Vê-los, ali naquela casa, nada exuberante como a que tem aqui em NY foi uma referência para o que eu queria um dia, estavam felizes e tinham uma vida tranquila como pessoas normais e se puder ajudar meu irmão a ter sua esposa de volta, eu o ajudarei.

— Posso saber o silêncio e o sorriso? — Não percebi que havia ficado alguns minutos quieto, com os pensamentos nas lembranças do fim de semana, na companhia deles e da minha linda sobrinha. Não teve mulheres, festas e nem bebedeiras, foi algo diferente.

— Estava lembrando do fim de semana; como vi um outro Giovani, em paz, tranquilo e feliz. — Virei a cabeça para o lado, ainda sorrindo ao contar os motivos, respondendo sua pergunta.

— Você também quer essa vida para você? — Fechei o semblante na mesma hora, já sabia o que estava querendo fazer. Michelle sempre tentava entrar no assunto Mellaine e em todas as sessões tentava me esquivar. Lembrar do que vivi me trazia todas as dores do mundo e deixá-la longe de mim era o melhor a ser feito. Estava nesse momento querendo buscar uma versão melhor de Luca Valentino e a doutora só atrapalharia. E claro que queria ter uma vida simples junto com a mulher que amo e nossos filhos.

— Por que insiste? Já disse que não quero falar sobre Mellaine. Quem sabe um dia eu terei essa vida, mas no momento ainda gosto da vadia e só quero que o tempo faça o favor de apagar tudo.

— Luca, não adianta fugir. Você precisa fechar as lacunas se quiser realmente superar e seguir em frente. O tempo trata de curar as feridas, mas elas precisam ser discutidas, uma ferida mal curada pode abrir e se tornar incurável. — Tudo que disse era verdade, mas não queria falar dela. Todas as noites, deitado antes de dormir, Mellaine e a criança que estava esperando vinham na minha cabeça e pensar neles me deixava agoniado e a dor só aumentava, alimentando uma ferida inútil. — Note como sua relação com Giovani está melhor, esses meses serviram para aprender que o tempo mostra aonde cada coisa deve estar. Assim será com Mellaine e o bebê.

— A criança deve estar para nascer. — Não sei por que disse, mas dizer as vezes em voz alta era como se desatasse o nó preso em minha garganta.

— Quer falar sobre seu filho?

— Ele não é meu filho! — Engoli em seco. Não acreditava e depois de tudo que Mellaine fez, não dava para acreditar que me disse a verdade. — Uma mulher que se joga em cima do irmão por vingança é capaz de engravidar de outro só para dar o golpe da barriga.

— Precisa ter certeza disso. Mas e se for seu filho? — Ela insistia e não era um assunto que gostaria de aprofundar mais.

— Michelle, acho que por hoje já deu. — Rapidamente sentei no sofá e bati com as mãos nos joelhos, antes de levantar.

— Tudo bem, Luca. Se precisar falar comigo, estarei no número que te passei. — Sem olhar para a mulher atravessei a sala e fui em direção a porta, parando perto da mesinha da entrada para deixar o dinheiro da sessão.

— Até semana que vem — disse sem me virar.



Mellaine

Hoje seria meu último dia de trabalho. Já estava de nove meses e a qualquer momento nasceria. Graças a uns amigos, consegui fazer as últimas consultas do pré-natal em uma clínica particular.

Em uma das minhas folgas, do *Pork's Burguer*, fui trabalhar como garçonne em uma festa após ver o anúncio em um jornal, porém, foi bem difícil conseguir. A dona do buffet não queria me contratar ao ver que estava grávida, mas após minha explicação a mulher acabou se comovendo e me deu o emprego por algumas vezes, até minha barriga permitir, o que já não dava mais. E foi em um dessas festas que vi Lisa, com seu noivo e contei o que estava acontecendo, da forma como perdi tudo. Havíamos perdido o contato e por causa da vergonha, não fui atrás pedir ajuda, mas agora, quando ofereceu para me ajudar, pelo menos com os médicos, aceitei.

Contei a ela como estava sendo minha vida e por que de estar fazendo um péssimo pré-natal. Precisava economizar ao máximo e graças à intervenção da minha ex amiga de apartamento, pude saber qual seria o sexo do bebê.

Seria um menino, um mini Luca.

Quando o médico disse que seria um *meninão* fiquei feliz e ao mesmo tempo lembrei-me de tudo e senti falta, tristeza por não poder estar

segurando na mão de Luca.

E tudo por minha culpa.

Depois que o vi naquela noite, nunca mais fiquei sabendo de nada dele. Por várias vezes, pensei em ir atrás dele de novo, mas vi que o melhor seria cada um seguir a vida, até porque haviam mais coisas que nos afastava. Ainda me ressentia contra sua família, e mesmo que Giovani tivesse dito a verdade ainda tinha muitas dúvidas para esclarecer, porém evitava ao máximo pensar em tudo. Seria só mais uma ferida para alimentar e estava cansada, querendo paz.

Por anos acreditei, mas hoje o mais importante era meu bebê, afinal, fiquei sozinha a vida toda e agora tinha ele e, estava na hora de deixar todo um ressentimento para trás e seguir em frente, esquecendo o passado. Por causa dele na minha vida estava dando tudo errado e talvez fosse bom enterrar de uma vez por todas essa história. Josh era mais importante até que uma história mal contada.

— Não é porque é seu último dia que precisa deixar os clientes esperando. — Suspirei, terminando de lavar os copos, por trás do balcão. Não havia percebido que o casal da mesa 6 estava chamando.

— Desculpa, estava distraída.

— Você não estava, sempre foi uma cabecinha de vento. — Fechei os olhos, enxugando as mãos no pano encardido, pendurado no avental, sem dar atenção as cutucadas daquele babaca, dono daquela espelunca. Fui até a mesa atender e quando mal dei dois passos, senti uma dor insuportável, uma fisgada na minha pelve.

Será que a hora havia chegado?

A data estava certa e a qualquer momento poderia nascer. Então achei melhor ir para casa e acabei me aproximando da chapa quente, no lado oposto.

— Sr. Scott, preciso ir embora — informei-o.

— O que foi, mulher? — Sem dar muita atenção, não me olhou e continuou a prensar a carne, na superfície quente com a espátula.

— Estou indo embora, acho que meu bebê vai nascer.

— Está doida. — Mike Scott só me deu atenção ao perceber a iminência de sua lanchonete ficar sozinha e gesticulando, falando alto, veio para meu lado. — Você não pode abandonar o balcão assim, está cheio; não posso atender e cozinhar ao mesmo tempo. Vai ficar e terminar o expediente, é para isso que te pago. — Sua grosseria passou dos limites.

E mesmo com o incomodo após a dor, respirei fundo, encarando o casal que me esperava e fui atendê-los. Precisava do dinheiro de hoje, cada dia mais que eu conseguia poupar seria essencial e me ajudaria muito.

O incômodo no meio das costas continuou e já estava tarde quando terminei de ajeitar as mesas e limpá-las. Não via a hora de poder ir para casa, tomar um banho, descansar e ver melhor o que era essa dor. Poderia ter chegado a hora e seria preciso que eu estivesse ao menos de banho tomado e limpa para poder ir para o hospital.

A vida ultimamente não estava sendo nada fácil. Todos os dias trabalhava como uma louca, juntando o que ganhava com algumas gorjetas, tudo ia para as minhas despesas e o pouco que sobrava guardava. Por sorte o enxoval do bebê já estava organizado dentro da pequena bolsa azul, que ganhei das irmãs da igreja. Lisa havia me dado mais algumas coisas, o restante eram roupinhas usadas que ganhei, mas estavam todas muito boas, para quem não teria nada o pouco era muito.

Agora era catar o lixo e levar os sacos para fora, aí sim estaria livre para ir embora para casa. E mais que depressa fiz e já com o último saco de lixo nas mãos, juntei minhas coisas e fui até meu chefe. Receberia pelo dia trabalhado e daria o fora mais que depressa.

— O que foi? — Ele estava sentado, com sua garrafa de cerveja na mão, fumando seu cigarro fedorento, bem na porta dos fundos quando me aproximei. — Vou te pagar só amanhã, Mellaine, não adianta nem vir me pedir.

— Mas sr. Scott eu preciso do dinheiro. Vai que meu bebê... — Precisava do dinheiro hoje, caso o bebê nascesse, amanhã eu não voltaria mais.

— Não é problema meu, o movimento hoje foi fraco. — Ele me respondeu sem me olhar. Claro que estava fazendo de pirraça, pois sabia que depois que meu bebê nascesse eu não voltaria tão cedo. Trabalhei muito para poder ficar os quatro meses em casa junto dele e faria isso.

— Não foi isso que combinamos — tentei retrucar.

— Já disse, amanhã eu te pago — disse, gesticulando me mandando ir embora.

— E se eu não vir amanhã?

— Aí não recebe.

— O senhor está fazendo isso por maldade.

— Estou sendo justo — disse após virar uma golada de cerveja na boca. — Não trabalha, não recebe. É simples!

— Justo no que? O senhor está me roubando. Vou chamar a polícia. — Fiquei nervosa e quando terminei de falar, o homem todo imundo e com as roupas engorduradas se levantou, vindo para bem próximo de mim e me empurrou, esquecendo que eu estava grávida. Sem esperar ao ser agredida, acabei me desequilibrando, jogando o saco de lixo para o lado e caindo para trás.

A dor do impacto ao bater no chão foi intensa. Gritei, levando a mão na barriga.

— Não vou te pagar hoje e nem nunca mais. Quero ver se vai chamar a polícia depois da surra que vou lhe dar — encolhi-me toda quando o vi, se encurvando e fechando o punho para me bater, mas antes de me acertar, vi um homem de terno preto, bem mais alto que Scott, aproximar e o tirar de perto de mim, desferindo-lhe um soco. E pelo visto ele não estava sozinho, outro homem surgiu e veio me ajudar enquanto seu amigo surrava meu chefe, gritando, enraivecido por agredir uma grávida.

— Está bem? — Mesmo com dor, tateava minha barriga procurando me certificar que estava tudo bem, mas por azar, creio que com a queda, minha bolsa acabou rompendo e notei que estava toda molhada quando o homem que me ajudava estendeu a mão.

E fui tomada pelo desespero, ao sentir a dor vir com mais impacto.

— Calma vai ficar tudo bem! — O estranho sorriu, mantendo sua mão estendida, enquanto eu segurava minha barriga, tremendo de dor e medo.

— Quem é você? — Encolhi, segurando a dor que vinha e apertava todo meu ventre.

— Sou um amigo. — Na verdade era um anjo que estava me salvando.

CAPÍTULO 8

Luca

— Não quer ir mesmo comigo para *Little Falls*? — Há pouco mais de dois meses retornei meu trabalho junto de Giovani. Voltei a cuidar de todo o marketing das empresas de fachadas. E estava hoje reunido para definirmos um projeto de inauguração de uma nova casa noturna, voltada para o público masculino, algo bem corporativo.

— Obrigado, mas vou ficar, vou sair com Marco. — Fechei o notebook e organizei algumas folhas soltas dentro da pasta.

— Luca, sei que precisa sair, mas não abuse do álcool. — Estavam todos assim, achando que voltaria a beber e me drogar, mas entendi que precisava seguir em frente e mudar, deixar o velho Luca para trás.

— Não vou beber, faz 4 meses que estou limpo. Só vou dar uma volta, também não posso virar um padre, que nem você, preciso conhecer novas mulheres. — Giovani riu, enquanto levantava da cadeira e arrumava o blazer do terno.

— Você não muda. — Não vi sua fala como crítica e sim no sentido divertido.

— Posso não beber mais, mas *tregar* ainda *trepo*. Ao menos um vício um viciado precisa ter.

— Quero te ver bem. — Giovani passou por mim, dando leves tapinhas em meu ombro.

— Dá um beijo bem gostoso em Any, e fala que foi do tio preferido.

— Desde quando você é o tio preferido da princesinha? — Marco entrava na sala, pela sala de acesso.

— Você que não é! — retruquei.

— Pelo menos ela tem tios que brigam por ela. — Giovani disse, terminando de arrumar suas coisas para ir embora.

— Lógico que sou, a bonequinha é apaixonada por mim.

— Cala a boca, Marco. Nem de criança você gosta. — Amassei o papel, moldando-o até virar uma bola para arremessar nele.

— Não sou o pai, por isso que gosto.

— Meu irmão, você não sabe o que fala. Jamais vai entender o que é ter alguém seu, feito por você. É um amor inexplicável. — Quando Giovani se referia a sua filha, seus olhos e sua voz amaciavam, mostrando o quanto estava rendido por ser pai. E eu o invejava.

— Dispenso. Não quero fraldas fedidas e nem chupetas. Quero só as mães. — Marco contra argumentou. — Olha só Raf, está reclamando que Alícia não tem mais tempo para ele. Se eu me casar, o que é bem improvável de acontecer, não terei filhos.

— Bem vejamos, também acho que não deve ser pai. Você seria um péssimo e se você casar, tenho até dó da sua esposa, não vai deixá-la em paz.

— Farei da senhora, futura Marco Valentino, uma verdadeira rainha.

— Enquanto ficam dizendo sobre se casarem, está na minha hora de ir. Quero chegar e ver a minha até o fim da noite ainda. Ultimamente tenho que me contentar em ficar só na sua presença.

— Giovani virou um padre, não *transa* tem quase um ano. Deve viver no cinco contra um o tempo todo. — Marco não perdia a oportunidade de brincar nem com Giovani.

— Não vou ficar aqui, colocando minha virilidade em questão para os dois. — Giovani disse descontraído e Marco continuou fazendo-nos rir.

Depois de rirmos e despedirmos de Giovani, terminei de arrumar minhas coisas e fomos embora. Ultimamente, sempre um me acompanhava até em casa e não vi mais isso como a forma de me controlarem e sim de se importarem comigo. Até que não era de todo mal ruim, ao menos tinha uma companhia.

Por todo caminho, até em casa, eu e Marco conversamos sobre diversas coisas e agora estávamos saindo novamente. Resolvi depois de meses, que deveria sair um pouco e me distrair. Tudo era insosso, não tinha vontade de fazer nada, estava conseguindo ficar longe do álcool e acompanhado por Marco seria mais fácil driblar essa vontade de afogar minhas mágoas. Não teve um dia só, que não pensei em Mellaine e na criança que estava esperando, por mais que tudo me levasse a crer que não era meu.

Por muitas vezes sentia o ódio me corroer, por ter acreditado nela, por ter sido enganado e por amá-la. Nunca amei ninguém, que não fosse eu mesmo e a primeira mulher que amei, de verdade, me destruiu por completo. Ainda mais por estar grávida de outro.

Mellaine não poderia ter feito isso comigo, me usou na sua vingança contra minha família, uma vingança que só respingou em mim; bem ou mal

Giovani estava tocando sua vida com Bella, da maneira que podia; agora eu, estava aqui desesperado, ainda com meu coração, cheio de estilhaços.

De início não queria acreditar que foi capaz, de ter sido tão baixa, mas além das palavras de Giovani, Marco confirmou, após sair algumas vezes com a amiga de Mellaine, que realmente foi ela, que agarrou Giovani em Nápoles.

— Sua água e trouxe essas lindas morenas. — Sorri reparando nas duas, lindas e jovens morenas que estava uma de cada lado de Marco e peguei a garrafa de água da mão dele.

— Seu irmão é lindo, Marco. — Uma das duas disse, se desgrudando dele, vindo na minha direção.

— Podemos brincar os 4. — Marco olhou para a moça que continuava abraçada nele e para mim. E antes de respondê-lo meu celular vibrou dentro do bolso da calça, estimulando no músculo da minha coxa, mas preferi não dar atenção e logo parou de vibrar.

— Eu topo. — A morena, que acabava de se agarrar em mim, sem me pedir permissão, me olhou sorrindo.

— Linda e safada, como eu gosto. — Segurei em seu queixo, brincando ao abraçá-la de volta.

— Podemos ir. — Marco não escondia que estava bem animado ao ver que as duas toparam sua proposta.

Tentando não pensar e não lembrar de nada, fui para beijar, a linda morena, curvilínea em meus braços e novamente o telefone vibrou.

— Desculpa. — Tirei o celular do bolso para desligá-lo, porém o número, que piscava na tela, me deixou em estado de alerta.

Se eles estavam me ligando é por que alguma coisa havia acontecido e mais que depressa, me afastei deles, gesticulando para Marco, que eu atenderia o telefone e logo retornaria.

— *O que aconteceu?* — atendi a chamada e fui logo perguntando. Sei que era algo importante, se não fosse, eles não teriam ligado. Quando os contratei, pedi que só me ligassem em caso de urgência, do contrário eram só para vigiar.

— **Tivemos um problema.** — A voz familiar era de um dos homens, que havia contratado para vigiar Mellaine e pelo tom da sua voz não significava boa coisa.

— *Fala logo, porra!* — Impaciente, ordenei.

— **A moça, que pediu para vigiar está no hospital.**

— *O que aconteceu com ela?* — Não esperei falarem o motivo e perguntei, preocupado, sentindo a ansiedade me tomar e me fazer refém do medo.

— **O velho a empurrou e acabou caindo. Estávamos vigiando, como o senhor havia mandado e pelo o horário ela estava demorando, quando fomos para os fundos da lanchonete, estavam lá discutindo e ele a empurrou e bateria nela se não chegássemos antes. Ela caiu sentada e gritou.**

— *E como ela está? E o desgraçado que colocou a mão nela?* — Isolado, longe do barulho, dentro do escritório andei de um lado para o outro, enquanto obtinha mais detalhes.

— **Vince mostrou ao bastardo como se bate em alguém. A moça nos contou qual foi o motivo para agredi-la. Ela ameaçou de chamar a polícia, e o que nos deu a entender que foi por causa do pagamento. Agora sobre ela, não estamos sabendo muito, a deixamos e fomos buscar as coisas do bebê, conforme ela nos pediu.**

— *E o bebê está bem?*

— **Não sabemos, quando voltamos nos informaram que talvez nascesse hoje, por causa do tombo.**

— *Velho desgraçado.* — Senti o ódio melar toda minha boca, aumentando meu desespero.

— **Calma senhor, já cuidamos dele. Vai lembrar bem, quando pensar em bater em uma mulher.** — Não faço a ideia do que fizeram, mas tenho certeza que não deixariam passar batido.

— *Por mim poderiam matar esse imundo. E para onde a levaram?*

— **Trouxemos ela para o *Lady of Lourdes Medical Center em Camden, New Jersey.***

— *Obrigado. Não falaram nada?*

— **Não, senhor. Só deixamos ela, alegando que a achamos caída, mas a moça nos questionou bastante, perguntando quem éramos e ela pediu que pegássemos as coisas do bebê para ela em sua casa e dissemos que éramos amigos dela.**

— *Que bom. Obrigado. Não preciso mais dos serviços de vocês.* — Havia contratado há dois meses uma dupla de seguranças, escondido de todos. Por mais que Mellaine fosse vagabunda e não merecesse nada de mim, eu precisava saber quando a criança fosse nascer e por isso pedi que ao menos uma vez por dia os dois se certificassem disso para mim. E quando me disseram que haviam a levado para o hospital já não vi necessidade mais dos serviços deles.

Quando os contratei, paguei pelo silêncio também. Não queria que ninguém soubesse da minha necessidade, de saber dela. Mellaine foi pior que meu vício pela heroína, ela me deixou viciado por sua toxicidade e mesmo com o passar dos meses estava difícil de esquecer tudo, de colocar um ponto final.

Desliguei o telefone e voltei para perto de Marco.

— O que foi? — Marco ainda me aguardava com as duas morenas o abraçando uma de cada lado.

— Cadê sua descrição? — tentei disfarçar sorrindo.

— Estou abrindo uma exceção por uma causa nobre.

— Não foi nada, acho que para mim deu essa noite. Desculpe-me meninas. — Sei que nada poderia me distrair, eu precisava ir até em New Jersey, precisava ver com meus olhos.

— Espera aí, irmão. — Marco segurou em meu braço ao me ver querendo sair dali. Estávamos na área reservada a nós, antes até íamos mais, mas depois que comecei a namorar com Mellaine fui pouco e parei de ir quando quase sofri a overdose. — Aonde vai? Qual bicho te mordeu?

— Nenhum, preciso ir a um lugar. E me deixa Marco. — Puxei o braço com força e me coloquei em direção a saída.

Alcansei o mais rápido que pude. Saber que Mellaine, teria o bebê me deixava afoito e desesperado para ver. Mesmo que duvidasse, a criança poderia ser minha e precisava ver com meus próprios olhos.

Enquanto esperava que trouxessem meu carro Marco me alcançou na calçada da boate.

— Não preciso de babá, Marco.

— Ei cara! Ninguém está bancando sua babá, só fiquei preocupado, com a maneira estranha que saiu de lá de dentro. Como se tivesse acontecido algo.

— Não é da sua conta. Estou cansado, de que há meses vocês me tratam como um viciado, que vai usar algo na primeira oportunidade que estiver sozinho.

— Você mudou muito, Luca. Temos medo que caía de novo nas drogas.

— Não sou um viciado.

— Eu sei que não, mas você mudou muito, já não é o mesmo.

— Todos mudam — respondi e não dei mais oportunidade de continuar a conversa entrando no carro, contudo Marco insistia e acabou entrando no carro.

— Vou junto.

— Quer saber Marco! Vá se ferrar, não quero ninguém indo atrás de mim aonde eu vou. — Fiquei com o carro ligado, esperando-o se tocar e sair. Não queria ninguém me acompanhando, precisava ver o filho de Mellaine sozinho.

— Mas eu vou. Se vai usar vou junto.

— Já disse que não vou usar mais.

— Então aonde vai que eu não posso ir junto, Luca?

— Vou *foder* uma mulher. — Menti, quem sabe assim ele me deixava em paz.

— Vamos *fodê-la* juntos então. — Esqueci que o “*santo*” Marco era sugestível quando o assunto era sexo.

— Você está duvidando?

— Estou! Para quem vai sair e *trepas*, está bem nervosinho e estranho.

— Você é um idiota. Sério! Não sei como consegue. — Pelo visto Marco não baixaria a resistência e com o buzinaço atrás de mim fui vencido.

Coloquei o cinto e tirei o carro dali.

— Você vai junto, mas espero que não abra a boca para ninguém, não vou usar, vou em um lugar.

— Menos mal, porque estava pronto para te dar uma surra, mas se vamos *foder* alguém não preciso me preocupar.

— Cala a boca. Não vamos *comer* ninguém.

— Então, vamos aonde?

— Em um lugar e você vai ficar dentro do carro.

Em 1h40 tentei não falar mais no assunto, mas volta e meia, Marco tentava arrancar de mim para onde estávamos indo. E quando chegamos estacionei o carro na frente do Hospital e por alguns minutos fiquei olhando a fachada do local, pensando se deveria mesmo entrar e ir ver com meus próprios olhos.

— Quem está aí, Luca?

— Ninguém da sua conta. — Marco estava me irritando, já não bastava os demônios dentro da minha cabeça me atormentando.

— Calma, só estou curioso para saber por que estamos em New Jersey. Você veio vê-la?

— Não enche. Fica aí no carro. — Sem lhe responder mais saí, abandonando-o para trás e fui em direção a entrada.

Olhei ao redor e vi, que a recepção do hospital estava a ermo, somente a atendente, que se posicionava atrás do balcão de informações.

— Boa noite, por favor, estou atrás de informações de uma mulher. — Gentilmente a atendente sorriu e me cumprimentou.

— Qual o nome e sobrenome senhor?

— Mellaine... — agora estava em dúvida, qual a desgraçada havia usado. — Não sei se está como Jackson, Ferrari ou Tordarelli. Deve ser algum desses.

Após a atendente consultar a tela do computador ainda sorrindo me disse:

— Temos uma Mellaine Jackson. E por acaso se internou agora a pouco. Tem umas três horas.

— É ela — afirmei. — Está tudo bem com ela? — Acho que me expressei um pouco ansioso, pois a atendente voltou a olhar para a tela sorrindo.

— Ela está no andar da maternidade senhor. E posso saber o que é dela? — Respirei fundo, com um misto de emoções me envolvendo e sem saber o que dizer me peguei olhando por segundos a fisionomia alegre da mulher a minha frente. — Deve ser o pai! — A afirmação foi bem mais impactante que imaginei.

De fato, eu poderia ser o pai, mas Mellaine, me enganou tanto, mentiu muito que não conseguia acreditar nessa possibilidade. Poderia ter tido relação com outra pessoa só para engravidar e me amarrar a ela, mas foi tão burra. Não precisaria de um filho, eu já estava muito envolvido para querer me casar com ela.

— O senhor vai precisar ir sozinho, como vê, estou sozinha. — Balancei a cabeça concordando antes de me despedir e agradecer pela informação.

O hospital, não era sofisticado como o que ela havia trabalhado, mas era bem-organizado e percorri por um longo corredor, até chegar em uma rampa, que dava ao segundo andar e conforme a orientação segui até o final, me levando a dar de cara com um vidro enorme e com uma placa acima, informando que era ali o berçário.

Aproximei mais da vidraça. Completamente movido pela emoção e com o coração batendo rapidamente olhei e vi os berços dispostos na vertical e com duas carreiras e, somente dois bebês ali, dois meninos.

CAPÍTULO 9

Luca

Não consegui me conter, a sensação de ver o bebê ali foi intensa, foi como se me drogassem e eu vivesse o maior *nirvana*, me dividindo ao meio. Senti o ar passar pesado pelos pulmões e me segurei, espalmando a mão não vidro, deixando minha cabeça pender para frente, encostando a testa.

Podia ser parte de mim, alguém que teria algo meu por toda a vida, porém a incerteza redobrada de lembranças ruins, misturou-se junto e me colocou a questão.

Não é meu filho!

A desgraçada soube muito bem brincar comigo, me usando para chegar até Giovani, sendo que me dei tanto para ela no fim e mesmo assim preferiu agarrar ele e mais uma vez fui a segunda opção de alguém. Por isso passei os últimos quatro meses, pensando e repensando, nessa criança, nesse menino. Que poderia não ser, como poderia ser meu filho, mas Mellaine ferrou tudo com essa maldita vingança e depois querer ferrar o casamento de Giovani. Sem contar as inúmeras mentiras que me contou.

Ela era uma desvairada que mexeu comigo e virou meu mundo de ponta cabeça e estar ali só provava o quanto eu era um fraco, necessitado em saber um pouco mais, como se eu precisasse de migalhas para viver, me drogando com um vício maléfico e mortal.

Depois de tudo, não me drogo e não bebo desde o dia que perdi o controle e entrei em um quadro de overdose. Nunca fui um viciado que necessitava usar por sobrevivência, era ao contrário, eu gostava da sensação boa que me causava, da potência que levava meu corpo a sentir diversas sensações ao mesmo tempo, contudo, o que estava vivenciando ali era igual, uma pequena porção de sentir e depois ficar com a sensação de querer mais para vivenciar novamente a euforia e o melhor a fazer era sair dali e esquecer de uma vez por todas.

Mellaine e o menino seriam maiores que os efeitos da heroína em mim e eu não queria mais esse vício.

Distância era a melhor saída neste momento, mas como sair dali, se meus olhos pulavam de um bebê para o outro, tentando saber qual era. Lindo e perfeito, os dois, mas com certeza ele seria mais perfeito se fosse o meu filho.

E por um momento fechei os olhos e não consegui impedir, que as lembranças da rejeição viessem, como se eu fosse descartável. Mellaine fez isso, me usou e descartou, a idiota só não contava que eu não a deixaria brincar por mais tempo com a minha cara.

— Esse é o bebê de Mellaine? — Fui tirado do meu estado, do meu próprio mundo pela voz ao meu lado. Ela soava familiar e ao olhar para a direita eu o vi, próximo a uma das enfermeiras, que respondia sua pergunta com gesto, apontando para qual bebê era o de Mellaine, e era exatamente o que eu estava olhando.

— Eu disse para ficar no carro — disse irritado. Não queria ninguém ali.

— Por que não me disse que estava vindo ver seu filho? — Marco se aproximou de mim com as mãos no bolso.

— Porque ele não é meu filho. Simples! — respondi com raiva, me segurando para não socar aquele vidro e frustrado passei as mãos pelo cabelo, desviando o olhar para o menino.

— Então, por que se dar ao luxo de vir até aqui? — Marco insistia e não respondi, apenas olhei de cara feia, mostrando o quanto ele estava sendo invasivo ao estar ali.

O que ele queria ali?

— Luca, o menino pode ser seu filho. — Lancei-lhe um olhar de desaprovação, ainda mais porque, Marco dizia tão natural na frente da enfermeira e eu mesmo não estava pronto para acreditar que poderia ser o pai daquela criança, não depois de todas as armações da mãe.

— Marco, vamos embora daqui.

— O senhor não quer segurá-lo um pouquinho, o menino é lindo e forte, a mãe disse que vai se chamar Josh.

— Não, obrigado. — Dei um passo atrás, como se me repudiasse. O fato de tê-lo nos braços e lembrar do que sua mãe foi capaz só me trazia dor.

— Luca deixa de bobeira. Se veio aqui é porque acredita que pode ser o pai.

— Não *fode* Marco, quero ir embora e se não vir vai ficar para trás. Vou te deixar aqui. — Grosseiramente, sem despedir até da enfermeira que foi buscar o menino, me coloquei a passos largos para sair dali. Talvez se Marco não fosse tão inconveniente, ficaria até mais e quem sabe seguraria o bebê.

— Calma, vou junto. — Marco disse e ficou um pouco para trás, agradecendo a funcionária do hospital.

Caminhei até a saída como um fugitivo, necessitando sair dali o mais rápido possível, ficando por um longo tempo parado próximo ao carro.

O que eu faria? Uma grande confusão se embolava dentro de mim.

Ao mesmo tempo que queria voltar lá e ficar olhando o menino, eu queria segurar o pescoço de Mellaine e enforcá-la por ter feito isso comigo.

Queria ser o pai do menino, mas a dor da traição ainda era mais forte e me impedia de ser coerente e racional.

— Entra no carro, senão vai ficar — disse para Marco na outra entrada, me olhando, como se me questionasse. — Não quero falar mais nesse assunto.

— Só entre e vamos, não falarei nada. — Marco lidava com tranquilidade, enquanto meus nervos e todo meu estômago revirava de nervoso.

O trajeto de volta para Nova Iorque foi silencioso, ficando na minha cabeça todos demônios dos quais me atormentavam, sobre a criança e a mãe.

Jamais esperei gostar de alguém como gostava dela. No início, até via como um capricho meu, uma necessidade de sobressair Giovani e mostrar que eu não era sua sombra, mas quando foi só minha eu desejei todas as coisas do mundo com ela e a vagabunda veio e fez o favor de desconstruir tudo isso. Agora me restava somente o sabor amargo da traição e a dúvida em meu coração. Michelle em uma das sessões me deu duas opções, ou ia atrás, ou afastava e recomeçava, e a segunda opção era a melhor, não queria sentir a dor e muito menos o redemoinho de sensações que senti ao ver Josh. A incerteza seria a pior das inimigas, pois sei que todas as vezes que olhar para o menino vou me lembrar de tudo e também

vou duvidar se realmente eu sou o pai. E mesmo que pedisse um exame, ainda assim meu maior medo seria descobrir que não era meu e por isso o melhor a se fazer é abandoná-los e seguir minha vida.

Escolho tentar não pensar, ninguém ama uma vez só na vida e eu posso amar várias vezes.

Sou um vencedor!



Voltei a falar quando estava estacionando o carro dentro da garagem e antes que Marco deixasse o carro, segurei em seu braço.

— Não quero que ninguém saiba, principalmente a *mammá*.

— Tudo bem, não vou falar nada, mesmo pensando que deveria se certificar que o menino é mesmo seu filho... — Cortei-o antes de terminar a frase.

— Não quero saber mais, caso encerrado, o garoto não é nada meu, como a mãe também não é. Daqui para frente não quero saber se estão bem ou mal, só quero paz e voltar a viver. A desgraçada poderia ser bem capaz de engravidar de outro e dizer que era meu. Não esqueça que ela queria se vingar da nossa família e me usou.

— Não seja obstinado, Luca.

— Já disse Marco. Não quero falar mais sobre isso, hoje foi um ponto final. Quero voltar a *foder* como se não houvesse amanhã e tocar minha vida. E não me torra! — Larguei seu braço e saí do carro, abandonando-o.

Tentei agir normalmente e fui para a cozinha, procurar algo para comer e acabei encontrando *mammá* acordada, enrolada em seu hobby de cetim floral, com os cabelos grisalhos preso em um coque.

— Olá gatinha. — A abracei por trás e a apertei dentro dos meus braços. Havia meses que não tinha esse contato com ninguém, foi tempo trancado, remoendo mágoas e lembranças e realmente quando deixei o hospital essa noite, algo dentro de mim aquiesceu e me deu força para continuar, só não sei falar o porquê, mas o fato de ver a criança me fez mudar o rumo que estava levando.

— Olá! Meus meninos voltaram cedo. — Minha mãe virou e a soltei, ela sorriu e juntou meu rosto em suas mãos.

— Por que está sorrindo que nem uma garota apaixonada? Arrumou alguém para dar uma *trepadinha*? — perguntei e em resposta ela me deu tapinhas no ombro e encolhi rindo, afastando, indo sentar em uma das banquetas da cozinha.

— Olha seu desbocado, mais respeito, sou sua mãe.

— Dona Ana, pode parar de bancar a puritana. Tem quatro filhos e vai falar que não sabe o que é fazer sexo?

— Marco, o que deu para Luca? Ele bebeu? — levantei as mãos e neguei com a cabeça, respondendo por mim a pergunta que fez a meu irmão.

— Claro que não, Ana. — Marco respondeu. — O seu bebê se comportou direitinho.

— Você é escroto, Marco. Não sou um bebê.

— Vai ser sempre o bebê da mamãe. — Marco foi até nossa mãe e a beijou no rosto, pegando em seguida o lanche no prato, posto sobre a bancada da cozinha.

— Amo todos por igual. — A matriarca da família levou até a boca a xícara com seu leite quente. Estava acostumada a beber o líquido fervente de madrugada, quando perdia o sono.

— Mentira! — Marco contestou, ainda de boca cheia. — Seu preferido é o bebê.

— Está com ciúmes. — Levei na brincadeira ao responder.

— Por que fazem isso com essa velha aqui? Gostam de me fazer sentir culpa. Marco você é o único que não me deu trabalho.

— Está dizendo que eu, Raf e Giovani, somos problemáticos? — brinquei.

— Sim, ela está dizendo que sou perfeito. — Marco inflou o peito, totalmente ególatra e tornou a beijá-la na face.

— Não disse isso, Marco. — *Mammá* sorrindo o contradisse.

Ficamos mais um pouco na cozinha. Também comi um lanche de pão com queijo e cansado, sendo tragado pela exaustão, fui para meu apêndice e deitado comecei a reviver todos os eventos do dia e da sensação de estar de frente com o que mais queria. Queria muito que a criança fosse minha, mas muitas dúvidas me faziam duvidar e principalmente pela mãe que ele tinha. Rodei mais um pouco na cama, enumerando os porquês de não acreditar em Mellaine, peguei no sono com a doce imagem do bebê, de touca azul, enrolado na manta de lã, todo rosado e tão pequeno para realidade que o esperava. Mesmo que não fosse meu, desejei que o menino tivesse uma sorte grande e que sua mãe ao menos o amasse.



Mellaine

Que angustiante foi, quando caída senti minha bolsa estourada, mas Deus teve misericórdia e enviou dois anjos para me ajudar, ainda não sabia seus nomes, os mesmos quando perguntei desconversaram e me levaram para o hospital, me socorrendo e me senti tão segura quando pedi que fossem ao meu apartamento buscar as malas que tinha arrumado, para quando chegasse o momento. E foram tão rápido ao me trazerem tudo que pedi, porém, não os deixaram entrar mais e quem me entregou as coisas foram as enfermeiras, as mesmas que me aprontaram para o trabalho de parto. Devido ao rompimento da bolsa e a dilatação que apresentei, induziram com a soroterapia o processo, sendo mais rápido e aquele incomodo que senti já era o prelúdio de que Josh nasceria em breve, sendo algumas horas antes.

Não senti dificuldade e o parto foi tranquilo. Josh nasceu duas horas após minha entrada no hospital e já estava de madrugada quando o trouxeram para mamar. Sendo a segunda vez que o via. A primeira vez foi indescritível, senti que meu coração aumentava e não cabia dentro de mim, ao vê-lo todo enrugado, chorando forte e saudável. Meu bebê era lindo, um anjo perfeito, meu companheiro para toda a vida e novamente eu tinha uma família, não estava sozinha no mundo, abandonada. Josh para ser meu cúmplice e parceiro, alguém que me amaria incondicionalmente, e senti-lo saindo de mim só aumentou o sentimento que cultivei por ele nos meses que o aguardei ansiosa.

Minha vida ultimamente não era um mar de rosas, mas a cada chute e mexida sua me dava ânimo, levantava meu espírito de coragem, de que no fim tudo se resolveria. Mesmo não tendo condições financeiras para nada, mas o pouco que tinha, o SNAP^[vi]* e o auxílio de seis semanas, daria para vivermos por quatro meses, era só poupar no máximo e poderia ficar mais

com meu bebê, aí depois colocaria em uma escolinha e procuraria algo para trabalhar que ao menos pagasse o aluguel e a comida.

Tudo se encaixaria melhor, não estando grávida, me daria outras oportunidades de ganhar um pouco mais. Esses eram meus planos e estava tão absorta, vendo-o em meus braços, sugando meu seio avidamente, que não percebi ainda a presença da enfermeira.

— Acho que alguém da sua família veio ver o bebê. — Levantei a cabeça e a olhei, estranhando o que acabou de dizer.

— Como assim? Não tenho família! — Fui objetiva ao afirmar que era sozinha e na mesma hora em que me disse, me veio à mente os dois anjos que tive essa noite, me ajudando, ao ver o que o escroto do Mike fez comigo.

— Eram dois homens e um deles perguntou qual era seu bebê.

— Deve ser os dois homens que me trouxeram.

— Pode ser, eu mostrei o pequeno Josh e um deles estava bem agitado e logo foram, embora. Até ofereci se queriam pegar, achei que um deles fosse o pai do bebê. — Neguei com a cabeça, sendo tomada pela tristeza.

Jamais Luca Valentino viria ver seu filho. O narcisista certamente, ainda achava que eu o enganei até na gravidez. Sei que não agi bem, tive atitudes más, mas não menti a ele quando disse que era o pai e contradizendo minha razão, sempre quis que esse momento fosse diferente. O queria ali, segurando minha mão, sorrindo lindamente com seu topete todo bagunçado, olhando para nosso bebê como se fosse o maior tesouro, mas tudo era diferente. Ele certamente estaria *fodendo* uma linda mulher essa noite, festejando, levando sua vida luxuosa rodeado por sua família, rica e protetora, enquanto eu e Josh começávamos a nossa pequena família com dificuldades, mas unidos até o fim.

CAPÍTULO 20

Mellaine

Tive alta após três dias. O pediatra do hospital achou Josh um pouco icterico e resolveu fazer uma fototerapia nele por 24h. Confesso que acabei me esquecendo de como era ser médica e fiquei toda chorosa, ao ver picando meu bebê para coletarem seu sangue. Mas agora estava tudo bem, estávamos dentro do táxi indo embora para casa.

Apaixonada pelo homem da minha vida, meu pequeno Josh.

Não cansava de olhar para ele, embalado em meus braços, dormindo tranquilamente, sem medo desse mundo cão, contudo, eu estaria sempre ali para que estivesse feliz e tranquilo, daria minha vida se fosse necessário para que nenhum mal acontecesse a ele.

— Mamãe te ama muito. Já sou incapaz de viver sem você — sussurrei antes de encostar meus lábios em sua cabecinha, com poucos cabelos, apenas uma penugem preta.

Estava tão distraída olhando-o que não reparei quando o taxista olhou para trás, após parar o carro em frente ao prédio, com pintura gasta de um amarelo sujo encardido e pichado, localizado na periferia de New Jersey, em Camden.

— São 20 dólares, senhora — sorri, olhando para o indiano, debruçado com o cotovelo no banco ao lado, olhando para trás.

— Sim! — Alcancei minha bolsa ao lado e desajeitadamente, ainda com Josh no braço, consegui pegar a carteira e retirar a nota e pagá-lo.

— Vou ajudá-la a levar as coisas do bebê até seu apartamento. — Assenti, agradecendo o gesto voluntário do homem e com cuidado saí do carro. Feliz por ter chegado aonde era minha casa, não o que Josh merecia, mas o que eu podia dar a ele.

Quando, hoje pela manhã, fui acertar a conta do hospital, me informaram que não havia débito algum e fiquei me perguntando quem havia pago minhas despesas, imaginei várias pessoas, inclusive que poderia ser Luca, mas duvido que ele faria esse gesto, não depois de gritar comigo e dizer que nunca mais queria me ver na frente dele. Giovani também não seria, ele deixou bem claro que não quer me ver perto da sua família e muito menos do irmão, o que me resta é acreditar que foram os dois anjos que me levaram para o hospital.

E pela boa ação do meu anjo da guarda, eu tinha um pouco mais de dinheiro e daria para aguentar mais um mês do que planejei, mas minha felicidade foi breve.

Quando cheguei ao segundo andar, em frente ao número 21, vi que a porta estava somente encostada, o que me deixou aflita e apreensiva, com o coração acelerado.

Não seria possível, aqui no prédio, um ajuda o outro. A pobreza é tanta que ninguém rouba de ninguém, esse é o código, mas pelo visto

comigo não foi a regra e me deparei com o caos no cubículo que eu chamava de casa. Estava tudo revirado, o pouco que tinha estava quebrado pelo chão. As duas únicas cadeiras estavam partidas, sem os pés, cada uma jogada em um canto. Tudo que possuía estava acabado. E, segurando o bebê no colo, vendo a cena degradante da minha vida me coloquei a chorar, esquecendo o homem atrás de mim.

— Meu Senhor, o que fizeram aqui? — A vizinha saía da porta ao lado e se esgueirava para meu lado, olhando a mesma cena destruidora que eu.

— Não sei — disse, sentindo meu peito apertar, em um sentimento de impotência.

— Essa molecada de hoje em dia não respeita mais ninguém. — A olhei consternada, tentando achar o motivo dela estar ali, sendo que nunca foi capaz de me dar um bom dia.

— Desculpa senhora, mas preciso ir. Vai mesmo querer ficar aqui? — O taxista interrompeu a senhora e me perguntou, como se eu tivesse outro lugar para ir.

Ter, eu tinha, mas fui escorraçada. O único lugar que poderia ir era para casa dos meus tios, mas Don Valentino os proibiu de me aceitar lá, e agora o que me resta eram esses três cômodos, com a pouca mobília, e toda quebrada.

— Obrigada, mas vou ficar. — O homem deixou as duas pequenas malas na entrada da sala e se foi ficando eu e a vizinha bisbilhoteira.

Respirei fundo, e com um pouco de esperança fui para o quarto, pedindo aos céus que ao menos minha cama e o berço de Josh estivessem intactos, mas vi a mesma cena. Meu colchão estava todo cortado e a única coisa que estava intacto era o berço do bebê.

— Como puderam fazer isso? Que vândalos. — A mulher sem ser convidada me seguia e isso me irritou a ponto de virar e pedir para ela se retirar.

— A senhora poderia me deixar sozinha? — A vi torcer o nariz antes de sair em silêncio, balançando os ombros como se não se importasse.

Acompanhei-a e fechei a porta, notando que a fechadura estava estourada.

Resignada, voltei para o quarto e coloquei Josh em seu berço. Precisava pensar e olhar com calma. Tudo que tinha estava ali, inclusive o dinheiro que guardava para nos sustentar nesses meses seguintes. E na mesma hora me bateu o desespero ao olhar para o pequeno guarda roupa e ver as gavetas reviradas, principalmente a última, com o fundo para cima e vi que roubaram o saquinho que deixava colado embaixo com todo o dinheiro.

Nada se comparava a tristeza e o desespero que senti nesse momento. Quando me ajoelhei no chão em meio as minhas roupas, comecei a jogá-las para o lado, procurando o saquinho com as notas dobradas. Não queria acreditar que isso estava acontecendo. Em meio as minhas lágrimas, senti que estava tudo perdido, me rendi ao desespero e chorei impotente.

Era muita coisa para pouco tempo, tudo que tentei não deu certo. Perdi o direito de exercer minha profissão, não tinha mais ninguém, cometi erros que me trouxeram até aqui, estava sem dinheiro com uma criança recém-nascida no colo, com pontos no períneo e se não bastasse, me roubaram o pouco que consegui guardar.

O que eu faria?

Já não tinha como pensar em mais nada.

Estava completamente abandonada, sem sequer a quem recorrer. Era eu, Josh e a sorte de Deus, em mais um mês de dinheiro poupado com a

conta do hospital que pagaram para mim.

Tudo ficou mais restrito e eu precisava ser forte, não era mais sozinha, tinha uma criança totalmente dependente de mim e sei que não poderei contar nem um pouco com os Valentino, eles deixaram bem claro a posição deles.

Não era por orgulho, e sim por não ficar me rastejando por um erro.

Errei e infelizmente não tinha como voltar no passado e consertar tudo que fiz. Além de que, fui enganada também; cresci pensando que eles eram os vilões e não é da noite para o dia que vou acreditar que meu pai era um traidor, até porque, Giovani tem todos os motivos do mundo para encobrir e defender as atitudes do seu pai, porém, tinha dúvidas e ainda as tenho, mas de uma coisa estou certa, não vou mais me humilhar. Por mais que eu queira pedir perdão a Luca, não me sujeitarei a mais sessões humilhantes com ele.

Tentaria de outras formas. Foi assim nesses sete meses sem emprego e sem ninguém, agora tenho Josh para me dar forças e batalhar. Não ficaria bancando a coitada! Em um mês penso no que fazer. Mas a primeira coisa é chamar a polícia, mesmo sabendo que não farão nada. Josh estava dormindo tranquilamente quando liguei para a delegacia informando o ocorrido.

Logo pedi para um vizinho, para que trocasse a fechadura para mim, sei que dormiria com medo de que voltassem e seria melhor me precaver. Vivo num bairro pobre, não sei o que pode acontecer.

Acho que a fofoqueira do lado, espalhou o que tinha acontecido, pois logo duas senhoras apareceram na minha porta com um pouco de comida, e uma delas disse que arrecadaria algumas coisas para mim e que logo traria ao menos um copo, um prato. E isso já ajudava muito, pois as

únicas coisas de cozinha que restou foi a parte superior do fogão, panelas e os talheres, pouco, mas que tinha.

Com meu pequeno apartamento, já organizado, coloquei Josh novamente para dormir. Fui tomar um banho rápido, deixando a porta entreaberta, com medo de que algo acontecesse com ele e quando voltei o retirei do berço e coloquei ao meu lado no que restou do meu colchão, pois agora tinha tempo para ficar com ele, vendo o dormir tão tranquilamente comecei a chorar olhando a miséria que me encontrava.

— Bebê, prometo que farei o que tiver ao meu alcance, para que você nunca sofra.



Luca

— Bom dia, querido. Não achei que fosse te ver tão cedo assim. — Minha terapeuta, abria a porta do seu consultório após me ver parado, pelo olho mágico.

— Preciso falar com alguém e não confio em mais ninguém.

— Fico feliz em me achar confiável. — Ela segurando a maçaneta da porta, sorriu e com a outra mão me indicou para entrar e me sentar no sofá, de couro marrom escuro, em frente a sua poltrona bege.

Balancei a cabeça, assentindo e entrei, indo direto ao lugar de costume e antes de sentar abri os botões do blazer.

— O que lhe trouxe aqui? — Michelle me perguntava, já se sentando em minha frente, pegando a xícara da mesa ao lado e bebendo o

que tinha dentro. Creio que seja chá.

Respirei fundo, pensando se realmente deveria contar que fui na sexta-feira passada, ver o bebê de Mellaine e nesse impasse, fiquei olhando para a mulher, que me devolvia o mesmo olhar, esperando que eu falasse. E estranhamente, ela parecia uma estátua e só se movia quando eu falava primeiro.

— O bebê nasceu. — Como já estava ali e precisava desabafar, falei de uma vez.

— Como sabe? — Michelle me perguntou e pelo visto precisaria contar tudo a ela.

— Coloquei dois homens para vigiá-la. — Michelle sorriu, como vitoriosa. Pois sempre me pedia para enfrentar os fantasmas ou deixá-los de vez. — Pare de sorrir, por que não é o que pensa. — Fui ríspido.

— Não estou tirando nenhuma conclusão. Só estou feliz por estar aqui. — A mulher era esperta e mesmo que não admitisse, sei que estava contando vitória por eu querer enfrentar do meu jeito o que me assombrava.

— Eles viram o chefe batendo nela e parece que a bolsa estourou e a levaram para o hospital. — Desfrouxei o nó da gravata, parece que me sufocava voltar as lembranças da sexta-feira.

Quando me ligaram, senti um nó se formar na minha garganta e me sufocar, imaginando que poderiam ter me machucado e quis saber se estava bem, porém o que mais me veio à mente era o menino.

— E? — Michelle tornava a se posicionar, esperando que eu lhe desse mais detalhes.

— Não sei agi por impulso, e fui até New Jersey. — Fechei os olhos, após apoiar os cotovelos no joelho e pender a cabeça entre minhas mãos, enfiando os dedos no meio do cabelo. — Acabei vendo o menino. —

Colocar para fora não me libertou dos pensamentos, foi ao contrário, me deixou mais angustiado.

— Seu filho?

— *Carvalho*, Michelle. Já disse que não é meu filho. — Levantei a cabeça e a olhei com raiva.

— Luca, precisamos lidar com essa incerteza. Não pode ficar se martirizando por dúvidas.

— E se for? Não quero ver a mãe dele nem pintada de ouro na minha frente, mesmo amando-a. Você não entende, essa criança não é meu filho. Mellaine, é capaz de tudo. Estávamos juntos e ela preferiu ir atrás de Giovani. — Levantei impaciente, indo até a janela que dava para um parque. — Ela poderia muito bem ter engravidado de outro, só para dizer que é de um dos Valentino. Eu a conheço, você não a conhece.

— Mas ela poderia realmente ter engravidado de você.

— Duvido, se ele fosse meu filho, ela daria um jeito de vir atrás. — Ainda de costas disse, observando as crianças brincando. — Mellaine não é nenhuma mocinha indefesa, a conhecendo como conheço ela iria requerer o direito da criança, é ardilosa.

— Mas então porque se está tão convicto que não é seu filho, por que foi lá?

— Por que, não consigo tirar Mellaine de mim, a desgraçada me *fodeu* com tudo. Não consigo *transar* com ninguém, não vejo nada de atrativo na vida. Nunca gostei de ninguém como gostei daquela vadia.

— E o que vai fazer?

— Ué! Nada. — Balancei os ombros. — Já paguei a conta do hospital.

— E isso aliviou sua consciência?

— Que consciência? Não sou o pai. Já fiz mais que deveria. Só queria que ela saísse de mim de uma vez por todas.

— Quer meu conselho?

— É para isso que te pago, não é?

— Não, você me paga para lhe mostrar alternativas para sua vida, Luca. — Virei na sua direção e coloquei as mãos no bolso da calça e encostei na parede, ao lado da janela.

— Não preciso de alternativas, preciso esquecer essa *merda* toda.

— Procure-a e diga o que sente.

— Agora quem precisa de terapia é você — ri debochadamente.

Michelle ficou louca!? Jamais falaria novamente com Mellaine, se realmente eu sou o pai da criança, ela que viesse atrás requerer os direitos do menino, e se de fato eu fosse faria tudo pelo meu filho.

— Não vai tirar esses fantasmas que te assombram se não os enfrentar, e você já provou que vai ser incapaz de esquecer o passado. Procure-a...

CAPÍTULO 21

Mellaine

Nove meses depois

— Lisa, me perdoe está recorrendo a você de novo, mas será que você pode me arrumar um dinheiro até eu receber, Josh está doentinho, uma dor de ouvido e preciso comprar os remédios. — Terminei de dizer, deixando o recado na caixa postal do telefone da minha amiga.

Ultimamente Lisa tem atendido cada vez menos aos meus telefonemas, creio que deve ser por eu estar lhe pedindo dinheiro todas as vezes, mas infelizmente, não tinha mais ninguém para contar.

Meses atrás me mudei novamente para Nova Iorque, já não conseguiria ficar em Camden, New Jersey. Depois de denunciar Mike Scott para a polícia, lá já não era mais seguro para mim e nem Josh.

Acabei depois de um tempo, voltando atrás; fui no Pork's para pedir emprego, já não tinha mais nenhum dinheiro e Mike deixou bem claro que a surra que ele tomou naquele dia não ficaria impune, e que já tinha me dado uma boa amostra de que não deveria mexer com ele, confessando ser ele o mandante do roubo e vandalismo em meu apartamento e que só não me daria o corretivo, por que seu “restaurante” estava cheio e sem pensar em nada, sentindo ódio dele, fui até o posto policial e o denunciei, mas como não tinha provas, me informaram que não poderiam fazer nada.

Com medo acabei saindo de lá e voltando para Nova Iorque com a ajuda de Lisa, hoje estávamos morando no *Brooklyn*, em um quarto, mas estava bom para mim e Josh, o único problema é que não conseguia um bom emprego que nos sustentasse, e por isso estava novamente pedindo socorro para minha amiga Lisa.

Desanimada coloquei o telefone no gancho, escutando o barulho da moeda cair deixei a cabine, saindo dela. Ajeitando Josh no meu colo e a bolsa com algumas coisas dele no outro ombro. Havia acabado de sair do pediatra, e lá descobrimos que Josh estava com otite e por isso a febre alta, me deixando desesperada, pois não tinha o dinheiro para comprar o antibiótico, o que tinha na carteira era para pagar o aluguel do quarto e comprar algo para comermos e na dúvida, escolhi meu filho. Ele era mais importante que tudo nesse mundo e se fosse preciso deixaria o aluguel para depois.

Compraria o medicamento.

Já dei a medicação para Josh na farmácia mesmo, não esperei chegar aonde morávamos. Minha maior preocupação era fazer essa febre baixar e sentada dentro do vagão do metrô, coloquei a mão em sua testinha e vi que não estava mais quente. E feliz beijei o local, ganhando o lindo sorriso, que tanto me dava ânimo para viver.

Josh foi a melhor coisa que aconteceu em minha vida, mesmo com todas dificuldades, tê-lo me trouxe algo que não tinha a tanto tempo, uma família, já não estava mais sozinha no mundo.

— Deita aqui, querido! — Ajeitei sua cabecinha em meu ombro e o abracei firme junto ao meu corpo. — Logo logo você vai ficar bem.

Mais tranquila, notei que dormiu com efeito do remédio, e quando precisei descer na minha estação não quis o acordar e com cuidado, levantei ajeitando a bolsa e o abraçando mais forte. Minha sorte era nesse horário não estar tão cheio, e então consegui desembarcar tranquilamente, agora só faltava mais alguns quarteirões para chegarmos em casa.

E me esperando na porta estava a dona da casa e sei que esperava para poder receber o aluguel atrasado.

— Como está o Josh, Mellaine? — Carmem, uma hispânica de meia idade, me perguntou, sem muito interesse, creio que para puxar assunto e poder cobrar.

— Está com otite e a febre passou depois de tomar o remédio. — Cansada, de andar com Josh ainda adormecido nos braços parei diante dela.

— Fico feliz, mas Mellaine, preciso do dinheiro do quarto.

— Carmem, me dá mais uma semana eu juro que te pago dois meses adiantado, é que precisei comprar o remédio do Josh, a assistência social não tinha. — Ela balançou a cabeça negando.

— Não dá, você me deve dois já. Eu vivo disso, se não me pagar eu não como.

— Carmem, eu te peço só dessa vez, liguei para minha amiga e logo ela retorna. Tenho certeza de que ela vai me emprestar o dinheiro.

— Mellaine, juro que tenho muita pena de você com o menino, mas preciso que desocupe o quarto, não tenho como fazer caridade.

— Fechei os olhos, desanimada, pois perder o quarto na casa de Carmem seria muito ruim, pois era o mais barato que consegui quando vim para cá.

— Juro que vou só colocar o Josh no quarto e saio para conseguir algo, mas me dá mais uma chance, por favor!

— Está bem! Eu olho o menino, mas quero o dinheiro até amanhã.

— Obrigada, Carmem! — Já estava quase chorando, achando que ela não me daria essa oportunidade.

Aliviada, entrei e subi para o segundo andar, aonde ficava o quarto, que alugava. Apressadamente tirei Josh do meu colo e com cuidado o coloquei na cama, tirando seu tênis e ajeitando a calça curta.

— Te amo tanto e vou sair um pouquinho para conseguir o dinheiro, já volto. — Beijeí sua testa olhando-o, admirando, me enchendo do maior amor do mundo e toda vez que o via dormindo tranquilamente, via Luca. Josh era muito parecido com o pai. Acredito que o bad boy era exatamente como seu filho quando era pequeno; moreno, com as sobrancelhas grossas e o formato da boca, bem desenhado, eram idênticos, até na forma como olhavam intensamente, mostrando que o mundo os pertencia.

Quem sabe um dia Luca o veja e acredite em mim. Tinha esperança que esse dia chegasse em breve, ainda mais agora, que em alguns meses Josh faria seu primeiro aniversário.



O deixei com Carmem e fui andar pelas lanchonetes, perguntando se havia alguma vaga, acabei conseguindo em uma lanchonete como era o Pork's, mas não tinha um escroto como Mike, era um casal de mexicanos que vendiam tacos e guacamole. Pelo menos o que me pagassem daria para

pagar pelo menos um aluguel atrasado. Trabalhei muito, e quando estavam me pagando, pediram que eu voltasse no dia seguinte, mas eu tinha um problema, não tinha com quem deixar Josh, e a Carmem só o olhava de vez em quando. Mesmo sabendo das minhas limitações disse que viria, precisava do dinheiro e quem sabe Carmen o olhasse amanhã. Me despedi, e logo após colocar o lixo para fora fui embora, parando em uma cabine telefônica e novamente liguei para Lisa.

— *Lisa, que bom que consegui falar com você.* — Ela atendeu e me senti mais tranquila, pois, sei que não me abandonaria.

— **Oi Mell.** — Sua voz estava um tanto desanimada.

— *Desculpe te ligar a essas horas, mas deixei um recado na sua caixa de recados.*

— **É eu ouvi. Mell, desculpa, mas não posso ficar te socorrendo, também tenho minha vida e você não me pagou os outros empréstimos, não quero nem receber, infelizmente dessa vez não tem como.** — Ela foi direta e foi como se tomasse uma balde de água fria na cabeça, tirando toda minha esperança.

— *Tudo bem, compreendo* — *respondi* desanimada. Estava contando que daria certo e teria mais um aluguel pago o que ganhasse seria para cobrir a comida.

— **Que bom. Espero que Josh esteja melhor.** — Confesso que não tive ânimo para respondê-la.

— *Graças a Deus.* — Antes dela tornar a falar, a gravação avisou que meu crédito tinha acabado e resolvi não ligar e, desesperada não vendo mais nenhuma solução, usei mais uma moeda e disquei o número que jurei não ir mais atrás.

— **Alô!**

— *Tia? É Mellaine. Por favor não desligue!* — Liguei para minha tia. Meus tios seriam o último recurso. Sei que não queriam se envolver mais comigo, assim me disseram, mas por Josh eu me humilharia novamente. E mesmo que estivessem sob ordens de Giovani, eu precisava tentar. Quem sabe me ajudariam mais uma vez.

— **Seu tio disse para não nos procurar mais, você vai trazer problema para nós** — sussurrou e imaginei que Tio Franco estivesse perto.

— *Tia, por favor me ajudem, estou desesperada não tenho a mais quem recorrer. Tenho um bebê de nove meses, que está doentinho e usei todo meu dinheiro para comprar o remédio, não tenho mais nada e preciso acertar os aluguéis atrasado.*

— **Infelizmente estamos proibidos de lhe ajudar. Por favor não nos ligue mais.** — Fui novamente repetir o apelo, mas ela desligou antes de me ouvir.

Respirei fundo e coloquei o fone no suporte.



Na volta para casa, pensava só em como faria, precisava arrumar o dinheiro, Carmen não aceitaria só um e estava crente que conseguiria mais com Lisa e já não via soluções. Trabalhava no que aparecia, só para ter o que dar a Josh, se não o tivesse estaria bem longe daqui, me virando como dava, mas tinha ele e não poderia sair por aí, sem ter para onde ir, ao menos um teto seguro ele precisava ter. Aflita pensei em ligar para Luca, me humilhar por sua ajuda, mas seria em vão.

A pessoa que menos me ajudaria na face da terra seria ele ou sua família.

Quando cheguei, fui direto e dei todo dinheiro que consegui essa noite na mão de Carmen, que não ficou muito satisfeita ao ver que ainda faltava um mês.

— Mellaine, não dá, preciso do restante.

— Amanhã disseram que é para eu voltar, mas tem o Josh.

— Não posso olhá-lo para trabalhar, desculpa, mas amanhã se não me der o restante, vou precisar que desocupe o quarto. — Assenti. Não tinha mais o que fazer, amanhã passaria o dia na rua procurando trabalho e um lugar que eu pudesse deixar Josh.



Ainda não havia conseguido dormir, preocupada vi os primeiros raios de sol, entrando pela janela do quarto. Com fome, poupando o restante da caixa de leite para dar a Josh, levantei e fui usar o banheiro, tomar um banho, me preparar para sair e passar o dia inteiro na rua.

E mais um dia se foi e nada, nem creche, muito menos emprego e quando voltei para casa no fim do dia, com Josh no colo vi novamente Carmen, parada na varanda com minhas coisas dentro de uma mala velha e alguns sacos preto.

— Por favor Carmen. — Da calçada até a entrada da casa fui implorando, com lágrimas nos olhos.

— Mellaine, você só entra hoje se me der o restante do dinheiro. Caso contrário não tem como.

— Carmem, olha Josh de novo hoje, que trabalho e te pago, não consegui nada durante o dia.

— Não posso Mellaine. — A frieza da mulher foi estranha. Depois de tanto insistir e ela negar peguei minha mala e pedi que guardasse o

restante. Assim que pudesse, eu voltaria para pegar. E sem rumo saí, sem saber aonde ir, aonde ficar e me lembrei do albergue da igreja, ali perto. Eles serviam sopa para moradores de rua e abrigavam alguns todos os dias e, quem sabe o padre me vendo com menino no colo, me deixasse ficar.

Caminhei com dificuldade, parando algumas vezes para descansar, Josh estava pesado. E ainda tinha a mala, e minha bolsa que escorregava do ombro a todo momento e quando achei que não aguentaria mais, avistei a fila para a sopa, com fome e cansada entrei no fim dela, apostando na minha última esperança de conseguir o que comer e um lugar para dormir com meu filho.

— Você é muito nova para estar aqui, o papai do bebê te colocou para fora? — O senhor, na minha frente, ao me ver perguntou.

— Não, sou mãe solteira e acabei de ser despejada. — Nunca fui muito de me abrir com os outros e não sei o porquê fiz isso agora, mas senti vontade de colocar para fora, toda essa tortura que me corroía.

— Não chore, logo vai comer e vão te dar uma cama essa noite, mulheres com crianças pequenas tem preferência. — Não percebi que estava chorando e tentando me segurar, encostei o rosto no topo da cabeça de Josh e deixei as lágrimas sufocadas por tanto tempo saírem.

Em toda minha vida não imaginei que fosse viver assim. Sentindo fome, poupando o pouco para dar a uma criança. Mesmo que não tivesse pai, eu tive muito mais, consegui fazer uma faculdade, consegui ir a festas maravilhosas e agora estava aqui, na fila para conseguir um prato de sopa para mim e para o menino, dependendo da caridade de pessoas para me dar um teto para não ter que dormir na rua.

— Obrigada. — Agradei e tentei sorrir, para calar meu desespero.

Seguimos na fila por mais alguns minutos e a mulher na porta distribuindo as senhas, me entregou uma sorrindo, dizendo que ficaria bem,

mas eu já não tinha mais essa certeza. Já não conseguia pensar em coisas boas.

— Desculpa, mas não tenho para onde ir e meu bebê está doente — tornei a desabafar quando terminei de falar da minha situação.

— Calma! — A mulher saiu de trás da mesa e veio me abraçar. Alcançando a mim e Josh. — Você vai ter aonde dormir hoje.

CAPÍTULO 22

Luca

Faz tanto tempo que não me divertia como nessa noite.

Era noite de Natal e estávamos reunidos na casa de Bella e Giovani, contrariando toda tradição da dona Ana, que gostava de fazer as noites e os almoços de natal na sala de casa, mas esse ano, minha cunhada bateu o pé que seria na casa deles. Giovani, por mais que quisesse agradar a nossa mãe, fez os caprichos da sua esposa e hoje, como estávamos vivendo bem foi uma noite mais que agradável.

Começando por Giovani, ao se vestir de Papai Noel, mas a situação foi cômica, e acabou assustando a pequena Any, a nossa menina, a princesinha da família.

Os meninos de Raf eram incríveis também, mas preferia manter distância, eles me lembravam sobre o menino de Mellaine, trazendo toda as lembranças e eu estava no processo de deixá-los irem, não queria ficar revivendo fantasmas e tudo isso se deu quando Mellaine sumiu de New

Jersey, alguns meses atrás. Mesmo tendo certeza de que me traiu e ainda por cima ao tentar me fazer de idiota, ainda a amava. Ainda sentia seu cheiro nas minhas narinas, ainda podia escutar o som da sua risada, entretanto, precisava seguir em frente, até porque se ela foi capaz de armar para Giovani quem dirá comigo, arrumando uma gravidez de outro cara para falar que eu era o pai.

— O que está fazendo aí, calado? — Estava diante da enorme vidraça da sala de estar, observando a neve cair em pequenos flocos, sobre o gramado do jardim da casa deles, quando Bella com Any no colo se aproximou.

— Oi! — As coisas entre mim e Bella mudou muito, tínhamos respeito e nunca mais brinquei ou usei de algo para provocá-la, até porque, trabalharíamos juntos, depois de alguns meses, assim que o novo bebê nascesse. — Estava pensando.

— Você mudou muito. É outro homem, Luca Valentino. Não se cobre tanto. — Ela sorriu e retirei Any do seu colo.

— E você não pode pegar peso. — Sorrimos e ao segurar Any em meu colo a apertei e beijei-a, arrancando risos seus.

— Ela ama esse tio.

— E esse tio a ama demais.

— Desculpa, mas preciso entrar em um assunto que talvez não queira falar, mas o vejo triste, não brinca mais, até tenta e Luca, se precisar de alguém para conversar pode contar comigo. — Agradei, pensando no quanto Bella também foi prejudicada com essa confusão toda e mesmo com sua discrição, imagino que queira saber e ter mais detalhes do que aconteceu com Mellaine. Giovani havia me pedido para evitarmos de falar nela e para mim era o melhor a ser feito. E mesmo tentando esquecê-la, arrancar de vez o nosso passado da minha vida estava sendo difícil e

doloroso; não tinha um dia sequer que não lembrava dela e me perguntava o que estava fazendo, criando suposições, chegando à conclusão que deveria estar bem e talvez com o verdadeiro pai do seu bebê. Contudo, Bella foi parte do que aconteceu e era inevitável que algum dia tocássemos nesse assunto.

— Eu sei o que quer saber — assenti, concordando que me perguntasse.

— Sabe dela?

— Mellaine? Não, a última notícia que tive foi a meses, mas não quero mais saber daquela vadia. Ela ferrou nossas vidas e preciso seguir em frente.

— Não se martirize Luca, entendemos e sabemos o quanto sofreu, eu não estava aqui, mas Giovani contou o que aconteceu e infelizmente não escolhemos de quem gostamos. Você precisa arrumar um novo amor, ter sua família. Vai ser um ótimo pai, veja o quanto Any é apaixonada por você.

— Já tenho a mulher da minha vida. — Brinquei e rodopiei com Any em meu colo.

— Estou falando sério.

— Eu também. Ainda existem muitas mulheres para eu conhecer por aí, não quero me amarrar a mais ninguém. Serei o tio solteirão mais gostoso de toda Manhattan. Agora estou empolgado e não vejo a hora de trabalharmos na sua fundação.

— Também, como queria começar ontem o projeto, mas prometi ao seu irmão que vou esperar uns quatro meses e aí começamos, porém, acho que posso começar a trabalhar por aqui se puder vir mais vezes, você e Marco.

— Não vejo problema. A reforma da casa está quase concluída e seria muito bom que Giovani permitisse, assim daríamos andamento.

— Sim, estou tentando ser obediente e uma outra coisa, mudando de assunto. Estou sentindo-o tão preocupado. Anda acontecendo algo?

— Desculpa, Bella, mas não sei se posso falar... — De fato estava, depois que Giovani me resgatou do covil de Ricco, deixando-o com o rosto machucado a animosidade entre as duas divisões não eram a das melhores. Ricco para nos afrontar, começou a querer ganhar território entre os nossos e estava indo com tudo, criando por várias vezes tensão e confusão e, com isso comecei a ver um Giovani que nunca havia visto, duro e frio. Diferente do pacificador que era.

Para ajudar, depois das *merdas* que fiz, passei a me controlar, não bebia, evitava festas e noitadas, entretanto, hoje depois de um ano acabei bebendo um pouco, sem exageros e socialmente.

Precisava mostrar a mudança que queria, deixando de ser o “imaturo” caçula Valentino.

— Tudo bem.

— Do que falam? — Giovani chegou por trás de Bella, abraçando-a e esfregando a mão pela enorme barriga dela. — Não vão dizer que é sobre a fundação? — Bella se curvou e olhou para trás.

— E se for? Quero muito e estou ansiosa.

— Carinho, combinamos que pensaria depois que o bebê nascesse e passasse alguns meses quieta com ele.

— Amor, só estamos falando. Já não aguento falar de filhos, a melhor marca de roupas para criança e como vai ser o parto, sua mãe e Alícia só sabem falar disso e fazer comparações.

— Eu sei, mas logo vai presidir sua fundação. Tudo dará certo meu amor, logo nossa imagem vai estar como quer e fique feliz, amanhã as crianças receberam as doações de brinquedos.

Senti inveja de vê-los ali e se não fosse toda traição de Mellaine, certamente estaríamos eu e ela, quem sabe nosso filho, tendo um Natal maravilhoso, até me vestiria de Papai Noel se fosse o caso.

Queria ter paz.

Conversamos mais um pouco e nos juntamos aos outros na sala, rindo, brincando e contando piadas, ainda lembrando da cena cômica de Giovani chegar vestido de Papai Noel, dizendo: HOHOHO!.



Essas datas de fim de ano, agora não faziam tanto sentido, acabei saindo com Marco para comemorarmos o réveillon, até porque ficamos sem ter para onde ir festejar. Estava tudo certo para ser na casa de Giovani também, mas o bebê nasceu e Bella preferiu ficarem quietos por causa do recém-nascido.

— Cara, melhora essa cara. — Marco batia em mim com seu ombro.

— Fala sério, festa de universitário da *Columbia**. [\[vii\]](#) — Se fosse antes estaria muito animado em pegar algumas universitárias, mas hoje era Ano Novo e isso me lembrava a Mellaine e nossa virada juntos, na cobertura de Marco.

— Oi gato! — Uma linda jovem de cabelos castanhos e encaracolados, veio até mim, entregando um copo de plástico com cerveja e tentando me animar sorri, pegando da sua mão e observando-a por completo.

— Olá. Qual seu nome?

— Vick.

— Oi, Vick. Sou o Luca e esse é Marco, meu irmão. — A morena levantou a mão e sorriu ao cumprimentar Marco.

— O que faz por aqui?

— O mesmo que você gata.

— Aí... desculpa, mas já estou tonta e claro que estão aqui pelo mesmo que eu. — Ela segurou em meus braços e gargalhou, me fazendo acompanhá-la.

— Tudo bem, essas coisas acontecem.

— Poderia acontecer outras também. — Seu jeito e sua fala, era direta no que queria e acabei rindo, olhando para os lados, disfarçando a minha falta de interesse.

— É mesmo?

— Sim! Poderia me *foder* aonde quisesse.

— Você é bem direta. — Sem pedir permissão a morena aproximou, deixando suas mãos subirem até meu pescoço e nas pontas dos pés tentou me beijar, porém, não tive sequer uma atração por ela e acabei segurando-a, impedindo-a de prosseguir. Ultimamente não queria sair com meninas mais novas, ou eram da mesma idade que a minha, ou um pouco mais velhas, como Mellaine.

— O que foi? Não gosta de *trepas*? É gay? — senti sua irritação.

— Sim e não, não quero *trepas* com você. Não faz meu tipo. — Emburrada, Vick se afastou, me deixando sozinho, não por muito tempo. Assim que saiu, Marco veio até mim, me questionando.

— Está bem? A morena deu maior mole e você a dispensou? Toda novinha e linda.

— Desde quando gosta de mulheres mais nova? — Não entrei no mérito e o respondi com outra pergunta.

— Se quer saber, se for mulher eu gosto e sabe disso.

— Tanto faz, só acho que aqui está muito chato, poderíamos ir para outro lugar, chama a sua universitária e vamos embora.

— Meu irmão, você está parecendo uma velha, reclamando de tudo.

— Qual é? Vai falar que isso aqui está animado? — apontei, mostrando o local e as pessoas presentes, conversando em grupos, nada muito festivo, o que de longe parecia ser uma festa de Reveillon. — Não sou intelecto e nem tenho cara de *nerd*.

— Não, você não é nada disso, nem sei mais quem é você, Luca.



Mellaine

Tentei de tudo, até consegui dois empregos, porém, não tinha com quem deixar Josh e isso nos deixava cada vez mais em apuros. Emagreci muito desde que saí da casa de Carmen, lá ao menos comia mais do que na rua e por caridade das irmãs eu ficava no abrigo ajudando na limpeza e em troca elas davam o que comer a mim e a Josh. Passava o dia ajudando no que podia e quando Josh queria dormir íamos para igreja e eu o deitava no meu colo ou muitas vezes no banco. Era assim todos os dias e quanto mais os dias passavam, mais agoniada eu ficava, já não tinha nada, além das poucas peças de roupas que trouxe comigo. As roupinhas de Josh já estavam curtas e não tinha muita coisa para aguentar o frio, não poderia estacionar e viver na troca por refeições, o menino precisava de mais coisas.

Ainda mais nesse dia de natal.

Não tinha dinheiro para nada, tudo provinha da caridade das freiras e dos voluntários do abrigo.

Em que fim cheguei?

Esse era meu questionamento todos os dias, antes de dormir, dividindo a pequena cama com meu filho, no galpão junto com mais 100 pessoas. Não estava sendo nada fácil. Em toda minha vida nunca imaginei ficar sem ter aonde ir, dependendo da boa vontade e da piedade dos outros. Não pensei que ser mãe sozinha seria tão difícil e quando contei para as irmãs sobre minha vida, elas me questionaram sobre o pai de Josh, mas não citei quem era, só mencionei que ele não assumiria o filho, pois achava que não era dele e por fim para encerrar o assunto, disse que não iria mais atrás, pois seria em vão. E de fato seria mesmo. Luca não me escutaria, me humilharia e novamente tudo ficaria pior de novo, me deixando com remorso de tudo que fiz. Ainda gostava dele, mas amava muito mais meu filho e não deixaria nenhum Valentino humilhar Josh, não queria que fosse rejeitado assim como fui ao ser expulsa de tudo.

— Feliz Natal, Mellaine. Feliz natal Josh. — Um a um cumprimentavam, saudando Feliz Natal; distribuindo a comida e os brinquedos que as crianças ganharam.

Como eu e Josh já estávamos por ali há várias semanas, sabiam nosso nome e tentando ser positiva desejei o mesmo a eles.

A comida foi diferente, não era a sopa de todos os dias, havia um pedaço grande de carne, batatas assadas e um prato farto. Primeiro dei a Josh a comida do seu prato e depois comi a do meu enquanto ele brincava com o brinquedo, o primeiro e único que tinha.

— Antes que se levantem queria fazer uma prece e agradecer a senhora Valentino, por todas as doações este ano, como todos sabem, ela foi nossa madrinha nesse natal, doando os brinquedos e a comida. — Não

entendi mais nada do que falou o padre, na frente em pé. Só ouvi o sobrenome Valentino e isso foi um resquício para que me sentisse trêmula e perdida.

Será que estavam ali?

Tentei ver por cima do aglomerado de cabeças, esticando meu pescoço ao máximo, procurando por um deles e quem sabe poderia ser Luca ali, mas não tinha ninguém além do Padre Hanson. Levantei as mãos para o alto, repetindo a oração do Pai Nosso, sendo acompanhada pela maioria, que parou na mesma hora de comer para realizar a prece.

CAPÍTULO 23

Luca

Como o tempo estava passando rápido. Giovani Segundo, estava completando quatro meses desde seu nascimento. E com isso Bella pode dar continuidade na fundação, conforme o combinado entre ela e meu irmão.

Giovani havia me pedido para dedicar a instituição, junto com a esposa. Ele não me queria mais nas ruas e hoje compreendia os seus motivos; sei que não tinha muita credibilidade, depois de me drogar e quase morrer, contudo, o serviço, que me mandava fazer era prazeroso e me estimulava a querer dar o meu melhor. Faria da instituição a fachada limpa da nossa família.

O projeto era encantador e quando contei para minha terapeuta recebi grandes elogios, por estar focado em algo produtivo para minha vida. Estava apaixonado por estar envolvido. Ainda mais que todo o

desenvolvimento de marketing foi criado por mim. Giovani e Bella me deram importância, priorizando o que eu tinha de bom a oferecer.

O sonho deles passou a ser o meu. Eu estava extasiado em poder fazer parte da Instituição.

O projeto seria de início, para amparar as famílias menos abastadas do nosso clã, porém, depois de ter filhos, Bella resolveu que, promoveria ajudar mães solteiras a não se sentirem sozinhas no mundo. A ideia era, manter uma creche durante o dia, para as mulheres que precisassem trabalhar e não tinham aonde deixar seus filhos; ali as crianças teriam uma boa alimentação, participariam de aulas de música e artes, tudo de graça e era específica para mães do Brooklyn, priorizando as que não tinham condições de pagar ou que não conseguiram uma creche pública. É para isso que estava trabalhando ativamente com ela, melhorando a imagem da família Valentino, diante da sociedade novaiorquina.

O que era um árduo trabalho, visto que, pertencer a uma família mafiosa não era bem vista no *hi Society do Uper East Side*, mas Bella queria muito mostrar e abafar a máfia italiana, mascarando ainda mais a parte ilegal da família. E de fato, minha cunhada, tinha razão. Ser um mafioso nos dias de hoje, era muito arriscado e complicado; desde quando Cospalatto caiu as coisas ficaram difíceis e foi preciso nesses anos todos sermos cuidadosos, por isso tínhamos a fachada empresarial e agora Bella usaria da filantropia para amenizar as coisas.

E como era formado em publicidade, acabei sendo incumbido de fazer o marketing da “*Fundação Children’s of future*”.

— Luca, conseguimos uma arrecadação dos Canttaneo, Leah, me garantiu que conseguiria com os figurões do clã mais dinheiro. — Bella estava a todo vapor e não parecia que fazia só quatro meses que havia dado à luz ao bebê. Ela era hiperativa e conhecendo-a bem, sei que deveria estar

inquieta. Giovani a fez ficar exclusivamente para o seu caçula e Any, permitindo só agora que continuasse com os projetos da fundação, porém deveria ser de dentro de casa, por isso sua sala de jantar se transformou na nossa sala de reuniões.

— Bella, você e Giovani já estamparam a capa de uma revista, acho melhor agora não só enviar releases para os jornais e revistas, deveria pagar uma matéria e levar Claire Stampson, para conhecer e fazer uma matéria exclusiva. Ela gosta de tudo que envolva dinheiro, e tenho certeza de que fara nossa maior propaganda, a coluna dela se tornou mais lida que a coluna da Cher Fillz no *New York Times*.

Bella estalou o dedo e alargou os lábios, sorrindo.

— Genial, Luca.

— Faremos também vídeos com as crianças, mas para isso precisamos que as mães assinem um termo de uso da imagem dos seus filhos.

— Excelente! Marco você providência toda essa burocracia, até porque não vamos simplesmente só aceitar as crianças sem nenhum respaldo.

— Claro, querida cunhada. — Olhei de lado e comecei a rir, da simpatia exagerada de Marco.

— Mas é um puxa saco do *caralho*. — Amassei o papel e joguei nele.

— Não tenho culpa se sou o preferido dela.

— Cala boca e faça seu trabalho melhor, Giovani não está precisando de você não?

— Não, ele me colocou à disposição da Bella.

— Vocês dois, por favor, sem se matarem, preciso de vocês vivos.

— Ela precisa mais de mim do que de um advogado.

— Parem os dois. — Bella pediu, mas não contendo o riso, e era nítido o quanto estava feliz e mudada. O tempo se encarregou de cicatrizar as feridas deles e serem felizes, só a minha ainda que sangrava aberta e cada vez mais profunda. — Precisamos deixar tudo impecável para o baile, no fim de semana.

A reunião durou a tarde inteira, e trabalhar estava me fazendo tão bem.

— Vai para casa? — Marco perguntou ao sairmos do interior da casa, após o término.

— Não, hoje quero dar uma volta, espairar um pouco. E vou acompanhado — disse que estaria acompanhado, antes de Marco intrometer e dizer que iria junto.

Há uma semana tenho estreitado relacionamento com a secretária de Bella, Gigi, uma morena linda da minha idade, com um corpo maravilhoso, mas o que me encantou nela, não havia sido o físico, e sim o carinho com que me tratava, talvez devesse escutar os conselhos de Michelle e Bella e me dar uma nova oportunidade. Mesmo que, Mellaine ainda fosse uma doentia paixão, entranhada em mim, eu precisava seguir em frente e arrumar alguém, uma companhia.

Já não era o mesmo, e tinha convicção disso. Há mais de um ano fazendo terapia, pude notar que já não gostava de sair por aí, me aventurando, enchendo a cara pela madrugada a fora e depois *trepar* muito, não que eu não gostasse, ainda era um homem viril, só que queria mais, queria ter alguém que me fizesse bem, e por isso acho que poderia me dar essa oportunidade de tentar. E como Gigi era agradável, resolvi convidá-la para jantar, depois de ter tomado um café na semana passada com ela.

— E posso saber quem é? — Curioso Marco perguntou e sua resposta foi imediata ao ver Gigi se aproximando.

— Podemos ir! — Gigi se aproximou e sorri de volta ao vê-la chegar e me avisar que estava pronta.

— Tchau Marco. — Abri a porta do carro para que ela entrasse e a esperei se acomodar colocando o cinto e fechei a porta em seguida.

— Você não dá trégua mesmo. Bella vai te matar se você ferrar com a secretária dela.

— Não *fode* Marco, Bella virou um cordeirinho e foi conselho dela mesma.

— Mas não com a secretária dela.

— Vai embora, vou sair para jantar e quem sabe *foder* hoje a noite toda. — Já estava contornando o carro para entrar quando disse para Marco quais eram as minhas intenções.



Levei Gigi para jantar em um dos melhores restaurantes de Manhattan. A noite toda conversamos, rimos e contamos um pouco de nossa vida, claro que poupei o detalhe mais intenso e triste da minha: Mellaine. E ao levá-la para sua casa, um sobrado no Brooklyn, fui convidado a entrar, atraído após beijá-la demoradamente dentro do carro, não pensei duas vezes, afinal, queria tentar e estava de pau duro, doido para *fodê-la*. Tentei não ser sentimentalista, quando passei a noite observando seus detalhes; da forma como os seios eram redondos e bem estruturados dentro do sutiã, da cintura fina e o quadril pequeno; delicada, elegante e educada. Um bom tipo de mulher, igual quando conheci Mellaine, tinha pose diante dos outros, mas era deliciosamente tentadora na cama.

E sem culpa, a beijei antes de entrarmos em sua casa, quando ainda pegava a chave na pequena bolsa. Não contive o tesão ao prensá-la na

parede. Após minutos e desesperado para arrancar o vestido colado dela nos afastamos e entramos para dentro.

— Quer beber algo? — perguntou ao deixar as pastas e sua bolsa, sobre uma pequena mesa circular, próximo a escada.

— Pode ser. — Passei a mão pelo cabelo, colocando a outra no bolso.

— Fique à vontade. — Ela sorriu e acompanhei-a, indo até a sala, onde fiquei sozinho, até que retornou com duas taças e um vinho gelado — Não tenho bebidas mais fortes em casa, só o vinho.

— Sem problemas, sua companhia é bem melhor que qualquer bebida. — Gigi abaixou a cabeça sem graça com meu comentário e nos serviu, deixando os saltos de lado e se sentando no sofá sob os calcanhares.

Antes de sentar deixei a taça, na mesa ao lado e me sentei próximo, retirando a sua, colocando-a ao lado de onde havia deixado a minha.

— Acho que poderíamos fazer algo mais interessante. O que acha? — perguntei, estando bem próximo, segurando em sua nuca, trazendo seu corpo e rosto para mais perto.

— Acho que seria bom — respondeu acanhada, se deixando ser conduzida por mim.

Ali, eu era Luca e me sentia novamente o velho homem que fui; que gostava de uma bela mulher sedutora.

Sem pedir fui aproximando mais, até meu nariz tocar em sua pele, respirando profundamente; encurvei a cabeça, deslizando minha boca até seu pescoço perfumado, mordiscando e beijando. E notei ser correspondido, ao sentir seu corpo colado ao meu e o seu arfar, aceitando a carícia.

— Quero *fodê-la* — disse, sussurrando em seu ouvido e foi o pavil aceso para soltar Gigi, da pose de secretária perfeita, para uma mulher voraz.

O beijo do carro havia sido um esquentar para o que estávamos tendo ali. Tudo acontecia naturalmente, desde a forma como desabotoava minha camisa e até ficar em pé, entre as minhas pernas, de costas, para que eu descesse o zíper do seu vestido. Revelando todo seu corpo e o conjunto de renda preto. Bonito, mas não tão sensual, porém, isso pouco me importava, estava interessado em me satisfazer, buscar sentir um homem vivo e quem sabe ela seria a pessoa que me limparia do veneno impregnado, que restou daquela vadia em mim.

Mantendo-a de costas, coloquei-me a esfregar meus lábios por seu corpo, sentando-se na beirada do sofá, segurando em seu quadril puxei-o para mais perto de mim, deixando sua bunda redonda na altura da minha boca.

A lambi, subindo junto com meu corpo, raspando pele com pele, colando meu abdômen em suas costas e habilidosamente desconectei seu sutiã, jogando-o no chão, vagueie com as mãos, deslizando por sua pele, até chegar em seus seios, e os enchi, segurando-os, apalpando-os e sovando-os ao mesmo tempo, deliciosamente. Gigi, espremia suas nádegas, esfregando meu pau duro e melado.

— Gostosa! — A excitação era grande, eu estava com muito tesão que a virei, erguendo em meu colo, tirando-a dali. Precisava desesperadamente me enterrar todo dentro e gozar. — Vamos subir para seu quarto. — Informei-a e segurei-a, com as mãos por baixo da polpa redonda, e subimos para o segundo andar entre beijos.



Transamos por algumas vezes e foi delicioso. Gigi era quente e gostosa, boa de cama e, o melhor, não teve cobranças e nem conversinhas

apaixonadas, contudo, ainda me sentia vazio e com desejo de ficar sozinho mesmo dizendo que dormiria e a comeria, fazendo dela meu café da manhã, mas não dava, senti-me agoniado e sufocado com ela deitada sobre meu peito, brincando e passando a unha pelo meu mamilo, numa sensação muito íntima e descobri que não queria esse contato, não queria amanhecer com nenhuma mulher ainda ao meu lado, não estava pronto para deixar alguém me machucar como Mellaine fez.

— Gigi, espero que não se entristeça comigo, mas não vou dormir aqui. Preciso ir para casa. — Erguendo a cabeça, usando meu tórax como apoio para suas mãos a vi sorrir forçado, porém concordou.

— Não tem problemas, fica para uma próxima.

— Sim. — Gentilmente apertei sua bochecha e flexionei o corpo um pouco para frente, indo de encontro e selando seus lábios.

Livre do compromisso de ter que passar a noite, me vesti e enrolada em um roupão branco, a morena me acompanhou até a porta da sua casa. E antes que fechasse a porta a beijei, espremendo-a entre meus braços, me despedindo.

— Amanhã nos vemos.

— Sim. — Ela educadamente respondeu, mas sei o quanto estava sendo frustrante.

— Essa semana te levo para jantar de novo.

— Fica em paz, Luca. Sem compromissos. — Tornei a selar seus lábios e saí depois de deixá-la ali, entre a porta aberta e a soleira do sobrado.

Aliviado, liguei o painel do carro, acionando minha *playlist*, me deliciando com o som e a solidão dos meus pensamentos e antes de chegar em casa, parei em uma conveniência 24h pelo caminho, para comprar uma cerveja e beber, escutando uma música e pensando em tudo que aconteceu e

como estava me sentindo, da sensação ruim que me tomou quando estava deitado com Gigi na cama, após a *foda*.

Não me sentia péssimo, mas era estranho, nas outras vezes que havia saído com alguém, *trepava*, aliviava e ia para casa, hoje não, quase dormi a noite inteira com outra mulher e estava entre dúvidas, de início queria passar e ficar, amanhecer, mas por outro lado, algo dentro de mim gritava desesperadamente para sair e ir embora.

E sozinho, comigo mesmo comprei um cigarro avulso e uma cerveja, porém, na fila para pagar, atrás de um senhor, notei os carrinhos pendurados em um *display*, me fazendo lembrar de como eu colecionava essas miniaturas e gostava de brincar quando pequeno.

— Meu filho adora esses carrinhos. O seu também? — Um homem, segurando uma caixa de latinhas de cerveja observou meu olhar perdido no brinquedo.

— Não tenho filhos, mas se tivesse, brincaríamos muito, eram minhas paixões esses carrinhos quando era pequeno — terminei de falar, sorrindo amargamente, ainda olhando para o brinquedo, não sei o que me fez pensar, mas lembrei que o menino de Mellaine deveria estar completando um ano. E ainda agindo por impulso, acabei pegando um, todo cheio de adesivo de fogo, roxo, com os detalhes cromados.

E foi o carrinho, minha companhia que me fez passar a noite toda dentro do carro, estacionado na garagem de casa, olhando para ele em cima do painel e com meus pensamentos na desgraçada da mãe do menino, em vez de estar com Gigi, *fodendo-a* ou dormindo na minha cama.

CAPÍTULO 24

Mellaine

Arrumei um emprego, porém o dinheiro ainda não era suficiente para bancar o aluguel de um quarto decente, por isso conversei com as irmãs, responsáveis pelo abrigo e pedi que me deixassem ao menos dormir e tomar um banho com Josh. Isso seria só até eu juntar um pouco mais de dinheiro e poder alugar um quarto, deixando pago alguns alugueis, não queria viver nesse desespero de não ter nem o que oferecer para meu filho. Sem contar que precisei colocá-lo numa escolinha, enquanto trabalhava na casa de uma família e tudo era pago, não tinha conseguido nada de graça, então sobrava pouco e esse pouco, eu comprava as coisas necessárias. Bem ou mal, estava sendo bom, antes disso do que nada e mesmo dormindo mal ao menos tinha o que dar de comer para Josh.

Já pensava mais positivo e tinha uma perspectiva de que as coisas fossem mudar, ainda mais no dia de hoje: Aniversário de Josh, o primeiro. Infelizmente a comemoração que queria dar a ele não seria possível, mas

economizei e guardei para levá-lo no parquinho e comprar um brinquedo, não caro, mas algo que simbolizasse esse dia, onde eu nasci para uma outra vida junto com ele. E mesmo com o pouco, não deixaria de comemorar.

Sei que ele não entendia, mas era por mim, eu precisava provar que era capaz de ser o mundo dele. Ainda mais vendo-o através do pequeno vidro da porta, da salinha aonde ficava. Josh brincava com um brinquedo de cores, era uma caixa cheia de furos e ele tinha que encaixar as formas certas. Eu o olhava, admirada, sentindo cada vez mais o amor em mim transbordar, pensando o quanto era inocente e um guerreiro por ter passado tanta coisa comigo. Sem perceber, estava emotiva, com os olhos cheios de lágrimas, tendo lembranças de um passado recente.

Enxuguei o rosto com as costas da mão e sorri.

— Oi, Mellaine, vou pegar Josh para você. Hoje cantamos parabéns para ele.

— Obrigada. — As auxiliares eram encantadoras e sabiam um pouco da minha história. Quando matriculei Josh a irmã do abrigo veio comigo e explicou minha situação, pedindo que me deixasse pagar o mês vencido, garantindo e assegurando que eu pagaria depois e só assim consegui trabalhar em paz, sabendo que ele estaria bem, alimentado e para me ajudar, o pessoal que trabalhava aqui já deixava-o de banho tomado e preparavam sempre uma mamadeira para eu levar.

E mesmo em dias ruins achei anjos que estavam me ajudando.

— As outras professoras e auxiliares compraram um presente para ele, espero que não se chateie.

— Imagina, de maneira alguma me chatearia. — Não conseguia esconder a felicidade que cabia em mim e continuei sorrindo quando a auxiliar abriu a porta e foi buscá-lo.

— Mamãe, o meninão já está quase andando. — Com cuidado recebia Josh em meus braços, tirando do colo da jovem, que cuidava dele. — Acho que mais algumas semanas ele vai andar sozinho.

— Queria muito ver seus primeiros passos, mas o que posso fazer?

— Não se martirize, você verá grandes passos dele na vida.

— Tenho certeza. — Agradei novamente pelo carinho e o abracei bem apertado, cheirando-o, matando toda a saudade de ter ficado o dia inteiro longe dele.

Estava um entardecer lindo, claro, com o sol ainda brilhando no céu, era primavera e já começava a esquentar em abril, deixando o clima extremamente prazeroso. Excelente para aproveitarmos uma hora no parquinho e mesmo que Josh ainda não entendesse, faria desse dia uma das melhores lembranças para mim e depois lhe contaria como foi comemorar seu primeiro ano de vida. O primeiro em que eu tinha tudo e ao mesmo tempo nada.

Brincamos nos brinquedos que podia e agora estava aqui sentada, balançando com ele no meu colo, observando as outras crianças, algumas com as mães e com os pais juntos e, foi inevitável não me sentir medíocre e abandonada ao lembrar de Luca, no quanto tudo poderia ter sido diferente. Poderíamos agora estar aqui e jamais Josh teria passado o que passou em tão pouco tempo de vida. Lembrar dele ainda era doloroso e não tinha como evitar que isso acontecesse; a cada dia Josh se tornava a cópia idêntica dele e sei que por toda vida lembraria e junto reviveria todas as burradas que cometi.

Infelizmente, não conseguiria voltar no tempo e apagar o que fiz e que os Valentino me fizeram, para sempre estaríamos ligados, tendo Josh como esse elo. E diante de tudo que aconteceu, optei por não ir atrás, não os procurar, seria eu e Josh e poderíamos passar o pior, mas não os procuraria.

Independentemente dos fatos ocorridos, percebi que aquela família só me trouxe desgraça e hoje precisava ser forte e estar bem pelo meu filho.



Na volta do parquinho acabei indo a pé, parando em um carrinho de *hot dog*, dando-nos esse luxo somente hoje.

O carrinho ficava em uma das ruas mais movimentadas do *Brooklyn* e após pegar e pagar, sentei com Josh na porta de um comércio fechado, próximo ao cruzamento e fiquei estática quando reparei quem estava com o vidro aberto da limusine preta, parada no semáforo nos observando. Engoli em seco e tentei desviar o meu olhar, disfarçando, torcendo para que não me reconhecesse.

Por minutos mantive a cabeça baixa e Josh de costas para a rua e quando tornei a olhar o carro não estava mais lá, mas tinha certeza de que o carro era deles.



Bella

— Está perfeita como sempre... — Giovani aproximou de mim, segurando firme minhas mãos suadas. Estava uma pilha de nervos. Hoje era o grande dia, enfim ele havia chegado e precisava ser perfeito, só assim conseguiríamos angariar mais fundos. — Fique tranquila, carinho. Será

tudo perfeito. — Queria que fosse e mesmo com toda organização, foram dias trabalhando para que tudo ocorresse bem. Mas ainda assim, estava aflita e não era só isso que me preocupava.

Vi Mellaine enquanto íamos para o local onde aconteceria o baile beneficente. O velho fantasma estava com uma criança do tamanho da Any. O que me colocou a pensar em muitas coisas, misturando um assunto sério como o do baile de caridade e sua presença perto de nós novamente.

Hoje acredito que Giovani não teve nada a ver com aquele beijo e vejo isso não só por confiar nele, mas por Luca, da maneira como ficou e depois quando confessou que já saía com ela, bem antes e que a achava capaz de tudo.

E agora vê-la...

No momento em que a vi não falei nada e até desci o vidro do carro, me certificando de ser ela mesmo, mas tive dúvidas ao reparar melhor, estava magra e com os cabelos preso em um coque, vestindo um uniforme residencial. Poderia não ser, mas algo dentro de mim dizia que era.

— Bella, não fique nervosa, vai dar tudo certo — Giovani tentava me animar.

— Eu sei! — Acariciei com a mão livre seu rosto, afagando os pelos bem alinhados de sua barba.

— Está distante. O que está acontecendo? — Não conseguiria disfarçar e era um combinado entre nós, que independente do que acontecesse, falaríamos e nos abríamos um para o outro.

— Acho que vi a Mellaine quando estávamos vindo — disse, tentando falar o mais baixo possível para não chamar atenção de Luca, sentado ao meu lado na grande mesa.

Estávamos no baile, promovido por mim, na verdade, pela minha família. A tão sonhada instituição agora era real e para conseguir fundos e

mantenedores resolvi promover um baile de primavera, na expectativa de que os grandes figurões de Nova Iorque abrissem suas carteiras e ajudasse ao projeto e mesmo que nossa família fosse mal vista pela sociedade, precisávamos mostrar que éramos muito melhor e que não havia mais nada de Máfia por trás, o que era mentira, ainda comandávamos muitas coisas ilegais, mas tudo muito bem camuflado e ali ninguém precisava saber, o que precisavam mesmo era nos dar dinheiro e mostrar que a hipocrisia da sociedade é gostar de fazer caridade para sair nas colunas sociais.

— Você viu a Mellaine? — Giovani me perguntou receoso, olhando por cima dos meus ombros.

— Não tenho certeza, mas parecia ser muito ela. Estava com uma criança quase do tamanho da Any.

— Aonde estavam?

— Em um cruzamento, comendo, acho que hot dog.

— Calma, que ela nunca mais vai voltar a nos perturbar. Deixei bem claro para ela.

— Como assim, você a viu depois de tudo? — O que Giovani estava me escondendo?

— Sim, ela procurava por Luca, dizendo que estava grávida e claro que não acreditei e mandei que sumisse. Mas foi a mais de um ano, minha *regina*. Não vá criar suposições erradas, por favor. Eu te amo Bella, sabe que sou doido por você.

— Fica tranquilo, só que não me contou sobre isso — disse tranquilamente, não vendo problemas.

— Não achei que seria um bom momento, estava tudo muito recente.

A confissão de Giovani era uma novidade para mim, mas o que mais me deixou intrigada era o fato de Mellaine estar grávida e ser de Luca. O

que tive conhecimento, é que Luca tornou a se drogar depois que tudo aconteceu, mas não fazia sequer ideia, de que havia uma criança no meio.

E com o pensamento em torno disso, mal aproveitei o jantar e só me dei conta que estava tão perplexa com a confissão quando me chamaram, como a presidente da instituição para poder subir no palco e explicar como funcionaria.

— Boa noite senhoras e senhores. Sou Bella Valentino, presidente da Fundação *Children's of future*. — Olhei ao redor, sorrindo, ganhando a confiança perdida em mim mesma e tudo por que uma mulher do passado retornara.

Respirei fundo e prossegui.

— Para quem não me conhece, sou de Los Angeles e me mudei para Nova Iorque após me casar com Giovani Valentino. — Quando me referi a Giovani todos olharam na sua direção. — Por alguns anos fui vinculada ao mundo da música, com a minha gravadora e a vendi para poder me dedicar a minha família e meus filhos. E por que estou dizendo tudo isso e fiz vocês saírem de suas casas? Porque preciso da carteira de vocês. — Algumas risadas ecoaram junto com meu sorriso nervoso. — Sim! Estou diante das mulheres e dos homens mais ricos e influentes de toda Nova Iorque. O que iria querer? Dinheiro. — Novamente riram descontraídos.

Molhando a boca seca no copo de água, que estava em cima do púlpito de acrílico.

— Meu sonho sempre foi ajudar as pessoas e vi uma grande necessidade de melhorar a vida dos outros, porém a minha realidade é diferente, a de todos nós aqui é outra, entretanto, vi no Brooklyn uma grande lacuna, a deficiência e a carência exacerbada.

— Mas senhora Valentino, isso é um problema do prefeito e não nosso. — Alguém disse em voz alta me interrompendo, quando dei uma

pausa para novamente deixar meus lábios úmidos com a água.

— Sim, não é problema nosso, mesmo assim vamos ficar de braços cruzados, deixar o mundo criar mais pessoas do “fruto do meio”. — Sabia quem era o homem que se opôs.

Era um figurão do petróleo.

— Precisamos ensinar pessoas de bem. Muitas mães não podem trabalhar, porque não tem creches gratuitas, os abrigos no Brooklyn estão abarrotados, precisamos cuidar dessas crianças, dar oportunidade para mais um de dentro das famílias sair para trabalhar e por isso estou aqui para apresentar a minha fundação. — Parei de falar e uma tela enorme iluminada surgiu nas minhas costas, mostrando a fachada da enorme casa que compramos em um leilão e doamos para ser a sede.

Por meia hora falei ininterruptamente, sobre como seria a funcionalidade, do acolhimento e do suporte pedagógico e familiar que daríamos e no fim fui aplaudida de pé, não só por Giovani, mas por todos que estavam ali, me deixando confiante que haveria muitas doações. E mesmo depois, ainda o nome Mellaine não saía da minha cabeça e retornando a mesa sem que Giovani visse, abri o aplicativo de texto do celular e digitei para Russel.

“Procure Mellaine para mim, por favor. E descubra sobre a criança.”

Contaria depois que chegasse em casa para Giovani. Distraída, fui pega em flagrante, mas não adiantou enfiar o celular correndo na pequena bolsa de mão, ele havia visto e estava parado ao meu lado.

CAPÍTULO 25

Luca

Há duas semanas, desde o baile, conseguimos abrir a instituição e agora já estávamos com 50 crianças ativas. Essas, filhos de mães que precisavam trabalhar e não tinham onde deixarem. E agora já estávamos funcionando, depois das doações que Bella conseguiu e isso significava que logo meu trabalho por aqui estaria concluído. Ainda faltava concluir algumas coisas. Disse a Bella que montaria uma equipe para o marketing e sempre estaria de olho para ver como estavam indo, mas meu lugar era na Camorra e estava me sentindo outro homem para voltar a lidar com o que aprendi a fazer durante toda minha vida.

— Luca, venha ver que menino lindo. — Gigi me chamou, ela estava com a equipe de fotógrafos que contratamos para fazer fotos e vídeos institucionais das crianças.

Eu e a secretária de Bella saímos mais algumas vezes. Disse a ela que queria ir com calma e foi muito bom, agora estávamos nos divertindo e

isso me isentava de ter que assumir algo sério por enquanto.

— Lindo mesmo — concordei. De fato, o menino era lindo, com cabelos castanhos em abundância, as sobrancelhas escuras e estava na faixa do seu primeiro ano. Ele comia com vontade, abrindo a boca para receber o alimento de uma das auxiliares que lhe dava de comer.

Estávamos na ala dos menores, o que era em grande quantidade. Depois do cadastro vimos a maior necessidade nas mães com crianças pequenas e por Bella, focaríamos nessa questão social.

— Gravem e tire algumas fotos do menino. E Gigi, depois peça para eles me enviarem por e-mail as fotos que mandarei para Bella, quero selecionar algumas que gosto e acho que as desse garoto aí vão ser perfeitas. — Tratando Gigi profissionalmente, pedi. Não criamos intimidades por ali e havia sido a própria que havia me pedido.

— Sem problema, Luca. — Sorri e pisquei.

— Hoje preciso ir para casa, vamos jantar com *mammá*, Marco acha que ela não anda muito bem e por isso hoje vamos nos reunir em família, mas amanhã quero levá-la para jantar, devo voltar no fim da tarde — falei baixo e próximo ao seu ouvido.

— Sem problemas. Até amanhã — balbuciei um *tchau* e deixei minha mão discretamente, deslizar na lateral do seu braço.

E mais uma vez olhei para o menino lindo antes de sair dali.

Após um banho demorado, deixei ao apêndice, atravessando toda área externa fui para a casa principal e entrei pelos fundos, na cozinha ouvi o barulho de vozes vindo da sala. E antes de ir até eles conferi o telefone que tocava dentro do bolso, mas não era nenhuma ligação e sim a notificação de que o e-mail, com as fotos para a campanha institucional e sem vê-las encaminhei para a caixa de mensagens de Bella, depois as veria

e daria meu parecer, mas a do menino comendo feliz era a mais linda delas e daria um ótimo marketing.

— Isso é um verdadeiro milagre. — Marco disse quando dei de topo com ele entrando na cozinha e eu saindo dela.

— Milagre, por quê?

— Porque nunca participa de nada em família, sempre temos que insistir.

— Se quiser pode beijar meus pés, não vou me importar. — Debochei e dei-lhe as costas caminhando pelo enorme corredor de fotos, do “mausoléu” de Ana Valentino.

Mammá gostava de mantê-las ali, era um arsenal de fotos de todos nós, desde criança até algumas recentes e agora havia incluído as crianças de Raf e as de Giovani, dando destaque a princesinha da família, Any.

Confesso que nunca parei ou passei por ali, reparando. Sempre foi ruim lembrar do passado da família, pois isso era incluir o velho Valentino e não seriam boas recordações, ao menos não para mim. Então, sempre passei por esse corredor tão rápido, evitando o máximo possível ficar nele e já estava chegando no fim quando encontrei com Giovani saindo da sala, certamente para pegar algo.

— Estou surpreso.

— Não vem você também, Giovani.

— É motivo de festa você aparecer despretensiosamente e jantar com sua família e ainda voluntariamente. — Pegavam no meu pé e hoje satirizavam. Sempre quis ser oposto e contrariá-los, quando pediam para fazermos algo com todo os Valentino.

— Bella está na sala? — Ignorei e perguntei por minha cunhada. Precisava avisá-la que enviei as fotos para seu e-mail.

— Está sim! — Passei por ele entrando no cômodo, avistando Bella com Giovani Segundo no colo, Any brincando no tapete com a babá e os meninos de Alícia e Raf, que também estavam próximo, todos conversando.

— Olha só quem nos dará a honra de estar presente essa noite. — Raf também mencionou e parecia que os três haviam combinado de exaltar a minha presença como se fosse o marco do ano.

— Não fode, Rafaello. Marco, Giovani e agora você. Posso ir embora se preferirem. — Aproximei cumprimentando minhas cunhadas, ao beijá-las no rosto e em seguida olhei para as crianças e, logo Any veio para meu colo.

Estava tranquilo brincando com as crianças quando me lembrei de avisar Bella.

— Bella, enviei umas fotos para sua caixa de entrada, foram as que fizeram hoje das crianças.

— Mas já?

— Sim, pedi que me enviassem, pois quero selecionar umas que acho boas e você também poderia dar seu parecer, tem a de um garoto que em especial, que quero que veja, acho que vai ser perfeita.

— Os dois poderiam parar de trabalhar agora. — Giovani nos interrompeu, sentando ao lado de Bella com o segundo filho nos braços.

— Meu amor, Luca só disse que enviou algumas fotos, confesso que se seu filho não estivesse dormindo em meus braços eu com certeza iria checá-las.

— Eu estou perdendo para a COF, a mulher apaixonou pelo projeto. — Giovani completou, brincando ao mostrar-se ofendido e abandonado.

Pela noite adentro, após a conversa que tivemos com a nossa mãe sobre seu estado, conversamos por mais um tempo. Brinquei com meus

sobrinhos e jantamos. Foi muito bom e por incrível que pareça, tivemos uma reunião em família sem nos espezinhar como sempre acontecia.



Bella

Havíamos jantado na casa da mãe de Giovani, Marco alguns dias atrás conversou com Giovani sobre a mãe, ele estava notando algumas coisas estranhas acontecerem, como o fato de esquecer coisas e preocupado, achou que estava se sentindo sozinha e por isso todos fomos jantar juntos, dar uma atenção e também com o intuito de se reunirem com a matriarca e conversarem a sós com a ela.

Deitada com o *Ipad* na mão, esperando Giovani vir do quarto das crianças, queria satisfazer minha curiosidade e ver as fotos da campanha.

A cada dia estava mais apaixonada pelo projeto. Vigianado a porta, entre as olhadas na tela do eletrônico, acessei a caixa de e-mail, abrindo o arquivo e pedindo para fazer download. Comecei ver uma a uma e estava tão distraída que não vi Giovani entrando e vir em direção, ajoelhando na cama e quase caindo em cima de mim arrancou das minhas mãos o dispositivo.

— Ei! — tentei argumentar.

— Não, a senhora agora precisa dar atenção ao seu marido, que tanto sofre de saudades o dia todo.

— Só estava vendo as fotos que Luca me enviou. — Giovani tornou a sair da cama, ficando parado em pé e olhando para a tela iluminada com a

foto do menino comendo.

— Mas por que Luca mandaria foto dele quando era criança?

— Não é a foto dele.

— Claro que é Bella. É Luca, sim.

— Não, Gio, é de um menino da instituição.

— Lógico que não. Esse é Luca pequeno, mas agora não quero saber de ver fotos antigas de Luca. — Desligando o aparelho Giovani colocou-o sobre a mesa de cabeceira e ajoelhando até mim retornou para cama. — Quero ver é os atributos da senhora Valentino.



No meio da noite acordei e inquieta com insônia deixei Giovani sozinho na cama e sem fazer barulho alcancei o *Ipad* e meu celular e silenciosa sai do quarto e fui para o escritório. Precisava ver e trabalhar um pouco, depois da maternidade mal ficava sabendo das coisas que aconteciam em nosso meio e confesso que era o que mais me fazia falta, por isso, cuidar da família e ser a nova *mammá* era me tirar dessa inércia de dona de casa. Não que não amasse minha vida, longe disso, Giovani e meus filhos eram tudo para mim, mas a instituição estava preenchendo meu outro lado. O profissional.

E novamente com a foto do menino diante de mim, o que Giovani havia afirmado ser Luca pequeno me deixou curiosa e olhando mais atentamente comecei a ver uma certa semelhança entre meu cunhado e a criança e curiosamente me veio Mellaine e aquele menino.

“— *Impossível, Bella. Mellaine não seria louca de se aproximar de vocês novamente.*” Pensei.

Uma centelha de dúvida me deixou mais inquieta e mesmo com o horário que era, não pensei duas vezes em gritar por socorro. A única pessoa que poderia me ajudar seria meu mais leal, Russel e precisava falar com ele o mais rápido possível, até porque, Giovani, quando viu minha mensagem para o segurança no dia do baile impediu, pedindo para que deixasse para lá e esquecesse Mellaine. Mas pelo visto Giovani estava mais atento e sempre conseguia me barrar na hora exata.

— Bella vamos dormir, deixa de ser teimosa, combinamos que trabalharia somente de dia. — Assustei com Giovani ali parado na porta de braços cruzados, com cara de sono misturado com irritação, me flagrando. — Desse jeito vamos ter que repensar seriamente se vai ficar na presidência da *COF*.

— Desculpa, Gio. Só queria muito terminar de ver as fotos, mas está certo. Combinamos que a noite não teria nada de trabalho. É que perdi o sono.

— Vamos subir e eu vou fazer algo com você que vai dormir logo. — Ri, deixando o Ipad sobre a mesa, desligando a luminária e o acompanhando de volta para o quarto.



De manhã em casa era tudo tumultuado e não conseguia fazer nada, gostava de dar atenção a Any e Giovani Segundo, eram pequenos e precisavam muito que eu estivesse sempre por perto e por isso, quase não trabalhava pelas manhãs, mas hoje estava intrigada com o comentário de Giovani sobre a foto. Precisava tirar a prova dessa dúvida, o único problema seria ligar para Russel. Depois que retornou trabalha ativamente

perto de Giovani e não conseguiria dele algo agora, contudo, poderia investigar por mim mesma.

— Gigi, bom dia. — A mulher atendeu assim que tocou a chamada.

— Bom dia, senhora Valentino. Como está hoje?

— Bem. Preciso do nome da criança de uma foto que foi tirado ontem e a ficha dele.

— Mas senhora, foram de algumas, precisaria ver qual seria.

— Sim, mas acho que é a única diferente, pois tiraram no momento em que o menino estava comendo.

— Acho que sei qual é. Se for a que estou pensando ele chegou aqui tem uma semana, chama Josh e veio a pedido das irmãs da Paróquia do Padre Hanson.

— Lembro-me dessa vaga, não pude atender a ligação delas e pedi que resolvesse.

— Isso, senhora.

— Poderia me mandar a ficha dele no e-mail?

— Sim. Mas, por quê? — Por segundos a ligação ficou muda.

— Gigi?

— Desculpa senhora, não quis questioná-la.

— Fica tranquila, só quero saber mais sobre o menino.

— Já encaminharei, só estou abrindo os cadastros.

— Sem problemas, só me avisa assim que enviar.

— Sim, senhora.

— Obrigada e estou aguardando. — Desliguei o telefone em seguida e fiquei aguardando-a, já na frente do computador com a tela ligada.

Sei que poderia ser loucura minha, mas tinha algo que me instigava e ao mesmo tempo me deixava afoita. Precisava saber com exatidão quem era e ver que poderia ser só um acaso, coisas da minha cabeça, mas que eu

precisava tirar a limpo. Seria muita coincidência o menino estar ligado a Mellaine.

E fiquei me perguntando, por que querer revirar um defunto enterrado?

Não tinha resposta, mas algo dentro de mim gritava, querendo uma.

E aficionada, tornei a olhar a foto do menino enquanto esperava pelo cadastro. Era de fato uma cópia de Luca e com exatidão, poderia se dizer, que se não fosse filho, seria sobrinho, ou algo próximo do caçula dos Valentino.

E se fosse de Giovanni? Afinal Mellaine tentou de todas as maneiras ficar com ele e se de fato aconteceu algo em Nápoles, naquela noite.

Pensei longe e não tinha a menor possibilidade, confiava em Giovanni, ele não mentiria para mim. E sem perceber me peguei desesperada e não mais curiosa, com medo, até ver a notificação de recebimento de mensagens aparecer no canto da tela do computador, avisando que Gigi havia me enviado a ficha cadastral. Mais que depressa abri, abandonando a foto e os pensamentos negativos, querendo saber que isso tudo não passava de algo da minha imaginação. Mas não era fruto das minhas desconfianças, o nome da mãe da criança era Mellaine Jackson, o nome que atormentou minha vida. E no campo aonde deveria estar o nome do pai estava em branco e foi nesse exato momento que descobri que o menino era um Valentino, como nós.

Sem ter um exame ou uma confissão, apenas por ligar os fatos.

CAPÍTULO 26

Mellaine

Como outro dia qualquer estava caminhando tranquilamente, após sair do serviço, indo buscar Josh.

Há uma semana uma das irmãs, para me ajudar, arrumou uma vaga em uma instituição, onde cuidavam das crianças para mães que não tinham condições de pagar uma escolinha particular. Porém, elas eram os anjos da minha vida e vendo minha necessidade mais uma vez, foi e conseguiram uma vaga para Josh. Quando me contaram a novidade chorei de felicidade, não acreditando que as coisas começavam a dar certo e a se encaixar.

Era a flor de esperança voltando a florescer.

E como foi a irmã que conseguiu tudo, não precisei ter que passar pela entrevista, somente deixei Josh e as documentações exigidas por eles no primeiro dia e assinei alguns papéis. Sem formalidades. E isso tudo era tão bom, pois, sabia que Deus me enviou anjos quando saí da casa da Carmen, mesmo achando que não teria soluções, mais teve. E a provisão *Dele* tem sido gradativa. Tudo no tempo certo. E em breve poderia ir para

um quarto, só meu e do meu pequeno, dando a oportunidade para que uma outra mulher possa ser abençoada como eu naquele abrigo. Todo os dias agradecia por essa oportunidade.

Caminhava até a instituição, após deixar a estação do metrô e quando chegava na porta, olhava para a enorme casa reformada e toda pintada, agradecendo ao anjo que a fez, sem saber quem era e quem havia criado aquele espaço.

— Boa tarde, sou mãe do Josh da sala 5 — informei a recepcionista.

— Boa tarde. Só um momento! — Ela sorriu e ficou no mesmo lugar, pegando o telefone e discando para algum ramal.

— Gigi, a senhorita Jackson está aqui, posso pedir para ela subir? — Olhei-a e franzi o cenho, achando estranho, pois, em nenhuma das outras vezes, durante essa semana que Josh começou aqui, foi preciso me anunciar por telefone. Elas pediam para outra auxiliar ir buscar a criança e me traziam.

— Precisaré ir até o segundo andar hoje, antes de pegar Josh. Gigi quer falar com você. — A atendente me informou e assenti, ainda não entendendo nada e o porquê disso.

Será que Josh não poderia ficar? E logo agora que em breve poderíamos deixar o abrigo.

Algo dentro de mim dizia que aconteceria alguma coisa e senti-me novamente com medo, sendo pessimista.

Não poderia perder a vaga ali, era o degrau que precisava para começar novamente a conseguir algo e dar uma vida digna para meu filho, mas infelizmente não poderia fazer nada se me dissesse não. Simplesmente teria que voltar e recomeçar de novo, seria mais uma tentativa que não deu certo.

E seguindo uma das auxiliares, segurei firme na alça da bolsa, temerosa e subi a grande escada de madeira que ficava no centro do hall, levando-nos ao segundo andar, onde tinham várias salas e portas, um corredor extenso, e no fim havia uma porta aberta e foi para lá que a auxiliar seguiu.

Nervosa, contei a quantidade de portas antes de chegar e assim que chegamos no fim, era a sala da mulher que queria falar comigo. E supus ser a secretária de alguém, pois no canto havia uma outra porta fechada e nela pregada uma placa, escrito: “Presidência”. Porém não acreditei no nome que estava logo abaixo:

“Bella Valentino.”

Fiquei com mais medo ainda. Na certa descobriram que Josh era meu filho e por isso me chamaram.

Não estava preparada, não agora, para ter um encontro com um dos Valentino. Será que daria tempo de sair correndo dali e pegar Josh para fugirmos?

— Boa tarde, me acompanhe, a senhora Valentino quer vê-la. — Atordoada, como se estivesse em um transe, não percebi que a outra mulher agora estava diante da porta, com ela aberta, indicando para eu entrar.

Ela sorria cordialmente e me aguardava, segurando o trinco da porta e sem saber se corria, se ficava parada ou se prosseguia, caminhei em direção a morena bonita e elegante. E passando por ela entrei na sala da única mulher que em todo o mundo não queria ver o meu bem.

— Gigi, peça a uma das auxiliares que traga Josh e fique com ele aqui na sala de espera. — A voz de Bella saiu de trás da enorme mesa de madeira e lá estava ela, sentada, em sua pose de mulher poderosa. — E ligue para Giovani pedindo que venha até aqui. — Olhei de uma mulher

para outra, pensando em correr dali, ainda mais agora quando ouvi a menção do nome de Giovani.

Quem imaginaria que Bella fosse ser a presidente da instituição onde Josh estava frequentando?

Sei que um dia ou outro, teria que enfrentá-los, mas não estava disposta a carregar mais o peso dos meus erros, já aconteceu mesmo e não seriam eles que dariam minha dose de punição.

— Por favor Mellaine sente-se. — Bella pediu educadamente, como sempre, em sua pose de mulher rica, uma verdadeira rainha, bem vestida. Só faltava sua coroa.

Ela me olhava dos pés à cabeça, analisando-me friamente.

— Não, obrigada, prefiro ficar de pé. — Não sei de onde brotou a coragem para eu rebatê-la, negando a sua ordem.

— Precisamos ter uma conversa, ainda mais agora. — Bella ignorou-me e ponderou.

Sabendo que não tinha escapatória, caminhei mais alguns passos para frente, sentando-se em uma das duas cadeiras dispostas.

— Jamais pensei que a veria de novo. O que faz aqui? — Foi direta.

— Bella, por favor. — O tom da sua voz era imponente e seria ingenuidade minha achar que Bella me chamaria em sua sala um dia para me dar boas-vindas.

— Por favor? O que quer de nós? — Foi direta.

— Sim, por favor. E não quero nada de vocês.

— Então por que está aqui com seu filho? Quer nos atacar, ou ainda quer se vingar de nós?

— Não. Quero paz e dignidade.

— Dignidade? — Seu tom era frio e sarcástico.

— Sim. Sei que minhas atitudes do passado não fazem jus a minha palavra, mas sim... Quero ter dignidade.

— Se quisesse mesmo, teria se afastado, mas acho que ainda não percebeu que você não é bem-vinda.

— Se soubesse que eram de vocês pode ter certeza que não estaria aqui, porém não sabe o quanto me envergonho de quem eu fui e o quanto me arrependo das minhas atitudes, ainda mais com você, mas não vou implorar o perdão de ninguém. Só quero que saiba que me arrependo de tudo.

— Nos poupe de querer explicar o passado.

Fui contra argumentar, porém fiquei em silêncio ao ouvir a porta sendo aberta e Giovani entrando como um vendaval. E imagino o quanto deve ter vindo às pressas, achando que algo aconteceu com sua rainha.

— Bella, o que aconteceu? — Don Valentino, não percebeu que era eu ali, ainda me mantinha de costas e preferi ficar assim.

Ainda estava com aquele sentimento de surpresa, me prendendo e sufocando, mesmo que um dia isso acontecesse, nunca pensei que seria logo agora que as coisas começavam a entrar nos eixos.

— Não foi nada, meu amor. — Bella respondeu para Giovani, tranquilizando-o, porém, quando se aproximou da mesa e me viu, foi como se retirasse o pino de uma granada ao me olhar, exatamente contando os segundos para explodir.

— O que ela faz aqui e o qual veneno veio destilar? — Sem desviar seu olhar de ódio perguntou para Bella. — Pedi para você deixar esse assunto quieto, naquele dia do baile.

— Me desculpa, amor, mas precisava tirar algumas dúvidas e pelo visto, Mellaine tem coisas a explicar, nada que interfira mais em nossa vida, porém preciso de respostas. — Desviando seu olhar de mim, voltando-o

com devoção para Bella, Giovani expressou não entender nada e a linda mulher, a primeira dama da Camorra, mudou sua postura para mais doce e compreensiva.

— Eu avisei que a queria bem longe da minha família. Não entendo o motivo dessa conversa, achei que havia sido bem claro. — A primeira dama da Camorra se levantou, elegantemente e cedeu sua cadeira para que Don Valentino sentasse, ficando em pé ao seu lado, como se fosse sua escudeira.

E eu observava tudo quieta, ainda não havia me pronunciado depois que ele entrou na sala. Na verdade, procurava pensar o que falaria e como agiria, já estava no fundo do poço, pronta para sumir. Levantar a ira deles não seria nada bom para mim e Josh neste momento.

— Algumas coisas precisam serem esclarecidas. — Bella pousou a mão sobre o ombro direito do marido e afagou. — Precisamos agora ser coerentes e imparciais, meu amor.

— Imparcial com essa desgraçada? Acho que não. Ela quase destruiu nossa vida, carinho.

— Não é uma coisa da qual me alegro — intrometi e o cortei. Por mais que eles me odiassem, precisava me explicar e dizer o que sentia.

— Mentirosa!

— Pode me chamar do que quiser Giovani, mas eu me arrependo sim, por tudo que fiz, principalmente a Bella, que estava grávida. Sei que não tenho créditos para que acreditem em mim, mas só quero sair dessa sala e pegar meu filho e dar o fora. Prometo que não vou voltar.

Era isso mesmo que queria... sumir de todos eles, minha vida não era uma das melhores e ainda sendo alvo deles seria bem pior, Josh e eu acabaríamos em piores condições da que estávamos.

— Não acredito no seu papel de boa moça, já caí uma vez.

— Não espero que acredite. E não vou me humilhar, vocês conseguiram tirar tudo que tinha, desde meu pai até minha profissão, mas não vou ficar aqui me rastejando. Já disse que me arrependo e pronto. — Falei tão rápido, segurando como sobrevida a coragem que estava tendo. Por mais que fiz muitas coisas ruins não ficaria ali implorando para que acreditassem e me perdoassem. Só queria poder viver em paz com Josh e ir para bem longe deles, pois, sei que não conseguiria sair do fundo do poço se eles estivessem por perto.

— Ainda diz como se nós fôssemos os vilões da sua história. Não é nenhuma santa. Quase acabou com meu casamento e matou meu irmão. Luca quase morreu por sua causa. — Quando achei que se acalmaria, Giovanni fechou os punhos e socou o tampo de madeira da mesa, me assustando. — Você foi longe, quase que ele morreu. Sabe o que é isso? — Seu ódio por mim era algo estampado e era ciente que seu casamento sempre foi algo sagrado, mas saber que me culpavam por Luca ter quase morrido era algo novo.

Não tinha conhecimento disso.

— Por que Luca quase morreu?

— Ainda finge que não sabe de nada, é muito cínica e dissimulada.

— Para de me ofender. Já disse que me arrependo por seu casamento e por ter feito mal a Bella, mas não vou pagar por algo que não sei — aumentei o tom de voz e nossos olhares se enfrentaram. — Não sabia que tinha acontecido nada a Luca, aliás nunca mais o vi e tem muito tempo, há mais de um ano.

— Luca quase teve uma overdose de heroína quando lhe viu grávida, ele se encheu de droga, tentando se matar. — Levei a mão na boca não acreditando no que acabava de ouvir.

— E ele? — Algo ruim, como um sentimento desprezível cresceu em mim nesse momento e imaginei: Luca quase morto e a sensação de pensar que ele poderia não estar vivo me deixou sem chão e desesperada por notícias dele.

— Por que quer saber? Nunca se importou com ele. — O que afirmava era mentira, me importava sim e sei que também fiz muito mal a ele com minhas mentiras e não teve um dia sequer que não me lembrei dele, mesmo nos momentos de raiva por saber que tinha um filho e não se importava, mas com tantas omissões sei que não era uma pessoa confiável e por isso enfrentei tudo sozinha, buscando a minha própria redenção.

— Ele está bem?

— Claro que está. Ele tem pessoas que o ama e que esteve ao seu lado. — Engoli a resposta com o gosto amargo, sentindo-me mais sozinha do que nunca nesse momento.

— Nunca quis fazer mal a ele, eu o amava. — Giovani riu alto, ecoando sua risada debochada por toda sala.

— Você é hipócrita demais.

— Giovani, por favor se acalme. — Bella novamente ao seu lado intervinha e desde que ele chegou a linda mulher se calou e nos observava.

— Não tem como me acalmar. Vem até nós e diz que amava Luca? Sem contar que quase acabou com o meu casamento e com a vida dele. Por amor? — Giovani, era implacável e irredutível, mantendo-se em posição de ataque, ao me acusar.

— Não sabe nada sobre mim, Giovani. Você e sua família *ferraram* a minha vida se quer saber.

— Vai começar com o papinho de que seu pai foi morto pelo meu pai e que queria vingança e depois se sentiu traída?

— Sim, pois essas foram minhas motivações e ainda tenho tantas dúvidas quanto ao que me disse daquela vez. Você também pode ter mentido para limpar a barra do velho desgraçado do seu pai.

— Não menti e não preciso justificar o que aconteceu no passado, não é um crime meu. — Giovanni disse sem culpa. Como se fosse normal.

— Mas foi meu pai que sua família executou e nunca pensou se seria com você. Mas sabe Giovanni, eu não o julgo, você só é fruto do meio, um arrogante que bate no peito dizendo proteger a família que se torna um babaca, cretino de merda. Só sabe julgar, enquanto senta no seu trono, se achando o dono da porra toda. — Não sei o que estava acontecendo comigo, mas sempre pensei em ser submissa e pedir perdão quando estivesse frente-a-frente com algum deles, contudo, passei muita coisa para aguentar mais e mais acusações sem dever.

Sua risada grossa e fria mostrava um outro Giovanni que nunca havia visto antes. Totalmente diferente do homem, gentil e educado que conheci.

— Devia ter morrido junto com seu pai, assim teria nos poupados do mal que fez. E pode falar o que quiser de mim, não me importo, pois, sempre protegi os que amo, não tenho que provar nada a você. Jamais abandonaria meu sangue.

— Mas abandonou... — Foi a minha vez de rir sarcasticamente.

— Do que está falando, Mellaine? — Bella entrou na conversa e me perguntou.

— De Josh.

— O que tem ele? Ele é filho de Giovanni? — Vi seu nervosismo no tom como me perguntava.

— Claro que não. — Giovanni, olhou para Bella, surpreso com sua pergunta e adiantou-se, respondendo na minha frente, negando a paternidade de Josh.

— Não, Bella, Giovanni não é o pai, mas é o tio.

— De novo com isso, Mellaine?

— Sim, porque é verdade, mas pode ficar despreocupado, não quero nada de vocês. Se Josh veio parar aqui foi simplesmente um acaso.

— Você sabia da criança, Giovanni? — Bella novamente, interrompeu a conversa e o questionou.

— Sabia que estava grávida, mas achava que era mentira. — Ele a respondia rapidamente e com temor. — Ela foi um dia, atrás de Luca e meus homens a interceptaram, mas não achei que fosse verdade. Preciso que acredite em mim, carinho. — Giovanni girou a cadeira, estilo presidente de couro marrom, ficando de frente com Bella e alcançou seu rosto, segurando-o nas laterais dele.

— Eu acredito. Mas por que não me contou?

— Porque tive medo quando a reencontrei e falar que Mellaine estava grávida seria levantar dúvidas das quais só pioraria nossa situação.

Compreendendo toda situação me levantei. Agora vi que não tinha mais nada para fazer ali. Bella ao descobrir sobre mim e meu filho, deveria ter ficado com dúvidas e havia me chamado até ali para se certificar, que Josh não era filho de Giovanni e agora estava tudo esclarecido, já bastava. A primeira dama teve suas respostas.

— Pronto, Bella! Agora já sabe que Josh não é filho de Giovanni e quero ir embora, não tenho mais nada para falar.

— Não foi só por isso que te chamei aqui, Mellaine — disse Bella, ao retirar as mãos de Giovanni do seu rosto após selar seus lábios.

— O que mais você quer? Não vão saber mais de mim e prometo ficar bem longe, amanhã não trarei Josh mais para sua instituição.

— Deixa de ser patética, Mellaine. — Giovanni tornou a girar a cadeira, ficando de frente comigo agora. — As coisas agora mudaram, não

vê.

— As coisas mudaram para vocês, para mim não — respondi.

— Se seu filho for de Luca, ele é um Valentino.

— Se for não... ele é. Josh é filho de Luca e se você ainda tem dúvidas é só olhar no rosto do meu filho e ver o quanto ele é parecido com seu irmão. — Com raiva e diante da frieza hipócrita dele gritei, sem medo de que minha coragem me condenasse, porém fiquei sem ação quando a porta abriu e me virei, vendo Josh ali, segurando uma caneta e brincando com ela no colo de Luca.

CAPÍTULO 27

Luca

— Estou gostando de ver esse progresso com a Gigi, Luca. — Estava deitado e relaxado no divã, do consultório de Michelle. Desde quando resolvi seguir em frente me livrando do passado, contei a ela sobre a secretária e da forma como está sendo bom sair com alguém frequentemente.

— Ela é uma boa pessoa.

— Mas só uma boa pessoa? O que sente por ela? Precisa definir os seus sentimentos.

— Gosto da presença, a conversa é agradável, o sexo é bom e o melhor é que não tenho compromisso de ter que assumir um relacionamento estável.

— Já é um passo, mas perguntei o que sente por ela.

— Não estou apaixonado, sinto atração é só isso.

— Luca, precisa entender que se quer entrar em uma relação vai precisar mais do que apenas atração sexual, precisa se conectar com ela.

— Acho que hoje você está bem romântica. Vou levando, gosto da companhia e isso é um começo.

— Claro que sim, mas não o bastante, você está se curando. Mas já pensou que ela pode estar em outra frequência que você?

— Michelle, se ela estiver em outra, infelizmente vai se dar mal. Já deixei claro que quero ir com calma, sem pressões de dormir na casa dela, sem pressões de ligações e encontros.

— Luca, pense um pouco mais nos outros além de si.

— Nos vemos semana que vem? — Me sentei de uma vez, dando um galeio, girando no ar e batendo os pés firmes no chão ao se sentar.

— Sim. Semana que vem nos vemos, mas sabe que se precisar pode me ligar.

— Sim! — Tirei as notas e deixei como de costume sobre a mesa, antes de sair.

Da saída do consultório até o carro, saquei o celular e apertei para chamar o número particular de Gigi. Confirmaria que em minutos estaria lá, para pegá-la e irmos jantar. Sei que prometi não ser com frequência, mas a forma como a secretária, me escutava e levava a conversa em um ritmo agradável me fazia querer me encontrar com ela mais vezes, ao invés de sair e acabar *trepando* com qualquer uma por aí.

— *Gigi, daqui a pouco chego aí e vamos jantar hoje.* — Escutei o alô e já disparei, falando meus planos com ela.

— **Oi, Luca. Vou demorar um pouco, a senhora e o senhor Valentino estão em uma reunião com uma mãe.** — Respondeu.

— *Sem problemas, aproveito para falar com Bella. Você sabe se ela viu as fotos da campanha?*

— **Creio que sim, pois, eles estão com a mãe de uma delas.**

— *Que bom, creio que devem estar pedindo autorização.*

— **Acho que sim.**

— *Então até já, minha querida.* — Encerrei a ligação assim que se despediu formalmente.

O consultório da Michelle não ficava muito longe, alguns minutos e por incrível que pareça o trânsito hoje estava fluindo e não demorou muito para chegar na Instituição. E antes de sair do carro ajeitei os cabelos com as mãos, vendo-me através do retrovisor. Peguei uma bala, que estava jogada ali e coloquei na boca, tirando um pouco o cheiro forte de cigarro.

Ao menos uma vez por dia fumava um cigarro, com a desculpa de aliviar a tensão, na verdade, era a maior desculpa para não parar de uma vez e como sei que muitas mulheres não gostavam do mal cheiro, precisava melhorar o hálito e por isso deixava algumas balas espalhadas pelos cantos do carro.

Conferindo mais uma vez o cabelo deixei o carro e fui em direção a entrada da casa, passando pelas recepcionistas e subindo para o segundo andar, mas ao chegar na recepção e antessala da presidência, me deparei com Gigi sentada em sua cadeira e o menino lindo da foto em seu colo, rabiscando um papel em sua mesa.

— Oi — disse ao ficar em pé na frente da sua mesa.

— Oi. — Gigi me respondeu sorrindo gentilmente. — As auxiliares precisavam ir embora e como ainda estão em reunião, fiquei de babá. — A forma como dizia era carinhosa. Aproximando mais deles sorri e afaguei o cabelo do menino, que levantou seu olhar intenso, de uma coloração castanha e me olhou na mesma hora sorrindo.

Como as crianças eram encantadoras e esse aí faria um grande estrago quando mais velho, desde pequeno era simpático e não foi por acaso que as fotos dele foram as melhores.

— Se importa de ficar aqui um pouco, vou descer e trancar algumas salas. — Gigi se levantou com dificuldade, segurando ainda o menino com a caneta na mão. E vendo sua falta de destreza, me aproximei.

— Deixa que seguro ele enquanto vai lá.

— Obrigada! — Peguei o menino de seu colo e antes de acomodá-lo nos meus braços, brincando o joguei para cima, arrancando dele gargalhadas e, me contagiando, ri junto.

— É carinha, você é mesmo muito fofo. — O coloquei no sofá de espera e abaixei na sua frente ajeitando seu cabelinho, um pouco comprido, caído na testa. — Sua mamãe precisa cortar, tem muito cabelo aí, amiguinho. — O menino era incrível e sem falar nada ainda, me entregou a caneta, querendo me mostrar algo. — Quer desenhar? — Mesmo sabendo que o menino não me responderia perguntei tentando entender o que queria. — Vamos desenhar mais, então. — O peguei no colo de novo e quando fiquei em pé, devolvendo a caneta para suas mãozinhas, ouvi as vozes alteradas e a reconheci na mesma hora.

Só não conseguia acreditar que seria a dela e agindo por impulso, cheguei mais perto da porta e escutei o que falavam. E, quando dei por mim, já estava abrindo a porta e entrando, certificando que eu não estava tendo uma alucinação.

E de fato não estava. Era Mellaine ali, em carne e osso, mas não a que eu conhecia. Estava mais magra e usava um uniforme de empregada e, cabelo preso em um coque baixo na nuca.

Por minutos, fiquei olhando na sua direção, me esquecendo que segurava o menino no colo e contemplei a cena, vendo-a chorando em silêncio ali parada, com os braços largados ao lado do corpo.

O impacto produzido em mim ao vê-la foi maior que esperava e sem precisar que me dissessem entendi o que acontecia ali. O menino que estava

em meus braços era filho dela... E meu filho!

Foi surreal!

Passei tempo demais duvidando e bastou eu segurá-lo para ter essa certeza.

— Não quero que diga nada! — Fui o primeiro a falar ali. — O que faz aqui? Veio reclamar os direitos. Pare com essas lágrimas — disse sentindo uma mistura intensa de emoções e quando o menino jogou os braços na direção dela, tentei ao máximo não corresponder, mas foi inevitável e ainda sem me falar nada, Mellaine, pegou o filho abraçando-o forte.

Tão próximo, relembrei de tudo com exatidão, da forma como éramos e como tudo aconteceu. Além de dor, a raiva novamente me tomou, mas a sua presença era tão forte, que me dominava e não consegui me afastar. O pior não era isso. Queria de novo o menino em meus braços.

— Luca, por favor.

— O que quer? — Mellaine abaixou a cabeça desviando o olhar do meu e acomodou, mais Josh em seu colo, tombando a cabecinha dele em seu ombro.

— Quero ir embora com meu filho, por favor.

— Não se dê o luxo de ser vítima por aqui, todos nós conhecemos bem quem você é. — Não a deixaria sair dali com ele, por mais que eu quisesse estrangulá-la.

— Vá se *foder* Luca. — Não pensei e aproximei mais, levando minhas mãos em seu pescoço e fechando nele, mas fui impedido por Giovani e a voz alta de Bella chamando por Gigi, que logo apareceu.

A maneira como extravasava toda minha raiva em Mellaine assustou Josh e vendo seu choro a soltei e afastei, dando as costas para eles.

— Gigi, leve Josh e tente acalmá-lo. Bella pediu a secretária, que parecia não estar entendendo nada e ao tentar pegá-lo ficou sem saber o que fazer, vendo o menino se agarrar mais ainda ao pescoço da mãe.

— Mellaine me dê ele. Vou tentar acalmá-lo, vocês vão precisar ficar sozinhos agora se não só vai assustar mais ele. — Bella vendo a fadada tentativa da secretária, resolveu intervir e com jeito conseguiu que Mellaine entregasse o filho para ela, deixando que levassem o menino para longe.

— De todas as mulheres do mundo a que menos quero ver é você. Cansei de vagabundas. — Sozinhos e agora com a porta fechada, me aproximei tentando intimidá-la, mas Mellaine não recuou e me encarou. — Já sei do discurso que já deve ter feito, depois desse tempo que sumiu.

— Não sabe do que está falando.

— Sei muito bem seu tipinho de mulher. Veio até aqui para tentar *ferrar* o casamento deles?

— Não, claro que não.

— Então veio para requerer os direitos do moleque? — Disparava uma pergunta atrás da outra.

— O moleque tem nome. E não vim para requerer os direitos dele. Não foi você que disse que não era o pai? Por que eu viria Luca? — Não esperava que Mellaine fosse mostrar-se forte e me enfrentar.

— Está vendo, nem você tem certeza e agora vai jogar o que eu disse. — Eu agora tinha certeza de que era o pai, entretanto, não perderia a oportunidade de atacá-la; de desferir todo meu ressentimento.

— Não, ao contrário eu sei muito bem que você é o pai do Josh, mas não vou implorar que acredite, afinal, eu fiz muita *merda*, assim como você. Então quem vai acreditar em mim, né?! Mas não seja hipócrita em achar, que você nessa história é a vítima, foi tão errado quanto eu. Só que ao

contrário de você eu me arrependi e quero dar o fora daqui com meu filho, porque pode passar toda uma vida que você ainda vai continuar sendo o narcisista *filho da mamãe*, que culpa todo mundo pelos seus fracassos. — Senti as mãos de Mellaine espalmarem em meu peito e me empurrar, mas a segurei e não deixei que encurtasse o espaço entre nós dois.

— Você *fodia* com Giovani e comigo, como quer eu acredite que fala a verdade?

— Não quero que acredite, até por que não preciso de você. Só quero pegar meu filho e dar o fora, ir para bem longe. Já pedi perdão a Bella, mas nunca mais vou deixar você, seu irmão ou sua mãe me humilhar, por causa de vocês passei muita coisa com uma criança pequena e não caí derrotada. Não vai ser por vocês que vou me abater mais.

— Agora virou a mulher-maravilha. Seja honesta e fala que foi atrás de Giovani e transou com ele naquela noite em Nápoles e que o menino é filho dele. Que queria se vingar de nós. — Precisava mostrar e fazê-la sentir tudo que fez comigo. Mesmo que para isso eu precisasse falar que Josh não era meu filho. Queria atacá-la de todas as formas.

— Porque não é verdade. Fui atrás dele e o agarrei, mas seu irmão me rejeitou e ainda me ameaçou. Se quer saber, meu filho foi concebido em Nápoles sim, mas não por Giovani e sim por você. Mas ele não precisa de um pai, que prefere se drogar, do que assumir a responsabilidade. Então vá *foder* qualquer uma por aí e te prometo que hoje mesmo não vai saber mais nada sobre nós. E outra coisa Valentino, eu menti sim, mas reconheci que me *ferrei* por minhas atitudes e estou pagando um preço alto, do qual jamais vai passar um dia. E me solta.

— Você não sabe de nada, Mellaine. Você acabou com a minha vida, quase morri tentando te esquecer e agora surge aí toda arrependida.

— Não foi você que passou fome e não tinha aonde dormir com uma criança pequena. Então não me venha falar que acabei com sua vida, porque sua mãe acabou com a minha. Só nos deixei em paz. — A confissão de Mellaine me pegou de surpresa e acabei afrouxando a força com que segurava seus punhos e sentindo a dor me tomar novamente me distraí, dando a oportunidade de Mellaine se soltar e ir em direção a porta para sair. Atormentado a segurei pela cintura, forte, impedindo que me deixasse. O que menos queria é que ela fosse embora, mesmo sentindo raiva por tudo que fez com nós dois.

Tudo se tornou uma grande confusão e incoerência.

— Não vai sair daqui assim, se Josh é meu filho não vou permitir que o leve para longe. — Ela esperneou e fui obrigado a colocá-la no chão e quando se virou, sem esperar por sua atitude, senti o peso de sua mão no rosto.

— Quem pensa que é? Acha que tem direito algum sobre ele?

— Tenho, se ele for meu filho é um Valentino e eu não vou deixar que o leve para longe de mim.

— Idiota, escroto, babaca. Ele é seu filho, mas não vou deixar nos humilhar mais e vou sim para bem longe de você e toda sua família. Nunca sequer ajudou e agora quer ter o direito de opinar e decidir.

— Eu paguei a conta do hospital no dia que ele nasceu.

— Vá se *ferrar* se acha que isso foi grande coisa. Josh precisa de um pai de verdade e você jamais vai ser um, porque é um narcisista que só pensa no próprio umbigo. Vai ser um pai de *merda* como seu pai foi para você. — Fui pego de surpresa com o que me disse.

Jamais gostei que me comparasse com alguém, ainda mais quando era com meu pai. Nunca seria igual a ele. Poderia ser fruto do meio em que

vivi, mas jamais trataria Josh como o meu pai me tratou um dia e provaria para ela, que seria um excelente pai e a faria engolir suas palavras.

— Olha o diabo falando do inferno. Você é tão suja quanto eu, não é porque deu à luz ao meu filho que agora virou uma santa.

CAPÍTULO 28

Mellaine

Para completar toda a trajetória da minha humilhação ainda tinha que estar cara a cara com Luca, trancada numa sala.

Confesso que vê-lo entrando com Josh no colo, foi a projeção mais real dos meus sonhos. Em todos os dias em que as coisas estavam indo de mal a pior, pensava que Luca viria se redimir e nos tirar do buraco que meti a nós dois, mas não da maneira como estava acontecendo.

Desde o momento que vi Bella e até Giovani, não havia percebido o quanto tremia, mas ter Luca tão perto foi como se tivesse tomado um choque de realidade e não fosse mais possível sonhar que ele se transformaria no meu príncipe encantado. O bad boy foi como um habilidoso cirurgião abrindo a incisão perfeita, contudo, não aceitaria mais que me rebaixasse.

Já tive doses extras de humilhações para uma vida inteira, e nem mesmo o conhecimento da sua quase overdose fez com que me sentisse culpada por isso.

— Quer falar de mim, Luca? Olha para você, sempre usando as pessoas ao seu redor para conseguir chamar atenção. Não foi pai quando mais precisamos, e não é agora que vai ser. Meu filho passou fome porque todos os Valentino me viraram as costas. Bella e até Giovanni ainda consigo compreender, mas você, um mimado ególatra, não!

— Você me traiu, quando foi atrás de Giovanni naquela noite.

— Fui, e se ele tivesse aceitado, tinha transado com ele. Mas tem um detalhe muito importante, eu me arrependo do que fiz. Não tem um dia que não penso nessa *merda* toda e pago um preço tão caro, que você jamais vai entender. A pessoa mais importante para mim foi obrigada a crescer tendo muitas vezes no dia, uma única refeição e o leite do meu peito. Eu apanhei, fui humilhada e jogada na rua com meu filho doente. Hoje, divido uma cama de solteiro com uma criança de um ano, em um lugar que abriga mais de cem moradores de rua juntos. Então, se eu quiser ir embora, vou ir e Josh vai comigo. Se soubesse que a Fundação era da sua família, teria me sacrificado ainda mais por ele e ido para bem longe. Aqui foi a melhor coisa que apareceu na vida de uma criança que tem apenas duas trocas de roupa. Ao menos ela teria as três refeições diárias, enquanto a sua mãe se mata lavando banheiro e esfregando chão, da casa de um desconhecido qualquer para juntar dinheiro e conseguir melhorar sua condição de vida. Até minha profissão a sua família deu um jeito de destruir. — Soltei todo o ar preso dos meus pulmões secando as grossas lágrimas que rolaram pelo meu rosto, enquanto despejava aos berros, em cima dele. Isso era apenas uma parte de tudo que passei com Josh.

— Mellaine, se acalme. — Bella retornou com Josh em seu colo, mais calmo, e pela primeira vez me senti agradecida por ela estar ali e ter cuidado do meu filho.

— Me perdoa, Bella, tudo isso está acontecendo porque fiz coisas das quais não me orgulho e queria que um dia pudesse mesmo me perdoar. Agora quero ir embora.

— Não! Eu não vou permitir! — Luca entrou na minha frente no exato momento que Bella se aproximava para me entregar Josh.

— Cala a boca e vá se *foder*, ou melhor, vá *foder* a vadia com quem deve estar saindo, porque é a única coisa que consegue pensar... em *boceta*. — Estava transtornada que não pensei ao falar daquela maneira, tão chula.

Por mais que o bad boy fosse o pai de Josh e o homem que eu ainda desejava, não permitiria mais nenhum abuso.

— Mellaine, você sabe que o menino é um Valentino e eu, como chefe da família, jamais vou permitir que Josh passe necessidade ou volte ao abrigo. — Giovani, que assistia a tudo escondido no batente da porta se manifestou.

— Vai junto com seu irmão. Quando pedi ajuda, você me ameaçou. Agora só está fazendo isso para limpar sua consciência, mas eu não preciso da piedade de nenhum de vocês.

— Mellaine, você está nervosa. Por favor, fica calma. Não sou sua amiga, mas pensa no seu filho, o menino está assustado e não merece pagar pelos erros de vocês. — Engoli seco, escutando os conselhos de Bella, enquanto retirava Josh do seu colo. Suas palavras me fizeram chorar ainda mais.

— Só preciso sair daqui, não quero ouvir mais nada, por favor.

— Pode falar o que quiser, Mellaine, mas não vai me culpar por não ter estendido a mão naquele dia. Você tinha acabado de *ferrar* meu casamento e por sua causa não vi minha filha nascer. E Josh é tão inocente quanto ela nessa história de vocês. Vá para um hotel, durma, e amanhã nós conversaremos todos com mais clareza.

— Como já disse, você, até consigo entender, mas seu irmão não. Eu não menti quando falei que ele era o pai do meu bebê e nunca quis o dinheiro da sua família. Vou voltar para o abrigo onde tenho ficado por meses. Dispensando a piedade e comiseração de todos vocês — respondi a Giovanni.

— Não seja orgulhosa, Mellaine, pensa em Josh. — Bella disse calma, mas estava com medo. Apertei ainda mais Josh contra o peito, sentindo todo meu mundo ali, em meus braços.

— Vou lutar por ele na justiça. — Luca voltou a se aproximar, me encarando.

— Hipócrita! — gritei.

— Mellaine, por favor, se acalme. — Bella, estava ao meu lado e quando gritei, deslizou uma das mãos pelas costas de Josh, acalmando-o novamente. — Coitadinho, ele está muito assustado.

— Agora todos já sabem e estão cientes, então podem ficar tranquilos que nunca mais vocês irão me ver, só peço tempo para eu juntar um pouco de dinheiro e sumir daqui.

— Não vai ser assim. Luca também tem direitos, Mellaine. Independentemente do que aconteceu, ele pode não ter a guarda, mas ainda assim é o pai.

— Giovanni, deixa o seu irmão tomar suas próprias atitudes. Luca sabe que se precisar nós estaremos aqui, mas ele precisa decidir sozinho, é o filho dele. — Bella falou baixo e, de forma controlada, se interpôs. Ali, foi a voz da razão.

Ela estava certa, aquele era um assunto meu e de Luca. Mas eu tinha tanta coisa na cabeça que não queria mais discutir. Talvez no dia seguinte conseguisse pensar melhor, pois independente do que estivesse sentindo,

Josh sempre seria o mais afetado e ele era muito pequeno para passar por aquilo.

— Deixa a Mellanie fazer o que ela achar melhor. — Luca disse e, respirando fundo, apertou o maxilar tentando se controlar. — Amanhã nós conversaremos melhor e decidiremos como vamos fazer. Pode ser? — Acenei com a cabeça, confirmando que retomariamos a conversa.

Contudo, fiquei sem ação quando Luca retirou Josh do meu colo e o aninhou em seus braços e, beijou o topo da sua cabeça, me fazendo chorar mais.

Não tinha como ser indiferente a cena. Bem ou mal, aquele era o primeiro encontro entre pai e filho, e mesmo que eu quisesse matá-lo por tudo, não havia como não me emocionar.

E acho que Josh o reconheceu, pois ficou quietinho olhando-o atentamente.

— Por favor, me dê ele. Quero ir embora — pedi, me aproximando e retirando o menino dos braços de Luca.

— Amanhã nós conversaremos. — Ele me entregou Josh e ficou me encarando ao afirmar, mas eu ainda estava em dúvida se realmente teríamos a tal conversa.

— Obrigada, Bella, por mais que eu não mereça, agradeço por tudo. — Foi sincera a forma como me expressei, até porque a sua postura não era mais a mesma de quando cheguei. Parecia pacífica e até piedosa.

— De nada, Mellaine. Até amanhã, só reflita de que as necessidades do Josh precisam ser levadas mais em conta do que todo o passado. — Assenti e sem olhar para Luca ou Giovani. Deixei a sala apressadamente, sentindo-me sufocada.

Caminhei para longe do lugar onde funcionava a instituição, e mais que depressa me esforcei para chegar ao abrigo.

Logo avistei a extensa fila da sopa. Algumas pessoas estavam saindo, já que havia estourado a cota da noite. Quando cheguei à porta, tive uma grande surpresa ao encontrá-la fechada.

— Desculpa pelo atraso, irmã — falei através da grade, chamando a freira pelo nome.

Cheguei mais de duas horas atrasada, descumprindo uma das regras. Precisava entrar mais cedo para garantir minha vaga. Tive apenas uma exceção no dia do aniversário de Josh, mas nos outros eu era obrigada a estar ali antes do horário para conseguir entrar sem que me vissem.

— Mellaine, infelizmente todas as vagas já foram preenchidas e você não chegou antes como deveria chegar. — Fechei os olhos, pedindo a Deus que isso fosse apenas um pesadelo porque estive presa naquele escritório com os Valentino.

Mais uma vez minha vida virava do avesso por causa daquela família.

— Irmã, me seguraram na instituição até agora.

— Mellaine, me perdoa, mas sabe como as coisas funcionam por aqui, até achamos que tivesse acontecido algo e não viria mais, pois você mais do que ninguém é ciente do horário. Suas coisas estão guardadas no meu quarto.

— Eu sei, mas os Valentino queriam falar comigo...

— Faz assim, volta mais tarde e vejo o que consigo fazer, mas já demos sua cama para outra pessoa. — Comecei a me desesperar.

Onde Josh e eu passaríamos a noite? Ele já estava quase dormindo em meu colo enquanto eu me sentia cada vez mais nervosa. Tudo que queria era deitar e dormir até o dia amanhecer. Esquecer o hoje.

— Está bem, irmã. — Não tinha o que fazer a não ser voltar mais tarde.

Por sorte, carregava o dinheiro comigo e pelo menos dessa vez teríamos algo para comer. Se por acaso, a irmã não conseguisse uma vaga para nós, eu arrumaria um lugar barato para ficarmos essa noite.

Saí de lá e caminhei por algum tempo até entrar em uma lanchonete para comer. Já estava morta de cansaço e precisava sentar, porém levei o maior susto quando senti sua presença e olhei para o lado. Ele estava ali, parado de pé, nos observando através do vidro.



Luca

O que foi tudo isso? Essa loucura toda?

Rever Mellaine mexeu comigo de tal maneira, que não conseguia raciocinar e agir coerentemente. Seu nome gritava em meus pensamentos, seguidas vezes, uma atrás da outra, e depois que saiu me senti impotente e um verdadeiro bastardo. Não poderia tê-la deixado levar o menino e voltar para o abrigo de novo. Só esse pensamento aumentou mais meu desespero e arrependimento.

Destruindo minha consciência já muito pesada.

Josh era meu filho, por mais dúvidas que tivesse durante todo esse tempo, segurá-lo em meus braços foi o suficiente para ter certeza de que ele era meu. Por isso me culpei por tê-lo abandonado, sem conseguir pensar em nada além deles, e em como, consertaria toda aquela grande besteira.

Depois que Mellanie saiu com Josh, fiquei sentado no sofá ao fundo da sala da presidência. Os cotovelos apoiados no joelho e as mãos segurando minha cabeça baixa.

— O que vai fazer, Luca? — Giovani puxou uma das cadeiras para Bella, e depois, uma para ele.

— Cara, não sei — respondi com sinceridade. Pois não sabia mesmo o que fazer.

— Eu não vou me meter. Não gosto dessa mulher e se pudesse a mandaria para bem longe de nós, mas não posso ignorar o fato de que Josh é seu filho. O menino é uma cópia sua de quando era pequeno, sem tirar nem pôr, mas a responsabilidade é sua e cabe a você decidir.

— O pior de tudo isso é que o menino está passando necessidades básicas. Luca, me desculpa, mas por que deixou a situação chegar a esse ponto? — Bella, durante todo o tempo, foi a que menos se manifestou, então comecei a compreender o que estava fazendo.

Ela e Giovani estavam se posicionando como os chefes da família.

— Não vou carregar a culpa sozinho. Giovani também sabia que ela estava grávida.

— Sabia sim, mas não era meu dever ajudar em nada. Mellaine foi minha namorada e também foi sua. Eu não tinha nenhuma obrigação depois da armação que ela fez para tentar acabar com meu casamento. Não tenho pena dela, porém, penso no menino que é sangue do meu sangue.

— Mellaine mentiu e me traiu, e agora sou julgado porque não acreditei nela?

— Mas pelo que você mesmo disse, ainda assim pagou a conta do hospital.

— Não entende Bella, eu amo aquela desgraçada como nunca amei ninguém na vida. Quando tudo aconteceu... foi como se tirassem as cores de

mim. Sentia uma dor profunda e falta de ar, era desesperador. Não sei o que significou para você ver aquela foto, mas para mim foi como se estivessem me atacando pelas costas e me empurrando para dentro de um buraco negro. Completamente sozinho e sem ajuda. Então, não me julguem.

— Ninguém está te julgando, Luca, e acho que agora não é hora de ficarem se atacando ou querendo achar um culpado para tudo que aconteceu. Não podem se justificar no erro do outro. Josh está no meio desse tumulto e ele depende dos pais para se sentir seguro e crescer em paz. Certamente que o abrigo do Padre Hanson não é um lugar para alguém se sentir em segurança. Josh precisa estar com a família, e Mellaine não tem nenhuma. Os únicos que ela tem, somos nós.

— Eu sei e sei que o moleque é meu. Sempre tive essa dúvida, e o que mais me doía era pensar que ela poderia ter armado a gravidez para conseguir o que queria, e depois faria com que eu descobrisse que era filho de outro. Mellaine não foi santa e tentou acabar com a nossa família. Se ela foi capaz de armar tudo isso, como eu poderia acreditar que era o pai da criança?

— Eu te entendo. — Bella se levantou e sentou ao meu lado, deslizando a mão por toda minha extensão dorsal. — Mas não vão por esse caminho, porque se forem, o maior prejudicado vai ser Josh.

— Luca, de uma coisa precisa estar ciente, o menino é seu filho e você já negligenciou um ano da vida dele. Então aprenda com seus erros e faça a coisa certa dessa vez. Não vou me intrometer, pois se não fiz nada antes, também não vou fazer agora, mas o Josh é um Valentino e se não chegarem a um acordo vou ser obrigado a interferir. — Novamente me sentia sozinho sem saber o que pensar e como agir.

— Conversa com Mellaine e tenha calma, ela não vai ceder facilmente e lembre-se que a prioridade agora é o menino.

— Está bem. — Concordei e fiquei em pé.

Sem mais motivos para continuar ali, saí da sala me deparando com Gigi, e só então me dei conta de que ela teria escutado toda a discussão e nesse momento já sabia que eu era o pai do menino da foto.

A secretária estava de pé, fora do seu posto, e quando me viu, sorriu sem graça evitando me olhar por muito tempo. Imaginei que deveria estar chateada ou algo do tipo.

— Gigi, me desculpa, mas não imaginei que isso pudesse acontecer.
— Aproximei-me e parei à sua frente.

— Sem problemas, Luca. Eu compreendo tudo.

— Mas...

— Não precisa se explicar para mim, eu ouvi que ainda ama a mãe do seu filho. — Gigi não me deixou falar, deixando clara a forma que ela pensava.

— Mas está chateada comigo.

— Não. Nós não temos compromisso algum, mas estou decepcionada comigo mesma e, por favor, não quero falar mais sobre isso.
— Tentei segurar sua mão, mas a morena não só se afastou como também me deu as costas e seguiu até a sala de Bella, me deixando sozinho.

Contudo, não podia ficar aqui lamentando, precisava pensar e decidir como agiria dali em diante, além do mais, Gigi e eu não tínhamos nada sério. A única seriedade naquele momento, era Josh. O único inocente nessa história toda e que pagou pelos erros de todos nós.

E descobrir que eles passaram por tantas coisas dessa maneira, me trouxe a sensação de que eu era um imprestável, completamente idiota, e um lunático por ter sido cego a ponto de não enxergar o óbvio.

O que eu precisava fazer?

Mellaine tinha mudado e me tratou com a mesma raiva que eu sentia por ela, porém, ao vê-la diferente e malcuidada, não aplacou ou sequer diminuiu o sentimento que guardei em meu coração. Era intenso, diferente, e não apenas uma atração sexual. Era forte e queimava, me tomando como um incêndio.

Sabia que jamais conseguiria extinguir o fantasma daquela mulher e seguir em frente. Por isso, não esperaria até o dia seguinte. Eu precisava falar com Mellaine ainda naquela noite, mesmo que não quisesse falar comigo.



Dentro do carro, pesquisei pela internet os abrigos mais próximos da instituição. Liguei para alguns e descobri qual era o do Padre que Bella havia mencionado. Após conseguir o endereço com a mulher que atendeu, dirigi apressadamente para lá.

Quando cheguei, encontrei a porta trancada e depois de bater por vários minutos, não tive resposta, mas quando estava retornando para o carro uma freira apareceu por trás da grade, colocando meio corpo para fora.

— Pois não, senhor — ela disse.

Como estava de costas me virei rapidamente ao ouvir sua voz.

— Boa noite, desculpe bater assim, mas preciso saber sobre uma abrigada que costuma ficar aqui, o nome dela é Mellaine Jackson. — A irmã abriu um pouco mais a porta para me analisar melhor e sorriu ao me encarar com seus olhos escrutinadores.

— O que o senhor é? — Por poucos segundos pensei no que dizer, tentando a me apresentar como seu marido, entretanto, eu teria que me

explicar por ter deixado ela ali.

— Sou da Fundação *Children's of Future*. — A mulher mostrou-se aliviada quando ouviu de onde era.

— Aconteceu algo? — Ao invés de responder, novamente perguntou.

— Não, preciso conversar com ela sobre a campanha publicitária que Josh vai participar. — Inventei qualquer coisa, somente para sanar a curiosidade da freira e obter a resposta mais rápido.

— E não pode esperar até amanhã?

— Poder pode, porém, estamos muito empolgados e eu queria falar com ela ainda hoje, mas se não puder chamá-la, entenderei. Aliás, não me apresentei, sou Luca Valentino. — Estendi a mão e no mesmo instante, pelo ar de surpresa da mulher ao saber quem eu era, sua postura mudou.

Afinal, o sobrenome Valentino dentro do Brooklyn ainda significava poder e controle.

— Mil perdões, senhor Valentino, não o reconheci.

— Sem problemas, irmã. Mas poderei falar com a Mellaine? — Pouco me importei com a forma que começou a me bajular. Minha única intenção era apenas falar com ela o mais rápido possível.

— Infelizmente, não. Mellaine chegou atrasada e pedi para retornar mais tarde, que daria um jeito dela entrar, acho que deve retornar daqui a algumas horas.

— Vocês a deixaram na rua com o menino? — Não sei se analisei direito o que me disse e minha conclusão era de que Mellaine e Josh estariam sem ter para onde ir.

— Não, senhor — falou temerosa. — Só pedi que ela retornasse depois, assim abriria a porta sem que ninguém a visse. São regras do Padre

Hanson, e Mellaine sabia que não podia chegar atrasada depois do horário da fila.

— E onde eles estão? — Também não me preocupei em analisar a desculpa que acabava de dar, só queria saber onde estavam, ainda mais quando me respondeu que não sabia.

Poderia parecer hipocrisia, mas se eu soubesse que estavam na rua, jamais teria deixado chegar a esse ponto, mesmo que a todo o momento quisesse acabar com a vida de Mellaine, depois que ela acabou com a minha.

E sem dar mais ouvidos a freira deixei-a falando sozinha e voltei para o carro. Passei quase uma hora verificando rua por rua do Brooklyn, à procura de qualquer vestígio deles.

Mellaine não poderia estar muito longe dali, e depois de quase duas horas dirigindo e observando, os vi sentados dentro de uma lanchonete, através do vidro.

Tomando cuidado para não me verem, estacionei o carro do outro lado da rua e caminhei até a vidraça ao lado da mesa onde estavam sentados e fiquei admirado, vendo a interação dos dois enquanto comiam, até o momento que Mellaine me notou e meu olhar ficou preso ao dela.

— Precisamos conversar, por favor! — disse lentamente para que me entendesse através do vidro sujo.

CAPÍTULO 29

Mellaine

Por um ano, eu fiquei sozinha e sem notícias do diabo Valentino, agora, em menos de duas horas ele já estava atrás de nós.

Consciência pesada?

Duvido que o narcisista tenha uma sequer, e por mais que me doa tudo que passei, sentir a presença viva de Luca tão perto de mim, mexe com um lado meu que prometi nunca mais deixar ser afetado. Mesmo com toda a confusão que criei e me coloquei, sempre gostei dele do meu modo. Eu o amava sim, ainda que fosse da minha maneira, pois, sem ele jamais teria tido Josh. Por isso Luca foi e sempre seria o homem que me realizou como mulher, independente do abandono e de todo mal que me fez.

Até porque o amor pode ser o oposto do ódio, mas os dois caminham lado a lado e o vendo ali, pelo vidro, me sentia dividida entre os dois sentimentos ambíguos que duelavam dentro de mim.

Um queria enforcá-lo e cuspir toda mágoa e ressentimento pelo que passei, já o outro queria dizer que ele ainda era o mesmo homem lindo que

conheci. Entretanto, jamais permitiria aflorar o sentimento bom novamente. Seria mais fácil nutrir a raiva e evitar machucar não só a mim, mas Josh também.

— Vai embora, Luca — pedi.

— Por favor, Mellaine, não quero brigar.

Estava pronta para negar de novo, mas minha resistência amoleceu diante da cena:

Josh, ajoelhado no banco estofado indo até a janela, ficando com as duas mãozinhas apoiadas no vidro olhando para Luca, que se abaixou, nivelando sua altura e brincando com ele, encostando sua mão junto a do filho, na mesma posição.

O narcisista sempre conseguia o que queria. Luca sabia contornar qualquer situação, mas se tinha uma que ele não conseguiria, era minimizar toda sua culpa por ter perdido um ano da vida de Josh.

Acenando com a mão, chamei uma das atendentes e pedi a conta. Depois de pagar, peguei Josh no colo separando os dois pelo vidro e fui na direção da saída. Pelo lado de fora, Luca fazia o mesmo e nos encontrou assim que saímos da lanchonete.

— O que você quer? — fui direta.

— Precisamos conversar.

— O que? Veio aqui para me dizer que sou vagabunda, que não valho nada, que sirvo menos que uma prostituta?

— Não. — Luca emudeceu, contraindo o maxilar.

Quando agia assim, apertando a musculatura do seu rosto, era sinal de que não sabia como agir ou estava se controlando para não mostrar sua natureza bruta e desumana.

— Então, por que veio? Já não disse que vamos conversar amanhã?

— Porque eu precisava. Não me senti bem quando soube que vai continuar dormindo no abrigo com Josh.

— Consciência pesada? Não sabia que tinha uma, Luca. Essa é uma novidade para mim.

— Mellaine, não sou o único culpado pelo que aconteceu, então não *fode*. Estou procurando uma solução e vou reparar tudo.

— Nossa, que gracinha — disse debochadamente, sentindo que naquele momento a raiva era bem maior que o amor.

— Você pode errar e chegar pedindo perdão. Agora eu não posso tentar me desculpar?

— Então reconhece seu erro?

— Não erreí sozinho. Eu te pedi em casamento, porque queria estar ao seu lado quando tivesse o nosso filho, mas você *fodeu* tudo e preferiu ir atrás de Giovani do que ficar comigo, e mentiu. Mellaine, você tentou se vingar da minha família. E depois de tudo que fez ainda queria que eu acreditasse que estava grávida de mim? Posso ter errado por não ter averiguado antes se Josh era meu, mas não posso ser condenado por tudo.

— É incrível, Luca! Mesmo sabendo que poderia ser seu filho, você preferiu entrar na bolha mágica Valentino e se esconder do que descobrir a verdade. Josh passou fome, frio e muitas vontades. Na minha vida eu não existo mais, apenas ele e é isso que nenhum de vocês entendeu até agora. Você nunca vai saber o quanto é desesperador não ter certeza se encontrará algum lugar seguro para dormir com um bebê.

— Não fala assim, você não sabe como agora a pouco fiquei aflito, quando a freira falou que estava com ele por aí, zanzando pela rua e que havia perdido a vaga no abrigo.

— Não preciso da sua comiseração.

— Não estou agindo por pena. Só estou pensando nele. — Ia dar um passo para trás quando Luca deslizou a mão pela cabeça de Josh, mas não consegui ao ver o seu olhar terno para o filho. — Não sabe como estou me sentindo um miserável.

— E eu não entendo como há pouco estava me atacando e agora está aqui, querendo ser o pai que não foi. Sua incoerência é impressionante.

— Está vendo como é difícil tentar ser alguém bom? Você me vê como o próprio demônio e agora não posso mais me arrepender de não ter feito papel de pai. Qual sua regra, Mellaine? Eu sou o diabo e falo com a santa? Os seus erros podem ter sido apagados, mas os meus, não?

— Você só pensa em você e até agora usou os meus erros para justificar os seus.

— Mellaine, não vim aqui para medir quem errou mais, vim porque não vou mais permitir que meu filho passe por qualquer necessidade, independente se você vai querer ou não.

— Seu filho? Admirável que em poucas horas você tomou posse dele assim, sendo que ignorou esse mesmo posto quando me viu ainda grávida.

— Por favor. Não quero mais discutir, olha como ele fica assustado.

— Luca tinha razão, não percebi o quanto Josh ficava quietinho olhando para nós dois, como se entendesse tudo. E isso não era bom para ele.

— O que quer, Luca? Fala logo porque preciso voltar para o abrigo.

— Optei por encurtar o assunto em vez de ficar debatendo.

— Quero ser pai o dele.

— Isso você já é.... ou ainda prefere testar o DNA de vocês?

— Não quero saber de exames. Eu assumi que ele é meu filho, não preciso de nenhuma prova.

— Como você é volúvel. Mas está bem, você é o pai dele. Pronto! Agora posso ir ou quer falar mais alguma coisa?

— Como vai ser?

— Não entendi. Como vai ser, o que?

— Como vamos ficar?

— Nós não vamos ficar, Luca. Josh vai ficar comigo. Você e sua família podem fazer o que quiserem, eu não vou me separar do meu filho, nunca.

— Mellaine, não dificulta as coisas.

— Não estou dificultando, as coisas vão melhorar e logo poderei sair do abrigo e ir para um quarto alugado, só preciso manter Josh na instituição para ir trabalhar.

— Josh não vai ficar na instituição, ele vai ficar comigo. — Comecei a rir, se não fosse por tudo que aconteceu, seria até engraçado ver Luca falando que passaria o dia inteiro com o menino para que eu trabalhasse de empregada. — Não sei por que você está rindo, estou falando sério, ou acha que vou deixar meu filho na instituição o dia todo?

— E o que tem demais? Ele está sendo bem cuidado, até melhor do que estava quando vivíamos da caridade dos outros.

— Ele é um Valentino e nunca mais vai passar por isso novamente.

— Quem disse que vou aceitar? E, Luca, por favor, nós estamos cansados. Vai para sua casa, dormir ou *foder* alguma vadia por aí. Hoje Josh já não vai poder tomar banho e ele precisa descansar. Está ficando tarde e eu dependo da Irmã para me deixar entrar escondida, isso se o Padre Hanson não estiver por lá, então preciso ir. Amanhã nós conversamos — disse sem paciência, desejando sair logo de perto dele e ficar sozinha para pensar.

— Tudo bem. Mas pelo menos deixa eu levar vocês dois até lá.

— Não.

— Por favor, Mellaine.

— Não, amanhã nos falamos.

— Juro que não vou exigir nada, mas me deixa levar vocês. — Não queria, pois se aceitasse seria como ceder um passo e eu precisava mostrar a ele que as coisas não funcionavam assim, no entanto, já estava muito cansada para andar por uns quarenta minutos e, Josh já não estava tão leve.

— Se entrarmos no seu carro não significa que vai estar tudo bem. Então, se quiser nos levar, esteja ciente de que as coisas não serão como você quer, caso contrário, esqueça. E se eu notar que está nos levando para outro lugar, eu vou embora. — Contemplar seu sorriso foi como ver uma criança ganhando um brinquedo.

O pior era a minha razão conflitando com o meu coração.

Sem falar mais nada o segui, atravessando a rua. Na minha frente, Luca abriu a porta do carro quando chegamos perto e como era um modelo esportivo, Josh teria que ir sentado em meu colo. Mas quando Luca entrou, o menino se jogou para ele, mais interessado em mexer. Não o segurei quando seu pai o puxou pelas axilas, retirando o menino de mim.

— O que foi, meninão? — Admirei Josh tentando ficar em pé e segurar no volante, achando tudo tão novo. — Quando tiver idade vou te dar um mais bonito do que esse. — Vendo-os juntos, até me esqueci que não era para ser belo e simples daquele jeito.

— Vem Josh. — Tirei o menino de Luca, deixando explícito o motivo de estarmos ali. — Podemos ir. — Acomodei Josh melhor em meu colo e preendi nós dois com o cinto de segurança. Calada e sem olhar para Luca, o evitei para que ele entendesse que não teria mais do que isso.

Sem contestar, Luca deu partida no *Mclaren* prata e saiu da vaga, ganhando as ruas.

Como combinado, dessa vez ele não quis fazer as coisas do seu jeito e nos levou para o abrigo. Não falamos durante o percurso, somente quando estacionava na frente do local, porém, Josh pegou no sono e acabou dormindo pendurado, desconfortavelmente em meus braços.

— Amanhã, que horas? — Luca perguntou, referindo-se a conversa junto com os outros Valentino.

— Eu dou um jeito de avisar.

— Posso te ajudar? — Entendi a pergunta e com cuidado dei Josh para ele segurar, além de pedir que ficasse no carro até eu chamar a Irmã e uma delas abrir a porta para mim.

Segura de que ao menos as coisas estavam melhores do que as minhas expectativas, bati na porta, já trancada, e quando ela foi aberta me deparei com Padre Hanson.

Era só o que faltava. Não conseguiria dormir no abrigo, pois mesmo com toda sua bondade era rigoroso quanto as regras, ainda mais agora que eu estava trabalhando e tinha algum recurso, caso não pudesse ficar ali.

— Mellaine, as irmãs me informaram que não estava aqui hoje no horário. Senti sua falta e perguntei de você. Regras são regras, não vai poder ficar aqui hoje.

— Mas, Padre Hanson...

— Minha filha, você sabe que passamos por cima do conselho, quando deixamos você ficar já que está trabalhando. E a única regra que era para ser obedecida você não obedeceu.

— Mas foi só hoje. — Tentei argumentar com o senhor baixo, de cabelos grisalhos e olhar bondoso, mas ainda assim foi em vão.

— Filha, o que está pedindo foge do julgo com os outros.

— Por que ela não pode ficar? — Quando dei por mim Luca estava atrás de mim, questionando Padre Hanson.

— E o senhor, quem é? — O clero olhou-me intrigado e desviou o olhar para Luca, com Josh nos braços, tentando entender.

— Ele é só um amigo que me deu uma carona, Padre — respondi desesperada, antes que o narcisista fizesse algo e complicasse mais a minha situação.

— O senhor vai deixar uma mãe com uma criança na rua? — Ele questionou, olhei para Luca por cima do ombro, irritada, pedindo que se calasse.

— Meu jovem, aqui temos uma regra e Mellaine sabia disso. — Notei que os ânimos entre os dois começavam a se elevar. — Hoje não há mais como abrir a exceção que temos dado a ela e a criança. E quem é o senhor, para nos questionar?

— Não sou ninguém, mas me chamo Luca Valentino. — Antes de fechar os olhos e respirar fundo, segurando-me para não avançar na cara de Luca, vi Padre Hanson empalidecer como se tivesse visto um fantasma. — Não tem problema. A senhorita Jackson não vai mais ficar aqui.

— Claro que vou. — Virei-me para trás na mesma hora.

— Calma, vamos ver o que podemos fazer, Mellaine.

— Não tem problema Padre, regras são regras, e Mellaine com a criança vão para minha casa.

— Não vamos não e me dá o Josh. — Tentei tirar o menino adormecido do colo de Luca, mas não consegui. O bastardo recuou se afastando de mim. — Luca, não complica as coisas, por favor.

— Não está vendo que o Padre disse que regras são regras e quando descobriu quem eu sou ficou branco como um papel, apesar de já ser bem pálido, mas bastou ouvir meu sobrenome que tudo mudou. Não vê que meu filho não vai mais precisar, Mellaine? — Se pudesse estapear a cara de Luca ali mesmo eu o faria.

Inacreditável como a sua volatilidade era inconstante.

— Luca Valentino é o pai de Josh, Mellaine? — Padre Hanson perguntou, me deixando sem saber o que responder. Pois, no momento em que eu dissesse a verdade, perderia qualquer exceção.

— Responde, Mell. — Luca exibiu seu sorriso vitorioso, deixando de ser o cara preocupado de minutos atrás e retornando ao narcisista exibicionista que sempre foi.

— Quer saber... Padre Hanson, amanhã vou chegar no horário de sempre. Luca, me dê Josh, que vou procurar qualquer lugar hoje. — Decidida, ignorei a pergunta, pois não afirmaria que Luca é o pai de Josh.

— Sim, Padre, Josh é meu filho. Fiquei sabendo hoje, portanto, eu sou o pai do menino.

— Desgraçado! — Sem acreditar no que estava acontecendo, quando dei por mim estava insultando Luca na frente do homem santo.

— Mellaine! — Ele me repreendeu exclamando meu nome.

— Desculpa, Padre. — Dando-lhe as costas, eu me aproximei de Luca e novamente tentei tirar Josh dos seus braços, mas estava irredutível e não soltou o menino. — Me dá ele!

— Não. Vou levar os dois daqui.

— Não vamos para sua casa!

— Mellaine, pode entrar. Eu vou ver o que posso fazer.

— Ela não vai ficar aqui, o senhor disse que não tinha como deixar, e que só amanhã os dois poderiam voltar. Agora nem o meu filho e nem a mãe dele vão entrar. Eles vão comigo.

— Já disse que não vou — falei mais alto e a discussão girou em torno disso.

— Vai sim, e se não quiser ir, fique aí sozinha, porque vou levar Josh comigo.

— Eu te odeio, Luca! Você *fodeu* com tudo. — Dando-me as costas, Luca se afastou com Josh, voltando na direção do seu carro.

— Se acalme, Mellaine. — Seguindo-me, o Padre chegou perto do automóvel.

— Você não tem o direito de fazer isso. — Não abaixei o tom de voz e continuei a argumentar.

— Não só tenho, como vou fazer. Ele te humilhou! Você está aí mendigando uma cama, mas foi só ouvir meu sobrenome que tudo mudou. — Luca disse, se impondo e entrou no carro. Foi quando percebi que havia perdido a batalha.

— Não é justo o que está acontecendo. — Rendida, comecei a chorar de raiva.

— Vá com ele filha, lhe dou minha palavra, que se quiser voltar amanhã estaremos aqui. Mas hoje é melhor você ir.

CAPÍTULO 30

Luca

Estava disposto a ir com calma e tentar resolver tudo na paz, mas vê-la se desesperar ao implorar ao Padre, que era o responsável pelo abrigo, foi o limite. Eu não permitiria que os humilhassem mais, mas pelo visto, Mellaine não acreditava em mim e diante da sua teimosia e do escárnio do clero não encontrei outra solução. Teria que intervir e foi o que fiz, mesmo que isso nos levasse de volta ao marco zero, mas nunca mais Josh ficaria sem um lugar seguro para dormir e pouco me importava se a sua mãe estava alterada e querendo me matar, quando entrou no carro.

A verdade, é que gostava muito daquilo. Estava sentindo algo bom e novo, nada comparado ao que sentia desde a noite em que mandei tirar Millaine da cobertura de Marco.

E até sabia para onde os levaria.

— Sem histeria — disse, irritando-a mais, assim que entrou no carro e fechou a porta com força, quase estourando-a. — Não precisa bater tão

forte, vai acordá-lo. — Encolhi Josh em meu colo, colocando a mão em seu ouvido para abafar o som.

— Você é um bastardo e agora quer bancar o pai zeloso. Hipócrita, cretino.

— Pode me xingar à vontade. Eu não me importo.

— Por que está fazendo isso?

— Porque o Padre disse que não abriria uma exceção. E para onde você iria com ele?

— Para qualquer lugar bem longe de você. E me dê meu filho. — Mellaine estava irritadíssima. Eu precisava pegar mais de leve.

Com cuidado para Josh não acordar eu o entreguei para ela.

— Não vou para sua casa, seu babaca egocêntrico.

— Vou levá-los para a cobertura do Marco.

— Também não vou para aquele covil de *putaria* do seu irmão.

— Está bem exigente.

— Vá se *foder*. Foi por causa de vocês que perdi minha vaga no abrigo essa noite, e agora tenho que aguentá-lo. Ainda por cima esqueci minha mochila com a única troca de roupa que Josh tem. — Mellaine falava e nem precisava me olhar para saber que estava furiosa. — Josh vai precisar de fralda. Essa deve estar encharcada.

— Isso é fácil de resolver, eu paro em qualquer farmácia e compro. O que mais ele precisa? — Ignorei suas caras e bocas de ódio e de cinismo.

— Do que uma criança precisa, Luca?

— Não sei, Mellaine.

— Ah, é mesmo? Você não sabe nem brincar de casinha e agora está achando que vai.

— Na boa, Mellaine, estou tentando, não tive culpa por você não poder ficar no abrigo. Eu só fiz o que deveria ter feito.

— Que lindo... agora é do tipo “antes tarde do que nunca”.

— Não, só não vou deixar vocês dois andando por aí a essa hora da noite procurando uma espelunca para dormir.

— Eu me esqueci que você é o *filho da mamãe* que sempre tem tudo. Sem hipocrisia.

— Querendo ou não, eu vou levá-los para um lugar onde ficaremos bem e poderemos dormir em paz.

— Sinto lhe informar, mas você não vai se juntar a nós. E eu vou sim para uma espelunca qualquer por aí, pois é o que posso pagar. Não quero nada de vocês.

— Não vou permitir e estou fazendo isso por Josh. — Respirei fundo, cansado dessa discussão. — Mellaine, vamos encerrar por hoje. Nós podemos ir para a cobertura, ao menos lá estará mais amparada.

Ela ficou quieta, me ignorando, enquanto parava à frente de uma farmácia e descia para comprar o que Josh precisaria.

Sem saber o que comprar, pedi a orientação de uma das atendentes.

— Além de fralda, o que mais uma criança de um ano precisa? — Eu só sabia das fraldas e no corredor de produtos infantis, quase me perdi com tanta coisa para meninos da idade de Josh. Não sabia o que comprar.

— Senhor, ele mama na mamadeira?

— Acho que sim. — Se Mellaine não estivesse querendo me matar nesse momento, ela poderia ter vindo comigo e escolhido o que quisesse. — Faz o seguinte, pegue tudo que um menino de um ano precisa, do melhor que tiver.

Enquanto a atendente se ocupava com as coisas que Josh precisava, fiquei olhando algumas prateleiras e conhecendo os produtos.

— Senhor, já peguei tudo. — Depois de um tempo, ouvi a voz da atendente e me deparei com a moça indicando o balcão do caixa, onde

estavam as duas sacolas grandes e cheias.

— Tem certeza de que tudo que ele precisa está aqui? — Apontei com o queixo para as sacolas.

— Sim.

— E quanto é? — perguntei, tirando a carteira do bolso de trás da calça, pegando o cartão.

— Tudo vai ficar em 330 dólares, senhor.

— Nossa! — Assustei-me com o valor. Sempre pensei que essas coisas de crianças fossem mais baratas.

— Pode ficar tranquilo que está levando tudo que uma criança precisa.

— Sem problemas. — Coloquei o cartão na máquina indicada e digitei a senha.

Quando cheguei no carro, tentei colocar as sacolas atrás do banco do motorista, no pequeno espaço que tinha e Mellaine me questionou:

— Para que tudo isso?

— Como você não me disse o que era para comprar, comprei tudo que achei necessário.

Depois de outro impasse, a convenci de levá-los para cobertura de Marco, mas antes liguei para o meu irmão a fim de confirmar se ele não estaria lá com alguém. O debochado começou a rir quando mencionei que estava levando Mellaine e Josh para lá.

Pelo visto, todos já estavam sabendo o que havia acontecido mais cedo, mas pouco me importei, pois, o mais importante era tê-los em segurança perto de mim. Sem contar que ter Mellaine ao meu lado, mesmo me odiando, era a melhor terapia que eu poderia querer.

Mellaine

Não me conformava por acabar na cobertura de Marco, o último lugar que queria estar, pois foi bem aqui que Luca me jogou para fora da sua vida como lixo e também o vi com a sua *Barbie*. Porém, estava muito exausta e cansada, sem contar que Josh já estava dormindo e eu precisava pensar nele antes de mais nada.

Assim que chegamos, Luca me levou a um dos quartos do segundo andar da cobertura duplex, onde deixei o menino acomodado na enorme cama depois de dar um banho e colocar uma fralda limpa, fazendo-o dormir de novo.

Fazia muito tempo que não deitava em um colchão tão gostoso como esse e acabei não resistindo me deitando ao lado de Josh. Estava quase dormindo quando Luca bateu na porta, avisando que entraria.

— O que você quer? — perguntei com rispidez, ainda com raiva dele.

— Vim trazer um pijama de Marco, pelo menos pode tomar um banho e dormir mais confortável. — Aproveitei que ele estava parado na porta e ainda não tinha avançado mais para dentro e fui ao seu encontro, pegando a troca de roupa em sua mão.

— Agora pode sair.

— Josh não mama na mamadeira? — perguntou e ficou esperando minha resposta.

— É claro que mama, mas só de manhã.

— Comprei leite e outras coisas além da fralda. Se puder descer depois para ver.

— Está bem. Vou tomar um banho antes. — Esperei que ele saísse e tranquei a porta com chave.

Seria muito bom tomar um banho e mesmo que meu orgulho exigisse para eu não usar nada que fosse deles, não resisti. Coloquei alguns travesseiros ao redor de Josh e fui para o banheiro. Antes de me despir, liguei as torneiras e enquanto tirava o uniforme observei como era enorme, todo em mármore branco com detalhes em dourado e uma enorme bancada de pia, totalmente fora da minha realidade.

Fui pegando os diversos produtos na mão, olhando um por um, e muitos eram femininos. Já que Luca tinha nos trazido até aqui eu aproveitaria e deixaria meu orgulho de lado, até porque, meu cabelo há muito tempo precisava de uma lavagem com um bom shampoo e condicionador. E mais que depressa desfiz o coque e deixei livre os fios, solto e sem corte.



Acho que nunca tomei um banho tão maravilhoso como o de hoje. Não reparei no quanto demorei sob a água morna e nem em quantas vezes passei o sabonete cremoso e líquido pelo corpo. No abrigo, o meu banho e de Josh durava cinco minutos e muitas vezes, só tinha sabonete para usar no meu cabelo. Não era à toa que estava todo ressecado, cheio de pontas duplas e precisando de um corte urgentemente. Contudo, tinha outras prioridades e ele sempre ficava para depois. Quando retornei do banheiro de

volta para o quarto fiquei em pé, na beirada da cama observando como Josh dormia tranquilamente.

Era tão destoante da nossa realidade, que não sabia ao certo o que fazer. Só que Luca assumiu a paternidade de Josh e com isso muita coisa mudaria. Mas será que tudo isso seria bom?

De banho tomado e com o pijama de Marco, todo largo em mim, desci para ver as coisas que Luca havia comprado, evitando pensar no amanhã.

Não conhecia muito do local. Das vezes que estive ali ficamos na sala e em um dos quartos, apenas uma vez na piscina. Nossas idas eram para *foder* e sempre tinha alguém para nos servir, por isso conhecia bem pouco do local, entretanto dessa vez o motivo da minha presença era completamente o oposto, não tendo cunho sexual algum. Estava para pernoitar, nada mais que isso, mas minha breve permanência não impedia que eu conhecesse mais do luxuoso duplex no *Uper East Side*.

Procurando-o pela sala não o encontrei. Mas o cheiro magnífico dizia onde estava e atraída pelo sentido olfativo fui para onde imaginei ser a cozinha. Quando cheguei na entrada o vi sem camisa, descontraído e deliciosamente tentador, com um pano branco pendurado sobre o ombro.

Tanto tempo sem vê-lo daquele jeito, acabei me esquecendo do quanto gostava do contorno que suas costas fazia e da proeminência das suas escápulas, deixando seus ombros mais largos que a parte de baixo do seu corpo.

Além de estar muito à vontade e descalço, ele fazia alguns sons com a boca.

Como ainda não havia me notado ali parada, fiquei observando e antes que me flagrasse fui em direção as sacolas e comecei a fazer barulho no plástico, de propósito, para que me notasse.

— Estava distraído e não percebi que estava aqui. — Ele disse ao olhar por cima do ombro na minha direção enquanto mexia em uma panela.

— Você é um completo idiota. Para que comprar uma caixa de primeiros socorros? — disse ainda irritada, querendo decepar a cabeça de Luca quando ele se virou e se aproximou.

— Se Josh cair ou algo do tipo.

— E para que expectorante alérgico? — A cada item absurdo que retirava da sacola, eu fazia questão de questioná-lo.

— Não sei, a médica aqui é você.

— Irônico... — Não mencionei que havia perdido minha profissão, ou nem me lembrava de ter dito. — Para que três latas de leite?

— Para ele poder mamar sempre que tiver vontade. Josh não tem que beber uma mamadeira por dia. — Revirei os olhos com tanta mediocridade.

— Mordedor, Luca? — abismada, mostrei e balancei o item bem na sua frente.

— Que *porra*, Mell! — Eu que deveria dizer, que porra! Era a segunda vez que me chamava pelo meu apelido e ele só o dizia quando se sentia relaxado e descontraído. — Eu não sabia o que comprar, foi a atendente que falou o que uma criança de um ano poderia precisar.

Guardei tudo dentro da sacola e deixei sobre a bancada apenas o que realmente Josh usaria, o que era bem mais do que precisava para essa noite, mas não teria problema, pois levaria tudo e deixaria no abrigo para alguém que estivesse precisando.

— Está com fome? — Estava saindo da cozinha quando me perguntou.

— Não.

— Fiz massa para você — disse, levantando a panela e mostrando para mim antes de colocar o macarrão em um dos pratos, ao lado do fogão.

— Quanta gentileza. — Tentei não ser sínica, mas Luca querer me agradar depois de ter me atacado tanto estava sendo demais para suportar. — Nos poupe desse seu teatro. Nunca foi gentil com ninguém. Está querendo o que, Valentino? Não se esqueça que eu te conheço muito bem.

— Mell...

— Não me chame mais de Mell.

— Você não é mais a mesma. Estou me esforçando, achei que poderia estar com fome, mas acho que fiz mal de querer agradá-la.

— Não quero nada de você. Um gasto desnecessário na farmácia não vai aliviar sua ausência. E Luca, vou dormir, amanhã preciso ir trabalhar bem cedo. — Não comi e lhe dei as costas, deixando-o na cozinha. Quis matar meu estômago traidor, que se mostrou motivado ao roncar, louco para provar aquele macarrão com queijo cheiroso, mas não daria o braço a torcer.

Já havia me sucumbido ao banho com aquele shampoo maravilhoso e deixar Luca cozinhar para mim seria assumir que estava concordando com tudo que ele quisesse, mas não seria tão fácil assim.

Ainda arrependida por não ter comido a massa, deitei me aninhando próximo a Josh. Exausta, fiquei olhando para ele e pedindo a Deus que as coisas melhorassem. Independente de tudo que havia acontecido voltaríamos para o abrigo e não deixaria Luca manipular nossas vidas.

CAPÍTULO 31

Luca

Irritado e frustrado, acabei jogando o macarrão que fiz para Mellaine no lixo, assim que me deixou sozinho na cozinha. As coisas podem não ter sido fáceis para ela, mas me recusava a carregar para sempre essa culpa. Ela também teve sua participação em toda essa *merda*.

Até pensei em ir atrás e falar mais uma vez tudo que pensava, no entanto, pelo menos essa noite a deixaria para lá e também não ficaria implorando nada. O que mais me importava nesse momento era o menino e assim que voltei para a sala dei de cara com Marco, saindo do elevador.

— O que faz aqui? — perguntei.

— Vim ver se estão precisando de algo.

— Não, a mulher-maravilha lá em cima não precisa de ninguém.

— Estou vendo que as coisas não estão saindo muito bem.

— Claro que não. Para ela, toda a culpa pelo moleque ter passado necessidade foi só minha.

— Concordo. — Marco estava tranquilo, se servindo de *Bourbon* antes de sentar no sofá, relaxadamente.

— Vá se *ferrar*. Você é meu irmão! — Sentei na outra ponta, ficando de frente para ele.

— Mas nem por isso tenho que concordar, Luca. Você foi ao hospital quando ele nasceu, porque no fundo sempre soube que era seu pai.

— Engano seu. Fui no hospital porque queria que fosse meu. *Porra*, a Mellaine me traiu, jogou, mentiu e brincou comigo. Como acreditar nela?

— E você é um santo?

— Não, mas a pedi em casamento porque queria tudo com ela, inclusive essa criança.

— E agora tem. Ele é seu filho, o que mais você quer? — A pergunta de Marco me fez refletir algo que não sabia ao certo. O menino era meu filho. E Mellaine?

— Não sei. Ela não quer nada, além de voltar para o abrigo com Josh e continuar trabalhando de empregada.

— Nossa, que loucura isso. Bella e Giovani estão preocupados e me ligaram para saber o âmbito legal da coisa.

— Como assim?

— Querem saber se Mellaine negar a entrar em um acordo, quais seriam os seus direitos.

— Eu não vou permitir que ela negue. Faço da vida dela um inferno, mas meu filho não volta mais para o abrigo.

— Olha Luca, as coisas não são assim. Você negligenciou o menino por um ano e por outro lado, Mellaine não reivindicou judicialmente os direitos dele. Então, perante a Lei, o filho é só dela. Você vai ter que entrar com um pedido requerendo a paternidade de Josh. Mas até lá, quem manda é a mãe. E se ela quiser levar o menino embora, você não poderá falar nada.

— Está variando? Claro que ela não vai levar o menino para lugar nenhum.

— Eu também acho que não, até porque ela está numa situação bem ruim e mora em um abrigo. Nós podemos pedir a tutela provisória de Josh, alegando que ele está em situação de risco, além de salientarmos que um abrigo em caráter de albergue não é um local apropriado para proporcionar segurança a uma criança de um ano.

Marco era cem por cento racional sem uma veia emotiva, características de um excelente advogado e por isso conseguia enxergar os dois lados da esfera do problema.

— Mas teremos um grande problema. Mellaine vai querer te matar se fizer algo que tire a criança dela, o que não acho justo. Foi ela que cuidou do menino e abriu mão de muita coisa pelo filho. Sem contar que quando confirmar a sua paternidade, o Juiz vai estipular uma indenização para ela e isso lhe dará condições de criar Josh. Claro que isso se Mellaine tiver um bom advogado. E diante da sua situação financeira, nós sabemos que ela não tem. Então para ser justo, se chegar a esse nível vou representá-la e Eleonora representará você.

Que loucura Marco estava falando? Primeiro me deu o passo-a-passo, e agora dizia que ficaria contra mim.

— O que está dizendo? Que vai ficar do lado da Mellaine?

— Não, foi sugestão da Bella. Ela acredita que se tiver alguém da família ao lado da Mellaine vai facilitar as coisas e vamos resolver tudo sem escândalos. Talvez Mellaine aceite um acordo. Bella e Giovani só querem evitar que a mídia se aproveite dessa situação para atacar a família e acham que você deve fazer o que Mellaine decidir.

— Claro que não. Não vou permitir que ela volte para o abrigo e quero que a imagem da família se exploda. Mellaine não pode fazer o que

bem entende com o moleque. — Nervoso, falei um pouco mais alto. — Giovani me garantiu que não vai interferir.

— Ele só vai se você fizer alguma *merda* que prejudique todos nós. Luca, pelo menos dessa vez, tente se conter.

— A *porra* que vou me conter. Hoje, aquele Padre simplesmente não os deixou entrar e quando ouviu meu nome se borrou inteiro, mas não permiti que ficassem naquele lugar e trouxe os dois para cá.

— Luca, vamos ser realistas. Até algumas horas atrás você não sabia que era o pai do Josh e nunca teve interesse em saber. Meu conselho como seu irmão e advogado é que mantenha a calma e não seja contraditório. Você não procurou Mellaine desde que o menino nasceu, então não queira agora bancar o papel de pai protetor e faça as coisas como devem ser feitas. Amanhã de manhã, nós estaremos aqui e vamos conversar, Eleonora também vem para explicar tudo com calma e depois mostrar o que pode acontecer se vocês não chegarem a um acordo.

Respirei fundo e mesmo contra a minha vontade, precisava ir com calma.

Sei que fui fraco por não ter averiguado se Mellaine estava mentindo, mas tudo na época ainda me causava muita dor e me levava a crer que poderia ser mais uma de suas armações. A forma como agiu foi exatamente como a de meu pai, quando ele me trocou por outro filho e ainda me culpou por eu não ser a menina que tanto queria. E não sei qual seria minha reação em saber que o filho não era meu. Eram muitos motivos e mesmo que nenhum deles justificasse, ainda assim, me estraçalharia saber que fui enganado mais uma vez.

E para Mellaine, eu não era tão importante quanto Giovani, pois não tinha o mesmo poder que ele em nossa família. Talvez eu nunca merecesse algo bom nessa vida, sempre teria que me contentar com os restos de

alguém. Mas agora, com a certeza de que Josh era meu filho, jamais seria tratado como segunda opção na vida dele.

Eu precisava daquele menino como sabia que ele também precisava de mim.

— Mellaine está com muita raiva.

— Justificável.

— Mas ela não é nenhuma santa.

— Nem você. Os dois são errados nessa história, mas o menino não tem culpa e está pagando pelos erros de vocês.

Conversei com Marco por mais uma hora e combinamos de que na manhã seguinte bem cedo, todos nós nos reuniríamos antes que Mellaine pudesse sair, e quem sabe sumir.

A única coisa que não mudou, foi a minha confiança nela. Inclusive, antes de tomar um banho para dormir, fui até o quarto deles, mas a porta estava trancada, o que me deixou com mais raiva. Queria ao menos ver o menino e saber se estava tudo bem.

Desde o dia que o vi pela primeira vez, quis pegá-lo no colo e mesmo com raiva da sua mãe eu o desejei para mim.

Agora ele era meu.

Ainda não conseguia explicar o que senti ao abraçá-lo pela primeira vez. Já havia gostado dele, embora nada se comparasse ao momento em que o tirei dos braços dela com a certeza de que eu era seu pai.

Eu tinha dado ao mundo uma parte de mim, a minha metade.

Em silêncio, embaixo do chuveiro e com a água quente escorrendo pelo meu corpo me culpei por ter deixado meu filho no hospital, no dia que o vi pela primeira vez. Jamais imaginei que Mellaine passaria por dificuldades, mas jurei que iria recompensá-lo e lhe daria o mundo se fosse necessário. Josh nunca mais passaria vontade ou qualquer necessidade. Meu

único problema agora era sua mãe. Nunca a vi agindo dessa forma, como uma leoa feroz.

Mellaine sempre cedia e não era tão orgulhosa.

E mesmo malcuidada dentro daquele uniforme azul horroroso, ainda era a minha médica que estava ali, com seus lindos olhos castanhos amadeirados. Simples e audaciosa. A mulher que me *ferrou* para amar qualquer outra.

Pensando em Mellaine e com saudade de sermos apenas nós dois terminei o banho, vesti uma calça de moletom cinza de Marco e me deitei na enorme cama a desejando loucamente. Mesmo depois de tudo que ela me fez, eu era um sádico e a queria de volta.



Já eram cinco horas, quando acordei pela sexta vez.

Remexi-me na cama a noite toda, inquieto e ansioso, revivendo os acontecimentos do dia anterior. Especialmente os que passei com Josh, na forma como brincamos minutos antes de saber que era seu pai e depois na lanchonete, quando nos reencontramos pelo vidro. O jeito que balbuciava sons e se jogava, mostrando quando queria algo era encantador.

Sua roupa curta e gasta me fez lembrar que ele precisava de coisas novas, não apenas de fraldas. E assim que tivéssemos aquela conversa compraria tudo que estava fazendo falta para o meu filho. Passaria o dia com ele, independente da opinião de Mellaine. Era tudo que eu precisava hoje. E, ansioso, deixei a cama aconchegante para nadar um pouco, matar o tempo até a hora da bendita reunião.

O apartamento estava completamente em silêncio e ao passar pela porta do quarto onde dormiam, parei e girei a maçaneta com cuidado,

verificando se estava trancada. Fiquei aliviado ao ver que sim, e desci confiante indo direto para a área externa. Tirei a calça e fiquei nu antes de entrar na piscina aquecida. Depois de um bom tempo atravessando de um lado para o outro com braçadas firmes, e gastando a adrenalina que me deixava agitado, levantei a cabeça e os vi parados na porta me olhando.

Mellaine estava trocada e Josh vestia a mesma roupa do dia anterior. Seus cabelos molhados e penteados para trás.

— Bom dia Mellaine — saudei animoso.

— Bom dia. Vou fazer uma mamadeira para ele antes de ir embora.

— Em contrapartida, fria e distante ela disse o que faria.

Nadei apressadamente até a borda da piscina e saí afoito indo em sua direção, esquecendo que estava pelado. Ao me ver sem roupa, ela começou a recuar, voltando para dentro do apartamento e agi mais rápido, impedindo que fosse para longe de mim.

— Aonde vai? — perguntei, olhando em seus olhos.

— Já lhe disse. Sai da minha frente, Luca!

— Por que, está com medo? Eu não mordo.

— Vá se vestir, por favor.

— Ah... está com vergonha, mas doutora, aqui não tem nada que você não conheça.

— Vá se *ferrar*. Não temos mais nada, então use o bom senso e não seja ridículo.

— Para de falar assim na frente dele. — Encurvei, ignorando-a e beijei o topo da cabeça de Josh. — Bom dia campeão. Hoje vai ser um grande dia.

— Não sei por que e, em primeiro lugar, você não manda em mim. Eu falo da maneira como achar melhor. Agora, preciso fazer o leite dele, sai

da minha frente. — Mellaine me empurrou, espalmando a mão em meu tórax molhado.

A deixei passar, já que sabia que ainda estava aqui e antes da sua teimosia agir me sequei, colocando de novo só a calça de moletom e fui para a cozinha. Lá encontrei Mellaine sentada com Josh um pouco reclinado em seus braços, segurando uma das mamadeiras que comprei ontem. Ao me ver, o menino se remexeu querendo ficar sentado e sorriu sem tirar a mamadeira da boca cheia de leite escorrendo pelos cantos.

— Bella e Giovani estarão daqui a pouco aqui, preciso que os espere — disse sem deixar de sorrir e olhar para Josh.

— Não posso me atrasar para o serviço. Não sei se vou esperar.

— Mell... por favor. Não vai precisar mais trabalhar. Será que não entende isso?

— Não? Como meu filho vai sobreviver? De migalhas, como um passarinho?

— Não seja ridícula. Não vou deixar que falte mais nada pra ele, nem pra você.

— Já disse que não preciso da sua caridade. E pare de me chamar de Mell. Não temos mais nada.

— Não estou fazendo isso por caridade, o moleque é meu também. Querendo ou não, um ano depois, Josh é meu filho. Eu sou o dono do espermatozoide que o fez, não se esqueça disso, e vou te chamar de Mell quando quiser. E se você me chamar de bad boy, não vou reclamar, porque quando me chama assim sempre me deixa com um tesão dos infernos.

— Idiota! Será que consegue ser só um pouquinho adulto. — Mellaine gesticulou e Josh tirou a mamadeira da boca vazia, arrotando e me fazendo rir.

— Deixa eu ficar um pouco com ele. — Ela ficou indecisa, mas sem contestar acabou vindo para mais perto e me entregando o menino. Minha primeira reação foi sentir seu cheiro, para que ficasse gravado em mim, reconhecendo que era minha prole.

— Eu não posso ficar, Luca. Espero que entenda que preciso trabalhar, não faz ideia o quanto foi difícil arrumar um emprego.

— Fica aqui, liga e fala que está doente ou qualquer coisa, mas vamos conversar. Hoje eu também quero sair com você para comprar algumas roupas para ele.

— Pode ser tudo muito fácil para você, mas para mim não é. Então não posso. — Estava irredutível e acabamos discutindo por mais alguns minutos até escutarmos vozes vindas da sala.

Bella, Giovanni e Raf estavam ali, e logo Marco chegou com Eleonora, a advogada que trabalha diretamente com Marco em todos os assuntos jurídicos que se referiam aos Valentino.

— Oh família que dá trabalho. — Eleonora disse, colocando sua pasta sobre a mesa, enquanto os demais se acomodavam. Giovanni sentou em uma poltrona com a esposa ao seu lado, no braço do móvel.

— Bom dia, Mellaine! — Bella a cumprimentou educadamente, de longe.

Giovanni só disse bom dia secamente. Marco e Raf a cumprimentaram de maneira cordial e a única ao se aproximar e cumprimentar Mellaine com um beijo no rosto foi Eleonora.

— Mellaine, espero que hoje possamos estar mais calmos para conversar civilizadamente. Deixo claro que o nosso intento é resolver a situação da melhor forma possível. — Giovanni começou a falar depois que estávamos sentados. Mellaine ficou bem longe de mim, se isolando em um canto.

— Giovani, o que vocês estão fazendo? Eu não estou entendendo por que a cúpula da sua casa está aqui para tomar uma decisão.

— Não, Mellaine, estamos aqui como a família de Josh, você querendo ou não. — O jeito que falava era explícito que Giovani ainda se ressentia com ela.

— Primeiro, vamos manter a calma. — Bella se intrometeu, tentando apaziguar. — Mellaine, nós nos achamos no direito de fazer essa reunião, afinal, você pertence ao clã Valentino e somos uma família... — Mellaine ameaçou falar, mas minha cunhada não permitiu. — Deixe-me terminar, por favor. Aqui, não teremos nenhum julgador, Giovani chegou ao consenso de que você e Luca devem decidir e só iremos interferir se por acaso a decisão de vocês não for boa para Josh. Então, pensem bem em como vão resolver essa situação.

— Está me ameaçando Bella?

— Não. Longe disso, só queremos o melhor para o menino.

— Agora? — Mellaine respondeu com a mesma rispidez do dia anterior.

— Sim, eu só tive conhecimento que Josh era uma Valentino agora, mas se tivesse tido antes estaria agindo da mesma maneira. — A resposta de Bella fez com que Mellaine não retrucasse.

— Luca e Mellaine, como vão se resolver em relação a Josh? — Giovani perguntou.

— Vou fazer tudo que puder por ele, quero que fique comigo em tempo integral — disse, certo de que Mellaine discordaria. — E ele não vai mais voltar para o abrigo

— Não quero nada de vocês.

— *Porra*, Mellaine! — Me levantei irritado com a sua negativa.

— Os dois, por favor. — Marco levantou ficando onde todos poderiam olhar para ele. — Mellaine, vou posicionar juridicamente e estou me colocando a sua disposição e Eleonora estará representando Luca. Preciso da sua atenção e não fale nada antes de me ouvir.

Mellaine concordou.

— Caso fiquem nesse impasse, Luca vai entrar com o pedido para reconhecimento de paternidade. Você precisa entender que na sua atual posição o juiz não vai negar, além disso ele vai entrar com um pedido de tutela provisória, alegando que o menino está morando em um abrigo para moradores de rua. Nenhum Juiz na face da terra negará o pedido dele, porém, eu entrarei alegando abandono de menor e brigaremos por meses, o que poderia levar o juiz a conceder a tutela ao Luca até sua decisão final. E mesmo que pedisse uma indenização a Luca, ainda assim ficaríamos atrelados judicialmente até o magistrado dar o parecer dele. Uma briga desnecessária, mas se ainda assim quiser levar para o jurídico estarei aqui a sua disposição.

— O que não entendem, é que nada do que fizerem vai apagar esse um ano das nossas vidas.

— E ainda vai deixar Josh passando por isso? — perguntei.

— Posso me virar como sempre me virei, Luca.

— Mellaine, pense nele e esqueça as nossas diferenças. Josh precisa e tem direito, nós temos como cuidar dele. — Bella interferiu novamente.

— Não vou deixar meu filho e vocês não vão me separar dele. — Percebi algo que não tinha notado. Será que Mellaine estava pensando que tiraríamos Josh dela?

— Não vou tirar ele de você, Mell.

— Mas não quero estar perto de você — ela falou com a voz embargada.

— Não comecem com a disputa de egos, por favor. — Eleonora se posicionou.

— Mellaine, volto a reiterar, estarei aqui para o que quiser fazer, mas pense no desgaste e na incerteza com que a justiça conduzirá este caso. — Marco se sentou ao lado de Mellaine e disse baixo ao segurar sua mão. Por mais que fosse meu irmão senti raiva da maneira com que a acariciava.

— Vai ter que me aturar, porque vou ficar no seu pé para ter meu filho por perto — disse e quando Marco olhou para mim, implorando por paciência, neguei com a cabeça.

— Luca — Giovani chamou minha atenção. — Vamos resolver o que for melhor para Josh, não se esqueçam.

— Posso falar com Mellaine e Luca, a sós? — Bella pediu.

E assim que todos nos deixaram na sala, Bella aproximou-se de Mellaine, sentando-se ao seu lado.

— Estou falando como mãe e preciso que me escute. Você acha mesmo que vai conseguir alugar um quarto e ainda suprir as necessidades de Josh? Pense em tudo que pode ter. Pense nele. Se quiser mandar Luca para os quintos dos infernos todos os dias, mande, mas nunca se esqueça que Josh precisa de muito mais do que uma boa alimentação. Ele é um Valentino e terá de tudo se você permitir. Olha como a roupa dele está. Luca é o pai e tem condições de dar uma vida boa não só para o seu filho, mas para você também. E depois desse ano difícil, você não acha que merece um descanso para cuidar e vê-lo crescer feliz? Não o deixe sem o pai. Apenas pense e coloque seu filho acima da raiva que sente por nós.

— Posso pensar? — Minha ira aumentou quando respondeu perguntando, ainda mais depois de tudo que Bella lhe disse.

CAPÍTULO 32

Mellaine

Depois de muita discussão e de me sentir ameaçada não deixei me coagirem e pedi para pensar.

— Sim, mas vai ficar aqui com Josh. — Luca andava de um lado para o outro enquanto Bella tentava me convencer de que deveria aceitar a ajuda deles, mas não entendiam que estavam me humilhando, achando que podiam mandar na minha vida como bem entendessem, sem contar que nunca fizeram nada por nós e do dia para noite queriam ser os salvadores do mundo.

As coisas não funcionavam assim, contudo, tinha Josh e depois dessa noite, vendo-o dormir tranquilamente na enorme cama, estava mais difícil de me decidir. E sabia muito bem que ele tinha direito e eu não poderia privá-lo do que poderia ter acesso.

O problema era que nessa história eu acabaria sendo chutada de novo como um cachorro.

— Bella, não vou ficar sem meu filho, e onde eu for ele sempre estará comigo. Não é justo quererem tirá-lo de mim.

— Ninguém vai tirar Josh de você, eu garanto e dou a minha palavra. — O que estavam fazendo? Me manipulando e eu caindo como uma tonta?

— Só pense nele. Esqueça Luca ou qualquer um de nós, apenas em Josh. — Sim, era nele que estava pensando e sentia-me crucificada.

— Eu quero meu filho perto de mim. — Quando Luca falava me irritava completamente e me deixava cega de raiva com sua arrogância e pretensão.

— Você não quer nada e não tem o direito de exigir nada, seu arrogante de *merda*.

— Mellaine, você já está passando do limite e para de ficar aí fazendo tipinho. Já está decidido que Josh vai ficar e se você quiser pode ficar também.

— Luca! — Bella chamou por seu nome com a voz firme.

— Sim, Bella, ele é meu filho e ela é... — Luca parou e não terminou a frase.

O que seria dele?

— O que sou, Luca? A vadia, a vagabunda mentirosa que te traiu? — Nossos olhares se cruzaram e a forma como busquei por respostas me assustou mais do que imaginava, pois no fundo queria que ele dissesse o contrário de tudo.

Ilusão ou não, ainda acreditava que Luca poderia não ser o vilão da própria história e sim o príncipe encantado, montado em seu alazão branco vindo socorrer a princesa no topo da torre. Mas seria como arrancar água de uma pedra. O bad boy estava mais para o canalha cafajeste que tanto me

excitava e fiquei atordoada ao pensar sexualmente em Luca, enquanto queria esmurrá-lo e fazê-lo confessar que se arrependia tanto quanto eu.

— A mãe de Josh. O que mais você seria?

— Te fiz exatamente essa pergunta.

— Poderíamos parar com essa guerra de sexos e resolver? Se Mellaine quer um tempo, deixe que tenha, para pensar bem. E você Luca, por favor, sossega e dê o tempo a ela. — Bella concluiu e concordamos, porém, quando tudo estava entrando nos eixos, Giovani retornou à sala com cara de poucos amigos junto dos outros dois irmãos e da advogada.

— Temos um problema. O que vocês aprontaram ontem na porta do abrigo? — Don Valentino questionou?

— Nada, o Padre não deixou Mellaine passar a noite e eu disse que ele não a humilharia mais. Depois que ouviu meu nome o velho ficou se borrando e não deixei que eles entrassem. Nada de mais. — Luca não esperou que eu respondesse, falando primeiro.

— Pois é, agora ele está me questionando. Que *porra*, vocês dois! O velho ligou para questionar quem éramos, se seríamos mesmo os protetores das famílias do nosso clã. Porque você, Luca, bateu no peito e gritou que Josh era seu filho, agora a paróquia inteira está sabendo que o filho de um dos Valentino estava na rua e morava lá. — Giovani estava nervoso, falando alto e Bella ficou quieta, sem o acalmar como fazia, simplesmente manteve-se sentada ao meu lado. — Os dois vão consertar essa merda e se entender. Luca, você vai assumir o moleque ainda hoje, e Mellaine vai aceitar sim, que ajudemos você e o menino. Já deu essa disputa de egos. Marco, eles ficarão aqui até decidirem o que vão fazer e outra coisa, Léo, por favor, entre com o pedido de paternidade.

Levantei para contestar, mas Marco vendo a situação como estava, balançou a cabeça negando, como se me pedisse para não fazer nada

naquele momento.

— Estão escutando? Cada um tem sua parcela de culpa, inclusive eu, se jogou isso na minha cara, Mellaine, agora vou fazer o que teria feito se não estivesse com vontade de matá-la naquele dia.

Depois que Giovani esbravejou e deu suas ordens, não tive como falar mais nada e recusar o que estava impondo, mas em breve eu daria um jeito de não me manipularem.

Todos saíram, ficando apenas Luca e eu.

— Deve estar feliz, seu babaca arrogante — disse enquanto colocava Josh no chão com alguns enfeites da mesa.

— Muito. Giovani, no fim deu sua ordem e mostrou que o pau dele é maior. — Pelo visto, estava errada ao ver a cara de poucos amigos que Luca fez ao se referir a decisão do irmão mais velho.

— Lá vem você com seu complexo de inferioridade. — O ataquei sabendo da dificuldade que ele tinha de aceitar os traumas da sua infância.

— Vá se *ferrar*. Quem é você para ficar falando de mim?

— A vadia, mãe do seu filho. — Sabia que estava sendo uma vaca, mas estava com tanta raiva dele que não conseguia me controlar e novamente começamos a discutir, mas logo paramos, assustados, ao ouvir o choro fino de Josh nos encarando, e percebi o quão mal estava fazendo para ele.

— Está vendo o que fez? Assustou ele. — Na mesma hora em que eu peguei Josh no colo, Luca também veio para acudi-lo. — Deixa ele vir um pouco comigo.

— Não, ele precisa da mãe agora. — Estava sendo infantil, mas não daria o braço a torcer de que o melhor para Josh seria ter uma ótima relação com Luca e deixar que os Valentino dessem esse suporte.

— Para que isso? Está fazendo por maldade. — Admitindo que Luca estava certo, após acalmar Josh entreguei-lhe e foi prazeroso assistir o cuidado que ele tinha ao segurar o filho como se fosse algo raro e muito precioso, e de fato nosso menino era a pessoa mais valiosa do mundo.

— Preciso ligar no meu serviço e dizer que não vou poder ir hoje.

— Você nunca mais vai trabalhar, se não quiser que eu banque suas despesas, então pagarei para que fique 24 horas ao nosso... quer dizer ao dispor dele. — Luca mudou até o tom de voz ao me propor dinheiro, entretanto, me senti usada e frustrada com sua pretensão.

— Não vou deixar de trabalhar e Josh vai ficar na instituição enquanto trabalho.

— O que vão dizer sobre a empregada que mora no *Uper East Side* e trabalha em casas do Brooklyn?

— Não me importo com o que vão falar.

— Se liga, Mellaine. Você não vai mais trabalhar.

— Ah... e agora virou meu dono? Daqui a pouco vai querer que eu abra as pernas para me *foder*.

— Olha que isso não seria uma má ideia. Sempre gostei da sua *boceta*. — Filho da puta, mil vezes. Ao mesmo tempo que estimulava minha ira, falando assim, me deixava louca de tesão.

— Vá se *foder*. Não é porque vou ter que ficar aqui com você que vou pagar de sua mulher.

— Vai implorar. Ainda mais que fui o último a estar em você, sei que deve estar subindo pelas paredes.

— Não tem o que fazer não? — Tentei mudar a conversa.

— Tenho, hoje vou ficar em casa e passar o dia com a minha família. Quero comprar as coisas para meu garotão. — Luca jogou Josh para o alto, que se divertia, me deixando em pânico.

— Você vai derrubá-lo.

— Vou nada. — Luca também se divertia ao ver meu desespero quando fingia que não conseguiria segurar o menino.

Sem ter o que fazer, aceitei e liguei para meu serviço pedindo alguns dias para resolver problemas pessoais e quando disse que precisava passar no abrigo para buscar minhas coisas, Luca não deixou, alegando que só voltaria lá se estivesse morto.

Eu me senti envergonhada quando troquei o uniforme por um vestido de flores todo velho, ainda mais quando encontrei Luca me esperando na sala, com Josh no colo.

Depois de uma nova discussão, acabei cedendo e fui com ele comprar as coisas para Josh. Não deixava de aparentar a plebeia acompanhando o milionário piedoso, me deixando com mais raiva dele. Quando entramos na primeira loja e me mediram dos pés à cabeça, tentei não ficar pensando e fazia questão de me lembrar o porquê estava ali, era pelo meu filho e, aos poucos, começava a não me sentir péssima com a discrepância entre as nossas classes sociais.

Luca me tratava com educação, mostrando aquele seu lado de bom moço que poucas vezes vi. O bad boy não poupou o cartão de crédito e fazia questão de me deixar escolher as coisas, sem me isolar, e mesmo que parecesse que eu era a babá do seu filho, Luca me tratava com importância.

A não ser quando entramos em uma loja, depois de ele ter gastado horrores com Josh e cochichou em meu ouvido:

— Agora a borralheira vai virar cinderela.

— Se preferir posso usar um uniforme de babá, escrito mãe do Josh. Já disse que não quero nada.

— Para de frescura, sabe que vou adorar te ver bem cuidada. — Luca disse rindo e para contrariá-lo o deixei sozinho na frente da atendente

e voltei para o carro.

Mais cedo, uma das minhas desculpas foi sair com Josh em seu carro, já que era impróprio para andar com uma criança. Para provar seu poder, Luca chamou um dos SUV's dos Valentino, e era na direção dele que eu estava indo com Josh, que ficou lá dentro mexendo em tudo quanto é botão por aproximadamente uma hora.

Foi quando Luca voltou e sentou do meu lado sem falar nada, me ignorando.

E assim permanecemos o dia inteiro, mas pouco me preocupei e me ocupei abrindo as diversas sacolas com roupas e brinquedos para Josh, feliz por saber que meu filho não passaria mais nenhuma dificuldade, mas ainda assim precisava voltar ao abrigo e agradecer por tudo que fizeram por mim.

Estava pensando em tudo que passei quando comecei a abrir o restante das sacolas e vi que eram coisas para mim e não para Josh. Foi por isso que o narcisista demorou, ele estava escolhendo minhas roupas. Ao mesmo tempo que ficava feliz, meu orgulho dizia para não me contentar tanto assim, pois com certeza se eu usasse qualquer uma das peças daria a vitória para Luca e sabia muito bem que isso encheria mais ainda seu ego.



Já era quase de noite, e nos momentos que precisei ir à cozinha por causa de Josh não o vi, mas precisava procurar algo de comer para dar ao menino e acabei o encontrando, entrando no apartamento junto com Marco.

— Boa noite, Mellaine.

— Boa noite, Marco.

— Oi Mell. — Luca sorriu malicioso, fingindo que estava tudo às mil maravilhas, mas eu já conhecia esse seu jogo e alguma coisa ele iria

aprontar.

— Preciso saber se tem algo para preparar uma sopa, quero dar algo para Josh comer.

— Mellaine, pedi que Ambrósia deixasse a dispensa cheia, não sei se a viu hoje. Ela é minha governanta e cuida de tudo por aqui. — Marco me informou e deveria ter adivinhado que o sedutor dos Valentino teria alguém que mantinha a luxuosa cobertura impecável.

— Não a vi, mas obrigada por nos deixar ficar aqui. Em breve espero desocupar o seu...

— Covil. — Ele sorriu e piscou.

Marco era lindo, um sedutor nato e muito diferente de Luca, que era mais moreno e não tinha os olhos verdes, mas ainda assim, o meu Valentino preferido era ele, com seu jeito de cafajeste e abusado.

— Você e Josh podem ficar o quanto quiser. Aqui será a casa de vocês.

— Obrigada.

— E falar no garotão, cadê ele?

— Dormindo, mas já deve estar acordando.

— Você o deixou sozinho? — Luca perguntou.

— Sim, ele não vai sair correndo... nem aprendeu a andar ainda. Só tem duas semanas que fez um ano, caso não saiba — retruquei, me irritando com seu questionamento.

— Os dois, não vão começar agora? Vim aqui porque preciso falar com você, Mellaine. — Marco entrou no meio para apaziguar.

— E eu vou lá ver meu filho, vai que ele sai correndo por aí.

— Idiota — disse quando Luca já estava subindo as escadas de dois em dois degraus.

E sozinha com Marco o questionei:

— O que precisa falar comigo?

— Vamos até a cozinha. — Assenti e o acompanhei.

Marco pediu para que eu me sentasse em um dos bancos e se sentou próximo a mim. Acomodado, sem falar nada ele me entregou um envelope e ao pegar notei que estava um pouco pesado. Com cuidado o virei sobre o balcão de mármore preto, deixando cair um celular novo e um cartão.

— O que é isso?

— É um celular para você e o cartão da sua conta conjunta com Luca.

— Marco não quero nenhuma conta com seu irmão.

— É para as despesas de Josh. Luca me disse que você não gostou de ir com ele hoje e preferiu te dar livre acesso para que faça isso quando sentir vontade. É para o seu uso pessoal também. Raf é responsável por toda movimentação financeira da família, se precisar de algo é só ligar para ele. Mas creio que não será necessário. Basta usar o cartão, a senha está em um papel.

— Por que Luca não me deu?

— Porque ele achou que você fosse recusar.

— Não quero nada dele e nem serei sua mulher.

— Aí é com vocês, só fiz o que me pediu e quero salientar que estarei aqui para defender seus interesses.

Por mais que Marco ficasse do meu lado não era a mesma coisa, pois Luca sempre seria seu irmão, mas resolvi aceitar, até porque não poderia ser iludida em achar que de agora em diante a vida de Josh continuaria a mesma.

— Trarei os papéis da paternidade de Luca para você assinar e se concordar, a formalização será mais rápida.

— Sim. Não posso mais voltar atrás.

— Não! — Rimos e depois de me explicar mais algumas coisas ele foi embora e acabei achando algumas coisas prontas na geladeira, aproveitei que estava sozinha e comi à vontade.

Não faria as honras de pagar de casal e família feliz jantando à mesa com Luca. Após comer, amassei toda a comida em uma tigela pequena e subi para ver o que ele estava fazendo. Minha sorte foi que não ouvi nenhum choro, embora meu coração quase tenha saído pela boca quando comecei a procurar por Josh e não o encontrei.

— Luca, seu idiota, que não sabe nem olhar uma criança. Cadê você? Não estou brincando. — Terminei de falar e ouvi um barulho vindo do banheiro e, precipitadamente, corri para lá, mas não esperava me deparar com a cena de Luca tomando banho com Josh no colo.

O narcisista ainda cantava *Feeling Good*, todo cheio de espuma.

Foi inevitável não me encantar com o que via. Desde hoje de manhã me pego pensando sexualmente em Luca e relembrando de como era insaciável. Tudo porque o vi pelado, um verdadeiro cretino tentador. Agora estava ali cantando para nosso filho, lindamente com sua voz grave e rouca, como se não tivéssemos nenhum problema. E pelo jeito, Josh estava gostando e nem parecia que seu pai apareceu em sua vida há um dia.

— O que pensa que está fazendo? — Interrompi, mais por minha causa, pois começava a olhar Luca com luxúria de novo.

— O que acha? Tomando banho com meu filho. — Luca me respondeu antes de enfiar a cabeça sob a água e segurar a mãozinha de Josh como se me desse tchau.

— Eu sei o que está fazendo, mas ele já tinha tomado banho.

— Não sabia e achei que ajudaria. — Fui pega de surpresa com sua cordialidade.

— Obrigada, mas agora me dê ele. — Peguei a toalha e a abri para pegar Josh, tirando-o da água para secá-lo.

— Não vai secar o papai também? — Sem conseguir me conter, comecei a rir.

— É muito cara de pau. — Luca deu de ombros, sorrindo.

— Não custa tentar e confesso que adoraria ser secado por você.

— Posso perceber que já se esqueceu que sou a vadia que foi atrás do seu irmão. — Foi espontâneo e quando percebi, já tinha falado e Luca se fechou de novo.

— Sai daqui. — Pensei em pedir desculpas, mas que se *foda*, não voltaria atrás.

Ontem estava me ofendendo e vinte e quatro horas depois estava querendo que eu o secasse. Não cairia mais em seu jogo volátil.

CAPÍTULO 33

Luca

— Quantas vezes vou pedir para não faltar, Luca.

— Michelle, estou bem. — Sorri mesmo depois da bronca e ouvir mais uma vez o sermão de que não devo faltar, porque preciso continuar a terapia etc e tal.

— Não faço ideia, mas estou vendo. Ainda assim continuo afirmando que não pode deixar de comparecer nas sessões.

Havia faltado na semana passada, estava tão ocupado com Josh que me esqueci que tínhamos um horário, mas não lamento. Foi por uma boa causa. Cada dia que passava estava apaixonado pelo moleque e pela mãe dele.

Eu a odiava em certos momentos, principalmente quando gostava de jogar na minha cara tudo que fiz. Algumas vezes me controlei e em outras respondi, devolvendo os ataques, mas essa convivência como gato e rato era

deliciosa. Praticamente me mudei para o apartamento, apesar do maior problema que arrumei com a minha mãe.

Dona Ana está inconformada com a implicância de Mellaine, que a proibiu de conhecer o neto. Giovani teve que intervir, pedindo calma a nossa mãe.

Até tento entender, mas acho que Mellaine está exagerando, já que ainda nem sabemos se realmente minha mãe está envolvida em sua demissão e na denúncia que lhe custou o direito de exercer sua profissão. Fiquei dividido e discuti muito com Mellaine por causa desse assunto. E foi por isso que vi em Michelle uma luz para poder me ajudar nesse impasse.

— Vamos lá, me conte o motivo dessa euforia.

— Sou pai — respondi me deitando em seu sofá de couro, colocando os braços cruzados atrás da cabeça e cruzando os pés.

Michelle se assustou.

— Como assim, Luca? Gigi está grávida?

— Lógico que não. Gosto de sexo, mas não saio por aí *transando* sem proteção. A única que *transei* despreocupado por acreditar que ela estava tomando pílula foi com Mellaine.

— Luca, não vai me dizer que você foi atrás dela? — Surpresa e feliz Michelle esboçou um largo sorriso, como se quisesse comemorar.

— Não, foi uma loucura. Josh estava ficando na instituição. A Bella descobriu tudo. O moleque é fantástico.

— Mas, e a mãe? Mellaine! — A cada frase minha, Michelle era tomada por surpresa.

— Ah... estamos indo.

— O que quer dizer?

— Nem eu sei. Tem horas que ela quer me matar e tem horas que acho que a amo mais ainda, mas aí me lembro de tudo e voltamos à estaca

zero.

— Me falei mais.

— Não sei, não consigo definir tudo que sinto. Mellaine vive jogando na minha cara que a chamei de vadia, aí sinto muita raiva dela, mas logo depois já a desejo mais do que desejava antes.

— E ela?

— Não sei, acho que me odeia. Por tudo que passou com o moleque.

— contei em detalhes o que aconteceu e da forma como Mellaine e Josh viveram no último ano.

— É louvável que ela esteja descontando a frustração em você, mas fico feliz que sua família decidiu apoiá-la.

— O problema é minha mãe e ela. Não tem quem convença Mellaine a deixar minha *mammá* conhecer o garoto. Não sei como conduzir isso e sempre acabamos discutindo.

— Mas por que está nesse impasse se a família aceitou bem?

— Porque a Mellaine afirma que perdeu o emprego e o direito de exercer a profissão por causa da minha mãe. Não sei no que, nem em qual das duas acreditar, mas a Mell não entende que minha mãe está doente. Ela tem perdido a memória e fica por horas fazendo coisas bizarras.

— Luca, dê tempo ao tempo, não tire as razões de Mellaine e tenta conversar com sua mãe.

— Mas eu queria muito que minha *mammá* conhecesse o neto e ela também fica pedindo para o Marco levá-la para conhecer Josh.

— Esses assuntos são delicados. Só tenha mais paciência.

— Até ameacei de pegar Josh e levá-lo sozinho, mas Mellaine disse que se ela sonhar que minha mãe viu o garoto, vai embora na mesma hora. Fico puto quando ela faz isso, porque não quero perder o moleque.

— Então tenha mais cautela. Mas estou muito feliz de te ver assim e muito orgulhosa dessa mudança. De estar enfrentando os fantasmas.

— Me sinto outro homem.

— Isso é muito bom.

Pela primeira vez não saio ressabiado do consultório de Michelle, estava em paz decidido a seguir seu conselho. Daria um tempo para Mellaine aceitar que minha mãe conhecesse Josh, mesmo que ainda causasse algumas discussões, mas do meu filho não abriria mão. Nunca.

Eu estava tão apaixonado pelo moleque, que já não via a hora de voltar para casa, e poder brincar com ele. Sabia que tanto eu quanto Josh já estávamos apegados um no outro; por diversas vezes, Mellaine vinha pegá-lo e para não sair de perto de mim o garoto fazia birra e esperneava.

Claro que eu achava lindo ver que meu filho já tinha seu jeito de se impor, o problema eram os esporros que a mãe me dava, mas não ligava quando dizia que eu estava mimando o menino demais e que ele estava ficando manhoso.

Se pudesse, eu ainda o mimaria muito. Josh se tornou a pessoa mais importante para mim, tanto que passava contando as horas para voltar logo, além do que, mesmo que eu e Mellaine não tivéssemos nada, era bom saber que ela estava por perto e só de ouvi-la me sentia em paz.

Combinamos que seria assim: cada um no seu canto até resolvermos como ficaríamos nessa bagunça, mas não era idiota e várias as vezes a flagrei me olhando como antigamente, quando estava com muito tesão. Nessas horas minha vontade era de ir lá, esquecer essa *merda* toda e beijá-la como se meu mundo dependesse disso.



— Boa tarde, Gigi. — Assim que saí do consultório da Michelle fui até a fundação. Depois do meu primeiro encontro com Mellaine, nunca mais apareci por lá e precisava acertar alguns detalhes com Bella.

— Boa tarde, Luca. — A secretária me respondeu com formalidade.

— Posso falar com a Bella?

— Ela está em uma reunião.

— Você acha que vai demorar?

— Não sei.

— Posso esperar?

— Se quiser. — Ela deu de ombros e percebi que talvez as coisas não tivessem ficado esclarecidas e por uma falha minha.

— Gigi. — Sentei-me na beirada da sua mesa e a chamei. Esperei que levantasse ao menos a cabeça e olhasse para mim. — Sei que tenho que te explicar algumas coisas.

— Não precisa, Luca.

— Preciso sim. A Mellaine é uma namorada antiga e íamos nos casar. Foi um rolo e não sabia da existência de Josh.

— Luca, você sempre deixou claro que não queria compromisso, está tudo bem.

— Jura? — Mesmo forçando o sorriso para me convencer, não consegui acreditar. — Você é encantadora, se meu filho não tivesse aparecido, ainda estaríamos nos divertindo muito.

— Já disse que está tudo bem. Não tenho como competir com uma criança.

— Não fala assim. Você é maravilhosa e em breve vai arrumar um cara sortudo que ganhará seu coração.

Encerramos nossa conversa quando a porta da sala de Bella se abriu. Depois de alguns minutos, entrei e comecei a tratar todos assuntos

pendentes. Assim que saí, Gigi não estava em sua mesa. E mesmo que desde o início eu tivesse deixado claro sobre as minhas intenções com ela percebi que estava ressentida, mas não poderia prometer nada.

Eu não era apaixonado apenas pelo meu filho, mas por sua mãe também e essa noite estava feliz, embora minha felicidade tenha durado pouco tempo. Quando cheguei, estava tudo quieto no apartamento. Encontrei Mellaine sentada na beirada da piscina, com os pés balançando na água e a cabeça tombada para trás, olhando para o alto.

Estava tão entretida que não notou minha chegada e confesso que quase fui até ela e a beijei, pegando-a de surpresa, mas antes de fazer isso e provocar a terceira guerra mundial preferi escorar meu corpo na porta para observar seu silêncio, pouco antes de interrompê-lo.

— Boa noite. — Assustada, Mellaine se virou, colocando a mão no peito.

— Não vi você entrando.

— Já faz alguns minutos. E Josh?

— Dormiu faz pouco tempo.

— Está com a babá eletrônica por perto?

— Sim, está ali na mesa. — Olhei para onde Mellaine apontou com a cabeça e vi o monitor sobre o tampo, e nele a imagem de Josh dormindo tranquilamente no centro da cama, cercado por travesseiros, como sempre o deixava.

— E você, como está?

— Estava te esperando. Quero conversar com você.

— Sim. — Ela se levantou e parou à minha frente. — Onde quer conversar?

— Pode ser aqui.

— O que aconteceu?

— Vou embora. — Desencostei da porta no mesmo instante, ainda não acreditando no que estava ouvindo.

— Está louca?

— Pensei em ir para um apartamento menor e você poderá ver Josh a hora que quiser. Colocaríamos ele em uma escolinha e eu poderia voltar a trabalhar. — Novamente essa conversa, pelo visto ainda estava magoada por eu ter descoberto onde estava trabalhando e falado com seus patrões, dizendo que não voltaria mais.

Foi uma guerra nesse dia, mas achei que já havia aceitado e não estava mais brava.

— Claro que não, meu filho vai ficar comigo.

— Mas eu não quero ficar aqui.

— Mell, se foi por causa do que fiz, me desculpa. Não quero que vá embora por causa disso.

— Luca, você não entende. Aqui, eu não sinto paz, quero poder sair e trabalhar, ser uma mulher normal com meu filho. Passo o dia todo sem fazer nada e toda vez que quero ir a um lugar preciso sair escoltada, porque você tem medo que eu fuja com o Josh. — Nunca confessei, mas tinha medo sim de que fugisse com o menino. — Ontem fui até o abrigo e me senti péssima, como se eu tivesse sido dissimulada quando cheguei lá. Não quero essa vida para mim e também não consigo esquecer que foi exatamente aqui, que você me chutou como um cachorro de rua. Sempre que olho para aquele sofá a sua cena com a *Barbie* volta na minha cabeça. Quero ir embora... — Ela recuou e segurou o choro, mordendo o lábio inferior.

— Esqueça isso, por favor, não vá. — Desencostei e me aproximei abraçando sua cintura. Desesperado a puxei para o meio dos meus braços, sentindo que meu coração podia partir mais uma vez.

— Luca, me deixa.

— Não — sussurrei e a apertei mais, com medo de largá-la e novamente ficar sozinho depois que ela fosse embora.

Quando dei por mim, já estava segurando sua cabeça com meus lábios apertando os seus, tentando invadir a resistência com que tentava me impedir de entrar e insisti firmemente, reclamando-a. Mellaine entreabriu a boca, me dando o espaço necessário para invadi-la buscando sua língua e, aos poucos, seu corpo relaxava deixando a tensão se transformar em uma força impulsiva e propulsora, nos fazendo reviver nossa química perfeita.

E era bom, como se fôssemos um quebra-cabeça na medida e com o encaixe perfeito.

Sendo uma peça única.

Mellaine era a minha louca paixão, a mulher que revirou e desvirou minha vida. Dois *ferrados*. Eu precisava dela e tinha me tornado dependente do contato do seu corpo, o único que o meu correspondia com intensidade, e quanto mais nossas bocas se movimentavam uma na outra, mais eu a apertava e me esfregava, pressionando meu pau duro contra ela.

— Imagino que deve estar toda melada, do jeito que eu gosto — sussurrei quando deixei sua boca para sentir seu cheiro e poder beijar cada pedaço do seu pescoço.

— Luca, não. — Sei que negou da boca para fora, sua voz estava entrecortada e dizia de olhos fechados, respirando pesadamente.

— Não? Não consegue negar direito. — Girei seu corpo pressionando-o contra o vidro que separava a sala da área externa. Já estava erguendo sua blusa e quase alcançando seus seios quando ouvimos o choro de Josh, ecoando forte e intenso, vindo do alto falante do monitor.

Imediatamente nos separamos e Mellaine saiu correndo para o andar de cima, e antes de segui-la encarei a tela e o vi no chão, caído ao lado da

cama. Preocupado com meu filho, esqueci o tesão e o pau duro e, também corri para o quarto, para ver o que tinha acontecido.

CAPÍTULO 34

Mellaine

Subi as escadas e corri como nunca, escutando os gritos de Josh ecoarem na minha cabeça, e a forma como chorava era desesperadora, não sentia onde estava pisando. A impressão de nunca chegar era minha maior agonia. Assim que entrei no quarto o vi sentado no chão, ainda chorando e a protuberância em sua testa só crescendo, avermelhada, bem acima do supercílio esquerdo, decretando meu fim. Estava muito nervosa quando o peguei no colo, aconchegando-o em mim, tentando acalmar seus soluços chorosos.

— Calma, vai ficar tudo bem, querido. — Coloquei a mão, tampando a bola que se formava na testa de Josh.

— O que aconteceu? — Luca veio logo atrás, com a mesma gana que a minha em saber se estava tudo bem e, ao meu lado, ficou tocando Josh, procurando algo a mais.

— Caiu e bateu a testa.

— *Porra*, Mell, já disse que qualquer dia ele rolaria sobre esses travesseiros.

— Foi tudo muito rápido.

— Por isso comprei a baba eletrônica, para evitar essas coisas. Eu sabia.

— Ah é? Se não estivesse quase me *comendo* com a boca eu teria visto o monitor. — Luca achou que deixaria passar batido e cortando seu acesso de pai preocupado lembrei-o do que estávamos fazendo, não permitindo que colocasse a culpa só em mim.

— Vamos levá-lo ao hospital, essa coisa na testa do garoto está crescendo. Parece que vai explodir. — Josh não havia parado de chorar totalmente, ainda fungava com os lábios trêmulos.

E pela primeira vez, tive que admitir que Luca foi sensato ao propor em levar Josh para o hospital.

— Eu fico com ele enquanto você arruma o que precisa levar. — Entreguei Josh para ele e fui para dentro do closet arrumar as coisas e de lá gritei para Luca: — Precisa pegar gelo e fazer uma compressa até chegarmos no pronto atendimento.

Retornei ao quarto e Luca estava segurando Josh, embalando-o como se ele fosse pular do seu colo e se espatifar no chão.

— Luca, vou na cozinha pegar o gelo e podemos ir.

Sem falar comigo, Luca seguia-me fazendo tudo que eu mandava e pelo olhar dos dois, não sabia afirmar quem estava mais assustado. Dentro do carro, fui atrás com Josh sentado na cadeirinha, porque até nisso o bad boy mudou, trocando seu belo esportivo por uma SUV, alegando que o filho precisava andar em um carro seguro.

— Luca, você está bem?

— Não. E se ele quebrou a cabeça, pode morrer?

— Claro que Josh não vai morrer — respondi um pouco ríspida e me arrependi, vendo sua preocupação.

Em duas semanas que Luca tinha voltado para minha vida, muita coisa havia mudado. Nós brigávamos quase o tempo todo e era impossível manter uma conversa sadia. Foi por isso que decidi ir embora. Pensando muito em como seria quando Josh crescesse, além de que, mais cedo ou mais tarde sabia que ele reclamaria o sexo e não demorou muito.

Se Josh não tivesse acordado e caído, eu teria deixado ele me *foder* contra o vidro, bem primitivo, igual a sua moda de *tregar*.

Ninguém é de ferro e muito menos eu, que gostava de sexo e ainda por cima convivia com um Valentino apetitoso. Não seria nada benéfico a nenhum de nós dois e tudo acabaria refletindo em Josh, um inocente que não tinha nada a ver com isso. Não queria que meu filho mais uma vez pagasse por nossas escolhas e reconheço que Luca não errou sozinho, mas jamais daria o braço a torcer e me afastar seria a melhor maneira que encontrava para negá-lo, quando meu corpo já começava a pedir por ele. Sem contar que o abandono dele e minhas mentiras sempre seriam um enorme fantasma entre nós dois. Não tinha como dar certo, nem com todos os esforços de Luca.

Como o de agora, retirando o menino com maior zelo e segurando-o próximo ao corpo.

— Calma campeão, o médico vai ver essa bola e vai dar um remédio. — Luca falava como se Josh entendesse o que ele dizia para acalmá-lo, mas desconfio que fazia isso numa tentativa de acalmar a si mesmo.

E como se fôssemos um casal, entramos juntos na recepção do hospital e na hora que chegamos não reparei que era o mesmo em que

trabalhei e fui demitida.

— Por que veio aqui?

— Porque é o que ficava mais perto. — Luca me respondeu baixo, evitando discutir na frente da recepcionista, que me reconheceu imediatamente.

— Doutora Jackson? — Tentei esboçar um sorriso, parecendo cordial, mas se soubesse que Luca viria até aqui não teria passado nem na porta. Foi nesse lugar que toda minha colheita começou.

— Oi Janice. — A mulher de meia idade que sorria de volta, trabalhava lá há muitos anos e conhecia até as tomadas do hospital, de tanto que gostava de futricar e saber da vida dos outros. Era conhecida como rádio patrulha.

— Achei que nunca mais a veria. Foi uma injustiça o que fizeram, mandá-la embora sem nenhuma prova. — Mantive a postura cordial, sem entender a que estava se referindo, afinal, não era segredo nenhum que o hospital recebeu um processo e fui mandada embora por justa causa, além de ter minha licença caçada.

Mas poderia ser somente um comentário esdrúxulo e sem fundamento da maior fofoqueira do hospital. E estava tão preocupada com Josh que não lhe dei atenção e nem prolonguei o assunto da minha demissão.

— Acredita que eu também, mas estou aqui com meu filho e quero ver um pediatra.

— Sim, tem o número do seguro? — Semana passada quando formalizamos a paternidade de Josh, Luca fez questão de pagar o seguro saúde depois que contei como fiquei sem dinheiro e acabei no abrigo. E um dos momentos que mais me emocionou foi quando, garantiu para mim que nunca mais o filho ficaria sem assistência de qualquer tipo.

E agora, mais cedo do que imaginei precisei usá-lo, além de ter o poderoso sobrenome na ficha, que pesava muito, pois era de um Valentino... Josh Valentino.

— Ele já será atendido, pode seguir até o terceiro andar. Você sabe o caminho. — Janice não perguntou, tampouco sanou sua curiosidade do que aconteceu.

Luca, ainda calado, só observava tudo e me seguia. Quando chegamos no andar já estava sendo esperada pelo pediatra que pediu que entrássemos no consultório.

Enquanto Josh era examinado, Luca nos deixou e foi ligar para alguém, certamente avisar a família Valentino do tombo de Josh e que estávamos no hospital, essa foi outra peculiaridade que descobri sobre eles, se acontecesse qualquer coisa com um deles logo todos estavam sabendo e se movendo para que tudo saísse certo.

— Vou pedir uma radiografia e acompanhar. Você pode ficar esperando aqui, Mellaine. Creio que seja só uma luxação, nada preocupante, mas vamos garantir mesmo assim. — Concordei com o pediatra me sentando na cadeira, abaixei a cabeça para massagear as têmporas enquanto aguardava a enfermeira e o médico retornarem.

— Mell! — A voz feminina chamou minha atenção e ao escutar meu nome olhei em direção a porta. Minha amiga estava ali a meio corpo.

— Lisa? — perguntei, me certificando que era minha antiga companheira de apartamento.

— O que aconteceu para você ter vindo aqui? — Ela entrou na sala e me levantei para receber seu abraço.

— Josh caiu da cama e bateu a cabeça. Achamos melhor trazer ele — expliquei.

— Mas aconteceu algo?

— Acredito que não, Luca estava bem assustado, então preferimos trazê-lo.

— O Valentino? — Ainda atordoada e nervosa, demorei alguns segundos para entender o que ela me perguntava, estava se referindo a Luca.

— Sim.

— Está mesmo com aquele verme de novo?

— Lisa, ele é o pai de Josh — respondi não gostando do seu tom quando desdenhou Luca. Uma coisa era eu xingar o bad boy e outra totalmente diferente era ela dar adjetivos ruins. Não permitiria ninguém falar dele, independente das minhas mágoas. — Luca não é um verme, e é graças a ele que meu filho está recebendo atendimento nesse momento.

— Bom para você, não é, Mellaine? Conseguiu o que queria, quando deu o golpe da barriga que quase saiu pela culatra. Ainda bem que não vai mais precisar ficar pedindo dinheiro emprestado para mim, já estava de saco cheio. Não tinha obrigação nenhuma com você e seu filho.

— Credo, Lisa. Por que está falando assim? — Senti o quanto estava sendo maldosa, me deixando péssima ao querer me humilhar.

— Só a verdade. — Lisa sempre foi minha amiga e não entendi porque agia com desdém, mas antes que pudesse responder, Luca estava atrás de nós e escutou toda a conversa. Sua fisionomia o dedurou, significando que não estava nada contente.

— Oi Lisa. — Ele se aproximou parando do meu lado, passando o braço por cima do meu ombro, e me abraçou. — Quanto Mellaine te deve? Me fala o valor que não quero que ela fique devendo favor para ninguém, ainda mais para você. E sim, Mellaine deu o golpe da barriga em mim, diferente de você que Marco dispensou depois de *comer* algumas vezes, quando descobriu o quanto era falsa ao dedurar a amiga no lance do beijo

em meu irmão. Talvez seja por isso que está querendo desdenhar a mãe do meu filho, por que ela tem o que você não tem.

Olhei para Luca, percebendo que estava com o maxilar apertado, se correndo de raiva. Sua resposta foi mais certa do que um tiro, pois Lisa não teve coragem de dizer nada além de se desculpar antes de sair do consultório.

Não falamos mais sobre isso. Também não sei se Luca notou meu constrangimento e respeitou, ou se havia ficado puto e lembrado de tudo. Mesmo assim precisava agradecê-lo por ter me defendido. Já havíamos retornado do hospital e graças a Deus não havia sido nada de grave, apenas uma pancada mesmo.

Nada que fosse muito preocupante. Sozinha com Josh, o fiz dormir e quando ele estava protegido dentro do berço, que Luca fez questão de ter, mas nunca tinha sido usado, desci e o encontrei cozinhando. Essa faceta caseira do narcisista era uma novidade para mim.

— O cheiro está gostoso. — Como no primeiro dia em que vim parar aqui, Luca estava sem camisa, só de calça jeans e tinha um pano jogado sobre o ombro. Do banco onde acabava de me sentar pude apreciar a bela vista de suas costas detalhadamente e o contorno que ela fazia, chegando próximo ao começo da sua bunda.

— Estou fazendo massa. Está com fome?

— Sim, muita. — Sedutoramente, como se nada tivesse acontecido Luca piscou e sorriu com malícia.

— Em breve a matarei e saciarei você. — Não me contive e comecei a rir.

— Obrigada. Por hoje lá no hospital.

— Não tem de que — respondeu e veio na minha direção trazendo uma colher na altura da minha boca. — Prove. — Abri e deixei que

colocasse o molho dentro e logo que senti o sabor fechei os olhos, me deliciando com o gosto.

— Delicioso.

— Eu sei que sou e como hoje fui um príncipe mereço que feche os olhos e se delicie assim com meu beijo. — Quando me dei conta, Luca já estava mordendo meus lábios, esticando-se por cima do balcão e me puxando para cima da bancada em sua direção, me segurando pelas axilas e derrubando tudo que estava sobre a superfície no chão.

— Quem disse que gosto de príncipes? Gosto dos vilões — disse, afastando a boca da sua. Assim que terminei de falar, voltei a tocar em seus lábios sorvendo da umidade deliciosa, e clamando por sua língua, permiti ser arrastada até beirada do balcão, parando com Luca muito próximo, exatamente onde sempre amei tê-lo... entre minhas pernas.

CAPÍTULO 35

Mellaine

Fogo, calor e desejo...

Era o que meu corpo produzia com o simples toque da boca de Luca na minha, dominante e possessivo. E mesmo que meus pensamentos conflitantes mandassem eu afastá-lo, minhas mãos não desgrudavam dele, com opinião e força mais determinadas do que minha razão.

E não pararia agora.

Querendo mais, abracei sua cintura com as pernas, enlaçando-o e prendendo-o no meu vão, sentindo sua ereção mais próxima enquanto sua mão segurava meu cabelo e puxava para trás, provocando uma mistura de dor e prazer, ao mesmo tempo que sua boca deslizava pela minha garganta acompanhada da outra mão.

— Dessa vez, se sair da linha eu mato você, Mellaine. Não sabe o quanto te amo e muito menos o desejo irrefreável que sinto. Eu estava louco de saudade.

— Ah... Luca — gemi, me excitando ainda mais com a sua declaração possessiva.

Eu também o amava e essa combinação de amor e união carnal tornava tudo mais evidente para meu coração.

— Me *fode* à sua maneira, bad boy... — Não precisei pedir duas vezes.

Luca agia por impulso e possessão, tirando a camiseta branca pela minha cabeça deixando o sutiã por mais alguns segundos, mas logo foi arrancado e substituído por suas mãos, que cobriram meus seios, juntando-os para apalpá-los.

— Sorte sua que, depois de mim, o único homem que colocou a boca aqui foi meu filho. — Luca não tinha limites e logo retirou suas mãos e as trocou por sua boca e dentes, arranhando meus mamilos ao esfregá-los e prendê-los entres eles.

Gememos juntos, quando suas mãos começaram o passeio pelo meu corpo, apertando minha cintura e me puxando para perto, antes de descerem até o cócs da minha calça. Luca retirou sua boca da minha e, ao mesmo tempo, olhamos sua ação de abrir minha calça e retirá-la.

Para ajudá-lo apoiei as mãos no balcão e ergui o quadril, levantando no ar. Com habilidade, Luca retirou o jeans levando junto a calcinha, me deixando nua. Sentada sobre o balcão de mármore preto da cozinha com as pernas abertas e ele no meio delas, ainda vestido.

Mas durou pouco tempo.

O bad boy logo desabotoou a calça enquanto tornava a me beijar e a empurrou para baixo com a cueca, deixando as duas peças presas no meio das coxas, liberando seu lindo pau duro, grosso, brilhante e todo melado para mim.

— Vem aqui. — Luca me puxou mais para frente, deixando minha bunda toda fora da superfície. Segura, continuei apoiando as mãos no balcão, e com as pernas abracei novamente a sua cintura. — Vou te *foder* muito Mell — sibilou exigente como se fizesse uma promessa.

Confesso que tremia inteira, pois sabia que ele cumpriria à risca o que acabara de dizer.

Ansiosa, meus olhos o viam, tão lindo, relaxado e intenso; meu Luca me desafiava a pedir e requerer o que sabia dar a qualquer mulher com maestria, mas não precisei implorar quando ele segurou a ereção em riste aproveitando o apoio de uma das mãos abertas sobre o balcão, e com a outra direcionou seu pau duro e quente para me invadir.

De olhos fechados, Luca foi entrando lentamente. Gemidos escapavam por entre os seus lábios entreabertos, eu o acompanhei quando o senti por inteiro dentro de mim, me preenchendo e alargando.

Abri os olhos a fim de me certificar de que não era um sonho e acabei encontrando os seus, tão intensos que me prendi neles. Segurando-me com força, eu o abracei e envolvendo meus braços em torno do seu pescoço, colando nossos corpos. Luca agarrou minha bunda e me ergueu no ar, acoplada a ele como se fôssemos apenas um.

Invertendo nossas posições, ele se encostou no balcão e me levantou o suficiente para que a minha *boceta* escorregasse para cima, alcançando a ponta do seu pau, sem nunca tirar os olhos dos meus.

Incapaz de resistir, eu o beijei desesperadamente enquanto Luca repetia o movimento e me erguia para depois me trazer até a base peniana.

Gememos um na boca do outro.

Era perceptível que Luca se controlava e ia com calma, como se apreciasse cada estocada curta que dava sem desgrudar sua boca da minha. Castigava-me ao me beijar e arranhar meus lábios com os seus dentes.

O caçula dos Valentino misturava punição e prazer, me comendo lento e duramente. A cada descida não apenas o sentia duro dentro de mim, como quase enlouquecia quando meu clitóris excitado e inchado raspava em sua pele, estimulando-o. Se Luca imaginasse o quanto aquilo era bom, independente da sua velocidade, brutalmente rápido ou dolorosamente lento, certamente ficaria envaidecido.

O que não era para menos.

E como se adivinhasse o que eu estava pensando, Luca exibiu um sorriso e pôs a me levantar, retirando quase todo seu pau e voltando forte e agressivo. Ele aumentou a frequência, rosnando e gemendo alto junto com o barulho dos nossos corpos, que se chocavam com força cada vez que minha *boceta* o engolia todo.

Foi tão profundo, que senti meu corpo tremer enquanto Luca aumentava o ritmo das estocadas e me obrigou a segurá-lo com mais firmeza.

— Goza, Mell. Quero te encher com a minha *porra* assim que você terminar. — Sussurrou com a voz rouca e sexy, contribuindo para que meu corpo sucumbisse de vez e se transformasse em uma massa lânguida em suas mãos, que continuavam trabalhando, incansavelmente.

Senti tudo esquentar dentro de mim quando Luca gozou, diminuindo a velocidade das estocadas, tremendo e murmurando em meu ouvido o quanto era bom esporrar em mim.

Em vez de Luca se retirar, ele me beijou sugando meus lábios com sofreguidão, e me segurou abraçando meu corpo colado no seu. Após me beijar, ainda ofegante, Luca carinhosamente me olhou nos olhos e ficou preso neles por algum tempo.

Talvez em busca de palavras, diga-se de passagem, que o burguês ególatra não era muito fã desses momentos afetuosos. Mas, ainda assim, eu

o amava, mesmo que em poucos segundos suas palavras fossem me cortar como uma faca afiada.

— Você é linda! — Sorri, achando graça do seu jeito afetuoso.

— O que foi isso que aconteceu?

— Tesão. Porque confesso que tenho um tesão do *caralho* em você.

— É.... foi puro tesão — falei apenas.

Não seria eu a lembrar que há pouco confessou que ainda me amava, e preferia não dar início a disputa de egos. O momento maravilhoso durou apenas mais alguns minutos. Logo Luca me colocou no chão e sem saber como agir, comecei a recolher minhas roupas espalhadas pelo chão e vesti-las.

Precisava voltar ao quarto e tomar um banho. Luca gentilmente me ajudou a fechar o sutiã. Depois das nossas *transas*, ele costumava ser sempre falante, mas hoje estava quieto e diferente, nem um pouco arrogante.

— O molho queimou. — Luca disse, apagando o fogo e retirando a panela de cima do fogão, antes de colocá-la dentro da pia. Foi nesse instante que escutamos vozes vindas da sala; estranhando nos encaramos. — Quem será? Ninguém avisou que viria até aqui.

— Não faço a menor ideia. — Segui o bad boy em direção à sala e me deparei com a pessoa que eu mais odiava por tudo que me aconteceu.

Lá estava ela, Ana Valentino, ao lado de Marco que segurava seu braço.

— *Mammá?! Marco?!* — A voz e a fisionomia de Luca eram de uma pessoa que acabava de ser surpreendido.

Mas duvido que minha expressão tenha demonstrado a mesma emoção.

— O que fazem aqui? — Ele perguntou.

— Ela quis vir depois que me ligou para contar que estava no hospital com Josh, e você sabe como a velha é. — Marco respondeu, rindo.

— Quero conhecer meu neto. O menino caiu e bateu a cabeça, por irresponsabilidade de quem estava olhando-o e eu ainda não o conheço, porque fui proibida. — A matriarca dos Valentino em sua total arrogância disse como se eu não estivesse presente, e ali só estivessem seus filhos.

— Boa noite, Ana. — Fiz-me ser notada.

— Mellaine, eu não saio daqui enquanto não me deixar conhecer meu neto, o filho do meu Luca. — Pretenciosa. Com ajuda e escolta de Marco, a mulher caminhou para um dos enormes sofás brancos e como se quisesse esganá-la, olhei para Luca que desviou o olhar e me deu as costas, indo até a mãe.

— Sinto ter que dizer isso, mas meu filho está dormindo.

— Mell... — Luca me encarou, implorando com o olhar.

— Nada de Mell, Luca. Não vou acordar o Josh porque a sua mãe resolveu aparecer sem ser convidada.

— Desde quando preciso ser convidada para vir ao apartamento de um dos meus filhos? A única convidada aqui é você. — Como uma flecha, a desgraçada acertou o alvo e realmente me colocou no meu lugar, porém, ela poderia dizer o que quisesse, mas ela jamais mandaria em mim e me manipularia como fazia com seus filhos. Josh, Ana não veria.

— Convidada pelo seu filho, inclusive, eu quis ir embora hoje e ele não deixou.

— Mell, por favor, tenha paciência com ela. — Luca se aproximou de mim e disse baixinho, pedindo a favor da mãe.

— Vá se *ferrar*! Não vou aguentar essa mulher me humilhando e me admira você apoiá-la. — Devolvi na mesma altura do seu tom de voz.

— Luca, vá buscar seu filho para eu conhecer o menino.

— Ele está dormindo, mãe.

— Não vai abrir uma exceção para sua mãe, meu querido? Um dia que acordá-lo para conhecer sua avó não fará mal algum. — Luca só faltou se ajoelhar e implorar para que eu permitisse que ele acordasse Josh, mas não faria o gosto dela.

E estava sendo tolerante demais, depois de tudo que ela me fez.

— Não... ele não vai, porque eu sou a mãe e estou dizendo que não.

— Não acredito que vai permitir essa afronta com sua *mammá*! — Por mais incrível que pudesse parecer, Ana era a mulher mais manipuladora de todas e jogava baixo ao se fazer de vítima, emotiva e chorar.

— Mellaine, vem comigo. Preciso falar com você. — Negando com cabeça e desconhecendo o homem impetuoso diante de mim, saí em disparate subindo para o segundo andar.

No corredor, vindo atrás, Luca me questionou, mas antes que começasse a discursar, eu disse primeiro:

— Não! Sua mãe não vai ver meu filho e você não vai acordá-lo.

— Josh também é meu filho e ela é minha mãe.

— Que se *foda*. Pouco me importa. Sua mãe é uma desgraçada que arruinou a minha vida e não quero ela perto de mim e muito menos do meu filho.

— Nosso filho, ele é meu e como pai, eu tenho direitos.

— Então é isso, Luca?

— O que, Mellaine?

— Vai me contrariar para fazer um capricho da sua mãe.

— Mas que *porra*! Não tem nada demais ela conhecer o menino. Está fazendo tempestade em um copo de água.

— Estou? — Cruzei os braços, para não estapear a cara dele. — Você vai começar mais uma briga só para deixar marcado, e todas as vezes,

esse será mais um motivo de discussão?

— Do que está falando? Você aprontou e agora acha que todos têm que pagar pelas suas *merdas*.

— Você é louco, um doente! — Sem perceber aumentei o tom de voz me sentindo a mais idiota de todas mulheres.

Minutos antes estávamos *transando* na cozinha e tive esperança de que as coisas melhorariam, mas me enganei ao vê-lo ali, indo contra mim e levantando novamente o maior motivo para tudo que havia acontecido comigo.

— Está aí, toda dolorida, achando que pode fazer o que quer e o que não quer só por que *trepamos*! — Luca gesticulando como se não estivesse nem aí, foi o que mais me doeu.

— Vá se *ferrar*, seu ególatra de *merda*, e me deixa em paz! Nunca mais você encosta um dedo em mim! — Cheia de ódio, eu me aproximei e disse apontando o indicador em seu rosto. — Foi a última vez, Luca! — Dando-lhe as costas, entrei no quarto e tranquei a porta antes de Luca me seguir.

Chorando de raiva, sentindo o misto de decepção e tristeza, fui para o banho me culpando por ter sido tão fraca.

Luca não merecia que eu tivesse sequer esperança. Ele não mudou e duvidava que um dia mudaria, continuava o mesmo ser egocêntrico e narcisista, que só se preocupava com o próprio umbigo.

Prometi a mim mesma que Luca nunca mais tocaria em mim e, assim que pudesse, retomaria minha vida de volta e daria o fora dali com Josh. Porém, se eu achava que ele me deixaria dormir em paz, novamente me enganei.

Não demorou muito até que escutei as batidas na porta e sua voz me chamando baixo.

— Mell, por favor, vamos conversar. — O ignorei, como se estivesse dormindo.

Ele insistiu, mas me mantive firme nesse jogo de não ceder. Luca iria aprender que suas palavras machucavam e nem sempre as feridas iriam cicatrizar.

CAPÍTULO 36

Luca

A visita da minha mãe *ferrou* com tudo, por mais que eu tentasse entender os dois lados. Mellaine não cedia por nada, batendo o pé e me tirando do sério. Quando ela se trancou no quarto dei um tempo e esperei que se acalmasse, mas, pelo visto, não tinha adiantado e tudo que aconteceu entre nós na cozinha, um pouco mais cedo, não valeu de nada.

E o pior é que eu estava me sentindo péssimo e com medo daquela sensação pesada em meu estômago, como se algo de ruim fosse acontecer. Lá se foi minha noite de sono.

Mal dormi pensando no que fazer e em como foi bom *transarmos* na cozinha.

Mellaine ainda tinha a mesma essência e continuava sendo a minha metade, mas só Deus sabe como vai ser daqui para frente.

Resolvi levantar e fiquei andando pelo apartamento, tentando a ir ao quadro de chaves extras, abrir o quarto e forçá-la a conversar comigo, mas

se fizesse isso tinha certeza que seria bem pior. Por isso fui para cozinha e encontrei Ambrósia arrumando a bagunça.

A governanta de Marco acabou ficando conosco e já avisei: que o dia que fosse embora eu a levaria comigo. A senhora de meia idade conquistou não só meu coração, mas ganhou Josh que amava sua comida e virou amiga íntima de Mellaine.

— Que bagunça vocês fizeram por aqui! — Disse quando me viu só de calça de moletom e descalço. Realmente a cozinha tinha ficado toda revirada com várias coisas espalhadas pelo chão. — Creio que não foi Josh que fez isso. — Ela riu, deduzindo que os donos da arte tinham outros nomes.

— Bom dia, Ambrósia. — A cumprimentei, esfregando meu rosto, ainda cansado pela péssima noite mal dormida.

— Parece que o senhor não dormiu bem.

— Não mesmo, preciso de um café bem forte.

— Já farei e o servirei. Mell está bem?

— Acho que sim.

— Pensei que estavam se entendendo.

— E estávamos, ontem Josh caiu e ficamos muito preocupados — omiti parte dos fatos.

— Minha Nossa Senhora! Ele se machucou? — perguntou a governanta, preocupada.

— A testa está inchada, mas nada de mais — contei o que havia acontecido enquanto ela terminava de arrumar a mesa de café sobre o balcão, o mesmo que *transei* com Mellaine ontem.

— Então não vão no aniversário da senhora Valentino hoje? Não vão precisar que fique com Josh? — Com tudo acontecendo ao mesmo tempo, acabei me esquecendo que era aniversário de Bella, e Giovani fez

questão de fazer uma enorme festa para a esposa esse ano. Minha cunhada ainda me fez prometer que iria e levaria Mellaine, que estava irredutível.

— Não sei. Mellaine não quer ir.

— Mas a faça ir senhor, ela precisa muito sentir que todos a aceitaram.

— Eu sei, mas ontem esqueci de conversar com a Mell, e não sei se hoje ela vai querer falar comigo.

— Discutiram novamente? — Balancei o café enquanto levava a xícara, postada à minha frente, aos lábios e sorvia a bebida pelando.

— Hoje vai ser uma luta.

— Vou falar com ela, mas precisam parar de discutir assim. Os dois se gostam e precisam esquecer as coisas do passado. Não é fácil, mas se quiserem ficar juntos vão precisar parar de jogar um no outro tudo que fizeram de errado.

— Tem razão. — Levantei do banco e ao passar pela mulher a abracei. — Por isso vou te roubar quando for embora daqui.

Tomei só uma xícara de café preto e voltei para o quarto, ainda estava no corredor de acesso quando encontrei Mellaine e Josh, com um carrinho nas mãos e a testa arroxeadas.

— Bom dia, Mell.

— Sem Mell Luca, por favor. Bom dia.

— Sobre ontem... — Tentei falar e conversar, mas não permitiu e me interrompeu.

— Deixa para lá, não quero discutir.

— Ok! — Mellaine não disse mais nada e me deu as costas, seguindo seu caminho para o andar de baixo. Preferi deixá-la ter seu momento. Tentaria surpreendê-la no decorrer do dia e, quem sabe, mais tarde conversaríamos.



Para surpreender Mellaine passei a tarde procurando um vestido que ficasse bonito nela e depois de ver muitas opções, acabei comprando um rosê com bordados e brilhos nas alças e em todos os detalhes do vestido.

Mandei entregar.

Além do vestido, a bolsa e sapatos. Pedi a uma equipe que fosse até a cobertura e preparasse seu cabelo, fizesse maquiagem e a arrumasse. Sabia que surtaria, mas fiz questão de ligar para Ambrósia e pedir que a convencesse.

Quando cheguei em casa a vi sentada na sala junto a governanta e Josh. Estava toda arrumada usando o vestido que comprei, exatamente como imaginei que ficaria em seu corpo e os cabelos presos para o alto, tudo do jeito que eu queria.

Estava linda e assim que me notou, Mellaine olhou na minha direção. Não estava sorrindo como desejei ver, mas também não me ignorou como achei que faria. Até pensei que por pirraça fosse bater o pé e não me acompanharia nessa noite. E para minha surpresa completa ela levantou e chamou por Josh, estendendo-lhe a mão, e com a ajuda de Ambrósia ficou de pé e com dificuldade caminhou na minha direção, sozinho.

— Vai com o papai, Josh. — Mellaine o incentivou e quando ele chegou perto de mim, me abaixei esperando por um pequeno Josh todo desconjuntado vir para os meus braços.

— Olha só, meu campeão sabe andar sozinho! — Feliz e orgulhoso o peguei no colo e o joguei para o alto, esquecendo o quanto Mellaine odiava sempre que fazia aquilo com o moleque.

— Não faz isso, Luca. — Ela pediu e parei na mesma hora, obedecendo-a.

— Está bem, doutora. — Mellaine desviou o olhar para Ambrósia, evitando-me.

— Ela está linda, não é mesmo, senhor Luca? — A governanta mudou de assunto e sem dúvida não precisava nem responder à pergunta. Mellaine estava deslumbrante e a observei, embasbacado, notando como os detalhes do vestido longo lhe caíram bem.

— Está maravilhosa. Como imaginei que ficaria.

— Obrigada. Vá logo se trocar antes que eu desista de ir. — Mellaine disse, mostrando que não estava tão arredia como hoje de manhã.

— Sim, senhora — respondi e coloquei Josh em meio aos brinquedos espalhados perto das duas mulheres, antes de subir para me trocar.

Tentando ser rápido, tomei um banho, me barbeei e coloquei o smoking preto após deixar meu cabelo arrumado. Antes de sair do quarto fui até a calça, que tinha usando hoje, que estava jogada no chão do banheiro e peguei do bolso a pequena caixa preta de veludo.

Para completar, comprei um par de brincos para Mellaine, uma joia de ouro branco com brilhante, em um pendente único. Não poderia fazer incompleto o dia de hoje, além de que, queria muito apagar o episódio de ontem à noite e quando estávamos no banco de trás do carro, com ela distraída olhando para fora, retirei a caixa preta do bolso e estiquei o braço, segurando nas mãos o pequeno objeto.

— Para você. — Mellaine olhou na direção da minha mão e confesso que vê-la segurando sua emoção foi mais uma prova de que eu ainda poderia me redimir.

— Não precisa ficar me dando presentes. — Enquanto não pegou a caixa aveludada não recolhi meu braço esticado da sua frente.

— Não faria sentido estar toda arrumada sem o conjunto completo. — Mellaine abriu a caixa e ficou por segundos olhando. Delicadamente deslizou a ponta do indicador pelo comprimento dos brincos.

— É lindo. Obrigada! — Olhando-me, sorriu agradecida. Fiquei feliz não apenas por ter aceitado, mas por ter engordado mais um pouco meu ego ao ter aceitado sem um embate, sinalizando que eu estava indo no caminho certo.

Mellaine colocou os brincos, que de fato deixaram seu rosto mais emoldurado e o joalheiro tinha razão, as peças ficaram perfeitas nela.

Mantivemos o silêncio pelo restante do caminho e por várias vezes quis puxar assunto, mas estava com medo de que pudéssemos acabar discutindo. Queria muito falar; que sentia muito por tudo que falei e que não queria mais discutir com ela, mas por outro lado, isso poderia abrir uma caixa de argumentos e questionamentos e, no fim, um jogando na cara do outro o que fez ou deixou de fazer, e eu não queria isso, não depois da nossa *transa* na cozinha.

Meu desejo era viver com Mellaine, independente de tudo que aconteceu. Sei que não seria fácil, mas sei que não viveria em paz se ela e meu filho não estivessem mais comigo. Eles eram o complemento e aonde eu não me sentia como segunda opção.

O carro parou diante do enorme local onde estava acontecendo a comemoração do aniversário de Bella, era grande e imponente como se fosse um castelo decorado em tons de dourado desde a calçada até na entrada.

Estacionado, um dos seguranças abriu a porta. Desci primeiro e fiquei esperando para segurar a mão dela, e tratando-a com cavalheirismo,

entramos na festa de braços dados. Como se fôssemos realmente marido e mulher, a apresentei como minha acompanhante e durante toda festa reconheci o esforço por parte da minha família para deixar Mellaine à vontade, mostrando que não queriam lembrar do passado.

Até mesmo Bella foi cordial e educada, mas o momento mais tenso se deu quando minha mãe se aproximou e sem entendermos nada, segurou a mão de Mellaine e sorriu olhando para mim.

— Essa é a sua namorada, meu filho? A que você me disse que levaria em casa para jantar? — Mellaine me olhou estranhando a atitude de Dona Ana Valentino e eu mais ainda. Ela falava como se não tivessem discutido na noite anterior. — É um prazer conhecê-la.

— Mãe, essa é Mellaine. A senhora já a conhece. — Marco se aproximou e cochichou no ouvido da nossa mãe.

— Marco eu nunca vi essa linda jovem antes. Luca me disse que levaria a nova namorada para nos apresentar. — Apreensiva, Mellaine não conseguia tirar sua mão das mãos da minha e não respondeu, aliviando minha tensão.

Achei que ela faria um escândalo, mas a atitude estranha da matriarca dos Valentino nos pegou de surpresa e a sós, próximos a uma das mesas, Mellaine se manifestou.

— Ou sua mãe está fingindo ou está doente.

— Minha mãe não está fingindo e por que fingiria? — Fiquei irritado com a afirmação inusitada e sem sentindo.

De todas as coisas que jamais minha mãe faria, era fingir que não conhecia uma pessoa. Ana Valentino enfrentaria e possivelmente até criaria uma cena, mas não se faria de boba. E por mais que tenha nos surpreendido, a situação era preocupante e agora não queria pensar nas implicações das duas, principalmente, no julgamento maldoso de Mellaine.

— Deixa para lá, Luca.

— Pelo visto, não vamos ter uma noite em paz — retruquei no mesmo tom que o seu, de quem está de saco cheio.

— Se quisesse paz deveria ter vindo com uma das suas *vadias* por aí.

— Isto não é problema, posso arrumar uma agora. — Mellaine saiu irritada me dando as costas e mais uma vez estávamos brigando. Logo hoje que achei que ficaríamos numa boa.

Não iria atrás, mas depois de meia hora que tinha desaparecido, comecei a procurá-la e fui parar perto da área dos banheiros, mas em vez de encontrar Mellaine, acabei dando de cara com Gigi.

Ela estava linda em um vestido prata, simples e fino.

— Oi, Luca. — A morena se aproximou e me beijou no rosto. Retribuí o cumprimento.

— Está muito bonita, Gigi.

— Obrigada, você também está muito bonito. Só uma pena que não está mais disponível como antes. — Sorri, achando graça na forma espontânea com que a secretária comportada de Bella falava, tão diferente do nosso último encontro na fundação.

— O que está bebendo? — Apontei a taça em sua mão.

— Experimente. — Pego de surpresa, Gigi encostou a borda da fina taça de cristal na minha boca e acabei deixando que a morena derrubasse um pouco do líquido.

— Entendi a ousadia agora.

— Dizem que o álcool revela até o mais tímido dos homens.

— Acho que é diferente o dito. O álcool desinibe até o mais tímido de todos.

— Isso. — Um pouco alegre por causa da bebida, Gigi se aproximou levantando a taça querendo que eu bebesse mais um pouco, mas recusei e desviei o rosto, sem deixar de sorrir.

— Não, obrigado.

— Agora esqueci que é pai e não tem mais tempo para sair com outras mulheres. Também se casou, Luca?

A ousadia que a bebida estava lhe dando era cômica e jamais vi Gigi agir tão abertamente assim. Estava prestes a responder quando...

— Sim, casou com a mãe do filho dele. — Engoli seco.

Mellaine empurrou Gigi, com as mãos em seu peito, afastando a morena de mim.

CAPÍTULO 37

Mellaine

Luca me arrastou para fora, até uma área externa na lateral do salão de festas. Um local exclusivo para fumantes, e como estava um pouco vazio ele achou melhor para conversarmos, entretanto, eu não queria falar. Minha vontade era de ir embora.

Do que adiantou ser todo zeloso comigo se sempre fazia burradas logo em seguida. Vê-lo conversando e dando trela para outra mulher me deixou cega de raiva.

— Para de rir de mim, seu cretino idiota. — Contemplar o sorriso debochado e descarado de Luca era pior do que perder um jogo de cartas. Depois que retornamos um para vida do outro, confesso que tenho andado muito antiesportiva e odeio quando fica exibindo seu sorriso vitorioso fazendo eu me sentir uma perdedora.

Eu só disse que casou comigo para atrapalhar qualquer esquema que estivesse planejando. Se ele pretendia fazer da minha vida um inferno, eu

faria da sua também, e ele não *foderia* nenhuma por aí, muito menos a linda e doce Gigi, secretária da Bella.

Não permitiria que ficasse com outra mulher.

— Não estou rindo de você, estou sorrindo é diferente. E vamos voltar lá para dentro e curtir a festa. Ainda não cumprimentamos a aniversariante e seria muita falta de educação. — Estava pouco preocupada se estava sendo grotesca, queria ir embora, isso sim.

— Agora virou um lorde?

— Não, sou o vilão. — Luca riu e se aproximou, me segurando na cintura e olhei para cima sentido um desejo insano de estapeá-lo.

Luca era o cúmulo da cara de pau.

— Para com bobeira, sei que está com ciúme do bad boy aqui... Mell, esquece o que aconteceu ontem e vamos ficar numa boa.

— Não é bobeira. Quero ir embora e você não deixa. Não posso decidir nada da vida de Josh que você vai contra. Não dá, Luca. Já estou cansada de você cuspir todo o passado na minha cara em todas discussões.

— Mas você faz o mesmo. Não é fácil esquecer do dia para noite e quando disse que te amava ontem não foi da boca para fora, ou só porque eu queria te *foder*. Amar você não significa que não lembro e não sinto dor. Era para termos casado, eu ver sua barriga crescendo com Josh dentro, segurando sua mão quando ele estivesse nascendo. Não teria passado por tudo sozinha.

— Luca, você não era um santo, você me chantageou para não contar a verdade para o Giovani. A teia de mentiras não era só minha. Eu me arrependo, e você?

— Claro que me arrependo, se soubesse que Josh era mesmo meu filho, jamais deixaria vocês dois passarem por tudo sozinhos. Agora para e pensa bem, eu estava todo ferrado por sua causa. E você não faz ideia do

quanto eu te amo, de como gosto do seu cheiro. É tesão de pele, Mell. — Luca diminuiu o tom de voz, sensualizando ao escorregar as pontas dos dedos pelo meu ombro desnudo, me provocando.

Mas até que ponto ele falava a verdade? Muitas vezes me mostrou que só se redimia para uma *trepada* e depois voltava a ser quem era, isento de culpa alguma. Sem contar que deve ter esquecido da forma de como agiu comigo, ontem à noite na frente da sua mãe.

Outra incógnita.

Estava começando a achar que os Valentino eram todos problemáticos, a começar pela velha, que um dia antes estava querendo brigar e bater de frente comigo, e hoje agiu como se não me conhecesse.

O que rendeu mais uma discussão com Luca, porque pontuei que ela poderia estar fingindo. Se existe uma coisa e que tenho certeza, é que Ana Valentino podia ser o pior tipo de ser humano que já conheci. Inescrupulosa e vil.

Mas o ponto em questão não era a velha desgraçada, e sim a mania de Luca achar que tudo entre nós sempre se resolveria com sexo, e as coisas seriam levadas na brincadeira.

Eu teria que dar um basta.

— Não vamos *transar*, pode parar por aí. Você consegue conversar sério sem pensar e maquinar para *trepar* com alguém?

— Confesso que só quero você. Agora para com essa besteira e vamos cumprimentar Bella, depois te levo para a cobertura e *fodemos* a noite toda.

— Sério, Luca? Nós precisamos decidir o que vai acontecer com a gente.

— Mas eu já sei. Temos um bebê, falta um cachorro e vamos viver felizes para sempre.

Pelo visto, Luca não levaria a sério nossa conversa, ainda mais depois de achar que tive uma crise de ciúmes.

— Vamos dançar? — Continuando a não me dar atenção, Luca fingiu que estávamos bem.

— Não!

— Vamos beber e encher a cara?

— Não!

— Vamos nos beijar?

— Não!

— Vamos dar uma *rapidinha* no banheiro?

— NÃO! — disse alto, ficando irritada com a maneira que levava na brincadeira.

— Calma. — Luca disse baixo me mantendo entre seus braços, apertando e impedindo que eu saísse de perto dele. — Olhe para mim!

— O que mais você quer? — disse, sem paciência.

— Casa comigo? — Abri a boca para responder, no entanto, nenhum som saiu dela, porque percebi que ele estava sério e esperava que eu respondesse.

Movida pela emoção, fiquei na ponta dos pés e o beijei.

Na verdade, era exatamente o que queria fazer desde a hora que acordei, mas estava com tanta raiva que passei o dia lamentando a visita da sua mãe. Agora, em meio a brincadeiras, Luca veio com essa e me pegou desprevenida.

Agi por impulso e fui correspondida na mesma hora.

Soltando-me, deixou uma das mãos em meu rosto e a outra apertando minha cintura, possessivamente.

Luca tinha um arsenal inteiro contra mim, que me levava ao limiar da ira antes de suavizar e me propor, mostrando seu melhor lado.



Luca

No momento em que fez a cena de ciúme, soube que Mellaine ainda sentia algo por mim, ou não agiria como uma mulher possessiva. Confesso que gostei da forma como se impôs, mostrando a Gigi a quem eu pertencia.

Ainda que a secretária fosse uma excelente pessoa eu sempre iria preferir a mãe do meu filho. Deixei que descontasse sua raiva em mim e até levei na brincadeira, mas falei sério, quando pedi para se casar comigo.

— Eu sabia que aceitaria.

— Eu não disse nada.

— Não precisa dizer, suas ações valem mais que mil palavras — falei enquanto brincava com o zíper do seu vestido.

Ambrósia se assustou quando voltamos cedo e nos viu entrando pelo elevador. Eu carregava Mellaine nos braços, dizendo para a governanta que ela ainda estava trabalhando e era como se não estivéssemos em casa até o dia seguinte.

Mas Mellaine insistiu e acabamos dando uma passada no quarto de Josh, e nosso *bebezão* estava dormindo. Quase a arrastando pelos cabelos, igual a um homem das cavernas, a arrastei até o quarto onde dormia.

E agora estávamos aqui. Eu tirando seu vestido, vendo minha mulher enlouquecida de tesão por mim e sabendo que o passado começava a ficar para trás.

— Deixa de poetizar, bad boy. Já sei que não é o seu estilo. — Sorri, dando um leve tapa nas duas almofadas traseiras de Mellaine, enquanto a morena dona do meu coração se contorcia para abrir o vestido, impaciente.

— Sossega, Mell.

— Você está demorando.

— Para que a pressa, se vou te *foder* todas as noites pelos próximos 40 anos?

— Para uma caminhada de mil quilômetros precisa dar o primeiro passo, e antes que chegue nos 70, nós precisamos começar.

— Você foi muito complexa, doutora.

— Estou seguindo seu estilo, Valentino.

— Agora eu tenho um estilo? — Terminei de ajudá-la a abrir o zíper e tirar o vestido justo, apertado no quadril, deixando-a apenas de calcinha e sapato. — Não tira mais nada — pedi quando vi que estava terminando de tirar o sutiã. — Eu tenho um estilo e vou te *foder* à minha maneira.

— Estou bem ansiosa para isso.

Brincando e entrando naquele jogo sensual, me joguei na cama e cruzei os braços atrás da cabeça. Olhando Mellaine seminua, parada aos pés da cama, toda deliciosa vestindo apenas aquele pedacinho minúsculo de renda que cobria sua *boceta*, os cabelos presos, os brincos que lhe dei e usando sapatos de salto, quase enlouqueci com a visão que aumentou ainda mais o meu desejo por ela.

— O que você quer?

— Que caía de boca, doutora... — Sorrimos juntos, nos divertindo.

Como uma das gatas do musical *Cats*, Mellaine se ajoelhou entre minhas pernas e engatinhou rebolando. Obediente, sentou nas minhas coxas. Imaginei que fosse tirar minha calça, mas a danada só abriu o zíper e pegou meu pau em sua mão e como se soubesse exatamente o que fazer,

empurrou a calcinha para o lado com o dedo, imitando o gesto que eu sempre fazia quando queria *fodê-la* rápido.

Segurando minha ereção, ela se sentou escorregando de uma vez.

— A sua moda, meu querido.

— Safada e cheia de sacanagem — gemi quando remexeu, se acomodando melhor e contraindo seu interior intensificando o aperto no meu pau.

— Exatamente...

— Então, já que não caiu de boca, rebola gostoso essa *boceta*, gulosa e linda. — Mellaine sorriu e se inclinou para frente, jogando seu corpo em cima de mim, mexendo só o quadril, subindo e descendo. Engolindo, esfomeadamente meu pau enquanto mordia meus lábios.

Sorri como um bobo enquanto Mellaine cavalgando em mim como se fosse uma atriz de pornô barato, gemendo alto a cada descida. Lembrando que ainda estava vestido a deixei quicar no meu pau sem apoio nenhum. Comecei a abrir os botões puxando a base da camisa presa na calça.

Apertando ao contrair toda musculatura da vagina, gemi tentando alcançar o cós da calça, mas minha insanidade sexual era mais forte e desesperado procurei o botão inchado na *bocetinha* de Mellaine, apertei e esfreguei-o, obrigando-a a fechar os olhos e jogar o corpo todo para trás.

Para ver meu pau entrando, apoiei os cotovelos e admirei ele saindo do orifício aberto da calça social. A peça de renda rosa afastada para o lado esmagava o clitóris e apertava um dos lábios, mas o melhor era o meu falo todo dentro, exibindo um pedaço da grossa veia dilatada que se perdia dentro de Mellaine sempre que sua *boceta* o engolia.

A cena e a posição me deixou ensandecido. Voltei a deitar na cama trazendo Mell e segurei na sua cintura com firmeza, empurrando meu

quadril de encontro ao seu. Movimentei rápido e curto, até Mellaine estreitar a passagem, contraindo e esmagando a cabeça do meu pau ao gozar e me levar junto, repuxando meus testículos para ejetar tudo dentro dela.

Amava nossas *trepadas* sacanas e assim que Mellaine saiu de cima, tirei a calça toda melada, jogando para longe da cama. Estava feliz e tranquilo, mas com um apetite incontrolável e precisava mais de Mellaine. De lado, repeti com bombadas mais curtas enquanto sovava seus seios e mordiscava sua orelha alternando até seu ombro.

Uma, duas, três... foram mais durante a noite e, assim como eu, Mellaine parecia insaciável. Dormimos suados, cheirando a sexo, abraçados e unidos.

Mas uma das coisas mais tocantes que Mellaine fez, foi beijar meus braços exatamente onde administrava a droga. Pude ver através da penumbra, seus olhos lacrimosos. Queria muito juntá-la, beijá-la e dizer que tudo seria esquecido e nós ficaríamos bem, mas decidi, por mim, evitar relembrar o nosso passado.

CAPÍTULO 8

Luca

— Bella está bem chateada porque não ficaram na festa. — Depois de dois dias fugindo de todos... Marco, Raf e Giovani. Eles acharam que algo tinha acontecido, mas a culpa foi de Mellaine, por eu não querer sair de dentro daquela cobertura, especificamente da sua doce *boceta*. Estava tão viciado e dependente dela que só saí de casa hoje, porque tinha que trabalhar.

Giovani enviou uma mensagem ameaçando me caçar, caso não aparecesse.

E agora estava aqui, sentado com os curiosos. Marco na cadeira ao lado, e Raf apoiado na beirada da mesa de Giovani, que estava na sua cadeira, logo atrás.

— Mellaine teve uma crise de ciúmes.

— E acreditamos nisso. — Marco riu, tentando me desacreditar diante dos três.

— Luca, conta outra, vimos o quanto Mellaine quer te matar e agora você vem dizer que ela está com ciúmes de você.

— Está sim. — Parecia que estava dizendo mentira, com os idiotas rindo e sem acreditar no que eu dizia.

— Se querem saber, vou me casar daqui duas semanas e nenhum está convidado.

— Mais essa agora.

— Só eu, Josh e Mell, mais ninguém.

— Quem serão os padrinhos e as testemunhas? — Cada pergunta parecia um interrogatório e cada vez que eu abria a boca, eles gargalhavam.

— O Padre Hanson e minha terapeuta. E vamos parar de falar de mim.

— Só responde quando foi que fizeram as pazes? — Marco me encarou aguardando minha resposta.

— No dia em que você e *mammá* apareceram lá em casa.

— Pode me pagar Raf. — Marco esticou o braço com a palma da mão virada para cima em direção a Rafaello.

— O que apostaram?

— Que você tinha voltado com Mellaine e *transado* antes de chegarmos.

— Como sabe? — perguntei curioso.

— Tenho meus meios.

— Não vai me falar que tem câmeras espalhadas pelo apartamento.

— É claro que tenho, mas não vi vocês *trepando*. Sua calça estava suja, idiota.

— Vá se *ferrar*, Marco. — Os três riam muito, como se estivessem assistindo um show de *stand up's*.

— Luca, é sério o lance de se casar?

— É sim, Giovani.

— Não é certo se casar e não chamar sua família.

— Primeiro, quem de vocês aqui gosta de Mellaine? Segundo a Mellaine já não quer casar comigo, se eu disser que todos os Valentino estarão no cartório ela não vai aparecer com meu filho.

— Mas não é o certo. Precisamos registrar esse dia.

— Giovani vamos parar com essa palhaçada e me fala o que você está fazendo aqui? Não era hoje que faria a vasectomia?

— Gio está com medo de perder a virilidade e Bella largar dele. — Marco não perdeu a oportunidade.

— Era, mas não fui e Marco, obrigado por falar para todos.

— Bella vai te matar.

— Ela nem vai saber.

— Giovani vai ser castrado pela própria esposa.

— Os três podem parar, não vai acontecer nada, Bella foi para Los Angeles resolver umas coisas com o irmão e não vai nem ficar sabendo que não fiz a cirurgia.

— Só estou estranhando-a não ter ficado para te acompanhar? — Raf pontuou.

— Eu a convenci e disse que seria uma hora que não poderia deixar de ir.

— Giovani, você não vale nada e conhece muito bem sua esposa, sabe que isso vai ser a terceira guerra mundial.

— Que nada. Ela não vai saber.

— Agora precisamos falar de um assunto que muito está me preocupando. *Mammá* não está bem.

— Sim, como sou o único que estava em casa nas três últimas semanas, percebi que ela não está bem. Tem esquecido muitas coisas, e esses dias ela estava no jardim falando sozinha e quando chegaram perto, disseram que falava o nome dele.

— Dele quem, Marco?

— Do velho. — Para nós era difícil falar a palavra pai, para mim ainda mais, porque não gostava dele e me lembrava de como foi ruim comigo.

— A Mell disse que se ela não estiver fingindo, pode estar no começo de Alzheimer.

— Agora é Mell para lá, e Mell para cá. Não é à toa que você está um mel, Luca.

— Me erra Marco.

— Precisamos levá-la ao médico.

— Coitada. Vou pedir para Alícia passar mais tempo por lá com ela e os meninos, quem sabe ajuda.

— Luca, leva Josh para ela conhecer, nos momentos que se lembra chora muito, ainda mais quando mostramos a foto dele que tiraram na instituição. Disse que o menino é você pequeno. Não faz isso com ela. Fala com a *Mell*... — Marco não deixava de ser sarrista até em um momento sério como esse.

— Vou falar, mas espera passar meu casamento. Vai que ainda discutimos e ela não se casa comigo.

— Você está muito frouxo.

— Mell não tem reclamado, ainda mais que aquele seu duplex é sensacional. E falando nele, logo iremos embora de lá.

— Não precisam ter pressa, podem ficar pelo tempo que quiserem, já perdi Ambrósia para vocês mesmo.

— Deixa de ser dramático, Marco. — Raf disse sem rodeios. — Você nem vai lá direito.

— Mas era apegado a ela.

Passamos boa parte da manhã conversando e já estava atrasado para ir embora, quando pedi a Marco para falarmos a sós.

— Preciso de um favor. No dia que o Josh caiu, levamos ele ao mesmo hospital em que Mellaine trabalhava. A atendente disse algo curioso e queria muito que me ajudasse a investigar. Talvez tenha que pedir judicialmente uma explicação do por que Mellaine foi mandada embora. Segundo a mulher, foi injustamente, e acho que Mell não estava mentindo quando disse que *mammá* armou para que ela perdesse tudo.

— Luca, não vai ser tão fácil assim. Para um pedido desses teria que termos provas.

— Marco me ajuda, queria muito encerrar essa história e mostrar que *mammá* não tem nada a ver com a demissão da Mellaine.

— E se ela tiver? O que vai fazer?

— Não sei cara, depois eu vejo. Só queria descobrir a verdade e ajudar Mellaine a reaver o direito da sua profissão.

Na verdade, a ideia de pedir para Marco surgiu naquele mesmo dia, porém, tudo virou aquela discussão entre *mammá* e Mellaine, que acabei me esquecendo. Mas precisava muito provar que minha mãe não estava envolvida e se provasse que a demissão foi injusta, poderíamos brigar na justiça e conseguir que ela recuperasse pelo menos o direito de exercer a medicina.

Queria muito ver Mellaine feliz e garantir que estivesse tão feliz como eu.

... *Duas semanas depois...*

Mellaine

Pedi a Luca que me deixasse sozinha no dia de hoje, queria me arrumar e prometi que às cinco da tarde, pontualmente, estaria no cartório de Nova Iorque para nos casarmos. Mas desde que acordamos me sinto estranha, uma verdadeira bagunça de sensações.

Uma hora quero sumir e na outra casar, contudo, prometi a Luca e foi isso que disse a mim mesma quando acordei.

Eu o amava e prometemos tentar.

Mas com o passar das horas, meu coração estava ficando angustiado e a sensação de ansiedade me tomava me deixando zozza. Para piorar tudo, Ambrósia que mal sabia da minha história permitiu que eu recebesse uma vista inusitada, na verdade, duas pessoas, que me esperavam sentadas na sala como se fossem bem-vindas.

Eram meus tios... e quando os vi não me conformei que estavam ali como se nada tivesse acontecido, querendo me abraçar e pegar Josh no colo.

— O que fazem aqui?

— Viemos te ver, ficamos sabendo que Don Valentino te perdoou.

— Minha tia foi a primeira se pronunciar.

— Giovani não precisou me perdoar, ele era tão culpado quanto eu. Quero saber o que estão fazendo aqui.

— Precisávamos vê-la, saber se estava bem. — Ironicamente ri.

— Agora vocês querem saber como eu estou? Depois que me viraram as costas quando pedi dinheiro e para me ajudarem, porque estava com uma criança pequena e não fizeram nada por mim, nem pelo meu filho e agora estão aqui. É muita hipocrisia, sem contar que mentiram para mim.

Giovani me falou a verdade sobre meu pai. Vocês me deixaram acreditar que os Valentino mataram meu pai por ganância e poder, quando foi o contrário. Ele era um traidor. — Fiquei em pé, sentindo tanta raiva de vê-los ali, sentados, como se merecessem meu respeito.

— Mellaine, o que esperava de nós?

— O que eu esperava? Me deixaram crescer odiando essa família e quando mais precisei, vocês me deram as costas.

— Mas, minha querida. — Foi a vez do meu tio falar. — Não queríamos sujar a imagem que tinha do seu pai e Don Valentino nos proibiu de falar a verdade.

— Olha para você, Mell, agora é um deles.

— Não sou uma Valentino! — Ao negar, vi que de fato não era. Meu filho sim, mas eu nunca seria.

— Como não? Vai até se casar com Luca. — Minha tia dizia feliz, como se de alguma forma isso fosse beneficiá-los.

— Poderá colocar nossa família em evidência dentro do clã.

— Vocês dois. — Apontei com o dedo de um para o outro — acham mesmo que vou ajudá-los? Quando mais precisei, quando estava para ser despejada, eu pedi ajuda e o que você fez tia? Disse para eu me virar e bateu o telefone na minha cara. Fiquei sem ter onde dormir e até o que comer com um bebê. — A forte declaração e a lembrança daqueles dias horríveis, da dor e da humilhação por tudo que passei, voltou à tona. Machucando, me fazendo recordar de todos eles e de como fui abandonada, sozinha, sem ninguém. — Vão embora daqui! E esqueçam que sou sobrinha de vocês.

Minha tia se levantou, empinando o queixo como se quisesse me desafiar.

— Você é uma ingrata. Acolhemos você em nossa casa quando seu pai morreu, poderíamos ter sido acusados de traição, e mesmo assim corremos o risco, te demos nosso nome e quando foi fazer faculdade, nós te ajudamos.

— Com o dinheiro que roubaram do meu pai. Que ajuda foi essa? Vão embora daqui e façam o que me pediram para fazer, esqueçam que sou sua sobrinha.

Assim que saíram, me derramei em lágrimas sentindo-me abandonada e sozinha novamente, revivendo meu pior pesadelo. Lembrar deles também trazia de volta a minha mente tudo que Luca fez e, mesmo o amando, estar com ele e ser sua mulher já não fazia tanto sentido. Estava em dúvida se deveria me casar com ele ou não.

Precisava de um tempo para pensar e, indecisa, liguei para o abrigo procurando pelo Padre Hanson, que estava no confessionário da igreja e não poderia me atender. Mas ele mandou me avisar que às cinco horas estaria lá.

Luca e eu resolvemos conversar com ele para saber o que achava. Claro que o padre apoiou o casamento e disse que seria maravilhoso, que além de estarmos legalizando nosso relacionamento também fazia questão de abençoar nossa união, no cartório.

Estava tão confusa, que comecei a enrolar para me arrumar, dando várias desculpas e justificando minha escolha com meus medos.

As horas passavam enquanto eu me mantinha trancada no quarto. Deixei Josh aos cuidados de Ambrósia, decidia a não ir e não falar com ninguém. Quanto mais tempo ficava isolada, mais a hora avançava.

Eu já deveria estar arrumada e saindo de casa. Era quase quatro horas e eu estava encolhida na poltrona, no canto do quarto, certa de que não me casaria com Luca. Sabia que depois de hoje não teria mais volta, mas seria melhor assim.

Sempre surgiria alguém do nosso passado para nos lembrar tudo que aconteceu e sempre seria assim, como uma ferida aberta que nunca cicatrizaria, trazendo de volta essa angústia por ter sido rejeitada e humilhada.

Luca que me perdoasse, mas não me casaria com ele.

CAPÍTULO 39

Luca

— Não é justo o que está fazendo comigo, Luca.

— *Mammá*, tenha um pouco mais de paciência.

— Por que não posso ir no casamento do meu caçulinha?

— Ninguém vai.

— Injusto, eu sou sua mãe. — Dona Ana não entendia que deveria ser assim.

Eu e Mellaine concordamos que não teria ninguém, somente o Padre Hanson, porém, ainda havia uma pessoa bastante importante, que se tornou uma grande amiga e eu queria muito que Mellaine a conhecesse, então a convidei para a formalização de hoje à tarde.

Somente essas duas pessoas serviriam como testemunhas, por outro lado eu estava enfrentando minha mãe, chorosa e dramática, me questionando sobre a nossa decisão. Já tinha explicado diversas vezes e a única pessoa que Mellaine ainda não tinha perdoado era ela.

Prometi que nunca mais ficaria contra ela e o nosso casamento seria do jeito que a minha doutora quisesse.

— Estou arrasada, não posso ir no casamento do meu filho.

Ao mesmo tempo que tinha pena da minha mãe, tentava não pensar nela e sim na minha felicidade e no que Mellaine e Josh representavam para mim. Eles eram o conjunto perfeito do que eu queria e precisava.

— Quer que eu vá embora, mãe? — disse mais duro, começando a me irritar com todo aquele drama. Já havia explicado os motivos, e mesmo assim, Dona Ana não se cansava de lamentar.

Deveria ter ido passar o dia em algum hotel, já que prometi a Mellaine que a deixaria à vontade e não ligaria para ela. Nós só iríamos nos encontrar às cinco da tarde no cartório, e de lá levaria os dois para jantar. Apenas nós três, minha pequena família.

Pensar que viveríamos juntos, me enchia de algo maravilhoso, uma certeza de que para sempre seríamos importantes um para o outro.

— Não vai embora não... faz tempo que não almoço comigo. — Ela segurou meu braço quando fiz menção de levantar do sofá para sair.

— Promete que não vai mais chorar e muito menos reclamar que não vai no meu casamento?

— Prometo.

— Sério, Dona Ana, se falar ou chorar, eu vou embora na mesma hora.

— Não meu querido, por favor. Se veio para passar o dia aqui vou aproveitar você. Mande preparar sua comida preferida.

— Bom dia, Luca. — Marco se aproximou da mesa na área externa. Costumávamos tomar café da manhã ali nos dias de primavera. — Bom dia, *mammá*. — Tomando seu lugar, ele se sentou ao meu lado.

— E como está hoje, noivo?

— Marco não começa...

— Meu filho, você acredita que não vou poder ir. — A brecha que ela queria para retornar no assunto chegou, mas bastou meu olhar para ela se calar.

— Está bom, Luca, não falo mais nada.

— O que perdi? — Marco servia o café em sua xícara quando perguntou. Eu não contaria o que estava acontecendo, pois seria uma forma dela recomençar seus lamentos e fazer aquele drama todo.

— Nada.

— Marco, preciso saber se viu algo sobre o Hospital.

— Luca, conversei com a atendente e ontem estive com a diretoria. Creio que não vai gostar de saber o que descobri.

— O que? — cheguei para frente, interessado em saber.

— Mellaine foi mandada embora injustamente mesmo, procurei os processos e pedi que um dos nossos homens fosse atrás do sujeito que o hospital indenizou e foi por causa dele que ela perdeu até o direito de exercer a profissão.

— E?

— De quem vocês estão falando? — *Mammá* perguntou, interessada na conversa.

— Uma funcionária do hospital me contou que a Mellaine havia sido mandada embora injustamente e pedi para o Marco averiguar se era mesmo verdade — expliquei por cima, exatamente o que havia acontecido.

— Quem é Mellaine? — Ela perguntou e foi como se não estivesse falando coisa com coisa.

— Sua nora, minha futura esposa.

— Você vai se casar? — Olhei para Marco estranhando seu comportamento.

Agora há pouco minha mãe estava chorando porque não poderia ir ao casamento, e agora estava me perguntando se eu iria casar.

— Depois nos falamos. Mãe, a senhora não tem aula de pintura hoje?

— Não sei. — Marco chamou a cuidadora que contratamos, uma que estava fazendo companhia para nossa mãe, pois achamos que ela poderia estar assim por se sentir sozinha e na intenção de suprir sua carência, achamos por bem contar com a presença de uma acompanhante constantemente.

A mulher levou Dona Ana e retomamos nossa conversa.

— Então... Primeiro falei com a tal de Janice e depois fui atrás do processo. Consegui acessar e encontrei o nome do suposto paciente que a Mellaine havia atendido e ficou com um problema na mão esquerda, por causa de uma sutura malfeita que pinçou o nervo responsável pelos movimentos. Há alguns dias eu pedi que fossem à sua casa, e curiosamente a esposa deixou escapar que o marido já estava assim há mais de anos. Fabrizio, além de ter gravado a confissão da mulher, também deu uma prensa no homem, e ele acabou confessando que foi pago para contar isso.

— Quem pagou?

— Ele não quis dizer. Ontem procurei o diretor do Hospital e mostrei a gravação. Ele me pediu para não fazer nada, pois não tinha nada a ver com isso. A única coisa que fez foi demitir Mellaine sem averiguar se a história era verdadeira, pois o pedido de demissão foi feito por uma colaboradora. Ele entrou com o processo para caçar o diploma dela, mas isso não é tudo, meu irmão. Quando contei para Giovani, Raf estava na sala e me garantiu que nessa mesma época fez uma doação, para o fundo social do Hospital em que Mellaine trabalhava, a pedido da nossa mãe.

— Eu não acredito que ela tenha feito isso.

— Pois é, irmão... creio que Dona Ana tem participação bem ativa no que aconteceu. — Inconformado, passei a mão pelos cabelos, desalinhando os fios e abaixei a cabeça, balançando-a negativamente.

— Mellaine a odeia e agora não vai querer ter contato com ela nem a distância. Por que a mãe foi fazer isso?

— Luca, não a julgue. Ela com certeza se viu motivada em defender seus filhos.

— Não justifica, Marco. Por causa dela Mellaine trabalhou em uma lanchonete até ganhar Josh, quase apanhou do dono. Poderia ter sido mandada embora, mas não perder a profissão.

— Quem está falando aí?

— Marco, não... Agora não é hora de brincadeiras. Não entende que posso perder a Mellaine por isso? — dizer em voz alta a ideia iminente de ser abandonado me doía e me fazia desejar morrer, antes que isso acontecesse de novo.

— Calma. Não vai acontecer nada disso. Vou protocolar hoje mesmo junto ao Juiz um pedido de reabertura do processo. Pediremos uma indenização ao hospital e processaremos o Estado, pedindo também a revogação e devolução do direito de Mellaine clinicar.

Mesmo com as opções que Marco apresentou, não deixei de temer em perdê-la.

— Luca, tenha calma. Se disser que foi atrás para descobrir o que aconteceu, vai ficar tranquilo. Mostre que está do lado dela, que sempre estará e seja a única família que ela não tem. — As palavras de Marco eram acalentadoras, mas não surtiam o efeito calmante em mim.

— Está certo — concordei ainda preocupado com o efeito que poderia ter essa revelação. Estaria ao lado dela e passaríamos por isso juntos, enfrentando mais um demônio. — Marco faça o que tiver que ser

feito para provar a inocência dela. Quero vê-la feliz. — Meu irmão assentiu e o deixei na mesa terminando seu café da manhã.

Para passar o tempo, tentei não pensar que alguma coisa poderia dar errado, precisava acreditar que logo mais estaríamos casados e juntos, como uma família. Por mais que já estivéssemos vivendo assim há um mês, agora seria para valer.

Do jeito que eu queria e tanto sonhei.

Teria todos os dias com as duas pessoas mais importantes da minha vida e dormiria com a mulher que amo. Analisar o que sentia por Mellaine me fez ver que os demônios foram embora, que os enfrentei e tudo porque ela e Josh estavam comigo. Eu não seria um pai de *merda* como o meu. Seria um bom marido e um ótimo pai.



Já era quase quatro horas quando vesti o terno de um estilista famoso, impecável, na cor preta, uma gravata azul clara, igual à que pedi que colocassem em Josh. Eu queria que meu filho estivesse com a mesma roupa.

Essas coisas bobas de pai de primeira viagem.

Depois de pronto e arrumado, fiquei esperando para dizer sim e ter Mellaine de uma vez por todas, deixando para trás tudo que passou, vivendo o presente e ansiando um futuro maravilhoso ao seu lado. Fui para o cartório, chegando antes do horário marcado. Ansioso, sentei-me no banco de espera, em breve Michelle e o Padre Hanson deveriam estar chegando.

Nervoso, verificava o relógio de pulso minuto a minuto. Faltava meia hora quando as duas testemunhas chegaram, praticamente juntas. Um

seguido do outro e sentaram-se próximos a mim após cumprimentá-los.

— Deixa essa ansiedade de lado e pense que tudo deu certo no final.

— Michelle disse, segurando em minha mão, sorrindo e orgulhosa.

— Nunca imaginei que me sentiria em paz e tão feliz.

— Você enfrentou seus próprios demônios e isso te fez ver que a vida precisa seguir o fluxo certo.

— Obrigado. — Sem formalidades, a terapeuta me abraçou e eu retribuí seu abraço.

— Estou ainda mais feliz, por ter se tornado uma pessoa grata.

— Será que Mellaine vai aceitar quando eu disser que preciso ter duas mulheres na minha vida? Ela e você, não como a psicóloga formal, com a caneta na mão, na sua poltrona, mas como uma grande amiga.

— Ela vai aceitar, porque quero seu bem.

Era a maior espera de toda minha vida e estava ficando agoniado com a demora de Mellaine. Quase no horário e nada de ela e meu filho aparecerem e aquela sensação de barriga gelada e pesada começou a se formar.

Inquieto, comecei a andar de um lado para o outro, sentindo o desespero aumentar. Ciente do meu estado crítico, Padre Hanson e Michelle tentavam me acalmar e a pior sensação do mundo já não era mais ter visto Mellaine beijando Giovanni naquela foto; foi quando o escrivão nos chamou e ela não estava ali. Não foi uma vez. Nossos nomes foram chamados no mínimo, umas três vezes, e não tive coragem para dizer que pelo visto a noiva não viria.

— Luca pense que eles devem estar presos no trânsito, não pense o pior. — Adivinhando o que estava pensando, Michelle disse e tentou ser otimista, mas eu sabia que não era o trânsito, tinha certeza de que poderia

passar horas esperando e mesmo assim ficaria aqui esperando sozinho. Ela não iria vir!

Mellaine me abandonou e não me escolheu como a melhor opção.

— Deixa para lá, Michelle. — Tirei do bolso os votos que escrevi para dizer a ela e amassei, jogando-os no banco que estava sentado.

— Meu filho, se acalme, Mellaine deve estar chegando, é como a senhora lhe disse. Deve ter acontecido algum problema no trânsito. — Funguei, duvidando até do padre.

Tudo em mim confirmava que havia sido deixado e mais uma vez, fui iludido por ela, de que as coisas poderiam dar certo entre nós.

— Já passou vinte minutos do horário, se tivesse acontecido algum problema Mellanie me ligaria e avisaria. Ela me deixou — disse e respirei fundo, buscando o ar para soprar e tentar tirar de mim a dor que voltava.

— Luca, não seja pessimista.

— Michelle, estou sendo realista. Me desculpe fazer vocês virem até aqui, mas preciso sair. — Enfiando o dedo entre o colarinho da camisa e a gravata, afrouxei o nó que me sufocava.

Antes de sumir daquele lugar, ainda preso ao último fio de esperança, em um banco sentei e apoiei os cotovelos sobre os joelhos e a cabeça entre as mãos, deixando que ela pendesse para baixo. Com os dedos esfreguei meus cabelos, procurando qualquer resposta para me prender e me segurar.

Tudo estava indo bem, dormimos e acordamos bem, mas pelo visto era só minha perspectiva.



Mellaine

Cada minuto que passava me desesperava, parte de mim pedia para deixar tudo para trás e vestir aquele vestido, colocar uma flor no cabelo e ir até Luca, mas o outro lado me fazia reviver tudo que tentava esquecer.

As discussões, a mania incontrolável narcisista de Luca nunca seria diferente e por mais que nos controlássemos um dia fugiria e magoariamos um ao outro de novo e seria mais uma ferida aberta. Confesso que queria muito viver ao lado dele, criando Josh como uma família normal, a qual nunca tive.

Esse mês foi a prova que ter uma família é muito bom. Era a segurança de sempre ter alguém ali por você e não sei se aguentaria perdê-la quando já estivesse acostumada demais com alguém zelando por mim.

Por isso decidi que não me casaria com Luca, o esperaria voltar e brigar comigo. Deixaria claro que queria ir embora e precisaria da sua ajuda até arrumar um emprego onde eu conseguisse ao menos pagar um lugar para morar.

Sabia que Luca não me perdoaria, mas era preciso e explicaria que nosso passado sempre assombraria nossas vidas.

— Mellaine... — escutei me chamarem ao baterem na porta do quarto.

CAPÍTULO 40

Mellaine

— Mellaine... abre a porta, por favor, é o Marco. — Pronto! Luca agora avisou a família inteira que eu o havia deixado plantado no cartório.

Mas ainda não era o horário marcado, faltavam poucos minutos.

Por que Marco estava aqui?

Será que algo aconteceu com Luca? Pensando no pior, desesperada, deixei a poltrona e abri a porta o encontrando parado. Ao seu lado, Ambrósia e Josh, já vestido para o casamento.

— Por que ainda não está pronta? — Ele me questionou e fiquei olhando-o sem saber qual resposta lhe dar.

Tinha pensado no que falar para Luca e não para seu irmão.

— Desculpa, Mellaine, liguei para o senhor Marco porque estava preocupada. Desde a visita dos seus tios você se trancou aqui e já está quase na hora do casamento. — Ambrósia se justificou.

— Marco, eu não vou me casar com seu irmão — disse, sentindo uma leve pontada de arrependimento, mas já tinha decidido.

— Por que, Mellaine?

— Porque não vai dar certo, sempre vai aparecer alguém para mostrar as coisas que aconteceram no passado e sua família me odeia.

— O que a minha família pensa de você não importa e todos te aceitaram e estão fazendo o melhor para esquecer o que aconteceu, principalmente o Luca e não é justo com ele. — Marco se posicionou e naquele embate bem na porta do quarto vi que estava agindo como uma mulher egoísta, mas era tarde e Luca já devia ter percebido que eu não apareceria no cartório.

— Já me decidi e agora é tarde, Marco.

— Tarde para que?

— Já está quase no horário marcado e Luca vai ver que não vou aparecer.

— Você gosta dele?

— Eu o amo com todo aquele seu jeito egocêntrico, de só enxergar o próprio umbigo. — Com a voz embargada afirmei meu sentimento por ele.

— Pois é, Luca é um egoísta e sempre será, mas hoje de manhã ele fez algo que nunca vi. Pensou em você e como ficaria feliz em ter de volta sua profissão. E o umbigo dele é você e Josh, não o destrói de novo, por favor. — Sentindo-me péssima pelo que estava fazendo não contive o choro. — Ele pediu que eu investigasse o motivo pelo qual você foi mandada embora e estamos entrando com um pedido de indenização, porque você foi mandada embora injustamente. Ele sabe que Dona Ana está envolvida e mesmo assim me pediu para fazer o que fosse possível. — Ainda em silêncio, escutei as palavras de Marco ecoarem. O relato de que Luca queria provar que eu era inocente me fez perceber que estava agindo errado e poderia perdê-lo.

— Ele não vai me perdoar.

— Não, ele vai ficar *puto*, *vai* falar um monte de *merda*, mas vai continuar te amando. Se troque que levo vocês para o cartório.

— Não vai dar tempo.

— Precisa tentar para saber e esquecer de vez o passado. — Sim, Marco tinha razão, precisava tentar e principalmente esquecer.

— Enxuga esse rosto, menina, vamos que te ajudo. — Ambrósia disse e apressadamente entregou Josh para Marco que o segurou pelas axilas, totalmente sem jeito e arreadio.

— O que faço com ele?

— Brinque, senhor Marco. — Ambrósia fechou a porta e deixou o advogado/cunhado com meu filho. E só Deus sabe como ficariam.

Apavorada, me troquei e escovei o cabelo amarrando-o de lado. Pegando uma das flores do buquê, não passei nenhuma maquiagem no rosto e calcei os sapatos. Fiz tudo tão depressa que preferi não olhar no relógio. Quando descemos, se não estivesse tão nervosa, iria rir da forma que Marco estava segurando Josh. Longe do seu corpo como se ele fosse um suporte para bebê, totalmente imóvel.

— Está pronta? — perguntou me olhando por cima do ombro e relaxou quando a governanta pegou Josh.

— Sim, mas não vai dar tempo.

— Vai sim.

— Vou ligar e avisar que estou indo — disse.

— Não! Vamos dar emoção a esse casamento sem convidados.

— Vamos Ambrósia.

— Mas estou vestida de uniforme.

— Não tem problema — disse pegando sua mão, puxando-a em direção ao elevador aberto, que nos esperava. Marco se posicionou de frente para o sensor, mantendo-o aberto até nós entrarmos.

Nunca fiquei tão apreensiva e desesperada para chegar a um lugar como estava naquela tarde. Sentada, retorcendo o tecido da saia do vestido, e para ajudar, todos os sinais ficavam vermelho, obrigando Marco a parar para que os pedestres atravessassem as ruas, nas faixas de segurança. Mesmo com o horário estourado e muito atrasada, não perdi a esperança que daria tempo.

Sabia que Luca iria ficar muito bravo, mas as palavras de Marco, ecoavam em minha mente.

Jamais esperei que o bad boy fizesse algo por mim, me colocando em primeiro lugar na sua vida. E ele seria o primeiro na minha, mesmo que o passado voltasse para nos atormentar.



Enquanto Marco foi estacionar o carro, subi às pressas a enorme escadaria do cartório e ainda precisava encontrar a sala onde acontecia as uniões cartoriais. Fui me informando com as pessoas pelo caminho até chegar no corredor, que me daria acesso ao lugar que eu precisava estar, o mais rápido possível.

De longe eu o vi sentado, de cabeça baixa e uma mulher ao seu lado esfregando suas costas. Fechei os olhos inspirando profundamente, recuperando meu fôlego. Logo atrás de mim, ofegante, estava Ambrósia com Josh em seu colo.

Como se soubesse que eu estava ali, Luca levantou a cabeça e olhou para o lado, na minha direção. Seu olhar perdido e transtornado quase acabou comigo. Não consegui me mover, presa e com remorso por vê-lo ali, tão abatido.

O que foi que eu fiz?

— Me perdoa — balbuciei sem emitir som algum e mesmo que pudesse inventar que o atraso tinha sido causado por um imprevisto, não poderia mentir para Luca. Precisava pedir perdão e dizer que estava arrependida.

Voltei a andar arrastada, como se meus pés carregassem dois pesos de chumbo. Luca ainda me encarando veio ao meu encontro e em vez de brigar comigo, como eu achei que faria, me abraçou, me apertando contra o seu peito.

— Não brinca assim comigo. — Sua voz estava embargada e quando olhei para o alto, seus olhos castanhos inundados em lágrimas encaravam os meus.

— Me perdoa, bad boy? — Uni o sentimento igual de quase perda e tive a mesma reação que a sua. Eu chorei.

— Achei que fosse me abandonar.

— Não vou mentir, eu ia, mas descobri a tempo que te amo tanto, tanto, que não conseguiria viver sem você, mesmo que sempre apareça alguém para falar na nossa cara tudo que aconteceu e *ferre* com o momento. Ainda assim, eu quero ficar com você e o seu ego inflado.

— Te amo, doutora, mas não tenho o ego inflado. — Luca piscou todo acanhado, sorrindo diferente do arrogante narcisista.

— Eu também.

— Claro, não tem outra opção. — Luca deu de ombros, ainda sorrindo lindamente, com seu jeito travesso.

— Não quero outra. Minha primeira opção é muito melhor do que qualquer outra.

— É... mas você chegou atrasada e não vai poder casar comigo.

— Quem disse? — Pelo visto, Marco chegou e não percebemos sua presença, mais que essencial.

Ele conseguiu que o nosso casamento fosse realizado antes de encerrarem o expediente. Luca segurou minha mão o tempo todo, menos na hora dos votos.

— Que *porra*, joguei meus votos lá no banco.

— Luca, seu desbocado, respeita o Juiz — Bati em seu braço.

— Não preciso dele, porque esperei tanto para te falar... Que te odiei mais do que odiei meu pai, mas também te amei mais do que a mim mesmo... e te amo muito. Sei que vou fazer muita *merda* ainda, mas que em todas elas nenhuma será para te fazer ir embora. Josh e você me mostraram que uma hora ou outra, os demônios precisam ir e deixar apenas os anjos. Apesar de você ser um anjo de chifres e rabo, Mell, eu te amo tanto, que chega a ser claustrofóbico e preciso tanto, mas tanto de você, que meu peito dói só de pensar em te perder. Não preciso lembrar do passado se você e o nosso filho estiverem no meu presente e me prometerem que vão estar no meu futuro. E eu também prometo que vou fazer do nosso presente sempre o melhor, pois sei que amanhã ele vai florescer com flores lindas. Seremos para sempre sua família.

As palavras de Luca me emocionaram mais do que imaginei e quando chegou minha vez de fazer os votos, já não sabia o que falar.

— Meu lindo bad boy, quero daqui em diante semear as mesmas flores que você e depois colhê-las ao seu lado. Para sempre.

— Para sempre. — Sem que o juiz autorizasse, fazendo as coisas a sua maneira, Luca me segurou, me jogando para trás, selou demoradamente nossos lábios.

Para sempre era muito tempo e era assim mesmo que eu queria ficar ao lado de Luca e Josh; a minha família.

Ao sair do cartório, preferimos voltar para casa e pedir algo para comer e também por que queria conhecer a mulher que estava lá, e fui

descobrir que era sua terapeuta assim que entramos no carro e o questionei quem ela era.

Rindo, ele me contou que Michelle era a psicóloga que tratava dele desde que sofreu a quase overdose. Em vez de questioná-lo, preferi admirá-lo e deixá-lo manter sua privacidade. Se Luca quisesse me contar, eu sempre estaria pronta para ouvi-lo, mas se por acaso não quisesse, também não o questionaria.

Para nossa surpresa, durante o tempo que ficamos fora, os Valentino decoraram a cobertura para uma minifesta de casamento, com direito a buffet e bolo de dois andares e até noivinhos no topo.

Teria sido perfeita se Ana não estivesse presente, mas decidi ignorar a matriarca apenas por essa noite e até deixei que pegasse Josh no colo. Como era esperado a minha “querida” sogra ficou com o menino a noite inteira e estava completamente apaixonada pela a miniatura do seu caçulinha.

Epílogo

Mellaine

Meses depois

— O que falei sobre vir ao hospital, Luca? — Hoje era o meu primeiro dia de volta a minha rotina de trabalho e ele fazia isso novamente, igual quando saíamos as escondidas.

Marco conseguiu provar que fui injustiçada e o estado devolveu meu direito de exercer a medicina e, de quebra, ganhei uma indenização

bem polpuda do antigo hospital que trabalhava. Triste foi a descoberta de que Ana Valentino realmente estava envolvida em tudo.

Ela pagou para um dos pacientes que atendi, contar sua meia versão e alegar que eu havia prejudicado os movimentos da sua mão ao fazer uma sutura, mas foi comprovado que ele estava mentido e acabou confessando que Ana desembolsou uma grana para que ele mentisse, e assim, ganhei de volta o que era meu por direito.

A matriarca dos Valentino e minha “querida” sogra, só não foi presa, porque meu cunhado pagou a fiança, mas teria ficado quatro meses encarcerada, por ter confessado que pagou. Agora, ela também precisaria prestar serviços comunitários por um ano.

No fundo, achei pouco, mas preferi guardar minha opinião e não ficar contra Luca. Querendo ou não, a peste era mãe do amor da minha vida.

Que por falar nele, estava aqui na minha sala, brincando com meu carimbo e me esperando.

— Passei só para te dar um beijinho. — Quando me aproximei, o bad boy me enlaçou pela cintura sob meus protestos, me puxando para o seu colo. — Já te falei que tenho uma tara quando você está de saia e vestida toda de branco?

— Luca... aqui não, espera até chegar em casa e prometo cair de boca. — Era sempre assim, Luca havia mudado em muitas coisas, menos na mania de querer tudo da sua maneira.

— Quero fazer outro filho em você. — Descaradamente, suas mãos subiam pelas minhas pernas, tentando alcançar o V entre elas enquanto eu fazia de tudo para barrá-las, com medo de que alguém entrasse e nos flagrasse.

— Luca já conversamos que ainda é muito cedo. Ano que vem, quem sabe. Nossa casa ainda está em reforma. — Com o dinheiro da indenização me propus a ajudá-lo para comprarmos uma casa grande para nossa família.

Ainda que Luca fosse herdeiro de uma fatia da fortuna dos Valentino, quis fazer minha parte e o narcisista permitiu que eu o ajudasse. Agora a reforma já estava em fase final. Enquanto esperávamos, o duplex de Marco continuava servindo como nosso lar.

Aliás, descobrimos que aquela cobertura era uma verdadeira Disneylândia do prazer.

— Deixa eu te *foder* naquele banheirinho?

— Não. Aqui não.

— Vai, doutora Mellaine. Quero colocar só um pouquinho.

— Você não tem jeito, Luca. Estou trabalhando.

— Diz que vai examinar um paciente e faça o exame físico em mim.

Luca era impossível e mesmo que eu quisesse sentar em seu colo e me deixar ser literalmente *comida* pelo meu lindo marido não cedi. Sei que quando eu o deixava frustrado sexualmente, a noite era bem melhor.

— Sua sem graça. — O máximo que permiti Luca fazer foi me dar um beijo e me masturbar. Eu adorava deixá-lo de pau duro. Era a única maneira que eu o controlava, caso contrário, ele fazia o que queria.

— A noite prometo fazer o que você quiser.

— Fazer o que... — Frustrado, Luca levantou e eu o acompanhei até a porta, selando seus lábios antes de vê-lo partir. — Ah... e joga esse seu carimbo fora, ele não presta.

— Claro você deve ter acabado com a tinta dele. — Levantando os ombros sem se importar, foi embora e quando voltei para minha mesa olhei

para meu bloco de anotações e comecei a sorrir sozinha. Nele estava todo carimbado, eu te amo.

Ele havia comprado um carimbo novo para mim.

A cada dia, Luca mostrava um novo lado seu que eu desconhecia, deixando de ser abusivo e manipulador. Era aberto, não se escondia e tentava ser melhor do que foi. Eu não era a única apaixonada por ele, seu filho era vidrado no pai e o idolatrava.

Como Josh havia começado a falar um pouco mais tarde, pois nós não o forçávamos, a primeira palavra a ser ensinada foi papai e Luca ficou envaidecido que em vez de falar mamãe, nosso filho chamou pelo seu “papa”.

O ego Valentino ainda era gigante, mas tudo que fazia por nós, sua família, apagava seu narcisismo viril.



Luca

— Está atrasado, Luca.

— Fui ver a Mellaine. Hoje é o primeiro dia dela no hospital

— Luca, precisa deixar Mellaine mais à vontade.

— Por mim ela ficava em casa com Josh. — Levantei os braços, me jogando no velho e costumeiro sofá de couro marrom do consultório de Michelle. — Eu sei, não precisa me dar bronca.

— Como foi a semana?

— Quero ser pai de novo.

— Por que essa vontade?

— Porque vi que não sou e nunca serei como o velho.

— Sim você não é e nunca será...

Antes que concluísse a frase repeti o que sempre me disse em quase todas as nossas sessões.

— Não sou a sombra de Giovanni e nem o reflexo do meu pai.

— Exatamente... — continuei.

— Existem pais, que para se autoafirmarem em seus papéis, denigrem e humilham. E eu não sou nada assim.

— Você não é seu pai, Luca...

— Sou a imagem e a pessoa que me vejo no espelho, mesmo com todos os traumas, sou melhor que tudo isso. Posso ter meu lado egoísta. Mas nesse mundo, quem não tem? Também sei que sou bom e responsável pelo sucesso da minha vida e sei que posso ser sempre o primeiro, se eu quiser.

— Tenho muito orgulho de você! Tenho orgulho de ver sua evolução e do homem que tem se tornado. Luca, você só foi mais uma vítima de um pai narcisista e abusivo. Você é capaz de tudo! — Sorri para Michelle, que estava sentada na sua costumeira poltrona, sentindo que na vida e no percurso dela, existem pessoas que nos fazem sair da posição de vilão para virar os próprios mocinhos da sua história.

“Quando disserem que não é capaz, tampe seus ouvidos. Ninguém tem o poder de apagar a luz que existe dentro de você. Procure falar e ser escutado, só assim você terá a cura necessária.”

Spoiler Marco

Marco Valentino...

Minha respiração estava pesada, claro que estaria... Acabei de me masturbar o vendo foder deliciosamente as escondidas.

Que doido, nem para verificar se o banheiro estava totalmente vazio.

Não me contive, ao ter o vislumbre de vê-los assim, todos primitivos, ela gemendo sentada sobre a pia de mármore travertino com as pernas abertas, com o vestido todo para cima, enrolado no quadril e ele entre suas pernas, arremetendo, forte e viril. De certo a vagabunda da Eleonora estava sem calcinha ou afastada para o lado, recebendo poderosamente um dos Valentino.

A cena, toda a sensualidade, me fez apertar minhas coxas, uma contra a outra, sentindo-me toda lubrificada e mais ainda, estava cega de vontade e encharcada de desejo por ele. E para ter mais da deliciosa e quente cena, abri um pouco da porta do box, que estava, e os ouvi, gemendo. Mas ao olhar pelo espelho encontrei com seus olhos de gato, no reflexo, e sei que me viu espiando-os. Mesmo que eu quisesse não

conseguia sair dali ou tornar a fechar a portinhola, ainda mais ao assistir a passeada que deu com a língua por cima dos lábios, lambendo-os, se insinuando enquanto bombeava um vai e vem agitado do seu quadril, sem perder contato visual comigo...

Essas eram daquelas cenas inesquecíveis, iguais a de um filme marcante. Jamais vou me esquecer da proibida imagem de ver Marco Valentino, todo duro fodendo deliciosamente uma mulher.

Arfei sentindo minha respiração travar e incontrolavelmente levei a mão no meio das minhas pernas e deixei meu vestido subir um pouco. Ultrapassei a calcinha e me toquei. Estimulando meu botão, imaginando seu pau duro se esfregar todo entre meus grandes lábios, sendo tão intenso e me vendo ainda o vi sorrir, parecendo o próprio diabo ao contemplar em mim a luxúria desvairada em que havia me deixado.

Uma selvagem, querendo-o desesperadamente dentro de mim. Não pensaria duas vezes ao trocar de lugar com a mulher ali na pia.

— Deliciosa e quente. — Marco Valentino disse e intensifiquei a fricção sobre meu clitóris inchado e dolorido, até sentir os tremores do meu abdome aparecer e para não gritar levei a *clouch* na boca, mordendo-a para conter meus gemidos enquanto gozava com Marco e Eleonora ali no banheiro.

Quando dei por mim, ele ainda estava sorrindo e olhando em direção ao vão entreaberto, exatamente onde eu estava. Recuei fechando os olhos, caindo em si do que acabei de fazer...

Assustada sentei sobre a tampa do vaso fechado, me escondendo novamente ao fechar a porta lentamente.

Era uma intimidade dele, não minha... E o que fiz? A invadi como seu eu fosse parte ativa daquela *trepada*.

Ele gozou!

Quieta escutei seus gemidos em sussurros, deliciosamente para um homem daqueles e eu achava que Giovani era o *fodedor* poderoso, pelo menos era o que corria de sua fama, mas ver seu irmão *comendo* a advogada foi fenomenal.

Eles riram e eu pude ouvir o barulho das torneiras sendo abertas e água escorrendo.

— Como sempre suas rapidinhas são as melhores. — Fechei os olhos pensando que essas rapidinhas poderiam ser uma delas comigo.

— Sempre as ordens Léo. — Franzi toda a expressão em ouvi-lo chamando-a por um apelido.

— Que cafona! — sussurrei para mim mesma.

— Está ótima. — Ele disse e em seguida ouvi um beijo estalando. — Vai na frente assim ninguém nos vê.

Pois é bonitão, se Bella, sua cunhadinha, sonhar que você anda *fodendo* uma de suas funcionárias dentro do banheiro, na sua gloriosa noite de gala da Instituição, você está completamente *fodido* pela mafiosa.

Vagando pelos meus pensamentos a porta se abriu e não acreditei que aquele abusado estava ali, me olhando com uma das mãos dentro do bolso, tentadoramente com seu sorriso sexy no rosto.

— Acho que está perdida. — Ele afirmou e fiquei congelada sem saber como agir.

— Desculpa. — Quase não consegui falar.

— Não tem o que se desculpar. — Ele se ofereceu para me ajudar a levantar, sem pensar aceitei e assim que fiquei em pé, bem próxima dele, pegou minha mão e passou por seu nariz, esfregando suas narinas, aspirando o cheiro, e logo da mão que usei para me masturbar.

Novamente vi os olhos de predador, do demônio Valentino, pegarem fogo ao me prender neles.

— Seu cheiro é maravilhoso. Mas infelizmente hoje não vou *foder* você.

Agradecimentos

Primeiramente a Deus. Sem Ele não sou ninguém. Depois a todas minhas betas leitoras: Kênia Drak, Marcela Meireles, Silmara Izidoro, que em um certo momento não me deixaram desistir e a Ângela Antunes também, obrigada por me ajudarem, acompanhando a evolução deste livro capítulo por capítulo. A minha linda família, por me apoiarem a minha eterna gratidão. As revisoras deste livro. Quero também agradecer duas pessoas amigas a Thainá Brandão pelos books lindo e a Jéssica pelos banners da contagem regressiva. E a todas leitoras; à vocês, não tenho palavras que expresse minha gratidão.

Sobre a autora

Poderia vir aqui, dizer minha idade, dentre outras coisas, mas vou falar um pouquinho de como comecei. Quando tinha 18 anos trabalhava como diagramadora e arte finalista em um jornal local aqui na minha cidade, Poços de Caldas – MG, e queria muito cursar direito ou jornalismo, e talvez Publicidade e Marketing, porém, fui cursar enfermagem. Formei, fiz pós graduação e especializações na área, trabalhei em um hospital alguns anos e cheguei até lecionar para curso técnico de enfermagem, entretanto, não era o que queria. Larguei tudo, fiz curso de cabelereiro, maquiagem, fui vender roupa, depois criei minha marca de semijoias, tive uma equipe enorme de vendas, cresci como empresária, mas ainda faltava algo, não era realizada e com um salário muito bom em 2018 joguei tudo para o alto para dar vida, vida a frases e parágrafos e só o que posso dizer é que amo e a cada dia sou mais apaixonada por essa minha nova profissão.

Hoje, aos meus 35 anos, libriana geniosa, mãe e esposa posso dizer que sou completamente realizada e graças a vocês. Vocês são simplesmente a fagulha da minha realização profissional. Obrigada! Agora se quer me conhecer um pouco mais acessem minhas redes sociais e também no grupo Mafiosas pelo whatsapp.

www.facebook.com/stephaniade.castro

www.instagram.com/stephaniadecastroautora

<https://chat.whatsapp.com/FVI2RX6uZ3h7WU2Jv62jFU>

Outras obras

Duque por contrato

<https://amzn.to/2RCHvT>

De Chanel de Valentino – Os Mafiosos 1

<https://amzn.to/33qdSdM>

Don Valentino – Os Mafiosos 2

<https://amzn.to/3hvuCFt>

Nata dos Valentino

<https://amzn.to/3mkjMph>

Luca Valentino – Os Mafiosos 3

<https://amzn.to/3kd0C2M>

Gypsy

<https://amzn.to/3kgTYse>

Só nós entre nós dois

<https://amzn.to/3kaTHqI>

O apostador

<https://amzn.to/3mjzKjA>

Glossário

- [i] Chardonnay: Tipo de Uva branca que dá origem aos melhores espumantes do mundo.
- [ii] Mãe em italiano.
- [iii] Tipo de caçamba que os americanos jogam o lixo para ser recolhido pelos caminhões de coleta.
- [iv] Um dos apelidos dado para a droga ilícita.
- [v] Estilo de arma de fogo. Uma pistola automática, sendo uma das mais conhecidas no mundo.
- [vi] Auxílio que o governo americano dá a gestantes quando o bebê nasce.
- [vii] Universidade.